

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**DOUTORADO EM PSICOLOGIA**

**O povo Guarani da América Latina e relações interculturais nas  
mídias sociais virtuais: uso e apropriação na construção de  
redes de cooperação**

**MARIA DANIELA CORRÊA DE MACEDO**

**VITÓRIA  
2016**

MARIA DANIELA CORRÊA DE MACEDO

**O povo Guarani da América Latina e relações interculturais nas mídias sociais virtuais: uso e apropriação na construção de redes de cooperação**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Agnaldo Garcia.

UFES  
Vitória, Julho de 2016.

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

M141p Macedo, Maria Daniela Corrêa de, 1979-  
O povo Guarani da América Latina e relações interculturais nas mídias sociais virtuais : uso e apropriação na construção de redes de cooperação / Maria Daniela Corrêa de Macedo. – 2016. 300 f. : il.

Orientador: Agnaldo Garcia.  
Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Índios Guarani - América Latina. 2. Mídia social. 3. Internet. 4. Cooperação (Psicologia). 5. Educação multicultural. I. Garcia, Agnaldo. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

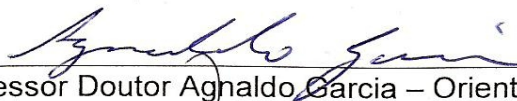
---

O POVO GUARANI DA AMÉRICA LATINA E RELAÇÕES INTERCULTURAIS  
NAS MÍDIAS SOCIAIS VIRTUAIS: USO E APROPRIAÇÃO NA CONSTRUÇÃO  
DE REDES DE COOPERAÇÃO

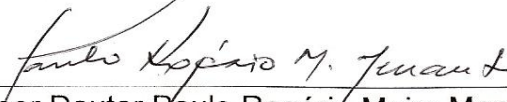
MARIA DANIELA CORRÊA DE MACEDO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da  
Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção  
do grau de Doutor em Psicologia, sob a orientação do Professor Dr. Agnaldo  
Garcia.

APROVADA EM 30 DE maio DE 2016, POR:



Professor Doutor Agnaldo Garcia – Orientador, UFES



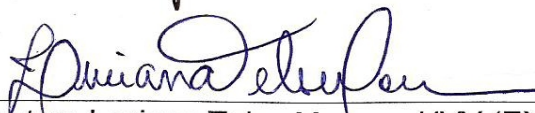
Professor Doutor Paulo Rogério Meira Menandro.– UFES



Professora Doutora Celeste Ciccarone – UFES



Professor Doutor Fabio Luiz Malini de Lima – UFES



Professora Doutora Luciana Teles Moura – UVV (EXTERNO)

Ao povo Guarani da América Latina.

*Aguyjevete* para quem luta!

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos que de alguma forma contribuíram para a concretização deste trabalho. Foi uma tarefa bastante árdua. Este trabalho resulta de muitos encontros, diálogos e trocas, feito com a colaboração de muitas pessoas, num processo coletivo. Diante de tal coletividade, gostaria de incluir os que se sentem, ou sentirem, parte dessa luta e oferecer-lhes os meus sinceros agradecimentos. E aproveitar o ensejo pra afirmar que não finda por aqui!

Primeiramente agradeço a todos os participantes deste estudo, os amigos/as e lutadores/as, Alberto, Alexandre, Claudia, Celso, Dario, Dirceu, Patrícia, Marcelo, Marcos, Maynô, Ramón, Sandra, Tónico, Vanda, Wera Kwaray, Yvoty Potyjera, que se dispuseram a contar suas vivências, suas angústias, reflexões e histórias de luta e solidariedade.

Agradeço também aos participantes da trajetória de campo, Beatriz, Mayra, Daniela, Roxana, Gladys, Gumercindo, Gabriela, Noelia, Nelson, Javier Rodas, Lidio, Roberto, comunidade Qom de Derqui, e a todas as crianças que tornaram a caminhada mais alegre, leve e musical. Aos bons encontros e amizades. Junto a vocês construí caminhos e caminhadas.

Um especial agradecimento ao meu companheiro José Willian Matieli, que esteve junto desde as primeiras ideias deste projeto, me apoiando e incentivando. Obrigada por toda dedicação, sensibilidade e cuidado, por sua disponibilidade em viver junto estas caminhadas, por ter estado ao meu lado em todos os momentos desse processo, criando itinerários, fotografando, filmando, gravando, editando, traduzindo, transcrevendo. Sou mais potente junto a você.

Agradeço a equipe do Labic - UFES pelo acolhimento e disponibilidade, aos professores Fabio Malini e Fabio Gouveia pela atenção e orientação, e especialmente ao bolsista Nelson, pelos ensinamentos sobre o trabalho em/com redes virtuais, pela disponibilidade e paciência em trabalharmos juntos, e após muitas reuniões criar parte do material gráfico deste trabalho. Sou muito grata pelo processo de trabalho e resultado.

À Celeste Ciccarone pela abertura e disponibilidade em discutir sempre que necessário a temática. Às orientações, leituras, e contribuição dada na participação da banca de qualificação do projeto. E, principalmente, à amizade.

À Amabile Neves, amiga e parceira profissional, por toda dedicação e disponibilidade, por sua leitura crítica e visceral, por todas as contribuições, por todo acolhimento e palavras amigas de ânimo.

À Kalna Teao, amiga e parceira profissional, por toda disponibilidade e contribuições.

Ao orientador Agnaldo Garcia, por propor a ampliação de horizontes e neste projeto me sugerir englobar participantes de outros países da América Latina, por apoiar o desafio de concretizar tal projeto, de realizar a pesquisa, de realizar o campo em outros países, e o doutorado-sanduíche na Espanha.

Ao Departamento de Terapia Ocupacional/UFES, por todo apoio e pela aprovação do afastamento de minhas atividades docentes para estar integralmente dedicada ao doutorado. Em especial aos professores amigos Gustavo, Giovanna, Adriana e Fabiana e às muitas conversas com Teresinha.

Aos professores, técnicos e estudantes do Programa Metuia/UFES muito obrigada por darem continuidade à semente plantada da Terapia Ocupacional Social nesta Universidade.

Aos que compõem o Programa de Pós-Graduação em Psicologia, estudantes, professores e técnicos, obrigada pelas trocas, pela oportunidade de trilhar o caminho neste programa e por aprovar minha saída para realização do doutorado-sanduíche. Ao professor Lídio de Souza (*in memoriam*) por toda inspiração e expectativa em relação a este projeto. Agradecimento a Capes pelo apoio financeiro e por tornar o estágio no exterior possível. E à Fapes por tornar possível a apresentação deste trabalho no México.

Ao professor e orientador Angel Espina Barrio, pelo acolhimento e apoio nos estudos na Universidad de Salamanca. Aos professores e estudantes do Máster en Antropología de Iberoamerica, Daniel Valério, Elisabeth, Racquel, Renato, Ana Laura, Luiz, Fernando, Diego, Pablo, Nan, Andrea, Luna, Daniel, Leonardo por toda contribuição e apoio.

Aos meus familiares, especialmente meus pais, Claudio e Maria Helena e irmãos, Gabi e Marcelo, minha sobrinha Kauana, e meu cunhado Diego, por todo amor, paciência e tolerância pelas muitas ausências.

E por fim aos amigos que viveram intensamente toda essa trajetória, não teria chegado aqui sem o apoio e a potência vinda de todos, sem o cantinho descolado para morar, sem as conversas sobre as expectativas, sem os bons papos regados aos bons chupitos, drinks e biritas. Obrigada Karina, Paula, Samira, Bah, Bia, Denise, Gianni, Thiago, Rafael, Priscila, Sérgio, João, os vizinhos de Prado, Junior, Jali, Ivana e tantos outros que nessas linhas não seria possível colocar. Muito Obrigado!

## RESUMO

Macedo, M. D. C. (2016). O povo Guarani da América Latina e relações interculturais nas mídias sociais virtuais: uso e apropriação na construção de redes de cooperação. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES.

Este estudo propôs-se a compreender as relações interculturais que comunidades indígenas têm estabelecido nas redes sociais virtuais, entendendo-se que, anteriormente ao acesso à internet, muitos povos já difundiam suas relações em rede, como o povo Guarani. Considera-se que os povos indígenas, devido aos processos históricos de colonização, ainda vivem em situações de negligência, violação e não reconhecimento de seus direitos sociais e encontram-se muitas vezes na condição de invisibilidade. No entanto, através das redes sociais, alguns povos têm encontrado visibilidade e apoio para suas questões. A metodologia desta pesquisa constou de: revisão bibliográfica; coleta de dados em mídias virtuais, principalmente páginas abertas e grupos Guarani da rede Facebook; entrevistas semiestruturadas com 16 participantes, sendo dois participantes da Argentina, um da Bolívia, um do Paraguai e 12 do Brasil (dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Mato Grosso do Sul); e trabalho de campo, em aldeias no Brasil, na Argentina e no Paraguai. O ambiente virtual mostrou-se um contexto desafiante e de novas concepções, e, portanto, para este estudo, utilizaram-se as contribuições metodológicas da teoria ator-rede (TAR). Buscou-se mapear redes de relações virtuais que envolvem o povo Guarani e discorreu-se sobre o entendimento acerca de quais situações e motivações têm favorecido relacionamentos interculturais e de cooperação e com quais objetivos e projetos de apoio e etnodesenvolvimento os Guarani têm se vinculado. Os temas mais evidentes na rede Guarani foram os direitos sociais indígenas e a relação com o povo, a terra/território e a cultura. Também se observou que, através da rede social Facebook, muitas interações, comentários, “curtidas” e compartilhamentos, de pessoas e grupos, têm ajudado e cooperado para ampla difusão das questões deste povo, bem como para o apoio a manifestações a favor da regulamentação territorial, embora também tenham se destacado relatos e *posts* relacionados a preconceito e racismo contra esse povo. Propôs-se o conceito de *internetnização*, expansão da dinâmica da etnicidade para o contexto virtual. Como principais temas nas redes virtuais Guarani, categorizaram-se: organização política; cultura, educação e história; e projetos de etnodesenvolvimento. As organizações políticas Guarani aparecem como importantes articuladoras, com destaque para a *Comissão Guarani Yvyrupa*. Mesmo podendo caracterizar o espaço virtual como um lócus de tensões e conflitos étnicos, considera-se que este tem se apresentado para o povo Guarani como possível para relações interculturais profícuas, para a participação social, para o desenvolvimento de protagonismos, de valorização étnica, para a reivindicação a direitos sociais, para apoio a projetos de etnodesenvolvimento, para a emancipação e para a cooperação entre os povos.

Palavras-chave: população indígena; internet; relações interculturais; cooperação.

## ABSTRACT

Macedo, M.D.C. (2016). The Guarani people of Latin America and intercultural relations in virtual social media: use and ownership in the construction of cooperation networks. PhD. Thesis, Post Graduation Psychology Program, Federal University of Espírito Santo, Vitória/ES.

This study aims to understand intercultural relations that indigenous communities have been established in virtual social networks, on the understanding that, before the internet, many people have spread their network relationships, such as the Guarani. It is considered that indigenous peoples because of the historical processes of colonization, still living in situations of neglect, rape and non-recognition of their social rights and are often in the condition of invisibility. However, through social networks, some people have found the visibility and support for your questions. The methodology of this research is literature review; data collection in virtual media, especially the open pages and groups Facebook network; semi-structured interviews with 16 participants, two participants from Argentina, one of Bolivia, one of Paraguay and 12 in Brazil (in the states of São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo and Mato Grosso do Sul); and fieldwork in the villages of Brazil, Argentina and Paraguay. The virtual context proved to be a difficult environment and new designs, and therefore, for this study, we used the methodological contributions of the actor-network theory (TAR). Were mapped virtual networks of relationships involving the Guarani people and talked about the understanding of what situations and motivations have favored intercultural relationships and cooperation and with what objectives and support projects and ethnodevelopment have linked up. The most evident themes were the social rights of indigenous and relationship with people, land / territory and culture. It is also noted that, through the social network Facebook, many interactions, comments, "likes" and actions of individuals and groups have helped and cooperated to the wide dissemination of the themes of this people, as well as support for demonstrations in favor of the demarcation of the territory, but they have also highlighted reports and messages related to prejudice and racism against these people. Even if we can characterize the virtual space as a place of tension and ethnic conflicts, it is considered that this has been presented to the Guarani as possible for fruitful intercultural relations, for social participation, for the development of leadership, ethnic appreciation, for claims of social rights, to support ethnic development projects for the emancipation and cooperation between peoples.

Keywords: indigenous population; internet; intercultural relations; cooperation.

## RESUMEN

Macedo, M.D.C. (2016). El pueblo Guaraní de América Latina y relaciones interculturales en los medios de comunicación social virtual: uso y la propiedad en la construcción de redes de cooperación. Tesis de Doctorado, Programa de Postgrado en Psicología, Universidade Federal del Espírito Santo, Vitória/ES.

Este estudio tiene como objetivo comprender las relaciones interculturales que las comunidades indígenas han establecido en las redes sociales virtuales, en el entendimiento de que, antes de la internet, muchas personas se han difundido sus relaciones en red, como los guaraníes. Se considera que los pueblos indígenas debido a los procesos históricos de colonización, que aún viven en situaciones de negligencia, violación y el no reconocimiento de sus derechos sociales y son a menudo en la condición de invisibilidad. Sin embargo, a través de las redes sociales, algunas personas han encontrado la visibilidad y el apoyo a sus preguntas. La metodología de esta investigación consiste en revisión de la literatura; la recopilación de datos en medios virtuales, sobre todo las páginas abiertas y los grupos de la red Facebook; entrevistas semiestructuradas con 16 participantes, dos participantes de Argentina, uno de Bolivia, uno de Paraguay y 12 de Brasil (de los estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo y Mato Grosso do Sul); y trabajo de campo en los pueblos de Brasil, Argentina y Paraguay. El contexto virtual resultó ser un entorno difícil y de nuevos diseños, y por lo tanto, para este estudio, hemos utilizado las aportaciones metodológicas de la teoría del actor-red (TAR). Se trató de trazar redes virtuales de relaciones que implican los guaraníes y habló de la comprensión de lo que las situaciones y motivaciones han favorecido las relaciones interculturales y la cooperación y con qué objetivos y proyectos de apoyo y etnodesarrollo que se han vinculado. Los temas destacados eran los derechos sociales de los indígenas y la relación con las personas, la tierra/territorio y cultura. También se observó que, a través de la red social Facebook, muchas interacciones, comentarios, "curtidas" y acciones, de personas y grupos han ayudado y cooperado a la amplia difusión de los temas de este pueblo, así como el apoyo a las manifestaciones en favor de la demarcación del territorio, pero también se han destacado los informes y mensajes relacionados con los prejuicios y el racismo en contra de estas personas. Incluso si podemos caracterizar el espacio virtual como un lugar de tensión y de los conflictos étnicos, se considera que este ha sido presentado a los guaraníes como posible para las relaciones interculturales fructíferos, para la participación social, para el desarrollo del protagonismo, la apreciación étnica, para los reclamos de los derechos sociales, para apoyar proyectos de desarrollo étnico, para la emancipación y la cooperación entre los pueblos.

Palavras clave: pueblos originarios; internet; relaciones interculturales; cooperación.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização do povo Guarani na América Latina.....	60
Figura 2 - Mapa de localização dos sub-grupos Guarani na América Latina..	61
Figura 3 - Foto encerramento Ara Pyahu, Buenos Aires, 2014.....	85
Figura 4 - Foto Ara Pyahu, Buenos Aires, 2014.....	86
Figura 5 - Mapa sobre dinâmica de Internetnização.....	114
Figura 6 - Grafo da rede virtual Guarani.....	118
Figura 7 - Foto com maior número de interações.....	120
Figura 8 - Foto, dentre as 20 imagens com maior número de interações, compartilhada duas vezes (imagens 8 e 16).....	123
Figura 9 - Nuvem formada a partir dos compartilhamentos de páginas e grupos Guarani do Facebook.....	142
Figura 10 - Tipos de mídias mais veiculadas pelas publicações em páginas e grupos no Facebook.....	146
Figura 11 - Tipos de mídias mais veiculadas pelos comentários em páginas grupos no Facebook.....	147
Figura 12 - Grafo das mídias de publicações da rede virtual Guarani.....	148
Figura 13 - Dados de frequência de publicações dos grupos e páginas por dia no período de maio/2014 a março/2015.....	150
Figura 14 - Dados sobre as palavras veiculadas nas páginas e grupos.....	153
Figura 15 - Grafo da rede de interações virtuais dos participantes entrevistados com as páginas e grupos estudados.....	160
Figura 16 - Mapa da analogia entre dinâmica do Facebook e conceitos de Cooperação.....	225
Figura 17 - Tipos de mídias mais curtidas em grupos, páginas e compartilhamentos no Facebook.....	227
Figura 18 - Mapa sobre tipos e níveis de Cooperação.....	229
Figura 19 - Grafo das conexões entre redes de cooperação institucional - relações de curtidas entre páginas do Facebook.....	243

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Grupos selecionados do Facebook que são organizados e/ou com participação Guarani.....	45
Tabela 2 - Páginas selecionadas do Facebook que são organizadas e/ou com participação Guarani .....	46
Tabela 3 - Dados das páginas e informações sobre suas publicações.....	116
Tabela 4 - Imagens destacadas com maior expressividade nas páginas.....	119
Tabela 5 - Dados dos grupos e informações sobre suas publicações.....	139

**LISTA DE SIGLAS**

ACPIMSA	Associação Cultural dos Povos Indígenas do Médio Solimões e Afluentes
AJI	Ação dos Jovens Indígenas de Dourados
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
BM	Banco Mundial
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CECI	Centro de Educação e Cultura Indígena
CEU	Centros Educacionais Unificados da cidade de São Paulo
CGY	Comissão Guarani Yvyrupa
CIDOB	Confederación de Pueblos Indígenas de Bolivia
CIMI	Conselho Indigenista Missionário
CMI-Tefé	Centro de Mídia Independente de Tefé
CONAMAQ	Consejo Nacional de Ayllus y Markas del Qullasuyu
CRPSP	Conselho Regional de Psicologia de São Paulo
CSUTCB	Confederación Sindical Única de Trabajadores Campesinos de Bolivia
CTI	Centro de Trabalho Indigenista
EZLN	Exército Zapatista de Libertação Nacional
FMI	Fundo Monetário Internacional
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
FUNDECT	Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEPAC	Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
ISA	Instituto Socioambiental
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
MinC	Ministério da Cultura

MiniCom	Ministério das Comunicações
NEPO	Núcleo de Estudos Populacionais
NTICs	Novas tecnologias de Informação e Comunicação
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMC	Organização Mundial do Comércio
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONGs	Organizações Não-Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PEC	Proposta de Emenda à Constituição
PL	Projeto de Lei
PLP	Projeto de Lei Complementar
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
SPI	Serviço de Proteção ao Índio
TAR	Teoria ator-rede
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TICs	Tecnologias de informação e comunicação
UCDB	Universidade Católica Dom Bosco
UEA	Universidade Estadual do Amazonas
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UNGS	Universidad Nacional de General Sarmiento

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>22</b>
CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTUDO .....	31
<b>I. OBJETIVOS</b> .....	<b>39</b>
1.1 OBJETIVO GERAL .....	39
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	39
<b>II. METODOLOGIA</b> .....	<b>40</b>
2.1 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS .....	47
2.1.1 <i>Cartografia de redes</i> .....	48
2.1.2 <i>Observação participante</i> .....	49
2.1.3 <i>Entrevistas</i> .....	49
2.2 ANÁLISE DE DADOS .....	55
2.3 CUIDADOS ÉTICOS .....	57
<b>III. O POVO GUARANI DA AMÉRICA LATINA: TESSITURAS DO TERRITÓRIO EM REDE – DO OGUATA PORÃ À REDE VIRTUAL</b> .....	<b>59</b>
3.1 O PERCURSO ETNOGRÁFICO E A CONDIÇÃO DE <i>GUATAHA</i> : FRAGMENTOS DE REGISTRO DE CAMPO .....	74
<b>IV. SOCIALIDADES GUARANI: TECENDO RELACIONAMENTOS INTERCULTURAIS EM REDE VIRTUAL</b> .....	<b>107</b>
4.1 REDES SOCIAIS VIRTUAIS E O POVO GUARANI DA AMÉRICA LATINA .....	115
4.2 APROPRIAÇÃO E USO DAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS PELO POVO GUARANI.....	145
4.2.1 <i>Apropriação e constituição da rede pelos Guarani: da internetnização à guaranização</i> .....	155
<b>V. RELAÇÕES DO POVO GUARANI EM REDE VIRTUAL: ORGANIZAÇÃO POLÍTICA; CULTURA, EDUCAÇÃO E HISTÓRIA; E PROJETOS DE ETNODESENVOLVIMENTO</b> .....	<b>170</b>
5.1 RELAÇÕES DO POVO GUARANI EM REDE VIRTUAL E ORGANIZAÇÃO POLÍTICA.....	171
5.1.1 <i>Organização política</i> .....	172
5.1.2 <i>Questões políticas e rede</i> .....	182
5.2 RELAÇÕES DO POVO GUARANI EM REDE VIRTUAL E O EIXO CULTURA, EDUCAÇÃO E HISTÓRIA.....	191
5.2.1 <i>Cultura Guarani e rede</i> .....	191
5.2.2 <i>Educação e rede</i> .....	199
5.2.3 <i>História</i> .....	204
5.3 RELAÇÕES DO POVO GUARANI EM REDE VIRTUAL E PROJETOS DE ETNODESENVOLVIMENTO.....	207

<b>VI. RELAÇÕES INTERCULTURAIS DO POVO GUARANI EM REDE VIRTUAL: TIPOS E NÍVEIS DE COOPERAÇÃO.....</b>	<b>215</b>
6.1 O QUE É COOPERAÇÃO.....	215
6.2 POVO GUARANI, COOPERAÇÃO E REDE VIRTUAL.....	223
6.3 REDE DE COOPERAÇÃO INTERPESSOAL.....	229
6.4 REDE DE COOPERAÇÃO INSTITUCIONAL, GOVERNAMENTAL OU ORGANIZACIONAL.....	236
6.5 COOPERAÇÃO INTERNACIONAL.....	246
<b>VII. CONCLUSÃO.....</b>	<b>251</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>264</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>276</b>
APÊNDICE A – CONVITE PARA OBSERVAÇÃO EM GRUPO.....	277
APÊNDICE B- ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	280
APÊNDICE C– TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	283
<b>ANEXOS.....</b>	<b>287</b>
ANEXO A- CARTAZ ARA PYAHU.....	288
ANEXO B- FOLDER DE DIVULGAÇÃO ALDEIA JASY PORÃ.....	289
ANEXO C – IMAGENS DESTACADAS DE MAIOR EXPRESSIVIDADE NAS PÁGINAS DO FACEBOOK DE/OU COM PRESENÇA GUARANI.....	290
ANEXO D- CLIPPING DE NOTÍCIAS SOBRE PROTESTO NA ABERTURA DA COPA#DEMARCAÇÃOJÁ! (FONTE: PÁGINA COMISSÃO GUARANI YVYRUPA NO FACEBOOK, EM 16 DE JUNHO DE 2014).....	300

## APRESENTAÇÃO

---

Este estudo foi motivado por distintas experiências da pesquisadora com o povo Guarani, além de ser continuidade de estudos já realizados tanto no mestrado quanto como docente em terapia ocupacional. A relação entre as tecnologias virtuais e os Guarani já surgiu na pesquisa de mestrado realizada com os jovens Guarani de Ubatuba e seus trânsitos entre a cidade e a aldeia. Nas vivências com os jovens de Aracruz, no projeto de extensão do curso de terapia ocupacional, também apareceram, tanto como recurso de intervenção quanto como demanda dos próprios jovens, através de discussão e apropriação das tecnologias. Quando este projeto passa a ser delineado no programa de psicologia, a questão acerca das relações interculturais e interétnicas surge e, com apoio do orientador, faz sentido compreender as formas de cooperação e, numa perspectiva mais global, a dos Guarani da América Latina.

Durante a coleta de dados da pesquisa, foi possível, após afastamento das atividades docentes da pesquisadora, realizar uma disciplina sobre os ameríndios na Universidad Tres de Febrero, em Buenos Aires, Argentina, e delinear a possibilidade de um trabalho de campo. Foi nestas circunstâncias que a pesquisadora conheceu os Guarani em contexto urbano, percorreu aldeamentos no norte da Argentina e no Paraguai. Todo esse percurso é descrito com mais profundidade no Capítulo III.

Nesse entremeio, foi possível realizar as entrevistas, após consentimento do comitê de ética em pesquisa, e parte do mapeamento da rede virtual já havia sido realizado. Entre idas e vindas ao estado do Espírito Santo, foi possível tratar os dados do estudo e iniciar as análises. E eis que o projeto de complementar os

estudos, através do doutorado sanduíche, acontece e novos conhecimentos são adquiridos junto ao Instituto de Iberoamerica e a Facultad de Ciencias Sociales, vinculado ao curso de Antropologia da Universidad de Salamanca. Nesse momento, a experiência de discutir a tese, os resultados e os primeiros desenhos de análise, mesmo que em espanhol, junto ao grupo de Salamanca, são de grande êxito para a pesquisadora.

O percurso da pesquisadora na construção deste estudo se fez denso e não retilíneo. No entanto, foram fundamentais para o resultado no qual esperamos que os leitores pudessem acompanhar, através do relato das experiências e das transformações, da formulação de ideias criadas a partir dos dados e da articulação teórica, bem como dos sensíveis relatos pelo qual fomos agraciados.

A partir disso, apresentaremos situações e motivações que têm favorecido as relações interculturais e a formação de redes de cooperação, apoio e desenvolvimento, o que favoreceu o fortalecimento dessas redes, de outras e das demandas do povo Guarani, além de demonstrar a necessidade de novos estudos sobre a temática. Outra perspectiva deste estudo é somar-se à construção de conhecimentos sobre a psicologia social e os povos indígenas (CRP/SP, 2010).

Na Introdução, discorremos sobre o tema da tese e os principais referenciais teóricos que fundamentaram o estudo. Apresentamos a discussão sobre rede, rede virtual, rede virtual e povos indígenas, contexto intercultural e relacionamentos interpessoais e interétnicos, cooperação e etnodesenvolvimento — além de uma contextualização mais teórica acerca do campo virtual enquanto campo de estudo, bem como seus recursos, como as tecnologias de informação e comunicação (TICs).

No Capítulo III, apresentamos quem são o povo Guarani da América Latina, seus subgrupos, localidades, organização social em rede, cosmovisão e socialidades. Destacamos a mobilidade Guarani como central e vital para a manutenção cultural, assim como a rede virtual como nova territorialidade no circuito Guarani.

O conceito de *etnicidade* é referenciado para melhor compreensão das dinâmicas Guarani. Ademais seguimos com relato do percurso de campo realizado pela pesquisadora na Argentina, urbana e rural, no Paraguai e no Brasil. Relatos em que as afetações culturais transcendem e a aproximação com os povos Guarani de outras localidades trazem o sentido visceral de rede de trocas, de reciprocidade e de solidariedade. Conhecer as reconstruções identitárias dos Guarani em urbanidades, os aldeamentos protegidos por Ñanderu, as relações de afeto e de luta foi essencial para a análise de todo o estudo em rede virtual.

No Capítulo IV, destacamos a socialidade Guarani em rede virtual, na qual é evidenciado e discutido o conceito de relacionamento interpessoal e de socialidade. Prosseguimos com a associação das relações interculturais em meio virtual e apresentamos o conceito de *internetnicidade*, bem como introduzimos o conceito de *internetnização*. Destacamos a rede Facebook como a mais utilizada pelos Guarani e expomos os grupos e páginas estudados e mapeados, além da dinâmica que ocorre nestes espaços. Através de grafos, tabelas, figuras e relatos dos participantes mostramos os resultados e analisamos as temáticas a eles relacionadas — por exemplo, a imagem de maior interação e expressão na rede virtual Guarani, as palavras mais citadas, o *post* com mais curtidas.

Abordamos, ainda, as questões de preconceito e racismo que surgiram em comentários das páginas estudadas. Também abordamos as formas de uso e

apropriação da rede virtual pelo povo Guarani, através dos tipos de mídias mais veiculadas, as frequências com que postam e quais temáticas são destacadas, além da rede de interações virtuais dos participantes.

No Capítulo V, é apresentada a relação do povo Guarani na rede virtual e com os seguintes eixos temáticos: organização política; cultura, educação e história; e projeto de etnodesenvolvimento. No eixo organização política trazemos a discussão sobre as principais organizações Guarani que aparecem neste estudo e aquelas que, apresentam alguma correlação com nossos participantes entrevistados. Já na correlação das questões de ordem política Guarani à rede, surgem, principalmente, as temáticas relacionadas à organização política, ao acesso à informação e a seu uso como ferramenta.

Na categoria cultura e rede virtual, apresentamos e discutimos temáticas relacionadas à difusão da cultura, à divulgação de eventos, a aspectos da cultura, da produção audiovisual e da interferência cultural. Na relação entre educação e rede, discorreremos a respeito de como o modelo de educação indígena deve atuar na prática, sobre a relação da imagem do índio com o que é ensinado na história oficial dos *jurua*<sup>1</sup> e acerca da internet como acesso a informação para educação, bem como o uso da língua guarani como estratégia de ensino e de divulgação da cultura. Além da correlação cultura e história, cujo acesso hoje a diversos conteúdos é facilitado, possibilitando o contato a importantes referências para o conhecimento.

Na correlação com projetos de etnodesenvolvimento, apresentamos a conceituação do tema à luz de algumas experiências e referenciais teóricos, bem como aqueles apresentados pelos participantes do estudo.

---

<sup>1</sup> Termo usado pelos Guarani para denominar “brancos” ou “não índios”.

No Capítulo VI, abordamos a conceituação de cooperação, além da visão Guarani de cooperação. Para entendimento da visão Guarani, optamos por descrever o sentido de cooperação, sua compreensão e conceituação, bem como seus níveis. Também apontamos algumas associações entre cooperação e Facebook, além dos tipos de redes de cooperação apresentadas pelos Guarani no meio virtual e categorizadas como interpessoal, institucional e internacional.

Dessa forma, prosseguimos com a articulação entre povo Guarani, rede virtual e cooperação, discorrendo sobre analogias com a dinâmica do Facebook, através do “curtir”, “comentar” e “compartilhar”. Desenvolvemos e analisamos as categorias: cooperação interpessoal, rede de cooperação institucional, governamental ou organizacional, rede de cooperação internacional. Articulamos a essas categorias os conceitos de cooperação, ajuda e altruísmo, entendidas como condutas pró-sociais, bem como os de interação, relação e reciprocidade.

Na Conclusão, buscamos articular os principais conceitos do estudo aos objetivos propostos, além de refletir sobre futuras investigações acerca de indagações proporcionadas por essa investigação.

A partir da leitura deste estudo, sugerimos a aproximação do leitor às tessituras construídas pela pesquisadora na tentativa de articular os caminhos criados e sugeridos pelos Guarani, fundamentados em conceitos e formulados em categorias para melhor compreensão e acesso ao universo virtual deste povo e ao emaranhado de situações, relações e articulações que vão sendo criadas, conectadas e reconectadas nas mídias sociais na constituição das redes de cooperação.

## INTRODUÇÃO

---

Compreendendo que o povo Guarani concebe seu modo de vida em rede, através de mobilidades, trocas, relações de reciprocidades e que atualmente acessa territorialidades em expansão<sup>2</sup>, como o caso das mídias virtuais, esta pesquisa visou compreender como o povo Guarani estabelece relações interculturais nas mídias sociais virtuais<sup>3</sup> e como os sujeitos indígenas apropriam-se dessas mídias para a formação de redes de apoio e cooperação<sup>4</sup>.

Para Castells & Cardoso (2006), a sociedade em rede seria uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas por ações digitais de computadores que geram, processam e distribuem a informação, mas enfatiza que a sociedade em rede não pode ser definida fora da observação empírica da organização social e das práticas que dão corpo à lógica da rede.

As redes sociais comumente configuraram-se no cotidiano dos grupos, nos territórios. No entanto, com o advir das tecnologias virtuais tanto os conceitos sobre redes quanto as práticas sociais foram se transformando e criando novos espaços de relações, como os das mídias sociais.

As redes sociais primárias, interindividuais ou coletivas, caracterizam-se por serem presenciais, em espaços contíguos, criando territórios no sentido

---

<sup>2</sup> Entendemos “territorialidades em expansão” como as novas ações que dão corpo e função aos espaços, através da participação, do desenvolvimento e/ou da ampliação de fronteiras. Para discussão e aprofundamento do conceito territorialidades, ver: Haesbart, R. (2007). Território e Multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia*, 9(17), 19-46.

<sup>3</sup> Como, *blogs* (publicações independentes), *google groups* (referências, redes sociais), *myspace* (rede social), *facebook* (rede social), *youtube* (rede social e compartilhamento de vídeo), *flickr* (rede social e compartilhamento de fotos), *twitter* (rede social e *microblogging*).

<sup>4</sup> “A palavra cooperação, etimologicamente, é originária do verbo latino *cooperari*, de *cum* e *operari* = operar juntamente com alguém, ou seja, é a prestação de auxílio, objetivando um fim comum” (Pinho, 1966, como citado em Miranda, 2009, p. 44-45).

tradicional do termo, isto é, geograficamente delimitados; enquanto isso, as redes virtuais, resultantes do ciberativismo, são intencionais, transcendem as fronteiras espaciais das redes presenciais, criando, portanto, territórios virtuais cujas configurações se definem pelas adesões por uma causa ou por afinidades políticas, culturais e ideológicas. Todavia, elas poderão vir a ter impacto sobre as redes presenciais e vice-versa, numa constante dialética entre o local e o mais global, entre o presencial e o virtual, entre o ativismo do cotidiano e o ciberativismo, podendo vir a auxiliar na formação de movimentos cidadãos planetarizados (Scherer-Warren, 2007, p. 39).

Nessa perspectiva, sobre as relações em rede e o trabalho com o método da teoria ator-rede (TAR), Latour afirma que essa teoria:

[...] sustenta ser possível rastrear relações mais sólidas e descobrir padrões mais reveladores quando se encontra um meio de registrar os vínculos entre quadros de referência instáveis e mutáveis, em vez de tentar estabilizar um deles (Latour, 2012, p. 45).

Com isso, nosso intuito foi buscar o registro dessas relações, instáveis e mutáveis, e entendendo como contexto da pesquisa a rede virtual, tanto por ser um espaço onde se tecem relações em rede, como por se poder observar o quanto as novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs) aparecem, atualmente, como “um grande auxílio à concepção Guarani de mundo/território/*yvy rupa Guarani* reunido como numa rede, o que chamamos de 'território em rede'” (Nunes Junior, 2009, p. 99).

No cenário virtual, podemos verificar as diversas formas de participação e objetivações, tanto individuais quanto coletivas. Cogo (2004), referindo-se à apropriação das redes sociais virtuais por ativistas e as novas modalidades de

exercício de cidadania, cita a discussão intitulada *Outros 500*, que, por iniciativas de ONGs e setores da sociedade civil brasileira, ocorreu paralelamente ao evento do *Quinto Centenário de Descobrimento do Brasil*, com o objetivo de divulgar textos e imagens sobre os conflitos entre a polícia, as organizações indígenas e outros representantes de movimentos sociais brasileiros contrários às festividades que celebravam a colonização dos povos indígenas no Brasil.

Moura (2013), em “Os índios e o Brasil: da história às redes sociais”, publicado no periódico online “Brasil de Fato”, traz informações significativas quanto à forma de utilização desses espaços virtuais pelos povos indígenas, como o caso Guarani-Kaiowá e sua repercussão sobre a violação de direitos nas demarcações de terras. A autora verificou, com trabalhos publicados sobre o tema, que, desde 1500, os índios sofrem com o processo de colonização e disputa por território e que a década de 1980 foi marcada por uma série de violências, que se mantêm até os dias atuais.

Hoje, no entanto, as redes sociais têm superado a grande imprensa com seu poder comunicativo. “Com o uso incisivo do Facebook, uma situação como a dos Guarani-Kaiowá não passou batida. O compartilhamento de vídeos, informes e denúncias sobre o tema não nega isso” (Moura, 2013, para. 4). Todavia, ainda que, neste caso, a indignação e a comoção tenham movido a luta virtual a favor dos Guarani Kaiowá nas redes sociais, para Moura isso não é o suficiente; são necessárias ações não apenas comovidas ou indignadas, mas críticas embasadas e que resistam ao tempo.

Outro acontecimento importante citado por Moura (2013) foi o movimento organizado nas redes sociais contra a demolição do antigo Museu do Índio, hoje denominado Aldeia Maracanã, localizado na região norte da cidade do Rio de

Janeiro. A autora argumenta que, se um museu pode ser demolido por razões quaisquer, isso se deve à forma como vem sendo regulamentado o não reconhecimento histórico nacional dos povos indígenas, e que “a notícia da demolição, que parece ser início de um problema, é apenas um de seus vastos desdobramentos” (Moura, 2013, para. 15).

Dessa forma, podemos verificar que as redes sociais em situações como as apresentadas podem superar a grande mídia e refletir uma alternativa ao domínio de uma imprensa anti-indígena. Os espaços virtuais, compostos por diversos grupos que destes se utilizam para negociação, relações, movimentos e construções, criam novas possibilidades de relação e comunicação:

[...] estamos diante de uma profunda reconfiguração das culturas – camponesas, indígenas, negras –, que responde não somente à evolução dos dispositivos de dominação, mas também à intensificação de sua comunicação com as outras culturas de cada país e mundo. No interior das comunidades, esses processos de comunicação são percebidos ao mesmo tempo como outra forma de ameaça à sobrevivência de suas culturas e como uma possibilidade de romper a exclusão, como experiência de interação que comporta risco, mas também abre novas figuras de futuro, pois há nessas comunidades menos complacência nostálgica para com as tradições e maior consciência da indispensável reelaboração simbólica que exige a construção do futuro (García Canclini) (Martín-Barbero, 2003, p. 64-65).

Esses espaços virtuais de negociações e relações aparecem como lugares interculturais. Para Costa (2012), o relacionamento interpessoal age como mediador cultural, e características próprias à sociedade contemporânea, como a

globalização, poderiam aproximar cada vez mais os seres humanos. A autora acrescenta que os avanços midiáticos, no sistema de comunicação e nos meios de transportes, ampliaram o contato entre pessoas de diferentes nações, raças, culturas e etnias.

Para Hinde (1997), o relacionamento interpessoal integra um sistema de relações que envolve diversos níveis de complexidade, os quais afetam e são afetados uns pelos outros, desde processos fisiológicos, passando por interações, relacionamentos, grupos e sociedade, e que ainda inclui a estrutura sociocultural e o ambiente físico.

Entendendo que nesse contexto os relacionamentos são interétnicos e interculturais, vamos nos referenciar em estudos direcionados sob essa perspectiva. Para García Canclini (2009), a interculturalidade “remete à confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram em relações e trocas” e “implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos restritos” (p. 17). O autor destaca ainda, a concepção cultural “como sistema de relações de sentido que identifica 'diferenças, contrastes e comparações' (Appadurai, 1996, p. 12-13), 'veículo ou meio pelo qual a relação entre os grupos é levada a cabo' (Jameson, 1993, p. 104)” (García Canclini, 2009, p. 24).

Fleuri (2003), outro autor no qual referenciamos, aponta o campo da interculturalidade como interdisciplinar, pois se faz complexo entender as relações entre grupos, em campos identitários diversos.

[...] a intercultura vem se configurando como um objeto de estudo interdisciplinar e transversal, no sentido de tematizar e teorizar a complexidade (para além da pluralidade ou da diversidade) e a ambivalência

ou o hibridismo (para além da reciprocidade ou da evolução) dos processos de *elaboração de significados nas relações* intergrupais e intersubjetivas, constitutivos de campos identitários em termos de etnias, de gerações, de gênero e de ação social (Fleuri, 2003, p. 23).

No contexto intercultural, os relacionamentos interpessoais e interétnicos tornam-se espaços de maior tensão para trocas, negociações e significações, de modo que a cooperação pode ser central para o entendimento da interação entre os Guarani e os não índios, além da compreensão de quais situações e temas, como os exemplos apresentados pelas mobilizações do *Brasil Outros 500*, *Guarani-Kaiowá*, *aldeia maracanã*, mobilizam a articulação de redes interculturais de apoio e cooperação que envolvem os indígenas nas mídias virtuais.

Hinde e Groebel (1995), em *Cooperation and Prosocial Behaviour*, apresentam a cooperação, a confiança e o altruísmo como as maiores virtudes humanas e destacam, em suas análises, as perspectivas da biologia e da psicologia social. Para estes autores, usa-se o termo cooperação para indicar situações nas quais dois ou mais indivíduos, mutuamente, se ajudam ou melhoram as possibilidades para alcançarem um objetivo. Portanto, entendemos cooperação como as mais variadas formas e estratégias de agrupamentos para resolução de questões, objetivando fins comuns.

Sobre cooperação internacional, Barroso-Hoffmann (2005) destaca que, especificamente no que concerne à questão indigenista, o conceito que mereceria exame mais minucioso por seu papel organizador dentro dos discursos das diversas tendências é o de *etnodesenvolvimento*, até devido aos diversos interesses e lógicas diferenciados envolvidos no seu funcionamento.

Verdum (2009) comenta que, na década de 1990, também cresceu no Brasil e em outros países da América Latina, a atuação das chamadas agências de cooperação internacional para o desenvolvimento, originárias de países como Grã-Bretanha e Alemanha, ou de agências multilaterais, como o Banco Mundial (BM), o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), e de agências do sistema das Nações Unidas (UNESCO, OIT, OMS, PNUD, etc.) na política indigenista ou diretamente junto às organizações indígenas.

Segundo Yrigoyen Fajardo (2009), as organizações indígenas conseguiram articular diversos níveis organizacionais no contexto local, nacional e regional. Na Bolívia, por exemplo, o “Pacto de Unidade” no qual, para atuar em conjunto frente à Assembleia Constituinte, ao sistema das Nações Unidas e à cooperação internacional, articularam-se quatro grandes organizações indígenas: a CIDOB, de terras baixas; a Conamaq, de terras altas; a CSUTCB, organização de camponeses colonizadores; e a Bartolina Sisa, uma coordenadora de organizações de mulheres. Com relação à Convenção 169 da OIT, Yrigoyen Fajardo (2009) destaca o desenvolvimento de programas de cooperação para combater a pobreza e o desemprego que afetam os povos indígenas.

Gallois (2007) verifica relações e redes de relacionamentos entre etnias e grupos locais, como os intensos circuitos de troca e comunicação entre os grupos nas Guianas, envolvendo povos de diversas línguas, Caribe e também Tupi (como os Wajãpi). A literatura ainda descreve, desde o século XVIII, tais redes de intercâmbio, que sobrepõem trocas matrimoniais e trocas de bens, trocas de conhecimentos, de festas, de inimizades e agressões. Os intercâmbios ocorrem de diversos modos, “entre os quais se destaca a parceria interpessoal de troca

(*pawana, panary* etc.), cuja lógica é compartilhada em toda a região” (Gallois, 2007, p. 102).

A cooperação apresenta-se então como alternativa para resolução de problemáticas, através de construções sociais em diversos níveis, como foi constatado por autores que vêm se dedicando ao entendimento da temática, observando e formulando novas propostas.

A investigação deste trabalho de pesquisa também ocorreu em contexto virtual, acreditando-se que este ambiente seja, na atualidade, facilitador dos encontros e relações sociais e da articulação entre os diferentes grupos étnicos. Para tanto, visamos compreender como as relações sociais interculturais, criadas e (re)significadas nas mídias sociais, podem estimular a cooperação e a formação de redes de apoio e desenvolvimento.

As tecnologias utilizadas para a criação de ambientes de sociabilidade no ciberespaço não são apenas utilizadas em contextos sociais, mas, sim, engendram esses contextos, na medida em que estabelecem as condições necessárias para seu estabelecimento. A relação entre tecnologia e cultura então, torna-se especialmente fluida e dinâmica no caso do ciberespaço, com usuários adaptando, (re)significando e transformando de diversas formas tais tecnologias. Esta diluição de fronteiras, no caso do desenvolvimento das tecnologias relacionadas à vida social no ciberespaço, tem implicações tanto na natureza da sociabilidade on-line quanto nos processos de desenvolvimento de tecnologias (Guimarães Jr., 2004, p. 133).

Na revisão bibliográfica, constatou-se estudos sobre o uso das mídias sociais; mais especificamente, verificou-se também o interesse de pesquisadores por estudos relacionados ao uso das mídias e redes por povos indígenas. No

entanto, poucos estudos descreveram os recursos metodológicos utilizados, sendo etnografia e observação os mais abordados.

Encontrou-se apenas um estudo diretamente relacionado ao tema cooperação e povos indígenas na rede, o artigo intitulado “Solidarity in cyberspace: indigenous peoples online; have new electronic technologies fulfilled the promise they once seemed to hold for indigenous peoples? The answers are yes, and no”, de Delgado (2002), no qual se apresentam dados da relação de povos indígenas na rede virtual, alguns desafios, como a falta de recursos tecnológicos e principalmente a dificuldade de manutenção desses equipamentos pela comunidade, mas também se pontuam os avanços de lutas indígenas mobilizadas pelos povos via a internet, bem como o acesso, mesmo que limitado, dos povos indígenas à rede mundial. Sobre cooperação, o texto aponta que grupos, principalmente de ONGs, são os responsáveis por apoio e suporte técnico as comunidades indígenas.

Ademais, outros trabalhos, como Lopes, Santos & Jesus (2013), Antoun (2006) e Souza (2014), citam a existência de práticas de cooperação nas redes sociais virtuais como subtema. Quanto a estudos que relacionem o tema cooperação especificamente ao povo Guarani na rede virtual, nada foi encontrado.

Argumentamos que a relevância do estudo está na tendência atual dos estudos em redes virtuais e o desafio de compreender a relação deste meio com as questões indígenas, algo que ainda aparece incipiente. Segundo Pieniz (2009, para. 45), “a etnografia virtual é o método qualitativo mais cogitado, testado e discutido atualmente”. Devido aos processos de colonização, constata-se que os povos indígenas no Brasil e em alguns países da América Latina ainda se

encontram em situação de negligência, violação e não reconhecimento de seus direitos sociais (Yrigoyen Fajardo, 2009; Zaragoza Contreras, 2010) e muitas vezes no lugar de invisibilidade (Tavares, 2012). No entanto, através das redes sociais, alguns povos têm encontrado espaço para o relacionamento intercultural e para formas de inserção e participação social, o que contribui para a articulação, o apoio e a visibilidade para suas questões, reforçando-se a importância de estudos com essa temática e, conseqüentemente, a relevância deste projeto em particular.

### **Contextualização do campo de estudo**

O interesse de estudos sobre a rede virtual acontece desde a década de 1970. Nas décadas seguintes, os interesses expandem-se para grupos específicos, como no caso dos indígenas.

Desde a década de 1980, povos indígenas da Austrália têm estendido suas ferramentas de expressão locais para redes globais: exposições, festivais, imprensa, rádio, documentários, pequenos dramas, filmes de longa metragem e páginas na internet (Langton, 2001 como citado em Glowczewski, 2007, p. 181).

Mont (2007) observa que as redes de comunicação, as tecnologias da informação e comunicação (TICs), têm possibilitado aos povos indígenas, principalmente às mulheres, crescente participação social e divulgação de seus saberes. Outro fator que este autor destaca é a importância, em momentos de intensa migração, do uso das redes de internet e celular para manutenção do contato, transmissão de informações e localização de membros da comunidade, mesmo distantes. O audiovisual tem facilitado o registro de práticas e técnicas do

trabalho artístico, artesanal e dos modos de vida, inclusive a medicina tradicional; nesse caso, para as mulheres, as TICs serviram não somente para criação e transmissão de saberes e gestão da comunicação, mas para consolidação de seu papel como mediadoras junto a essas tecnologias.

Santos e Lima (2011) focalizam, em seus estudos, a relação entre redes de comunicação e o desenvolvimento local de comunidades. Para estes autores, no contexto da América Latina, “experiências com comunidades indígenas, quilombolas e campesinas demonstram o interesse em se apropriar das novas tecnologias informacionais para criar formas alternativas de comunicação, de informação e de construção de capital social” (p. 49), embora façam a ressalva de que o resultado dessas apropriações acaba muitas vezes reduzido à divulgação local. Concluem, por fim, que a experiência com as comunidades sinalizou a necessidade da valorização cultural e de articulações locais para realização de movimentos em rede, com propósito de ações reivindicatórias e de garantia de direitos em prol da construção do desenvolvimento local dessas comunidades.

Já Scherer-Warren (2008) propõe-se a discutir as redes de movimentos sociais na América Latina sob uma perspectiva emancipatória. No que concerne às novas tecnologias, esta autora cita o primeiro exemplo que causou forte impacto na opinião pública mundializada, o movimento neozapatista de Chiapas, no México, que Castells definiu como a “primeira guerrilha informacional”. A autora questiona como o recurso tecnológico pode contribuir para o “encontro de um movimento indígena localizado com redes transnacionais” e cita o relato de Gadea, que, ao chegar à Selva Lacandona/Chiapas, encontrou a ocultação histórica e o não reconhecimento dos povos indígenas “[...] se percebe como o colonial não é uma época histórica, algo do passado, [...] mas que a presença

indígena hoje, sustenta que a realidade colonial continua vigente em Chiapas” (Scherer-Warren, 2008, p. 12).

Glowczewski (2007) relata que os povos aborígenes australianos têm seus próprios sítios na rede e que os utilizam para promoção de sua cultura, com postagens de arquivos sobre variados temas políticos e jurídicos online. O acesso a essas tecnologias só foi possível porque “a Austrália equipou suas escolas com computadores e está subsidiando certo número de organizações indígenas para instalar tal tecnologia e providenciar treinamento em seu uso”. A autora observa, no entanto, que muitos dos povos aborígenes ainda não acessam tal tecnologia e que os povos indígenas de todos os lugares do mundo justificam a necessidade do acesso às tecnologias. “Computadores parecem facilitar, de sua própria maneira, a circulação de sistemas culturais de conhecimento. Para serem transmitidos, estes sempre dependeram de performances orais e visuais, tanto como de práticas ativas de sobrevivência no meio” (p. 184).

Tavares (2012) buscou em seu trabalho mapear a comunicação de povos indígenas na internet, acreditando que as potencialidades encontradas nas TICs podem auxiliar na “construção de uma comunicação descentralizada” e serem utilizadas “como uma aquisição importante na reafirmação da identidade de povos indígenas e na superação de injustiças sociais” (p. 87).

A autora, Tavares (2012), através do documentário “Indígenas Digitais” de 2010 de Sebastián Gerlic, buscou compreender a motivação que mobiliza o uso das novas tecnologias de comunicação e informação pelos integrantes indígenas na rede, segundo Nhenety Nhenety Kariri-Xocó, índio membro e coordenador da rede *Índios Online*: “O computador serve como um arco. Porque o arco tradicional servia para caçar, pescar, defender o povo e trazer a caça, a pesca, para a

subsistência dos povos. E o computador também faz isso, ele faz a caçada, uma caçada virtual” (Indígenas Digitais, 2010 como citado em Tavares, 2012, p. 87).

Sobre direitos indígenas no ciberespaço, Mota (2010, p. 36) revela que os indígenas, quando buscam na rede virtual “negociar as relações e estruturas socioculturais que refletem as suas experiências complexas” e entender este novo lugar, discutindo sobre sua apropriação, é com o objetivo de incorporar suas lutas “por reivindicações étnicas e territoriais” e “atualizar a sua imagem na sociedade nacional” contra incitações sobre a perda de identidade e cultura caso tenham contato com as tecnologias, “aqui entendida como força colonizadora”.

Monarcha (2012) traz também relevantes contribuições sobre a relação dos povos indígenas com a web, em sua dissertação de mestrado com o instigante título *Redes sociais e sociedades indígenas: entre dígitos e jenipapo*, cuja motivação a autora justifica a partir das discussões do 1º Simpósio indígena sobre usos da internet no Brasil, que ocorreu em 2010 na Universidade de São Paulo (USP).

A preocupação sobre como estão sendo utilizadas as redes por indígenas é apresentada por Bucchioni (2009, 2010), através do *Blog Diários*, onde o autor se propõe a analisar essas questões. Para Gallois e Carelli (1998), a relação dos povos indígenas com as novas tecnologias é fundamental para manutenção das culturas e atualização das identidades, pois as mídias televisivas reforçam a ideia de índios primitivos e frágeis, disseminando preconceitos.

A temática sobre cooperação e indígenas em meio virtual apresentou uma variedade de trabalhos que correlacionam o ambiente virtual como *lócus* possível para as relações de cooperação. Devido aos processos históricos de exclusão

dos povos indígenas, tais espaços virtuais têm se mostrado como espaços emancipatórios e de protagonismos.

Sobre as “artes de fazer”<sup>5</sup> indígenas da Barreira da Missão e as mídias livres, Figueiredo (2008) relata a experiência de colaboração entre a Universidade Estadual do Amazonas (UEA), a Associação Cultural dos Povos Indígenas do Médio Solimões e Afluentes (ACPIMSA), o Centro de Mídia Independente de Tefé (CMI-Tefé), as aldeias dos povos Ticuna, Cambeba e Cocama da terra indígena Barreira da Missão no município de Tefé (AM) e a rádio Xibé para produção de mídias livres.

A experiência relatada por Figueiredo (2008), das diversas ações com uso de tecnologias de comunicação até a transmissão da rádio local na internet, demonstra que “além do papel da apropriação dessas tecnologias para o estabelecimento de um diálogo mais simétrico com a sociedade, rapidamente elas se mostraram úteis para o exercício da pressão quando o diálogo não é possível” (p. 11).

Figueiredo (2008, p. 14) conclui que o que de mais relevante está sendo proporcionado pela parceria de mídias livres entre UEA, CMI-Tefé, ACPIMSA e aldeias da Barreira é a sociabilidade colaborativa, em que não estão dissociados os desejos do saber, do prazer, da beleza e da ética. Além disso, essa experiência demonstrou que “nenhum grupo ou povo é autossuficiente em sua cultura” e a resolutividade das contradições atuais dependem da “abertura para os significados das vozes silenciosas e a colaboração com os grupos e povos do mundo”.

---

<sup>5</sup> O conceito “artes de fazer” é de De Certeau (1980), e supõe a permanente resistência popular nos pequenos atos do cotidiano.

Para Scherer-Warren (2008), os recursos das novas tecnologias têm beneficiado tanto o movimento de “altermundialização”<sup>6</sup>, quanto as redes de movimentos específicos. A pesquisadora ainda destaca não só a “comunicação inter-rede”, mas a “construção de uma rede de simpatizantes, de solidariedade e na formação de uma 'opinião pública mundial' e/ou latino-americana, a partir de uma sociedade civil crítica” (p. 11).

O estudo de Tavares (2011) propõe a análise de dois blogues de autoria de povos indígenas brasileiros da Amazônia, que apresentam questões comunitárias, ao abordar temáticas de interesse local e regional, mostrando uma demanda por produções de divulgação e informação sobre sua cultura e seus eventos. O estudo também apontou que, nestes cibermeios, é possível a efetivação das possibilidades colaborativas da internet com povos indígenas que produzem conteúdo e estabelecem um discurso coletivo e comunitário.

Antoun (2006), em seu estudo sobre cooperação, colaboração e mercado na cibercultura, discorre sobre as ações políticas e econômicas envolvidas na possível interferência das redes de movimentos emancipatórios da sociedade civil, de modo a traçar um diagnóstico diferente da realidade social, através de suas práticas. Cita o estudo no qual

[...] acreditam que as organizações em rede vinculadas à ordem econômica e política mundial, como, por exemplo, o FMI, o Banco Mundial, a OMC e o clube de Davos são estruturados para explorar, de forma predatória, o poder de cooperação das redes que se exprime como capital social através do

---

<sup>6</sup> O termo ‘altermundialização’ expressa o caráter multiforme de um movimento que defende valores como democracia, justiça econômica e social, a proteção ao meio ambiente e aos direitos humanos, a fim de estabelecer condições para a mundialização democrática, controlada e solidária. Os termos “altermundialização” e “altermundialismo” foram criados em 2002, na Bélgica e na França, tendo como inspiração o *slogan* “um outro mundo é possível”, do Fórum Social Mundial de Porto Alegre (Viveret, 2009). Viveret, P. (2009). Altermundialização. In A. D Cattani, J-L Laville, L. I Gaiger, & P. Hespanha (Eds.), *Dicionário Internacional da Outra Economia* (pp. 11-15). Coimbra: Almedina.

trabalho imaterial simbólico e afetivo (Negri & Hardt, 2001) (Antoun, 2006, p. 8).

No entanto, Antoun (2006) argumenta que o que as TICs têm proporcionado à integração da sociedade pode estar possibilitando que os movimentos de resistência à exploração fossem além da oposição e da reivindicação, construindo, para Cleaver, “amplas redes de colaboração e produção que pudessem emergir integrando diferentes movimentos de diferentes grupos em comunidades de movimento e produção” (p. 8). Cita o movimento zapatista, a partir de Cleaver (1994) e Arquilla, Ronfeldt, Fuller & Fuller (1998), como exemplo de movimento que

[...] emerge como um exemplo do ultrapassamento da segmentaridade das organizações em rede, exprimida através da integração ideológica de suas doutrinas (etnonacionalismos, fundamentalismos, proteção do meio ambiente, proteção das mulheres, proteção dos indígenas e etc.), na direção de um movimento de ampla colaboração — reunindo o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), as comunidades indígenas de Chiapas e diversas Organizações Não Governamentais (ONGs) mexicanas e internacionais — fundado na criação de uma agenda de ação comum construída em quatro congressos com ampla participação dos parceiros nas selvas de Chiapas em 1994 (Antoun, 2006, p. 8-9).

Lopes et al. (2013) retratam a formação continuada de professores indígenas e não indígenas mediada por uma rede social na internet chamada Ning e sob uma perspectiva intercultural. Nesse sentido, afirmam a importância da rede virtual nos processos de integração e aprendizagem mediados pela cooperação. Ainda complementam que para os pesquisadores Lévy (1999) e

Palloff e Pratt (2002), “uma comunidade virtual é formada a partir de afinidades, de interesses, de conhecimentos, de projetos mútuos e de valores de troca, estabelecidos num processo de cooperação” (p.269).

A partir da experiência com os educadores podemos refletir sobre alguns aspectos que podem contribuir para a constituição da rede de cooperação Guarani, os interesses comuns envolvidos, os projetos e afinidades, bem como a articulação de interconexões.

[...] a integração das dimensões presencial e virtual na formação de educadores, favorece ao grupo em formação a criação de redes individuais de significados e a constituição de uma comunidade de aprendizagem que cria a sua própria rede virtual de interação, cooperação e colaboração, caracterizada por avanços e recuos num movimento não linear de interconexões em um espaço complexo (Almeida, 2002, p. 75).

Pereira (2008) retrata as correlações entre indígenas e o ciberespaço e destaca o protagonismo indígena articulado aos desafios contemporâneos:

Interessa-nos sublinhar esse protagonismo indígena no espaço dos fluxos comunicativos digitais como um conflito étnico-social portador de múltiplas visões de mundo, amplamente articulado às (re)elaborações étnicas indígenas. Tal protagonismo articula-se com essa nova condição contemporânea, ocasionada pela emergência das redes digitais, altamente interativa, motivadora de ação, agenciamento, cooperação e estabelecimento de contato entre meios heterogêneos [orgânicos e inorgânicos] (p. 11).

## I. OBJETIVOS

---

### 1.1 Objetivo geral

Compreender e descrever como o povo Guarani da América Latina articula relações interculturais nas mídias sociais virtuais para facilitar, mobilizar e/ou possibilitar a construção de redes de cooperação.

### 1.2 Objetivos específicos

1. Descrever e mapear de quais mídias sociais virtuais (redes sociais virtuais, como *Google groups*, Myspace, Facebook, Youtube, Flickr, Twitter e outros) os Guarani participam, para formar suas redes interculturais de apoio e propostas de etnodesenvolvimento.
2. Investigar como utilizam as mídias sociais na rede virtual: O que mobiliza a utilização? O que mobiliza a construção de redes de apoio? Quais as principais temáticas abordadas? Uso para informações, comunicação e/ou outros objetivos? Quais os tipos de instrumentos virtuais utilizados para comunicação?
3. Contextualizar políticas públicas, projetos e ações direcionadas à cooperação ao povo Guarani da América Latina na rede virtual.
4. Entender como os Guarani interpretam e traduzem, e que significado atribuem à cooperação.

## II. METODOLOGIA

---

Este trabalho insere-se no campo da abordagem qualitativa, pois acreditamos que entender as relações que os Guarani estabelecem na rede virtual demanda estudo exploratório e análise profunda sobre o contexto de tais conexões. Entretanto, também utilizamos recursos da abordagem quantitativa para melhor visualização dos dados resultantes de mapeamentos de redes virtuais e posterior facilitação no tratamento e na análise de tais dados.

Um dos campos exploratórios da pesquisa foi a rede virtual, considerando-se que o ciberespaço pode ser entendido como um “ambiente de inteligência e memória coletivas, como mídia passível de apropriações culturais, como meio de produção, recepção ou circulação de discursos, como cenário de visibilidade diante de um contexto de midiatização” (Pieniz, 2009, para. 6).

Para Pieniz (2009, para. 45), “o ciberespaço é efervescente em relações e em sociabilidade”, o que justifica ainda o fato de milhares de pessoas estarem conectadas. Este ambiente é usado por um número imenso de pessoas com o objetivo de se relacionarem.

Outro campo explorado foi o trabalho de campo, através das visitas às comunidades e grupos Guarani, partindo do entendimento da necessidade de conhecer também algumas relações que se estabelecem entre o virtual e o cotidiano e de verificar como se constroem e se organizam aspectos estruturais — como redes de computadores, acesso a internet, programas e softwares — para a manutenção e/ou criação de seus meios virtuais.

Viveiros de Castro (1987) enfatiza que o trabalho de campo antropológico é tarefa interminável. As sociedades, no nosso caso a Guarani, continuam a

oferecer enigmas para uma etnologia, seja porque são vivas e em movimento, seja porque sempre estão a revelar faces novas, seja ainda porque o olhar e o entendimento deslocam-se, inventando ou sendo influenciadas por novas perspectivas. O autor exemplifica a dimensão de uma “descrição densa” no campo antropológico com o trabalho realizado por Nimuendaju na obra sobre os Apapocuva, no qual não apenas se apreende a questão organizadora de uma cultura ou forma de vida, como se explora a incidência de tal questão ou tema sobre os comportamentos individuais e coletivos, elaborando seu significado vivido.

Nesses contextos, virtual e antropológico, a população estudada foram os Guarani da América Latina que se encontram em meio virtual e que se utilizam de mídias sociais. Inicialmente, realizamos um estudo de revisão bibliográfica sobre pesquisas com a temática acerca dos Guarani da América Latina, destes em meio virtual, dos relacionamentos interculturais, de redes, de etnodesenvolvimento e de cooperação.

Para realização do trabalho de campo no ciberespaço, optou-se por observação participante e mapeamento das redes. No trabalho de campo etnográfico, optou-se por visitas às comunidades e grupos Guarani. Outro instrumento também utilizado foi o uso de entrevistas semiestruturadas para a coleta dos dados.

A coleta de dados em meio virtual ocorreu por um período de 12 meses, de março de 2014 a março de 2015, especificadamente no Facebook por um período de 11 meses em *páginas abertas*, de maio de 2014 a março de 2015, e de quatro meses em *grupos*, de dezembro de 2014 a março de 2015, através do Netvizz

(softwares de coleta dados do Facebook que gera arquivos para construção de mapas e análise dos dados).

As visitas de campo às comunidades e grupos Guarani do Brasil, Argentina e Paraguai aconteceram na extensão de um período de oito meses, de outubro de 2014 a junho de 2015. As entrevistas semiestruturadas, com duração de até uma hora e meia cada uma, ocorreram dentre um período de nove meses, de novembro de 2014 a agosto de 2015. Esclarecemos que a realização das coletas em *grupos* do Facebook e as entrevistas ocorreram somente após a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE nº 31318114.6.0000.5542), em 6 de novembro de 2014.

Para realização do estudo no ciberespaço, valemo-nos das contribuições metodológicas da teoria ator-rede (Latour, 2012), que prevê rastrear o social através de uma descrição ou narrativa de atores que transportam efeitos e transformam contextos, onde cada ponto de conexão pode converter-se em uma bifurcação e criar novas conexões.

A construção metodológica ainda teve contribuições de Flick (2009) expressas em seu capítulo sobre a “pesquisa qualitativa online: a utilização da internet”, como o caso do uso de entrevistas online e observação participante.

A escolha dos participantes entrevistados primeiramente deu-se por rastreamento na rede Facebook. Optou-se por participantes Guarani que já atuavam em páginas e grupos na rede. Utilizou-se também a rede de conhecidos da pesquisadora, sendo tomado como critério participar, coordenar ou ter função em associações, movimentos e/ou grupos da rede Guarani. Em outro momento, os próprios participantes indicaram possíveis participantes que apresentavam tais características.

Sobre o uso da etnografia em ambiente virtual e a apropriação do método antropológico para estudos online, podemos destacar a associação, feita por Hine, da internet como contexto cultural:

Nós podemos sugerir, então, que uma troca metodológica, a requisição do contexto online como um site de campo etnográfico foi crucial no estabelecimento do status das comunicações de internet como cultura. Enquanto experimentos psicológicos demonstraram sua opacidade, métodos etnográficos foram capazes de demonstrar sua riqueza cultural. É possível ir mais longe e sugerir que nosso conhecimento da Internet como um contexto cultural está intrinsecamente ligado com a aplicação da etnografia. O método e o fenômeno definem o outro em um relacionamento de mútua dependência. [...] Se nós podemos estar confiantes de que a etnografia pode ser aplicada com sucesso em contextos online então nós podemos ficar seguros de que estes são, realmente, contextos culturais, uma vez que a etnografia é um método para entender a cultura (Hine, 2005 como citado em Montardo & Passerino, 2006, p. 5).

Observamos durante as entrevistas que a rede social virtual mais utilizada pelos Guarani é o Facebook. Com isso, optamos por manter a coleta de dados mais focalizada nesta rede social. Contudo, outros meios virtuais também foram verificados: blogues, sites e Youtube.

O Facebook foi criado no dia 4 de fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg, Dustin Moskivitz e Chris Hughes [...] É caracterizada como uma rede social digital que tem como objetivo configurar um espaço no qual as pessoas possam encontrar umas as outras, dividindo opiniões e fotografias [...] De acordo com “Ad Planner Top 1000 Sites”, veículo que verifica quais os sites

mais visitados do planeta, por meio do Google, revelou em julho de 2011 que o Facebook ocupou o 1º lugar em sites mais visitados da web na categoria *Social Networks* com 880.000.000 usuários. A conta nesta rede social é gratuita e qualquer usuário com mais de 18 anos pode se conectar (Vaz, Pereira, Andre & Souza, 2015, p. 7).

Na rede social Facebook, existem diversas modalidades de participação e interações entre os usuários. A forma mais comum e mais utilizada é por meio do *perfil pessoal*, que permite a conexão com amigos, parentes e outros contatos, além da troca de mensagens, arquivos e informações. Entretanto, apresenta mecanismos mais específicos, que podem funcionar melhor, de acordo com o tipo de comunicação que o usuário procura. Por exemplo, uma figura pública ou organização certamente terá mais de cinco mil membros que desejam acompanhar as suas publicações, sendo mais funcional a criação de uma *página*,<sup>7</sup> para que as pessoas possam segui-la. Já para reunir usuários do Facebook que não são necessariamente amigos, mas querem discutir sobre um assunto de forma mais privada, os *grupos*<sup>8</sup> podem ser mais funcionais.

---

<sup>7</sup> **“Privacidade:** as informações e publicações da página são públicas e geralmente disponíveis para qualquer pessoa do Facebook. **Público-alvo:** qualquer pessoa pode curtir uma página para se conectar a ela e receber atualizações do feed de notícias. Não há limite de pessoas para curtir uma página. **Comunicação:** pessoas que ajudam a gerenciar uma página podem compartilhar as publicações dessa página. As publicações da página podem aparecer no feed de notícias de quem curte a página. Os proprietários da página também podem criar aplicativos personalizados para ela e verificar as Informações da página para acompanhar sua evolução e atividade”. Facebook. (2016). O que diferencia as páginas dos grupos? Qual deles devo criar? [Central de Ajuda] Disponível em <https://www.facebook.com/help/155275634539412?sr=14&query=Who+can+subscribe+to+my+interest+list>.

<sup>8</sup> **“Privacidade:** além da configuração pública, há outras configurações de privacidade disponíveis para os grupos. Em grupos secretos ou fechados, as publicações ficam visíveis somente para os membros dos grupos. **Público-alvo:** é possível alterar a privacidade do grupo de forma a exigir que os novos membros sejam aprovados ou adicionados pelos administradores. Quando um grupo atinge certo limite, alguns recursos são limitados. Os grupos mais úteis tendem a ser os únicos criados com pequenos grupos de pessoas que você conhece. **Comunicação:** em grupos, os membros recebem notificações por padrão quando algum membro publica algo no grupo. Os membros dos grupos podem participar de bate-papos, carregar fotos para álbuns compartilhados, colaborar em documentos dos grupos e convidar os membros que são amigos para eventos dos grupos”. Facebook. (2016). O que diferencia as páginas dos grupos? Qual deles devo criar? [Central de Ajuda do Facebook] Disponível em <https://www.facebook.com/help/155275634539412?sr=14&query=Who+can+subscribe+to+my+interest+list>.

As páginas foram criadas pelo Facebook para facilitar o contato do público com marcas, artistas ou organizações de forma mais abrangentes que os perfis pessoais. Já os grupos são voltados para discussões privadas e — por definição — a um número mais restrito de pessoas. As páginas podem ser criadas e gerenciadas somente pelos representantes oficiais, e os nomes dos administradores são mantidos ocultos; com isso, pode ser gerenciada por várias pessoas, e todo o conteúdo do mural da página é publicado em nome dela mesma. Os grupos podem ser criados por qualquer pessoa, e os administradores são conhecidos e suas publicações são feitas no próprio nome.

Na Tabela 1 estão mencionados os *grupos virtuais do Facebook* com presença Guarani de que a pesquisadora também participava ou nos quais iniciou a participação e dos quais se utilizou para coleta de dados através do mapeamento de rede. Isto é, foram verificados os grupos nos quais existia uma participação significativa de Guarani.

Tabela 1

*Grupos selecionados do Facebook que são organizados e/ou com participação Guarani*

<b>Grupo</b>	<b>Título</b>	<b>Categoria</b>	<b>Publicações</b>	<b>Curtidas</b>
#1	América Latina Indignada	Comunidade	214	12
#2	Apoio à Questão Indígena no Brasil	Comunidade	209	98
#3	Demarcação de Terras Guarani no Oeste do Paraná Já	Comunidade	216	27
#4	Direitos Indígenas	Comunidade	215	65
#5	JIS (Jovens Indígenas do Sudeste)	Organização Comunitária	195	14
#6	Lei 11645/81 História Indígena	Educação	218	29
#7	Libro los Derechos de los Pueblos Originarios	Educação	219	302
#8	Licenciatura Intercultural Indígena	Educação	207	28
#9	Literatura dos Povos Indígenas	Educação	214	34
#10	Rede Cultura Digital Indígena	Cultura	211	48
#11	Somos Todos Índios e Defendemos a Causa	Comunidade	198	26

Na Tabela 2 estão descritas as *páginas virtuais do Facebook* com presença Guarani que foram utilizadas para coletas de dados. Também foram verificadas as páginas nos quais existia presença significativa de Guarani ou organizadas por eles.

Tabela 2

*Páginas selecionadas do Facebook que são organizadas e/ou com participação Guarani*

<b>Página</b>	<b>Título</b>	<b>Categoria</b>	<b>Publicações</b>	<b>Curtidas</b>
#1	Guarani reko Comissão Guarani	Comunidade	261	10531
#2	Yvyrupa	Organização política	86	9262
#3	Cultura Guaraní	Site educacional	75	3133
#4	Guaraní Online	Site sobre sociedade/cultura	159	2488
#5	Ciclo Reencuentros con Pueblos Originarios Dicionário Audiovisual	Organização comunitária	18	1648
#6	Guarani Yvy Rupa	Comunidade	11	1100
#7	OSCIP Guarany Associação Mboapy	ONG	46	656
#8	Pindó	Comunidade	7	563
#9	Tenonderã Ayvu	Comunidade	17	540
#10	Aty Guasú - Nación Guaraní Bs. As. Instituto TEKO	Comunidade	93	485
#11	GUARANI	Educação	22	394
#12	Tekoa Virtual Guarani	Mídia/notícias/publicidade	1	85

A netnografia, neologismo usado pelos pesquisadores norte-americanos Bishop, Star, Neumann, Ignacio, Sandusky & Schatz (1995) é ainda utilizada por Kozinets, que reforça a necessidade da combinação profunda entre “participação e observação cultural com relação às comunidades pesquisadas, pois o pesquisador deve ser reconhecido como um membro da cultura, um elemento importante do trabalho de campo” (Montardo & Passerino, 2006, p. 5).

Consideramos que, neste estudo, exigiu-se profundo mergulho da pesquisadora na rede virtual através da observação e da participação, bem como

a articulação contínua junto aos participantes, para compreensão do contexto, acompanhamento das relações virtuais e negociações diversas para a realização das entrevistas.

## **2.1 Instrumentos e procedimentos**

O ciberespaço caracteriza-se pelo ambiente da rede virtual com mídias sociais como os blogues, páginas, sites, redes de relacionamentos como Facebook, Twitter e Youtube, dentre outros. Pieniz (2009, para. 7) define o ciberespaço como

[...] uma forma de representação do eu, como espaço de reafirmações ou reconfigurações identitárias, como palco de expressão da diversidade, como ícone da globalização, como território virtual que desterritorializa e reterritorializa culturas locais, como espaço de ciberativismo e difusão de ideias de minorias. Enfim, como novo espaço de sociabilidade humana.

Para alcançar nossos objetivos, utilizamos os seguintes instrumentos e procedimentos: pesquisa bibliográfica, cartografia de rede social, observação participante, entrevista e trabalho de campo. Por pesquisa bibliográfica, entendemos o estudo de pesquisas relevantes sobre a temática, bem como sua sistematização, são encontrados neste trabalho na Introdução, no item sobre a contextualização do campo de estudo. Já por trabalho de campo, as visitas realizadas em comunidades do Brasil, do Paraguai e da Argentina, descritas no Capítulo III.

### 2.1.1 Cartografia de redes

Baseada na teoria ator-rede, a cartografia é um instrumento para seguir a dinâmica dos atores nas redes e dar visibilidade aos processos de conexões, através “de um quadro controvertido que se procura traçar e tem por foco permitir a emergência de argumentos diversos, dar voz a actantes múltiplos que se entrelaçam, se imbricam” nesse contexto (Nobre & Pedro, 2010, p. 55).

Por meio da cartografia, mapearam-se as principais mídias sociais virtuais utilizadas pelo povo Guarani e as redes que se formam a partir destas conexões: as redes de relações, de cooperação e as que irão se imbricar e ser categorizadas no processo. Conforme mencionado, verificou-se que todos os participantes do estudo utilizam principalmente a rede social Facebook. Também apresentamos os grupos e páginas do Facebook que foram pontos de partida para imersão no contexto virtual e para coleta de dados.

Após imersão no contexto virtual e seu mapeamento, prosseguimos com as etapas de extração, processamento e visualização, com o apoio de software (Gephi 0.8.2)<sup>9</sup> e de programas (Netvizz<sup>10</sup> e Wordle<sup>11</sup>) para compreensão da abrangência das redes, palavras recorrentes e temáticas abordadas, bem como para acompanhar a atuação dos atores nas redes.

Outros meios virtuais (blogues, sites e Youtube) foram utilizados para consulta e como complemento às informações veiculadas na rede Facebook.

---

<sup>9</sup> Para conhecer mais do software, acessar: <<https://gephi.org/>> e Bastian, M et al (2009), Gephi : An Open Source Software for Exploring and Manipulating Networks. *AAAI Publications, Third International AAAI Conference on Weblogs and Social Media*, retrieved 2011-11-22. Disponível em <http://www.aaai.org/ocs/index.php/ICWSM/09/paper/view/154/1009>

<sup>10</sup> Para conhecer mais do programa, acessar: <<https://apps.facebook.com/netvizz/>> e <<https://webcampus.unamur.be/claroline/backends/download.php?url=L3N5bGxhYnVzL0JlYWdlcGhpLnBkZg%3D%3D&cidReset=true&cidReq=IHDCB321>>

<sup>11</sup> Para conhecer mais do programa, acessar: <http://www.wordle.net/> e <<http://www.rtsd.org/cms/lib9/PA01000218/Centricity/Domain/355/Wordle.pdf>>

### **2.1.2 Observação participante**

A etnografia utiliza-se da observação participante como instrumento, sendo que em situações de campo a presença face a face é fundamental. Na etnografia virtual, entendemos ser possível ficar invisível (o que é denominado *lurking*). No entanto, conforme Kozinets (2002), isso não seria eticamente correto, mesmo que esse tipo de participação estivesse implícito. Portanto, a participação no grupo é necessária para compreensão da população estudada e para a elaboração de uma descrição densa que exige a codificação dos significados compartilhados por seus membros e da rede de significação em questão (Pieniz, 2009).

Para tanto, optamos por realizar a observação participante nos grupos das redes sociais com solicitação da anuência aos membros e comunicando sobre o estudo. Em anexo, segue o convite aos grupos e tabela com a anuência expressada (Apêndice A).

Como na cartografia, utilizamo-nos de grupos e páginas como ponto de partida para imersão neste contexto dos Guarani nas mídias sociais. Também utilizamos o acompanhamento da dinâmica dos participantes entrevistados em suas *timelines* do perfil, nos grupos e páginas.

### **2.1.3 Entrevistas**

As entrevistas foram realizadas com coordenadores de associações, instituições e grupos existentes na rede virtual que pertencem ao povo Guarani da América Latina, como a Comissão Guarani Yvyrupa (CGY), a Associação Indígena Guarani Mboapy Pindó, a Aty Guasú — Nación Guaraní Bs. As., Aty Guasu, o Ciclo Reencuentros con Pueblos Originarios e também com Guarani

participante das redes sociais ou que utiliza frequentemente as mídias virtuais. Neste estudo, foram 16 participantes selecionados e foi realizada uma entrevista por colaborador, sendo dois participantes da Argentina, um da Bolívia, um do Paraguai e 12 do Brasil (dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Mato Grosso do Sul). Os participantes das entrevistas também são membros das páginas e grupos do Facebook estudados, sendo possível a visualização e discussão dessa correlação (Figura 15) no Capítulo IV.

Optou-se pela entrevista semiestruturada, que proporciona abertura para inclusão de outras questões ou temas diante da necessidade e da flexibilidade ao colaborador para responder as questões. A entrevista contou com roteiro de orientação temática em português e espanhol (Apêndice B) sobre os eixos pertinentes ao estudo. Os convites das entrevistas foram realizados virtualmente por meio de *mensagem eletrônica* (e-mail) e, principalmente, pelo *inbox* do Facebook. Os colaboradores receberam o convite da pesquisadora com termo de consentimento (Apêndice C), que foi assinado ou teve anuência virtualmente.

As entrevistas foram realizadas: duas via e-mail, duas via ligação de Skype, com gravação em áudio, e as outras 12 presencialmente, com uso de gravador.

Os participantes do estudo entrevistados seguem os seguintes critérios: são Guarani, e concordaram em ser colaboradores da pesquisa e com o termo de consentimento. Os critérios de inclusão foram: coordenar associações, instituições e grupos existentes na rede virtual; e/ou Guarani que participe das redes sociais ou utilize frequentemente as mídias virtuais. Utilizamos o procedimento de “bola de neve”<sup>12</sup> para a escolha dos participantes e iniciamos por Guarani com atuação na rede vinculado a algum grupo Guarani.

---

<sup>12</sup> Seleção tipo “bola de neve”, na qual um participante indica outros, e assim por diante. Ver Seidman, 1998; Weiss, 1994. Seidman, I. (1998). Interviewing as qualitative research: A guide for researchers in education

O processo de mapeamento dos possíveis participantes foi realizado inicialmente na rede de amigos do Facebook da pesquisadora, sendo escolhidos os Guarani que apresentavam frequência na rede social (Marcelo Guarani Wera Djekupe, Alberto Alvares, Kerexu Mirim Patrícia, Mauro Luiz Carvalho e Marcos Tupã Mbya). Marcelo Guarani Wera Djekupe, presidente da Associação Indígena Guarani Mboapy Pindó, foi um dos primeiros a aceitar o convite, em uma das visitas realizadas à aldeia Três Palmeiras, no Espírito Santo. Na comunidade de Boa Esperança, foram convidados Keretxu Vanda, membro da Comissão Guarani Yvyrupa e do grupo jovem Guarani em ação e que está presente em vários grupos do Facebook, e Wera Kwaray, liderança dessa comunidade e membro da Comissão Guarani Yvyrupa. Diante da disponibilidade, Keretxu Vanda foi a primeira a ser entrevistada em sua comunidade, no Espírito Santo; no entanto, ela condicionava sua autorização à do cacique Wera Kwaray. Por essa razão, houve um primeiro encontro com ele, quando foram discutidos a pesquisa, o roteiro de entrevista e os possíveis benefícios com os resultados do estudo. Como eu e o próprio participante não estaríamos no estado naquele mês, agendamos para o mês seguinte a entrevista, e, nesse período, Wera Kwaray ficou de avaliar o termo de ética, com os objetivos do estudo e decidir sobre sua participação.

A negociação e o convite com os participantes da Argentina, Dario Juarez, membro da Aty Guasú — Nación Guaraní Bs. As., e Ramón Villar Brizuela, membro do Ciclo Reencuentros con Pueblos Originários e Aty Guasú — Nación Guaraní Bs. As., foram realizados durante minha estadia naquele país, e ambos aceitaram participar. No entanto, a entrevista com Dario Juarez ocorreu dois

meses depois, por e-mail; com Ramón Villar Brizuela, cinco meses depois, via áudio do Skype. Ramón Villar Brizuela indicou para participar do estudo o boliviano Celso Padilla Mercado, presidente do Consejo Continental de la Nación Guaraní, que foi entrevistado um mês depois, via ligação telefônica do Skype, com gravação do áudio. Em viagem a São Paulo, em janeiro de 2015, Marcos Tupã Mbya, coordenador nacional da Comissão Guarani Yvyrupa, foi convidado via Facebook, e, na mesma semana, realizamos a entrevista na aldeia Boa Vista, em Ubatuba (SP).

Retornando ao Espírito Santo, foi possível realizar presencialmente, em suas respectivas comunidades, as entrevistas com Marcelo Guarani Wera Djekupe e Wera Kwaray. Em outra viagem a São Paulo, pude entrevistar Dirceu G. Vilharve, ex-secretário da Comissão Guarani Yvyrupa, e Werá Alexandre, cineasta da Comissão Guarani Yvyrupa; eles haviam sido convidados pelo Facebook e aceitaram fazer a entrevista online; entretanto, houve várias tentativas frustradas, e ambos preferiram que fosse presencialmente, sendo Werá Alexandre entrevistado em seu local de trabalho, no bairro Vila Madalena, em São Paulo (SP), e Dirceu G. Vilharve, em sua aldeia Tenondé Porã, no bairro de Parelheiros, também em São Paulo (SP). Após a entrevista, Dirceu G. Vilharve sugeriu que Claudia Gonçalves também participasse do estudo; esta prontamente aceitou, e, naquele mesmo dia, realizamos sua entrevista.

Em viagem ao Rio de Janeiro, encontrei Alberto Alvares, cineasta, que também havia sido convidado anteriormente pelo Facebook, mas tinha acabado de chegar de uma viagem e não estava em condições de participar. Agendamos novo encontro para o mês seguinte, ali mesmo em Niterói (RJ). Nesta mesma viagem, consegui encontrar Sandra Benites, participante do movimento aldeia

Maracanã, que estava expondo seu artesanato no Parque Lage, na cidade do Rio de Janeiro. Realizamos a entrevista no mesmo dia — havíamos conversado muito antes do encontro pelo Facebook e por Whatsapp.

De volta ao Espírito Santo, em uma visita a aldeia Três Palmeiras, Kerexu Mirim Patrícia, ex-jovem comunicadora da Comissão Guarani Yvyrupa, foi entrevistada e indicou seu primo Maynõ Guarani, membro da Associação Indígena Guarani Mboapy Pindó. No mesmo dia, realizamos a entrevista com ele. De volta a Niterói, entrevistamos Alberto Alvares, após assistir sua aula sobre a linguagem guarani.

Na abertura do curso de Licenciatura Intercultural Indígena, da Universidade Federal do Espírito Santo, em Aracruz, conhecemos Tónico Benites, membro da Aty Guasu - Assembleia Guarani Kaiowá, que prontamente aceitou participar do estudo e ser entrevistado. Foi-lhe perguntado se indicaria algum Guarani do Paraguai; no entanto, disse que não conhecia nenhum. Nessas condições, foram Ramón Villar Brizuela e Celso Padilla Mercado que propuseram participantes do Paraguai. A participante Yvoty Potyjera, professora, foi indicada por Ramón Villar Brizuela. Sua entrevista foi enviada por e-mail, e prontamente respondeu-nos as questões. Também houve contatos com Yvoty Potyjera pelo bate-papo do Facebook.

Kozinets (2002) ressalta as vantagens das entrevistas netnográficas, principalmente porque é como se já fossem transcritas. No entanto, também observa as limitações causadas pela falta de acesso a comunicação não verbal dos entrevistados. Com isso, sugere o uso de instrumentos de comunicação que “permitam a transmissão de áudio e vídeo como os atuais comunicadores instantâneos e *Audiologs* e *VideoLogs*” (Montardo & Passerino, 2006, p. 6).

Foi possível averiguar que a maioria dos participantes não estava preparada para um diálogo mais complexo, via o meio virtual, seja por conversas por escrito, seja por áudio e vídeo. O fator determinante que dificultou a coleta especificamente online foi o uso estrito do celular para acessar as redes sociais virtuais, além do fato de que a maioria dos participantes tinham modelos de celulares que não comportam recursos de vídeo ou áudio para entrevistas, muito menos de acesso ao arquivo da entrevista e de resposta por escrito. Com isso, sugerimos que uma das razões que impossibilitou a coleta virtual foi o não manejo das ferramentas e dos recursos tecnológicos oferecidos para o meio virtual, embora mesmo os mais jovens, que dominam tais recursos, não quisessem utilizá-los. Também apontamos outras questões, como as relacionais e de tradição oral da cultura Guarani.

Assim, para a realização das entrevistas deste estudo, foram necessários muitos contatos e negociações virtuais com os participantes e, na maioria dos casos, o contato presencial, demandando o deslocamento da pesquisadora e limitando o espectro de participantes. O foco esteve principalmente nas redes de contato da pesquisadora em São Paulo e no Espírito Santo. As perguntas sobre a compreensão de cooperação, sobre os projetos de etnodesenvolvimento tiveram que ser reformuladas diversas vezes para compreensão do entrevistado, bem como sugerir sinônimos, apresentar a conceituação do termo ou sugerir que o entrevistado fizesse a tradução para o guarani e pudesse responder em sua língua até a organização final da ideia. Avaliamos, pois, que o instrumento de coleta escolhido apresentou limitações e teve de ser readaptado para corresponder às demandas e responder aos objetivos do estudo.

Após a realização das transcrições, as entrevistas foram enviadas aos participantes para exame e autorização do texto final, bem como a escolha do nome para que fosse escrito na pesquisa. Obtivemos o retorno de 14 dos participantes sobre a escolha do nome, sendo que alguns optaram por manter o nome em guarani, outros em português, ou composto guarani-português, ou ainda, da forma como está no Facebook. A maioria dos participantes realizou alguma consideração sobre sua entrevista, bem como auxiliou na escrita de palavras em guarani e na compreensão da língua. As palavras escritas em guarani neste trabalho, quando em citação foi mantida a forma original, já as no corpo do texto ou nos relatos foram sugeridas por alguns dos entrevistados, principalmente os professores Guarani. Dessa forma, não foi eleita uma única forma de escrita guarani, ou de algum subgrupo em específico.

## **2.2 Análise de dados**

A análise de dados das entrevistas, do material coletado na rede Facebook, da observação e do diário de campo foi feita por categorização temática em *eixos*, como: a organização do povo Guarani da América Latina em rede; relações interculturais em meio virtual; apropriação e uso da rede virtual; povo Guarani em rede virtual e organização política, e cultura, história, e projetos de etnodesenvolvimento; e tipos e níveis de cooperação.

Kozinets (2002) sugere a “utilização de categorias para qualificar o comportamento dos participantes das comunidades”, pois, “na medida em que a netnografia é baseada na análise de discursos textuais”, o uso de categorias facilita a compreensão dos movimentos na rede. Retoma Ludwig Wittgenstein para justificar que “um texto é uma ação social (um ato comunicativo ou um “jogo

de linguagem”)” (Kozinets, 2002, como citado em Montardo & Passerino, 2006, p. 7).

Para tratamento dos dados virtuais e análise, foram utilizados, como já citados, o software Gephi 0.8.2 (que realiza análise de redes dinâmicas, criação de cartografias, analisa dados através da coleta pelo aplicativo do Facebook, o Netvizz) e o programa Wordle (gera “nuvens de palavras” do texto fornecido, com destaque para as palavras que aparecem com mais frequência no texto-fonte, e pode ajustar nuvens com diferentes fontes, layouts e esquemas de cores), bem como recursos do software Excel, na confecção de tabelas e gráficos.

Outro apoio para a análise do material coletado e produzido foi da TAR, que prevê que, “Temos, sim, um circuito de mediadores que, de tradução em tradução, tece a realidade. A análise das redes precisa, sim, tentar descrever tais mediações” (Nobre & Pedro, 2010, p. 51).

Latour (2012) propõe em sua teoria a sociologia das “associações”, em que se permite entender o “social” como algo composto por agregados em contínua associação, interligados a diversas questões e áreas de conhecimento, necessitando-se, para a compreensão deste “social”, não dissociar as correlações. Por isso, na análise de dados, partiremos do pressuposto de que o interessante é analisar as associações que os atores realizam em suas movimentações e escolhas na rede, não os grupos já predeterminados, mas como estes grupos se organizam a partir de situações ou fatos.

Compartilhando as relações mediadas na tessitura virtual, à luz da TAR, construímos entendimentos sobre as relações interpessoais, interculturais e de construção de redes de cooperação entre os Guarani, tecidos tramados por falas de solidariedade, de medo, de esperança e de luta.

## 2.3 Cuidados éticos

O ciberespaço traz novas questões quanto à ética. Montardo e Passerino (2006, p. 7) sugerem que devam ser negociados: 1) privacidade; 2) confidencialidade; 3) apropriação de outras histórias pessoais; e 4) consentimento informado.

A coleta de dados ocorreu em rede aberta, nos ciberespaço, em páginas abertas e grupos abertos e fechados da rede de relacionamentos Facebook, via e-mail e Skype. As pessoas dos grupos foram convidadas a participar desta investigação e foram esclarecidas em relação ao projeto de pesquisa seguindo as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo. O convite foi realizado antes de se iniciar a coleta.

Aos participantes que aceitaram o convite para entrevista, foi solicitada anuência individual ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), ressaltando sua liberdade de escolha em participar ou não da pesquisa, sem que isso acarrete prejuízo na relação com o pesquisador.

Aos participantes foi solicitada permissão para o uso do registro em áudio e/ou gravação online das entrevistas. Todas as informações coletadas foram disponibilizadas pela pesquisadora aos participantes, bem como a escolha de qual nome gostariam que fosse citado no trabalho.

As entrevistas em áudio, gravação online do bate-papo, *print screen* das conversas *inbox*, das páginas e grupos foram objetos de análise para obtenção de informações e apoio da observação. Este material será utilizado para fins didáticos e em reuniões científicas, mediante consentimento explícito do colaborador e/ou responsável. É importante ressaltar que serão salvaguardados a

confidencialidade, o sigilo e a privacidade dos dados coletados com os colaboradores.

A colaboração foi voluntária, podendo a pessoa retirar-se da colaboração a qualquer momento do processo, sem ônus ou constrangimentos. Avaliamos como possíveis desconfortos aqueles relativos a uma entrevista: timidez do entrevistado ou incômodo com o tema abordado, situações que podem ser vencidas por meio de uma atitude compreensiva do entrevistador; incômodo frente ao computador, o que também pode ser superado no diálogo com o pesquisador e acordo quanto ao uso do áudio, que será utilizado somente mediante consentimento do entrevistado.

Seguindo os procedimentos éticos citados e pela característica da metodologia de coleta de dados, acreditamos que esta pesquisa ofereceu risco mínimo aos colaboradores.

A pesquisadora acredita que o percurso construído através da realização de outros projetos nas aldeias, tanto de Aracruz (ES), quanto de Ubatuba (SP), bem como o envolvimento com as questões indígenas favoreceram a coleta de dados e sua autorização nos espaços virtuais, pois a relação mútua de respeito já fora estabelecida entre a pesquisadora e algumas comunidades Guarani.

### III. O POVO GUARANI DA AMÉRICA LATINA: TESSITURAS DO TERRITÓRIO EM REDE – DO *OGUATA PORÃ* À REDE VIRTUAL

---

O território Guarani da América Latina apresenta-se como uma grande rede tecida por movimentos, andanças, boa caminhada (*oguata porã*), fugas, buscas, necessidades e desejos deste povo. Os Guarani representam uma das maiores populações indígenas encontradas no Brasil. Segundo o IBGE (2010), no censo demográfico, encontrou-se autodeclarados mais de 67 mil Guarani no Brasil, sendo destes mais de 43 mil do subgrupo Guarani-Kaiowá, só sendo superado em número pela etnia Tikuna, com mais 46 mil. Para Brand, Colman & Machado (2008), são em torno de 225 mil Guarani na América Latina, segundo informações da Campanha Guarani do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), sendo que residem na Bolívia cerca de 150 mil índios, dos quais 80 mil na região sudoeste, em Santa Cruz e parte do Chaco. Cerca de 53.500 estariam no Paraguai, residindo em regiões próximas às divisas com o Brasil e a Argentina. E somariam cerca de 42 mil índios Guarani residentes na Argentina (8 mil Mbya e os demais Ava-Guarani, nas fronteiras com a Bolívia).

Atualmente, os Guarani vivem no Brasil, em dezenas de aldeias espalhadas por inúmeros municípios, localizados em dez estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Mato Grosso, Pará, Tocantins e Maranhão. No Brasil, são divididos em subgrupos, os Guarani-Nhandeva, os Guarani-Kaiowá e os Guarani-Mbyá, que apresentam diferenças linguísticas, nas práticas rituais, nos costumes, na organização política e religiosa (ISA, 2003).

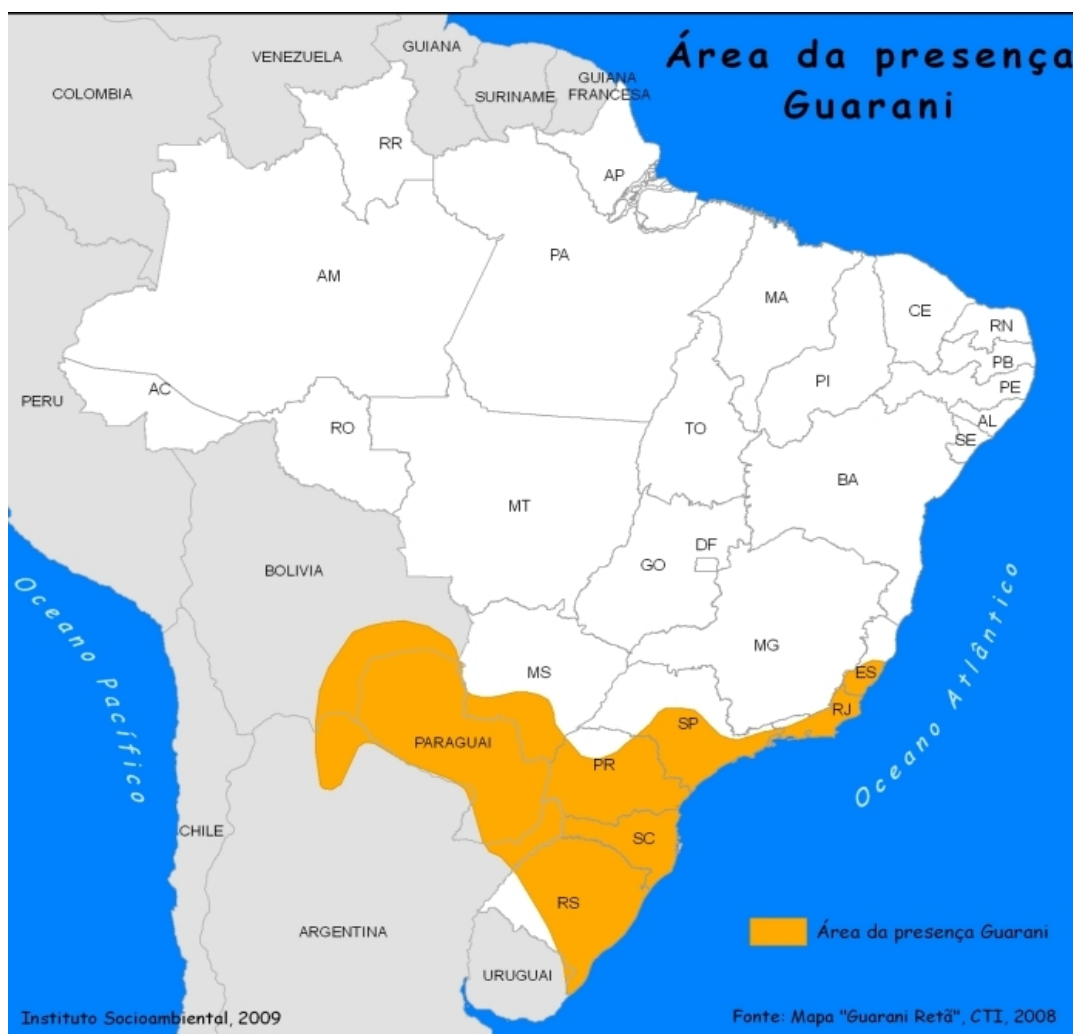
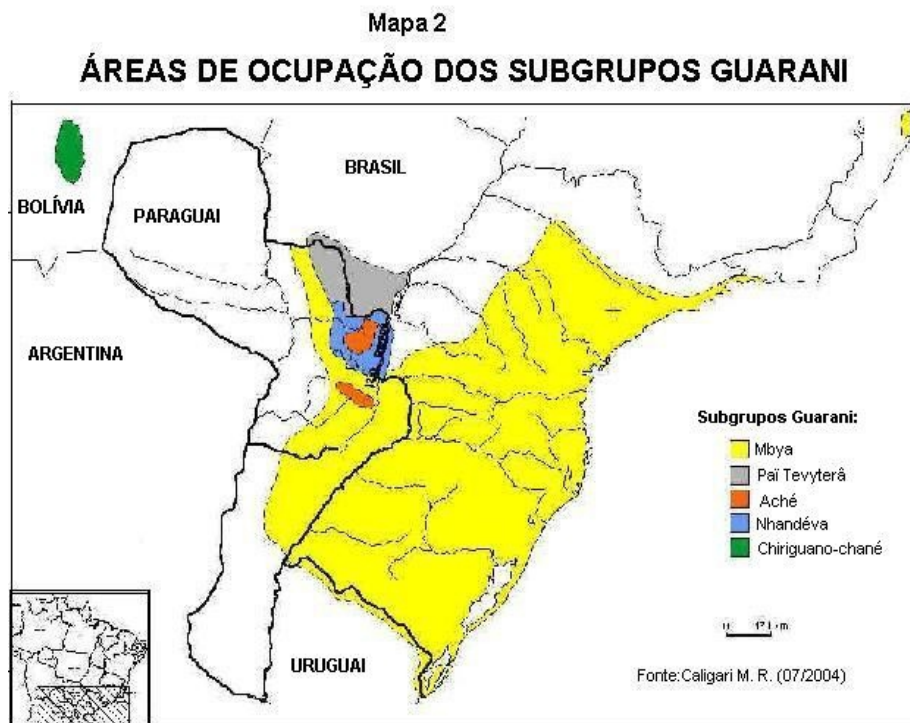


Figura 1. Mapa de localização do povo Guarani na América Latina. Retirado em 30 agosto, 2015, de <http://pibmirim.socioambiental.org/terras-indigenas>.

Ainda sobre os subgrupos Guarani, podemos distingui-los por territórios, embora estes circulem pelo grande território de presença Guarani na América Latina: os *Guarani-Mbyá*, da região da bacia platina aos litorais sul e sudeste do Brasil; os *Guarani-Nhandeva*, também conhecidos como *Chiripá*, *Ava Guarani*, *Ava Katueté*, da região do médio Paraná, entre o Brasil e o Paraguai; os *Guarani-Kaiowá*, ou *Paĩ Tevyterã*, da região do sul do Mato Grosso do Sul e leste do

Paraguai; os *Chiriguano-Chané*, da região sudeste da Bolívia, e os *Aché-Guayaki* ou *Guayaki*, do Paraguai (Silva, 2007).



*Figura 2.* Mapa de localização dos sub-grupos Guarani na América Latina. Retirado de “*Folhas ao vento: a micromobilidade de grupos Mbya e Nhandéva (Guarani) na Tríplice Fronteira*”, de E. M. Silva, 2007, Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ. p.41.

Mostram-se de difícil caracterização e localização os distintos subgrupos e suas autodenominações, dado que muitos destes nomes foram sendo distribuídos ao longo do processo histórico nos encontros interculturais, bem como por estudiosos desses povos, e por ora distintos também dos nomes dados pelos próprios grupos, em suas autodeclarações. Com isso, optamos por trabalhar, neste estudo, com a denominação povo Guarani da América Latina, incluindo

todos os subgrupos Guarani, sem distinções, compreendendo que estão conectados territorialmente, etnicamente e, atualmente, politicamente. Em alguns momentos, faremos destaques do subgrupo, no sentido de dar ênfase ou diferenciar práticas, costumes, organização e ideias.

[...] quando teve um encontro lá no Paraguai, lá em Jaguatí, a gente teve encontro do povo Guarani, sempre colocou que tem [...] Aquela rede de comércio entre Paraguai, Brasil [...] Mercosul. Então, a gente tentou colocar de uma forma de ter uma rede, porque para nós nunca teve fronteira. Então a gente queria ter, nós até discutimos isso, para gente ter sempre, mantém o contato com o povo Guarani aqui e lá no Paraguai, Argentina e Bolívia [...] nós vamos continuar lutando e discutindo isso [...] o Lula apoiou, ajudou a gente, através do Ministério da Cultura, o próprio Presidente do Paraguai também teve lá no encontro, teve um vice-presidente do Evo Morales também, então, a gente discutiu junto para ver de que forma, de que jeito os governantes vê isso para ter um encontro, para não ter uma barreira para nós, porque nunca teve barreira, porque essas fronteiras foram criadas pelos *jurua* não foi por Deus, não é Deus que disse assim "Ah, daqui para lá é Paraguai, daqui para lá é Argentina, daqui para lá é Brasil", não foi Deus que falou isso. Então, para nós nunca teve fronteira e continua não tendo, a gente sempre entendeu que para nós nunca vai existir fronteiras, somente pode existir uma fronteira se Deus dizer isso para nós, para os nossos *xeramoí* [...] *xejari* que é a minha avó, ela sempre dizia que a fronteira a gente poderia reconhecer só o mar, a água de sal que fazia a fronteira, isso que a minha avó dizia, por isso que para nós até hoje não existe fronteira (Wera Kwaray).

Em 1986, E. Viveiros de Castro considerava os Guarani do sul do Brasil e do Paraguai quase como uma província separada dentro do campo dos Tupi-Guarani, devido às particularidades da situação histórica e geográfica, às características culturais e ao estilo dominante da etnologia ali praticada. O autor comentava o vasto e rico material produzido sobre os Guarani, lamentando a restrição a temas como mitos e cantos sagrados, sem aprofundamento em aspectos da morfologia e estrutura social (Viveiros de Castro, 1986).

A produção sobre os Guarani colocou questões instigantes e fundamentais, como o problema do lugar da vida religiosa na reprodução social e as razões e formas da extraordinária resistência apresentada face à civilização europeia e, posteriormente, à sociedade e aos Estados brasileiro, paraguaio, boliviano, argentino.

Estudos sobre os Guarani, como os de M. I. Ladeira (1989; Ladeira & Tupã, 2004), mostram que o modo de vida Guarani é organizado em rede, com trocas, migrações e articulações políticas, sociais e econômicas. Para os Guarani:

(...) está implícita uma dinâmica (política, social, religiosa e econômica), entre os vários agrupamentos, essencial à reprodução de seu mundo, onde se desenvolvem relações diversas que não se coadunam com os critérios de delimitação de terras indígenas empregados pelos órgãos oficiais (Ladeira, 1989, p. 60).

Nessa perspectiva, Teao (2015) analisa a construção do território Guarani como físico e imaginado.

O território é físico, porque os Guarani Mbya buscam áreas próprias para a sua sobrevivência em aldeias localizadas nas regiões com presença de Mata Atlântica e localizadas próximas ao mar. Essas aldeias são escolhidas por

elementos mítico religiosos expressos por meio de sonhos e revelações interpretados pelas lideranças tradicionais indígenas Guarani. O território Guarani Mbya é imaginado, pois esse povo indígena compartilha o sentimento de comunhão étnica com outros Guarani do país nos espaços possíveis que são apropriados por eles, tais como as aldeias, os museus, as escolas, as universidades. Esses espaços são apropriados como pertencentes ao povo Guarani e eles reelaboram suas identidades coletivas e suas histórias. Os deslocamentos entre as aldeias e esses espaços permite o intercâmbio entre eles, por meio das visitas, dos rituais, das trocas de sementes, dos casamentos, das alianças políticas. Os deslocamentos agem como elementos que propiciam o compartilhamento do sentimento étnico, da reconfiguração do território Guarani físico e imaginado (Teao, 2015, p. 26).

Na dinâmica do modo de vida Guarani, Pissolato (2006) discute os caminhos e o caminhar que vão definindo o ser Guarani e designando mobilidades, sociabilidades e a pessoa. Sobre a mobilidade de subgrupos Guarani e particularmente entre populações mbyá, a autora comenta que, na bibliografia etnohistórica e etnológica sobre os Guarani, este fenômeno foi percebido através de uma articulação estreita entre movimentos territoriais e religião, como a associação direta ao mito da busca da “terra sem males” (*yvymarãe’y*).

[...] ao mito da “busca da *terra sem mal*”, que se constituiu tema clássico para os estudiosos dos Guarani desde a publicação das *Lendas da Criação e Destruição do Mundo como fundamentos da Religião dos Apapocúva-Guarani* de Nimuendaju ([1914]1987), ou na abordagem contemporânea do *teko* (ou da “busca de *teko*”), tomado frequentemente como “modo de ser”

com orientação profundamente religiosa. A questão da natureza autóctone da “religião” seja na análise do profetismo nas migrações históricas tupi-guarani (Métraux 1927, H.Clastres [1975]1978), seja na abordagem de diversos aspectos da “cultura Guarani” (Schaden [1954]1962) ou na investigação de uma concepção de pessoa e de humanidade (H. Clastres, ob. cit.) assumiria um lugar central na produção etnológica sobre grupos Guarani, para o que muito contribuiu o texto de Nimuendaju, com os fundamentos mitológicos e escatológicos que são aí apresentados. Particularmente a defesa de uma religiosidade, digamos, autenticamente Guarani, ganha espaço na discussão do tema das migrações, sejam as dos primeiros séculos da conquista, sejam as que passam a ser descritas a partir do início do século XX. São fundamentalmente mitos nativos e uma religiosidade voltada para o “além”, orientada pelo que se pode conquistar para além desta vida, que estariam, conforme a maior parte das interpretações, na base dos movimentos de deslocamento realizados pelos Guarani, especialmente aqueles em direção ao Atlântico (Pissolato, 2006, pp. 79-80).

Na relação entre mobilidade e sociabilidade, Pissolato (2006) discorre sobre as contribuições de Meliá (1991) na compreensão do significado de *teko* como a “identidade Guarani singular”, ampliando o termo traduzido como “modo de ser”, à luz do significado atribuído por Montoya (1876), para “ser, estado de vida, condição, estar, costume, lei, hábito” (Pissolato, 2006, p. 88). Meliá ainda influenciou a abrangência ao termo *teko* como “os ‘modos’ de reciprocidade social, de formas econômicas, o ‘modo religioso’” (Pissolato, 2006, p. 88). Em tal significado, também estaria implicada “uma dimensão concreta de espacialidade”.

Já o *tekoa*, traduzido como “lugar de realização do ‘modo de ser’”, sugere “uma conotação espacial forte, que aparece associada à noção de ‘tradicional’ implicada na definição frequente de *teko*” (Pissolato, 2006, p. 88).

“Mobilidade” é, assim, uma palavra nova. Antes dos brancos chegarem, não existiam municípios, nem estados ou países. E, em todos esses lugares se encontravam aldeias Guarani e eles andavam à vontade (sem ninguém dizer nada), porque estavam no seu território, no seu próprio mundo. Da mesma forma, nos dias de hoje, uma pessoa (Guarani) pode estar em Florianópolis e depois de alguns dias em São Paulo ou Paraná, e pode-se dizer que está no mesmo lugar, num só território. Só que isso não é compreendido pelos brancos (Ladeira & Tupã, 2004, p. 59).

Para o desenvolvimento deste complexo sistema de “modos” de estar e ser, a relação entre o *teko* e as formas atuais de negociação, como na garantia de terras, é assim descrita:

Na experiência das populações Guarani contemporâneas, em que este problema torna-se premente, envolvendo negociações constantes com instâncias diversas de representação “do *jurua*”, o *teko*, ou, como se ouve muitas vezes, o *nhandereko* (literalmente “nosso [inclusivo] ‘modo de ser’”) tende geralmente a opor-se ao “sistema do *jurua*” e o *tekoa* torna-se um modo usual de referência à “aldeia”, isto é, determinada área de ocupação entendida como dotada das condições fundamentais à reprodução do *teko*. [...] Particularmente, como foi dito acima, uma identidade que se constrói como *nhandereko*, contrastiva com um modo “do branco”. Esta afirmação de uma “cultura Guarani” através do enfoque da mobilidade mbya aparece como um marco na bibliografia das últimas décadas. Sempre vinculado ao

mito, o *ethos* religioso-migrante, nos trabalhos mais recentes tende a receber um tratamento ampliado. Não é mais ou apenas o mito da *terra sem mal* que faz com que se caminhe, como já foi observado, mas um *ethos* caminhante que estaria dado desde o início, pelos criadores dos humanos (Guarani) na Terra, que os orientaria a caminhar e reproduzir um “verdadeiro” modo de vida. Este compreende a prática de cultivar e “espalhar” sementes, um modo apropriado de convivência e uma “espiritualidade Guarani”, aspectos que aparecem, em conjunto ou não, desenvolvidos nos trabalhos de Chamorro (1995 e 1998), Garlet (1997), Ladeira (1992, 2001), Ciccarone (2001), Mello (2001), entre outros (Pissolato, 2006, pp. 89-90).

Na relação entre grupo e pessoa, Pissolato destaca as relações sociais.

Destaca ainda os elementos que compõem tais relações.

Por outro lado, é preciso notar que os mesmos temas que conformam o *grupo* são os da *vida cotidiana dos indivíduos*, mesmo daqueles mais distantes de qualquer lugar de autoridade que se faça valer entre outros. Assim, o sonho e a inspiração que pode vir nele, os atributos de cada pessoa, com seus modos de falar, sua capacidade de tratar parente (ver e/ou interferir sobre processos envolvendo alguém que está junto de si), as opções que se faz efetivamente nos contextos diversos que a vida põe, o que inclui, de um modo particular, a busca por lugares (Pissolato, 2006, p. 104).

Pissolato (2006) ainda destaca que Ladeira (2001), em sua tese, discorre sobre o modo de ocupação e o uso ambiental contidos no *teko* Guarani, as redes de sociabilidade e os deslocamentos presente nesta relação.

Tanto que o “modo de ser”, que compreende tanto uma orientação para as relações humanas ou a “reciprocidade” (trocas recíprocas entre famílias Guarani) quanto para o relacionamento dos humanos com o ambiente, teria no movimento, isto é, no “mover, cuidar do território” (2001: 223) o elemento-chave de sua definição. Mover-se na terra relaciona-se à compreensão sobre seus ritmos cíclicos, à necessidade de pôr em funcionamento a rede de sociabilidade mbya e ao cumprimento de uma orientação religiosa: a de fazer perdurar e estender (espalhar) na terra este “modo de vida ‘verdadeiro’”, legado das divindades aos (“verdadeiramente”) humanos, os Guarani (Pissolato, 2006, p. 91).

A perspectiva de transformação é apresentada por Silva (2007), quando retrata a questão da mobilidade Guarani relacionada ao deslocamento espacial como a experiência concreta da condição humana e necessidade vital para a manutenção da cultura. Em sua experiência de campo, este autor relata:

Deslocar-me com *Mbya* e *Nhandéva* possibilitou-me rever estes pressupostos. Meus dados apontam que o espaço fora das aldeias é também um espaço social importante e, por que não dizer, de “positividade”. Os grupos que acompanhei em deslocamento compartilhavam entre si os alimentos, se cotizavam para conseguir dinheiro para o transporte, dividiam entre si os agasalhos de frio, a comida, os cigarros, as bebidas — atitudes que, a meu ver, nos termos Meliá, são de reciprocidade. [...] Dentro desta perspectiva, quando os *Mbya* e os *Nhandéva* se deslocam não estão indo de um ponto a outro. Não há um ponto de partida e outro de chegada. Eles permanecem em mobilidade absoluta (Silva, 2007, p. 27).

Todavía, os territórios de propriedades privadas e as disputas após a colonização da América tornaram esse tipo de prática da mobilidade cada vez mais incompreensível e de difícil manutenção. Os Guarani passam a se organizar nos interiores dos aldeamentos, não surpreendendo mais profissionais da saúde, da educação e do censo demográfico a variação constante no número da população local.

[...] que es la reconstitución territorial; Es trabajar la recuperación de la tierra que ha sido estropiado nuestros antepasados por manos de los que, extraños de los da teniente, de los de madera, de los asentados históricamente, entonces nuestra política es reivindicarnos en las cuestiones territoriales, eso se hace en los cuatro (4) países. En lo secundo también o que es trabajar la libre transitabilidad, significa de que los Guaranís que estamos en Bolívia podemos llegar, sin ningún problema, a Paraguay, a Brasil y Argentina. Porque allá están nuestra familia, nuestra sangre Guaraní. Por eso nosotros pedimos que no haya, o sea, burocracia en los trámites de migraciones para entrar, o sea, a diferentes países, por eso que nosotros decimos: libre tránsito. Lo tercero es, como le decía, es la reconstitución territorial es una política de los cuatro países para poder avanzar más adelante (Celso Padilla Mercado).

Os Guarani, em diversas territorialidades no Brasil, na Argentina e no Paraguai apresentaram, como presenciado em campo, uma dinâmica reticular, através de trocas de sementes, casamentos e deslocamentos, demonstrando uma sociabilidade integrada ao grupo de origem e ressignificada aos grupos reinseridos. Nota-se que os movimentos de mobilidade são disparados pelas mais

diversas motivações; todavia, busca-se a relação de parentesco para estruturar essas idas e vindas.

De um modo geral, quando se quer enfatizar a relação de parentesco dada pela origem comum se usa *-etarã*: “somos todos parentes” se diz quando se quer incluir todo o grupo étnico, os “Guarani espalhados”. O termo *-etarã ete*, “parentes verdadeiros”, é usado em referência às pessoas que estão fisicamente próximas, na mesma aldeia, no mesmo grupo doméstico, na mesma unidade de deslocamento. É importante ressaltar que embora um parente distante possa ser classificado como parente genealógico sua transformação em “parente de verdade” será gradativa e só se dará através da aproximação física. Se a distância física não é capaz de dissolver a consubstancialidade original, por outro lado, a aproximação tem por meta atualizar uma relação pré-existente. Dentro desta perspectiva, o parente que veio de longe é, ao mesmo tempo, um afim e um não parente. Como parente distante é um afim típico, como não consangüíneo será bem recebido por seus anfitriões e tudo farão para consolidar o processo de construção gradativa de uma consangüinidade que se presume existir entre eles, mas que para ser consolidada precisa antes ser averiguada. O fato é que “aquele que vem de longe”, por ter vivido longe dos seus parentes é, ao menos como possibilidade, um não parente. Vindo de longe, não se sabe por onde ele andou, com quem esteve, qual a sua “maneira de viver”. Ainda que consolidar o “parentesco verdadeiro” seja um desejo de todos, quando não se sabe exatamente quem é a pessoa com quem se quer aparentar, existe sempre um risco. Um parente distante será sempre um “parente”, no entanto, somente trazendo para perto de si é que será possível saber se ele

é um “parente de verdade”. [...] fazer parentes, trazê-los para junto de si, é uma forma de desmarcar a diferença entre os humanos e os Outros (Silva, 2007, pp. 96-97).

À luz de Barth (2005), pode-se refletir que, na dinâmica da etnicidade, o grupo Guarani tem se utilizado politicamente do grupo étnico maior Guarani para defender seus direitos e exigir representatividade. No entanto, também se notam particularidades étnicas nos subgrupos Mbyá, Nhandeva e Kaiowá diante das diferentes demandas e formas de se articular para negociação ou reivindicação. Diante dessas considerações, percebe-se a flexibilidade no uso das identidades étnicas e a priorização pelo nome do grande grupo étnico ‘Guarani’ diante das lutas pelos direitos territoriais e de etnodesenvolvimento.

Compreendemos que, quando se relacionam as questões de etnicidade à dinâmica da etnicidade, trata-se da existência de questões intrínsecas e específicas que compõem essa esfera, onde surgem fatores inerentes à organização social da diferença. Sugere-se que a etnicidade, refere-se aos aspectos das relações entre grupos que consideram a si próprios como distintos. Do ponto de vista da interação, o processo de identificação étnica se constrói de modo contrastivo, isto é, pela afirmação do nós diante dos outros (Cardoso de Oliveira, 1976).

Destarte, essas diferenças e identificações serão utilizadas enquanto recurso para algo, sendo que

a partir de Barth (1969), as diferenças culturais adquirem um elemento étnico não como modo de vida exclusivo e tipicamente característico de um grupo, mas quando as diferenças culturais são percebidas como importantes

e socialmente relevantes para os próprios atores sociais (O'dwyer, 2005, p. 95).

Observamos também a variação da denominação dos movimentos políticos quando se tem um território ou uma comunidade específica, como no caso dos Guarani-Kaiowá do Mato Grosso do Sul, que, devido ao conflito territorial na região com ruralistas e fazendeiros, culminou na campanha nacional nas redes sociais “Somos Todos Guarani-Kaiowá”.

No relato de Tônico Benites, aparece como surgiu o movimento pelos Guarani-Kaiowá de divulgar a situação de violação de direitos, de violência e, principalmente, das muitas mortes de lideranças e o quanto a rede Facebook auxiliou para divulgar e mobilizar apoios a este povo, que a mídia oficial local negou.

Só que as redes sociais quando quebrou isso [monopólio da grande mídia] como uma forma para o próprio indígena [...] ele mesmo fala direto para todo mundo a situação, apresenta a situação em que ele está, a história, toda a situação miserável que ele passa, e isso acho que aconteceu, de fato, em 2009, 2011 e 12, o próprio indígena utilizando a rede social, principalmente Facebook [...] no momento que o cacique Nísio Gomes foi atacado e morto, e cadáveres ocultado, no momento que eu, com dois jovens “Vamos fazer isso, vamos criar um Facebook da assembléia dentro do assunto. Vamos colocar lá, vamos puxar amigo, vamos”, o pessoal não sabe o que que está acontecendo, outros amigo de São Paulo, de outro lugar, jornalista [...] eu tinha vários e-mails, e mandava por e-mail, e eu só fiz outros amigos, depois fiquei sabendo, ele tinha colocado no Facebook dele, numa rede de amigo e passou para frente para todo mundo, só que a gente não tinha ainda, aí o

meu amigo “Mas vocês não tem Facebook de vocês, um blog, alguma coisa assim, para vocês mesmo colocar lá?”, eu falei “Não”, eu também não sabia mesmo que era possível, aí em 2012 eu falei “Vamos tentar?”. Eu já tinha criado o endereço lá no Facebook, aí tentei criar Facebook da Aty Guasu, que tem uma liderança, enfim, acho que, bom, vão criar, sim, porque, conversando com amigo jornalista, ele falou que seria bom [...] “Vocês mesmo resumem a situação, a realidade de vocês e pode ser interessante”. E tentei fazer, e outros começaram a criar um Facebook, ninguém está junto, não, um está em outro lugar, eu estou em outro lugar, mas o que tem, todos têm a senha, onde estiver acessa e coloca a informação que ele recebe “Ah, aqui o pessoal está passando isso”. “Tenta escrever, tenta resumir e manda lá, alguém vai acessar, alguém vai ver” (Tonico Benites).

No entanto, quando se fala em movimento indígena Guarani, como no caso da Comissão Guarani Yvyrupa, a distinção dos subgrupos não se faz necessária, embora as comunidades envolvidas com este grupo sejam em sua maioria de Guarani Mbyá. Marcos Tupã Mbyá, coordenador da CGY, relata a missão da organização política, enfatizando os aspectos políticos de reivindicações territoriais, educacionais, de saúde e autodeterminação, representados pela etnia Guarani.

[...] *Comissão Guarani Yvyrupa*, que é uma representação do povo Guarani no sul e no sudeste, a nossa principal luta é mobilização pelo reconhecimento territorial, demarcação das terras Guarani no sul e no sudeste. Também temos discutido a questão da educação, e principalmente a questão da saúde no sul e no sudeste. Estes são os trabalhos que nós discutimos junto com nosso povo indígena, nosso povo Guarani [...] Então,

aqui no Brasil a gente tem quase uns trezentos povos diferentes e duzentas línguas faladas, e percebemos que, no Paraguai, na Argentina, as populações indígenas são menores em termo de povo, e acaba dificultando mais, a nível de luta das terras. Aqui a gente tem legislação específica, que é o artigo 231 da Constituição. Mesmo com isso, nós temos sofrido muito em relação a tentativa de mudança da legislação. No Paraguai e na Argentina, parece que não tem essa lei específica, então, fica mais difícil ainda para eles. Poucas vezes nós conseguimos nos reunir com eles, eles nos convidando, ou eles, às vezes, participando das nossas reuniões, e essa dificuldade em termos de reconhecimento territorial, então, eles precisam muito mais assim do nosso apoio com eles. Às vezes dentro do possível a gente consegue se mobilizar e manter diálogo junto com eles. Agora o difícil é em termo de recurso financeiro mesmo, porque para gente se deslocar de lá para cá tem custo (Marcos Tupã Mbya).

Dessa forma, verificamos que a dinâmica de etnicidade e a própria afirmação das identidades étnicas aparecem de forma distinta dependendo da situação, local e questão envolvida. A diferenciação entre questões locais e globais também se torna essencial para a escolha da denominação étnica.

### **3.1 O percurso etnográfico e a condição de *guataha*: fragmentos de registro de campo**

Neste cenário de territorialidades e de caminhadas (*guata*), percorrer os territórios Guarani em outros países e em “condição de *guataha*, 'caminhante” (Silva, 2007) possibilitou perceber diferenciações na organização e nos modos de vida marcados por espaço, tempo e local. Uma experiência marcante, de

aproximação com as questões dos Guarani em contexto urbano e dos seus movimentos de reformulações identitárias e de ressignificações, dos aldeamentos protegidos “espiritualmente” que, independente da localização, emanam a mesma paz e a mesma sincronicidade.

Todo o percurso e sua criação foram acompanhados pela leitura de um livro que, como presente de Natal, já havia surpreendido pela capa, amarela e com a imagem de um tigre. Em “O rastro do Jaguar”, de Murilo Carvalho (2009), foi possível vivenciar duplamente as emoções históricas, as de caminhante, e as de Pierre, um Guarani que fora adotado por um francês e levado para a França e, só após conhecer pessoas de fisionomia indígena, se inquieta pela busca de suas origens. Em viagem ao Brasil, na segunda metade do século XIX, vivencia a guerra sangrenta entre Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai, além dos conflitos experimentados pelos povos indígenas que tentam espaço e terra para seus modos de vida, os Guarani na busca pela Terra Mítica, enquanto são confinados por colonos a viverem suas regras.

A inspiração para a escrita do percurso da pesquisadora foi motivada pela leitura da tese “Folhas ao vento — a micromobilidade de grupos Mbya e Nhandéva (Guarani) na Tríplice Fronteira”, de Evaldo Mendes da Silva (2007), em que o autor, através do acompanhamento de grupos Guarani, demonstra de forma muito profunda e sensível a transformação, inclusive a sua, via as caminhadas.

A seguir serão descritas as caminhadas, percursos e andanças da pesquisadora, através dos fragmentos e anotações do caderno de campo, e as impressões pessoais em *itálico*.

O percurso começou na Argentina, onde pode-se participar do Ara Pyahu, evento anteriormente visualizado na rede social Facebook, ao qual foi possível estar presente ao conhecer Beatriz, uma colega do curso sobre introdução aos estudos indoamericanos que realizava na Universidad Tres de Febrero. Na saída da aula, Beatriz convidou-nos para participar do Ara Pyahu (Anexo A), evento Guarani que já tínhamos colocado na agenda para participar e que aconteceria nos dias 20 e 21 de setembro. Foi muito mágico esse encontro, parecia que tudo conspirava para inserção e aproximação junto aos ameríndios da Argentina. Beatriz foi muito acolhedora com as informações, anotou e-mail e ficamos de nos falar para acertar os detalhes para ida ao evento.

O sábado tão esperado chegou e, conforme orientação de Beatriz, seguimos, eu e meu companheiro, para a estação “San Miguel”. Essa viagem já nos colocou em contato com outro país, uma Argentina, mais índia, mais pluriétnica e menos pomposa que a colonial Buenos Aires. Lugares verdes, lugares secos, rostos marcados, expressões mais duras, mas o sorriso mais aberto e leve. Fomos assim, seguindo de estação a estação de trem, observando tudo, todas as paisagens, de lugares a pessoas e coisas. Ficamos surpresos com a diferença de paisagem e pessoas a poucos minutos da capital. E tudo isso nos lembrou muito o Brasil e suas forçadas periferias, construídas pela expulsão também de negros, índios, pobres e trabalhadores dos centros urbanos.

Chegando à estação, ficamos um pouco confusos, mas nada como gestos e sinais juntos ao nosso ainda tímido espanhol para logo nos encontrarmos, e pelas ruas do bairro fomos localizando a rua indicada no endereço para chegar ao Centro Cultural da Universidad Nacional General Sarmiento (UNGS). O centro cultural tem um formato bem interessante, sendo a construção semicircular, com

um grande pátio ao centro e todo o fundo do espaço como se fosse o grande quintal de um casarão. Com isso, ao chegarmos, estranhamos o silêncio, como se nada estivesse acontecendo e estivéssemos no lugar errado. Mas o segurança logo nos mostrou o local do evento, e por longos corredores adentramos até o grande terreiro. Foi uma sensação boa a de chegar à casa de alguém e haver uma festa — sim, era a comemoração do início do ano, do novo ciclo Guarani, o Ara Pyahu.

De início, não avistamos Beatriz, e não conhecíamos ninguém. Fomos circular pelo espaço e tentar entender o que acontecia. Durante o sábado, foram realizadas oficinas para as crianças se apropriarem mais dos conhecimentos dos ancestrais indígenas. Eram oficinas de música, de quadrinhos, de filmes e de culinária. Encontramos Beatriz, ela nos apresentou para os demais e *contou um pouco sobre este trabalho e que estudávamos juntas*. A maioria já tinha lanchado, e comemos um pouco também, tínhamos levado frutas. Ainda encontramos para comer algumas “facturas” (doces argentinos de padaria) e alfajores.

Participar do Ara Pyahu foi demarcar a inserção junto aos povos indígenas em terras hermanas. No outro dia, tivemos que acordar bem cedo e seguir para San Miguel. Para a grande celebração do Ara Pyahu! Crescia a expectativa de conhecer novas comunidades, grupos e pessoas. No dia anterior, tinham nos avisado para levarmos flores que comporiam a cerimônia. Logo que cheguei coloquei as flores no grande círculo floral e nos juntamos timidamente ao grupo. Coordenavam a cerimônia os Guarani Ramón e Dario Juarez, e Gladys Roa, uma *jurua* que viveu muitos anos junto a uma comunidade Guarani no nordeste da Argentina.

Como num ritual Guarani, tocava-se o *mbaraka* ou *maraca* Guarani (chocalho) e Ramón soprava junto com Gladys e esfumava todos e o ambiente com seus *petynguá* (cachimbo). Ao centro, estavam elementos conhecidos da cultura Guarani, como a *takuapu*, instrumento musical só tocado por mulheres, o *mbaraka* e também outros não visto entre os Guarani, como flores, tecidos andinos, ervas queimando como um incensário e a bandeira *Wiphala*. Depois serviram a chicha ou *kãguy*, bebida Guarani que *já tinha tomado em um ritual do nimongarái na aldeia Jaexá Porã (Boa Vista), em Ubatuba*; este, no entanto, não tinha o mesmo sabor e apresentava uma coloração laranja.

Foi visível o encontro de diversas etnias, o que a princípio trouxe estranhamento, pois *só vivenciei situações com os Guarani e em espaços Guarani. Questionei-me se realmente aquela cerimônia era Guarani e que tipo de construção estavam fazendo, mas, respeitando tudo que se passava, me abri para a compreensão da ressignificações e a sensação de uma grande sinceridade por parte dos coordenadores foi me envolvendo.*

O primeiro choque foi a aparência. Eles não tinham traços dos conhecidos Guarani do Brasil e pareciam bastante urbanos. O espaço estava todo rodeado da bandeira dos povos originários, a *Wiphala*, e foi possível reconhecer, através de camisas e bandeiras que usavam, a presença de Mapuches, Qom, Quechua, autodenominados Guarani e os Avá Guarani (outras etnias ameríndias). Compreendemos aquele momento como uma grande celebração interétnica e com muitas trocas de conhecimentos e afetos. Foram realizados momentos musicais, de dança, de compartilhamento de experiências, de venda de artesanatos Mapuche, de aproximações.

No Ara Pyahu, a aproximação e a mediação ocorreram pelas ações de Beatriz. O envolvimento com os grupos e pessoas foi acontecendo, logo Beatriz foi apresentando-nos às pessoas que seriam interessantes conhecer para os estudos. Apresentou-nos Ramón Villar Brizuela e Dario Juarez, que estavam bem agitados com toda a organização e, por sua vez, nos apresentaram ao senhor Gumercindo, para que pudesse contar sua história e vida de Avá Guarani. Sentamos, e nos apresentamos melhor, *falei do meu trabalho com os Guarani do Brasil*. Gumercindo Segundo falou de sua comunidade *Ywy Memby* (filhos da terra), em La Plata, uma periferia do estado de Buenos Aires, um pouco distante da capital, e logo me perguntou se eu era católica, para continuar me contando a sua história. *Bastante sem jeito e sabendo das barbaridades que os cristãos já haviam realizado por toda a história mundial, respondi que era de família católica*. Ele prosseguiu, relatando que foi levado de sua comunidade pelos jesuítas e que teve uma infância muito dura, pois era proibido de falar e cantar em guarani, mas dizia que a única coisa que sabia fazer era cantar. Sofria muitas repreensões e castigos por cantarolar na sua língua. Com o olhar de muita dor e sofrimento, contou que tinham lhe arrancado tudo, pois com o tempo não mais sabia falar a sua língua e muito menos cantarolar seus cânticos sagrados.

“Fiquei emocionada juntamente com Gumercindo”, que continuava dizendo de sua dor em não viver junto de seu povo e de ter sido obrigado a aprender outras coisas e do quanto isso lhe causou um vazio muito grande, já não sabendo mais quem era em sua infância. Aprendeu ofícios, mudou-se para a cidade, constituiu família e finalmente conseguiu constituir aquela comunidade. Mas observou que sofrem com o descaso e a pobreza, além do preconceito em não poder ser índio, não poder ser Guarani. *A cada frase, a emoção me contagiava, e*

*muita sabedoria jorrava em palavras, que me forçava a entender, de um espanhol claro, de tonalidade forte e sincera.*

Foram alguns minutos de conversa, registradas no diário de campo, que nos motivaram a querer estar novamente com Gumerindo. No entanto, os contatos com sua filha por telefone e Facebook foram falhos, e não conseguimos conhecer sua comunidade. Ainda assim, a mistura de dor e força, transmitidas através das palavras, gestos e olhares dele, *pode me fazer compreender o quão cruéis me pareceram as missões jesuíticas e o processo de colonização da América, uma história que não estava mais em livros e artigos, mas ali, tão real e em forma de emoção na minha frente. Um encontro rápido, mas muito intenso, que me preencheu e perturbou por vários momentos na estadia pela Argentina e pelo Paraguai, uma mistura de compaixão, revolta, dor, descrença, crença, fé, força, mas em quem, com quem? Tudo foi se somando a fatos, relatos e emoções, e minhas crenças foram sendo afetadas.*

Mas o que ficava de mais forte eram as palavras de amor, liberdade em poder ser quem se é, o respeito que muito nos falta em simplesmente reconhecer que o outro é outro e não deseja, e na maioria das vezes não quer e não precisa, ser como nós. Na relação de alteridade tão falada por Geertz e outros estudiosos, a força do pensamento único, da verdade única, foi se dissolvendo frente à força de outras verdades, de outras vontades e de um intenso desejo em somente ser, ser índio, ser livre, ser amor, ser natureza, ser terra, ser animal, ser vegetal, ser completo. Despedimo-nos carinhosamente, na certeza de que a luta continua mesmo em tempos difíceis de repressão, de individualização, de segregação e exclusão. Lutamos por outro mundo, por um mundo onde estar e ser junto com o outro, o diferente, sejam a regra e a liberdade.

Ainda no Ara Pyahu, Ramón logo nos encontrou para contar um pouco da sua história, que vivia com sua família no Paraguai e o quanto ainda se emocionava com algumas canções em guarani que traziam recordações daqueles momentos que viveu sua cultura. Disse que conheceu São Paulo e que estava há muito tempo vivendo em José con Paz, na Argentina. Relatou também ter se espantado ao começar a lecionar (é formado em Educação Física) e encontrar crianças que recordavam de suas origens Guarani, das muitas famílias recém-chegadas do Paraguai.

Dario recebeu seu nome em guarani naquela celebração e estava radiante com a força que emanava de sua verdade Guarani. Pois, junto com outros Guarani e autodenominados, formavam um movimento, autorizado por *xeramois*<sup>13</sup> e lideranças Guarani, no qual denominavam “Mi barrio también es territorio Guarani”, no qual reivindicam, junto ao Estado, o território Guarani em Buenos Aires. O movimento estava se fortalecendo com a união de diversas lideranças de comunidades Guarani da Argentina.

Outro momento muito marcante foi a intervenção de Gumercindo Segundo durante a cerimônia, registrada em áudio e aqui transcrita, que iniciou com o discurso em guarani e, em seguida, nos disse:

Voy a traducirlo. Gracias, hermano, hermano mayor, hermano menor. Esto, antes de la llegada de los conquistadores, numeroso pueblo han desplegado la subida del largo y el alto, no solamente en este territorio sino en este continente, uno de esto Pueblo, la Ava Guaraní, ya sostenido por una fuerte organización social y igualitaria, donde la vida comunitaria era posible, o valía la pena apenas vivir, sentir, ser hombre, mujer, en mundo Guaraní,

---

<sup>13</sup> Homens mais velhos, anciãos respeitados pela comunidade Guarani, por sua sabedoria e experiência.

pueblo con su propia filosofía, con su propio fundamento, con su propia religión, con su propia identidad y con su propia cosmovisión. Cultivando ya la Madre Tierra, viviendo en armonía con la naturaleza. Cuando llegan los conquistadores, todo esto es destruido, los conquistadores nos implantan un sistema de vida fundado en la destrucción de la naturaleza y la exploración del próximo. Todo lo destino colectivo y la vida comunitaria han sido destruidos por los conquistadores. Hoy en día agradezco a todos los hermanos que fueron precursores. Devolver y poder recuperar nuestra verdadera identidad, cómo pueblo pre-hispánico y tratar de llegar a recuperar todo lo que se ha destruido. La identidad del Pueblo Guaraní es la agricultura, la agricultura es una cultura de crianza, en un mundo vivo donde participamos de la grande fiesta que es la vida en su plenitud, porque todo Guaraní tanto lo necesitamos de la naturaleza para vivir, es parte de la vida comunitaria, de todo colectivo, como pueblo solidario. Conquistadores no solo han destruido nuestra naturaleza sino destruido nuestro maestro, nuestros profesores, nuestros educadores. La naturaleza ha transmitido todo lo conocimiento que tenemos hoy en día, nuestra danza, nuestro canto, nuestro instrumento. Gracias a la naturaleza que nuestro pueblo sigue existiendo, e el arma de nuestro pueblo es nuestra cultura, así que no solamente han destruido nuestro sistema de vida, sino que han destruido nuestros educadores en nuestro continente, que los montes, los ríos nos saben enseñar cómo danzar. No lo tanto la danza es sagrada, en Ava Guaraní, se no tiene la tierra para cultivo, no pode preservar su identidad y mucho menos su cosmovisión. Hoy en día, lo criollo que se dicen, ello le llaman campo, al lugar donde viven, los que viven en la ciudad, los dicen

barrio o villa, pero nosotros los Guaraní, el territorio es otro mundo, nuestro lugar de existencia. Sin ello, si eso complemento no puedo existir, no podemos preservar nuestra identidad y mucho menos nuestra cosmovisión, se trata de eso. [...] cuando llegan los computadores, todo esto, este se ha destruido, lo destino colectivo [...] he a creer en una sociedad Guaraní, donde no se gangrena derecho o violen derecho, de ningún ser humano. Tratar de que nos aniquila la pobreza. Luchamos por un mundo equitativo, igualitario. Luchamos para que ningún guaraní, que sea cacique, que sea consejero, cuando lo hermano le haya conferido el poder, ese poder no le tome para oprimir, para presionar a ningún guaraní. Qué cada Guaraní sea guardián de su propio hermano, y sigamos luchando y queremos recuperarlo. Porque para nosotros es posible la vida comunitaria. Ya empieza otros ciclos, a otras generaciones de que es posible construir un nuevo mundo, donde a ningún ser humano debe padecer la pobreza, todos tenemos derecho a vivir, tanto como la planta, tanto como lo bosque, tanto como los hermanos. Y en la mente de Guaraní no está la riqueza material, está el respecto de la vida, de la vida de todos seres humanos, como la naturaleza. La naturaleza, se no la recuperamos, vamos también no solo nosotros, como toda la sociedad, tanto como una síntesis de la geografía mundial, vamos hacer la extensión total. Y no se falta de hacer en la misma realidad, de hacer de destrúyelo, porque la explotación que nos muestra hoy en día este camino, entonces se no quiera solamente seguir el camino de expulsión o volver a la armonía con la naturaleza para recuperar la vida de los seres humanos e también de los pueblos nativos. Y de otro maestro que lo falo que se trata de eso, creo que hoy en día que ustedes van, y todo Guaraní

debemos unirnos para luchar por la vida, no por la riqueza material, sino por la vida, cada ser humano tiene derecho a vivir dignamente, como se merece. Gracias hermanos. Aguyjevete.

Ainda na cerimônia, outro encontro inusitado. *Aconteceu após meu companheiro, que estava bem entrosado com o pessoal, fazer uma apresentação musical de seu trabalho e arriscar uma música paraguaia em espanhol. Todos se divertiram e ficaram muito próximos, e eis que descubro que Mayra, a qual havia conhecido no dia anterior, era a grande mediadora de toda a minha inserção no cenário indígena argentino, era a mesma pessoa que tinha adicionado em minha rede de Facebook, que tinha conhecido através de grupos de temática indígena da rede social. Alegria e uma boa surpresa, reconhecer uma já conhecida.*

*Retornei para a capital com a sensação de que havia me encontrado, encontrado pares de luta, de afetos, de sinceridades, ainda muito confusa com tudo que tinha acontecido, com questionamentos sobre o que é Guarani, não Guarani e uma nova população que se apresentava para mim, os índios não aldeados e urbanos. Sim, era muito estranho, mas nós vimos: eles existem e estão lutando por seus direitos, por poderem ressignificar suas histórias, suas etnias, seus modos de vida. Lutam para poder ser diferentes, para poder ser povo originário num estado onde todos se vangloriam pela descendência europeia!*

Foram momentos de congregação, de trocas, de reciprocidade. Sentimos-nos parte do grupo, acolhidos e integrados. Fomos convidados a somar uma luta, a integrar uma nova ideia de coletivo, de tornar o sul possível para os modos de vida distintos. E eis que finalizamos nosso dia com o registro deste encontro e com a certeza de que algo havia se iniciado e redes criadas para além de fronteiras nacionais, para além de nacionalidades.



Figura 3. Foto encerramento Ara Pyahu, Buenos Aires, 2014. Retirado em 30 setembro, 2014, de <https://www.facebook.com/176926882492059/photos/a.318015025049910.1073741846.176926882492059/318016521716427/?type=3&theater>

Dias após a cerimônia do Ara Pyahu, eis que nos deparamos com o relato de Dario em sua *timeline* do Facebook, e muito começa a fazer sentido, principalmente o entendimento acerca dos povos em contextos urbanos, seus outros desafios, e sobre a mesma sensibilidade e essência Guarani:

Hace mucho tiempo atrás, cuando era joven, leía los libros, donde contaban de los salvajes y brutos indígenas de América, aquellos que hacían brujerías y rituales de canibalismo, y también, de cómo fueron exterminados y borrados de la tierra para dar paso a la civilización. pero a pesar de todo

eso, no podía dejar de imaginarme como serían aquellos indígenas? como hubiera sido poder hablar con aquellos caciques? estar con aquellos guerreros, como hubiera sido poder conocer a un chamán? como sería , estar en aquellas ceremonias con los ancianos? y tantas preguntas más [...] hoy a mis casi 40 años, y después de mucho caminar, me encuentro con aquellos lugares y personas que alguna vez solo podía imaginármelos, todos esos recuerdos y pensamientos se me vinieron a la cabeza, cuando ayer por la tarde, me encontré rodeado de guerreros y guerreras indígenas, de muchos caciques de diferentes pueblos, a lado mío estaba una hermosa india Guaraní, también estaban bravo guerrero guaraní y a su lado una sabia abuela indígena que con voz serena me decía: “hable con los ancestros y ellos me dieron permiso para decirte tu nombre. De ahora en más, tu nombre indígena será “Chavuku” (hombre reencarnado en tigre) y ese nombre te acompañara por el resto de tu vida”. En lo personal, una larga búsqueda acaba de terminar [...] un ciclo acaba de terminar [...] pero también [...] un nuevo ciclo acaba de empezar (Dario Juarez, 22/09/2014).



*Figura 4.* Foto Ara Pyahu, Buenos Aires, 2014. Retirado em 30 setembro, 2014, de <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10204527441684591>

Outro espaço de grande relevância para a compreensão sobre as questões indígenas na Argentina foi a participação nos eventos do grupo do Ciclo Reencuentros con Pueblos Originarios, grupo que também havia organizado o *Ara Pyahu*. Em 10 de outubro de 2014, aconteceu o Primer Coloquio de Enseñanza del 12 de Octubre do Ciclo Reencuentros con Pueblos Originarios, no Centro Cultural da UNGS. O evento contou com formato de mesa-redonda, no qual os participantes, todos de origem indígena, expuseram suas temáticas e, logo depois, houve um debate geral sobre os temas.

Na Argentina, no dia 12 de outubro, é comemorado o “Día de la Raza”, com o intuito de comemorar a diversidade intercultural, após a chegada dos europeus nas naus de Cristóvão Colombo. No entanto, atualmente, movimentos emancipatórios tentam discutir esta data e comemoração, com uma análise crítica do que foi o encontro dos povos originários com os europeus. Através de manifestações e eventos, dizer do massacre e da subjugação de milhares de povos.

Os temas transitaram pela questão da terra e do território, sobre metodologias e estudos de impactos em comunidades em conflito territorial. Mas o que mais chamou a atenção foram os trabalhos de Beatriz e Mayra. Beatriz expôs sua pesquisa de mestrado, que se tratou de entender os conflitos na Amazônia Peruana em 2009. A partir do estudo de mídias oficiais, ela realizou levantamentos sobre a imagem que o governo criava sobre a situação de conflito, sobre a criação da imagem de indígenas violentos, do conflito com empresas e as comunidades indígenas como impedimentos ao desenvolvimento econômico no país, bem como a resposta e a organização social das comunidades indígenas,

suas estratégias de diálogo e criação de fatos sociais. Apresentou-nos os vídeos e imagens que eram divulgadas pela mídia oficial do governo peruano.

Mayra, por sua vez, apresentou sua pesquisa em andamento sobre a expressão dos movimentos indígenas de 2010-2014 nos meios de comunicação. Mostrou-nos as imagens de um evento impactante em 2010, em Buenos Aires, “La marcha de los pueblos originários”, que, devido à repercussão, foi um ato simbólico para os povos Mapuche, Guarani, Qom e Wichi, dentre outros, contando naquele momento com a organização dos povos de todo o país para a participação da marcha na capital. A pesquisadora apontou que os meios de comunicação alternativos têm ajudado a divulgar as ações e reivindicações dos povos originários e o quanto este movimento tem auxiliado no fortalecimento dos movimentos para a autodeterminação dos povos.

Além disso, Mayra apresentou fotos e vídeos que foram divulgados por jornais, revistas, TVs e redes sociais.

O grupo do Ciclo Reencuentros con Pueblos Originarios enviou, por *email*, uma mensagem aos participantes do Primer Coloquio de Enseñanza del 12 de Octubre, devido este ter sido um espaço de trocas e de ratificação de lutas muito significativo:

Los que componemos el Ciclo Reencuentros con Pueblos Originarios queremos agradecer a aquellas las personas que se acercaron al encuentro. Investigaciones, debates, experiencias, apertura al diálogo y una gran voluntad de construir pensamiento crítico en nuestras respectivas labores son algunas cosas que este primer coloquio nos deja. Enriquecerse del intercambio y de la diferencia, y continuar problematizando discursos, conceptos, representaciones, estereotipos siempre será un trabajo de

carácter colectivo y comunitario. Al acceso y satisfacción de los derechos de los pueblos indígenas depende de la posibilidad de seguir construyendo una sociedad que realmente respete la diversidad cultural (Ciclo Reencuentros con Pueblos Originarios, 20/10/2014).

Seguindo a caminhada, conhecer a região de Misiones era parte de um planejamento que antecedia estes estudos, mas foi no mês de outubro de 2014 que tornou-se possível de Buenos Aires, adentrar o nordeste argentino. Primeiro seguimos até a cidade de Puerto Iguazú, para conhecer as comunidades locais, acessamos os contatos da rede do Facebook e através de Dario, Ramón e Gabriela conseguimos montar um roteiro. Seria a tentativa de adentrar ao universo do *guata*, das andanças Guarani.

A confluência dos rios Paraná e Iguazu marca o limite dos três países. O rio Paraná (represado num trecho de 170 km para formar o lago da Hidrelétrica de Itaipu) separa os territórios do Brasil e Paraguai; o rio Iguazu demarca os limites entre o Brasil e a Argentina. As cidades de Foz do Iguazu, no estado do Paraná, Puerto Iguazú, na província de Misiones e Ciudad Del Este, no departamento de Alto Paraná, são os principais pólos urbanos em cada lado das fronteiras. A agricultura, principalmente o cultivo de soja, milho e trigo, é o que fomenta a economia regional. O turismo, alavancado pelas Cataratas do Iguazu, e o comércio de produtos importados do Paraguai constituem-se também em atividades econômicas importantes para o desenvolvimento da região (Silva, 2007, p.46).

Eis que amanhece chuvoso em Puerto Iguazu, e nossa ideia de sair a campo é cancelada. Dario sugeriu que nos comunicássemos via Facebook com Javier Rodas, professor na comunidade de *Mborore*, ou com Francisco Javier

Franco Vera Miri, da comunidade *Yryapu*. Gabriela nos recomendou conhecer as aldeias de *Jasy Porã*, *Mborore* e *Yryapu*. Também falou do grupo de hip-hop *Haé kuera Ñande Kuera*, com *kiringues* de *Mborore*, e de Berenice Teixeira, responsável pela articulação do trabalho do grupo em Puerto Iguazú. Ramón comentou sobre a comunidade de *Jasy Porã* e sobre Javier Rodas, da escola intercultural nº 941.

A partir destas informações, começamos a pesquisar a melhor forma de se chegar às comunidades, pois não era desejado chegar como turista e não poder acessar o local da forma que se desejaria. Enfim, decidimos fazer o trajeto de bicicletas que alugamos na cidade, recebemos mapas e orientações de como chegar aos lugares desejados. Colocamos os equipamentos e seguimos para a estrada principal que ligava a cidade às comunidades. Chegando a *Jasy Porã* sentimos a tranquilidade de adentrar um território Guarani. Muita paz e tranquilidade nas sombras feitas por enormes árvores, então, paramos próximo a um espaço com venda de artesanato e muitas crianças vieram para nos recepcionar.

Tentamos conversar com algumas crianças, mas a diferença do Brasil era que além do guarani, língua falada pelas crianças, elas entendiam pouco do espanhol. Logo chegou a mãe de um deles e dissemos que procurávamos por Lidio ou Roberto. Neste dia Roberto, o cacique, estava ocupado e foi Lidio, responsável pelo turismo na comunidade, quem nos atendeu. *Contei que era do Brasil e trabalhava com os Guarani de São Paulo e do Espírito Santo, e que estava na região para conhecer o povo dali, os hermanos Guarani*. Um jovem também acompanhava Lidio e os dois tentavam explicar os procedimentos para adentrar a aldeia e realizar a visita.

Como é uma região muito turística e a maioria das aldeias já estão neste circuito, também se organizam para receber visitantes. Logo, Lídio nos falou do valor da visita simples, mais rápida, e uma até o “sendero” (caminho, trilha, de mata mais fechada), um passeio um pouco mais longo. Expliquei que a intenção era conhecer o local, mas principalmente poder conversar com o cacique para saber sobre a comunidade. Então, disse que também era possível e que só teríamos que dar uma contribuição extra ao cacique para que pudesse conversar por um tempo. Ficamos um tempo ali parados, deixando o assunto desenrolar e mostrar certa confiança, nos mostramos um pouco. Ultrapassar a sensação de receio que sentem os Guarani no contato com não índios. Então, com muita tranquilidade tentamos transmitir respeito.

Como Roberto estava ocupado e já era tarde, marcamos de retornar no outro dia pela manhã. Nisso chega Javier Rodas com um grupo de estudantes e turista para conhecer o artesanato da comunidade. Apresentamo-nos pessoalmente e junto com Lidio conversamos sobre o material de divulgação da comunidade (Anexo B) que construíram e do processo de construção da ideia, do material e do projeto para o turismo.

Os meninos pareciam surpresos por já conhecer Javier e quando percebemos estávamos todos conversando como velhos amigos. Despedimo-nos todos e ficamos de encontrar Lidio e seu amigo no outro dia, bem cedo na entrada da comunidade. No retorno passamos por outra aldeia, *Ñande Rekoa* (de onde somos). Seguimos pela estrada de chão e encontramos uma bifurcação com uma placa “bem-vindos” e logo abaixo “*sendero yvyra*” (caminho de árvores).

Seguimos por vários campos, plantações e algumas casas e chegamos numa região de venda de artesanato e informações. Perguntamos onde ficava a

escola e se tinha algum local com computador. Reconhecemos alguns “bichitos” que estavam à venda e nos deram a direção para a escola. E não sabiam se tinha computadores, achavam que só no museu. Após nos perder por tantas trilhas encontramos a escola “Escuela Intercultural Bilingue nº 867”.

Crianças jogavam futebol em um campo ao lado da escola. Ficamos impressionados com as pinturas étnicas nas paredes dos prédios da escola, eram imagens das cataratas com onça, árvores, outra com jovens guerreiros, outra um índio com arco e flecha em várias posições, mulheres fazendo o artesanato, com flores na cabeça, um grupo musical com instrumentos tradicionais, como a *maraca*, *mba'epú* (violão), *lave* (violino) e *takuapu*.

Apesar de não termos conversado com ninguém, apenas as crianças interagiram e brincaram com a gente. Foi muito interessante conhecer a disposição das casas, das famílias extensas com espaços bem delimitados e bem distanciados umas das outras. Ver a existência de plantações, hortas. E uma escola muito colorida e viva, nos pareceu ativa e valorizada sob o aspecto étnico. Sobre a existência de computadores na comunidade, não conseguimos confirmar, mas a internet parece ser algo para os poucos que tem o celular, e ainda assim, o lugar é de pouco acesso ao sinal de telefone e internet.

Não conseguimos chegar a *Mborore*, que era a comunidade mais distante e ficava junto à periferia da cidade e já com formato de bairro. Sentimos muito de não ter conhecido o local e perdido a festa na qual o grupo de hip-hop desta comunidade se apresentou. O tempo parecia muito curto para tantos lugares e momentos intensos.

No outro dia bem cedo, seguimos para *Jasy Porã*, fomos recepcionados por Lidio que nos contou um pouco sobre a comunidade, que são da etnia Mbyá-

Guarani e que significa homem da selva. De acordo com ele, são de tradição oral, e os conhecimentos são transmitidos dos mais velhos, os *xeramoí*, que são avós, para os mais jovens através da palavra de um ancião sábio da comunidade, que também pode ser um *xamã* ou curandeiro; e a avó que seria a *xejary*, que cuida das questões das mulheres, como ensinar a cuidar dos bebês, das crianças, cozinhar. Além disso, também disse que o calendário não é escrito.

Lídio relatou que estão em contato com o governo para reivindicar suas casas, energia, água encanada, que são direitos, e citou que muita gente pensa que os povos originários devem viver nas matas e produzir seus alimentos. Contudo, a grande dificuldade para se viver desta forma é não terem grandes quantidades de terras e o território ser muito restrito ainda para o desenvolvimento de seu povo. E por não ser mais selva, também dependem do governo, de casa para as 35 famílias, de água, de luz e de escola, de modo que precisam e continuam lutando por essas questões.

O jovem ainda disse que, para os Guarani, o que mais importa é o que sentem, o que são, e o que querem e não a parte física. Enquanto conversávamos e caminhávamos, avistamos uma casa com um jardim muito florido, muito bonito, com muitas flores vermelhas, e logo veio descendo um homem, e Lidio nos disse que era Roberto, o cacique.

Ficamos um bom tempo explicando para Roberto o que estávamos fazendo ali. Sentamos em uma clareira com bancos, e mostramos vídeos e fotos que tinha feito com os parentes de *Mboapy Pindó* no Brasil, no Espírito Santo. Ficaram muito contentes em ver os vídeos: divertiam-se muito ao ver as fotos, os lugares, algumas oficinas que realizamos com o grupo da terapia ocupacional. Um papo

bem descontraído e que foi nos permitindo alguns momentos de troca e intimidade.

Lidio teve que sair, e Roberto nos guiou pela aldeia. Levou-nos até a escola que está em construção, falou da dificuldade que foi conseguir implantar a escola dentro da aldeia, que começaram, depois não tinham mais material, e que agora, finalmente, estavam nos acabamentos. Também nos levou à *opy*, casa de reza, lugar sagrado, onde diz concentrar toda a essência de sua comunidade.

Roberto falou da importância dos anciãos em transmitir os conhecimentos de milhares de anos aos mais jovens e da importância de não se perder essa ligação.

Depois, seguimos para sua casa, sentamos, tomamos um pouco de água, e Roberto começou a falar sobre os conhecimentos Guarani. Ele falou da necessidade de voltarmos a valorizar a natureza, pois é esta que nos permite sobreviver na Terra. Quando existe natureza, os rios, as matas, os pássaros, sempre existe sua força dentro de si, porque a energia da natureza está junto com a dos deuses, e conseqüentemente está no coração da pessoa, dando-lhe vontade de viver e de deixar a terra ficar melhor. Mas hoje já está um pouco difícil. Contrariamente, sem a natureza, nenhum Guarani sobreviveria, pois quando se perde a natureza, também se leva a força. Em registro em vídeo, nos disse:

Esperamos de la naturaleza siempre tener fuerza. Con lo tiempo si uno descubre, volvemos a valorar la naturaleza, porque la naturaleza era que había enseñado a nosotros a sobrevivir en la tierra, porque sin la naturaleza el Guaraní nunca sobreviviría, por eso cuando hay naturaleza, río, animales, pájaros, siempre hay la fuerza de la naturaleza, pero cuando ellos pierden, la mayoría parte de la naturaleza, ya es la naturaleza que lo Dios que la tiene

fuerza, entonces cuando una la energía de la naturaleza junto con los dioses siempre está en el corazón de una persona más, siente más gana de vivir y la tierra si siente mejor, pero hoy ya es un poco difícil. Entonces es eso que nosotros sentimos y amamos o que es la naturaleza, tratamos de amar nuestra persona más anciana, respetarle la creencia, muchas cosas es más citada desde a fuera pero desde también se llega al límite, no mucho egoísmo, eso que tratamos de hacer acá, pero hace muy poquito. Y así vivimos nosotros acá, por más que soy un líder de esta comunidad, siempre voy a la ciudad por necesidad, si no me gusta acá me quiero quedarme acá y eso que estoy haciendo. [...] Nosotros en este punto, todavía, no tenemos internet, pero sí alguno tiene sus celulares están en contacto también con otras comunidades, tratamos de hoy, tratamos de organizar un poquito más, hace a los más jóvenes que se unen más, eso qué hacemos y me gustaría un día visitar las aldeas de Brasil, otro Mbyá, que también pienso que seguramente mantienen y me gustaría aprender mucho más, porque somos jóvenes y seguramente sí tenemos la posibilidad, algún día podemos visitar. [...] Hace dos años recientes que tenemos las casas cómo este que son donadas por lo gobierno, son 35 casitas de este, perforaciones de agua potable, electricidad y la escuelita tenemos donaciones, no de gobierno, gracias a alguna persona que también se interesa de ayudar, nos cercó y gracias a eso próximo año ya empiezan los chicos en la escuela aquí dentro de la comunidad, y estamos tratando de trabajar también con el turismo porque en Puerto Iguazú se encuentra más acceso, o persona los consigue más de hacer turismo, de la artesanía, también tratamos de hacer guiada en del sendero, explicando la antigua trampa, cómo se trataba los animales,

cómo sobrevivía dentro de la selva, eso qué explicamos un poco al turismo, entonces esto lo que también nos ayuda a organizar, dentro de la comunidad, como por ejemplo, de la parte de la medicina y utilidad escolar, cómo para poder comprar para que los chicos estudien, entonces hoy estamos tratando de organizar un poco sobre este tema y de parte de la salud estamos también tratando de organizar porque de las plantas medicinales para los otros, muchas veces dale efecto a nuestro organismo, la planta medicinal, pero hay muy débil, porque hay utilizado mucho producto químico, sal u otro alimento químico, entonces las plantas hacen efecto desde de él, un poco del, entonces hace mucho también ya se controla hace a doctor, o también compramos así antibiótico, tomamos vacuna, todos chicos se vacunan. [...] Yo creo que el Guaraní, por ejemplo, es que existe más, de más fuerte en el mundo que existió, no por su guerrería, por su guerrero o si no, es muy fuerte a través de los espíritus. Los Guaraní siempre fueran así, muy fuerte, por eso hasta hoy creo que Mbyá-Guarani siempre habla en el idioma, mantiene su idioma y eso, por ejemplo, es la que hoy dale esperanza de seguir, rescatando la cultura y mucha parte ya hemos perdido un poco pero siempre valorando, cómo la persona más anciano y atrás de ello, dando la fuerza uno a otro, se volver a recuperar o que se perdió. Entonces, hay eso que los otros más jóvenes de acá, de la comunidad Jasy Porã, queremos llegar así, queremos hacer esa parte. [...] En esta comunidad tenemos poco xeramois, pero también tenemos dos xeramoi que valora muchos, porque nosotros los más jóvenes, cuándo llevamos fuerza a xeramoi también xeramoi tiene fuerza de seguir adelante y de resgatar, sentir que puede passar un año, dos años más, entonces ello,

ello vuelve a rescatar, para eso nosotros más jóvenes tenemos que respetar, preguntar y si nosotros los más jóvenes no respetamos, tampoco ello tiene fuerza. [...] Xejari es la esposa de un chamán o cuándo llega la edad, cuando tiene la hija, la mujer ya tiene su hija otra, entonces ya es, pasa ser dejar. Xejari jóvenes hay muchas sí. Entonces mucha veces las adaptaciones trae beneficio, pero muchas veces se pensamos es un atraso, cómo, por ejemplo, de acá la mayoría de las mujeres embarazadas van a lo hospital para tener el bebe, nace en lo hospital. Entonces el sentimiento y la preocupación hay poquito que hemos encontrado y rescatado, poco también, que se hay dos o tres veces, se nace un niño en la comunidad, un bebe, nace en la comunidad un placentero de lo chico, xejari cómo xeramoi van a enterar dentro de la comunidad y de eso que vuelve la energía de la naturaleza y da tierra y para tener la salud y la paz, que eso mucha veces se perdió, la mayoría nace en lo hospital, no sabemos que pasa a la placentera, tiran a la basura, queman todo y nosotros que tenemos ya no podemos más ter. Entonces, este año que pasó, nacieron dos bebes en punto, de parto naturales y xeramoi y xejari hizo cómo ello quería nacer, entonces se le hicieron en este punto y que atrás de eso volvió un poquito de energía para la tierra, y en esta comunidad creo que sentimos muy felices y que hacen muchas cosas (Cacique Roberto).

Eis, que o caminho de retorno se fez mais leve, mais alegre, mais feliz. Encontrar amor, sinceridade fez-nos acreditar que podemos ser e viver diferentes, podemos ainda construir algo diferente. Algo que não é novo, mas se renova, em movimento constante de transformação. A sabedoria de Roberto nos transcendeu

e, por momentos, também transcendemos. Chegamos a Puerto Iguazú e avistamos *jasy porã*, a lua encantada.

Seguimos para a cidade de San Ignacio, também pertencente à região de Misiones, e lá encontramos com Gabriela, mestiça Guarani e colaboradora da Comissão Guarani Yvyrupa. Ela nos contou um pouco da história do local, que faz parte da região de Misiones, onde ocorreram a colonização e a catequização dos índios, em sua maioria Guarani, não os mbyá que conseguiram fugir para matas na época da perseguição ao povo. Para compreensão do contexto colonial em Misiones, apresentamos um trecho de Silva (2007) sobre esse momento histórico.

O cenário colonial se complexifica a partir de 1610, com a fundação das primeiras reduções dos padres jesuítas. De um lado, o interesse dos missionários em transformar “gente rústica em cristãos civilizados” (Montoya [1639] 1985:22), de outro, *encomenderos* espanhóis e bandeirantes paulistas em busca de braços para o trabalho nas colônias. Por volta de 1750 havia mais de 120 mil índios reduzidos em trinta povoados missioneiros. Eram índios pacificados e treinados para os trabalhos essenciais à vida das povoações coloniais, o que explica a frequência dos ataques organizados de bandeirantes e *encomenderos* às reduções jesuíticas, obrigando esta população a buscar refúgio em áreas cada vez mais distantes dos povoados coloniais (Quevedo, 1998:253). Os padres jesuítas, por sua vez, ao reduzir os índios nas missões alegavam ser esta uma necessidade de defesa contra as “entradas” dos caçadores de escravos nas florestas (Flores, 1997:115). O mais conhecido ataque, por seu poder de destruição e mobilização humana, ocorreu em 1631, chefiado pelo “bandeirante” Raposo Tavares. Ele liderou uma grande expedição de ataque

que saiu de São Paulo em agosto de 1628, com mais de 400 portugueses e “2.200 índios tupis aliados” (Montoya [1639] 1985:133), em direção ao Guairá. Amedrontados, mais de 12 mil índios missioneiros foram obrigados a deslocar do Guairá em direção à Província do Uruguai, ao sul, onde fundaram as reduções de Loreto e San Ignacio (atual província de Misiones, Argentina) (Silva, 2007, p. 53).

Ainda sobre San Ignacio, Gabriela também falou sobre a migração atual de comunidades Guarani Mbyá que vivem na região e vendem artesanatos e flores, próximo ao local de visita das ruínas, e que algumas comunidades têm conseguido manter seus modos de vida, estruturar-se, mas a maioria vive na periferia da cidade, em bairros de extrema pobreza.

Conhecemos Noelia durante a conversa com Gabriela e logo fomos conhecer sua comunidade, *Tapé Porã Ñanderu po'ai* (Caminho de esperança para Deus), onde se encontravam sua mãe e alguns irmãos. Ela contou que gosta muito dali, que existem os senderos para visita, que seus irmãos recebem bem as pessoas e que é difícil, tem que caminhar muito para chegar à escola, mas continua com os estudos. Disse que gosta muito de falar por celular, que conversa via Facebook com *chicos* de Brasil, que tem muitos amigos. Também falou que a família tem parentes no Brasil.

A mãe de Noelia também participou da conversa e falou muito tempo em Guarani somente com a filha, e depois juntou-se a nossa conversa, falando em espanhol. Contou que tem um irmão que viveu no Brasil, chamado Hilário, e parentes de sua mãe, muitos da família Benites.

E eis que somos surpreendidos pela visita de missionários cristãos, um casal com seu bebê. Sentaram-se e começaram a falar da felicidade que sentiam com o

fato de a comunidade ser cristã, que ficam felizes em compartilhar conhecimentos e que também fazem essas visitas em outras comunidades de San Ignacio. *Fiquei incomodada com a forma como falavam de suas verdades, e sobre o quanto muitas comunidades estavam distantes dessa verdade e não estavam convertidos.* Eles não percebiam que a pobreza e outras questões não estavam relacionadas às crenças desses povos, mas à forma como foram tratados na colonização e ainda são, com desrespeito, expulsão territorial e doenças, dentre outras mazelas de ordem socioeconômica.

Fomos fazer o passeio para não atrapalhar e não participar da reunião que começariam na casa do cacique, pai de Noelia. No *sendero*, a jovem nos mostrou várias orquídeas e erva-mate; andamos por uma ponte sobre um córrego chamado *Y'y Porã* ("água viva"). No caminho, encontramos um tipo de pedra, e Noelia disse-me para guardá-la; depois, mais à frente, encontramos um monte de pedaços de pedras, e ela pediu que eu colocasse a que estava comigo ali, explicando que estão encontrando restos arqueológicos de seus ancestrais naquele espaço do *sendero* e estão guardando para não esquecerem tudo o que sofreram os seus parentes do povo Guarani.

Naquele mesmo dia, fomos assistir ao espetáculo teatral realizado nas Ruínas de San Ignacio: já estava bem escuro quando começou o espetáculo, que era feito de projeções nas paredes das ruínas, das gravações de atores em cena com áudio narrado. Muito bem feito, com muita qualidade e emoção. Enquanto andávamos pelo espaço, as cenas aconteciam, contando sobre a história de contato dos jesuítas com os índios, narrando sobre quando os Guarani avistaram os jesuítas tocando seus instrumentos na mata e do quanto a afinidade pela música os aproximou. Nenhuma história de colonização apareceu, mas de

salvação, pois alguns índios eram muito amáveis e somente o pajé que era violento e arredio, segundo o texto narrado.

Depois da aproximação, foi mostrado o momento em que os jesuítas trouxeram os índios para viver nas missões, contudo, em nenhum instante falou-se da obrigatoriedade e/ou assédio que ocorreu no período, como relatado por Gumercindo. As cenas contavam apenas que alegremente os índios construíram todo o espaço em pedras e que realizavam os ofícios de agricultura, coral, cuidavam da alimentação, da organização do espaço, voluntariamente.

Essa apresentação foi uma linda aula de como os jesuítas catequizaram e tornaram “civilizados” os selvagens índios Guarani, colocaram roupa em toda aquela nudez, que não era santa e estimulava a prevaricação, e com a convivência pacífica salvaram todas aquelas almas. *Durante toda a apresentação, senti muito enjoo e era como se percebesse pedidos de socorro por todo aquele espaço, que era fechado, com construção em pedra e longe da mata. Como explicar então que os Guarani viveram felizes ali? Acredito que muitos não foram felizes, mas mutilados, massacrados e escravizados em nome da ordem e da paz.*

Muito triste terem existido locais como este na nossa história. E é muito revoltante como a história ainda é contada de uma única forma e sempre pelo dominador, aquele que sempre tem a verdade, e como os cristãos, que incansáveis não desistem dessas doces almas e tentam até hoje subjugar-las, desrespeitá-las e com a palavra de boa nova, matar ainda o que resta de sincero e natural ao modo de vida Guarani.

No outro dia, pela manhã foi possível visitar as Ruínas: local muito organizado e com uma grande área, no centro ficava um grande pátio com

construções em toda lateral, com moradias que lembravam celas ao redor e ao fundo uma grande construção de um templo com as moradias dos sacerdotes jesuítas. A delimitação dos espaços mostrava bem a forma hierárquica de organização social.

Também foi possível visualizar o que restou das áreas de ofícios, lugares onde realizavam oficinas diversas como corte, costura e cozinha. Um espaço bem distante de tudo e bem reservado era onde ficavam as mulheres quando estavam de resguardo ou no período menstrual, pareceu que em muitos momentos as mulheres eram afastadas do convívio com a comunidade e familiares. *Caminhava angustiada por todo aquele espaço e não consegui perceber harmonia entre os modos de vida, mas a dominação de um sobre o outro e uma sensação de muita tristeza e dor, não me senti bem durante a visita e resolvi que não visitaria mais nenhuma missão jesuítica. Aconteceu algo para além do compreensível. Foram muitas sensações, emoções, sentimentos e simbolismos.*

Em San Ignacio foram poucos dias, mas muito longos e intensos. Da rodoviária seguimos para Posadas, ainda norte da Argentina, região de Misiones, mas um pouco mais a oeste. Chegando lá, logo tentamos seguir para Encarnación, no Paraguai: tínhamos poucos dias e muito que percorrer. Para atravessar a fronteira, era sempre muito trabalhoso e demorado. De Encarnación às comunidades Guaraní, pegamos outro ônibus.

Descemos no ponto que nos indicaram e vimos sinalizações para as ruínas, mas não encontrávamos ninguém para perguntar ou tirar dúvida. Batemos em uma casa, mas ninguém apareceu. Então avistamos um posto de saúde e resolvemos ir até lá. Estava a enfermeira, mas como era feriado na cidade, a

equipe não trabalhou; inclusive a médica era quem conhecia as comunidades e realizava as visitas.

*Eis que meu companheiro avista uma moto com carroceria e acena para o motorista. Correu para ver a possibilidade de nos levar às comunidades. O motorista nos explicou que o transporte era de uso pessoal e que não estava acostumado a fazer aquele serviço, mas aceitou nos levar até uma comunidade que conhecia. Senti-me na Índia usando aquele transporte, nos divertimos muito durante a viagem sendo carregados por uma moto e sentados na carroceria.*

Seguimos pela rodovia, depois pegamos uma longa estrada de terra que parecia sem fim, com muitas irregularidades, e eis que surge uma placa com a sinalização “*Comunidad Indígena Guavirami - 2km*”, e, quase que galopando, seguimos estrada afora. Chegando à comunidade, o amigo motorista foi quem mediou nossa visitação, pois quando o espanhol não dava a compreensão toda, eles falavam em guarani paraguaio, lá o espanhol é quase a segunda língua no país.

O interessante foi quando mostramos o livro que conseguimos no ônibus para aprender o guarani. A partir daí tudo mudou, ficaram encantados com nossa disposição em conhecer a língua e nosso interesse pela cultura. Seguimos em nossa visita por todo o espaço da comunidade que está nesta região há quinze anos.

Há uma escola em formato de galpão e também está recém-inaugurada uma nova escola em alvenaria. Na visita, mostraram-nos a *opy*, a casa de reza, onde realizam rituais duas vezes na semana, suas hortas de frutas com variedades, os artesanatos e uma cozinha comunitária que conta com uma cozinheira que faz a comida para todos da comunidade.

A comunidade fica em Trinidad e conta com apoio governamental para as melhorias da escola, da cozinha comunitária e do incentivo ao turismo. No caminho, próximo à rodovia, avistamos famílias Guaraní em situação de extrema pobreza e abandono. Pelo que o cacique nos explicou, apoios e ajudas governamentais dependem da boa relação política entre governantes e comunidade; como não possuem legislação que ampare seus territórios, muitas vezes as negociações são imprescindíveis para a manutenção destes espaços.

O cacique também relatou que não possuem internet nem celulares, de modo que a comunicação com outras comunidades fica muito prejudicada.

Do Paraguai fica a lembrança de um local agitado, de muito assédio, muita abordagem e de estratégias estranhas e criativas para domar as dificuldades da vida. Vimos muita pobreza, muito abandono e também muita riqueza e ostentação, um local de extremos paradoxos e contradições; eis o que fizeram com o grande império Guaraní! Transformaram-no em terra de ninguém e terra para poucos. Algo que me lembrou muito de tantos cantos deste sertão do nosso Brasil.

Em Buenos Aires, as despedidas foram acontecendo no mês de dezembro. Realizamos visita na escola de Ramón EP 35 Cecilia Grierson, em José con Paz, e participamos do evento na comunidade Qom em Derqui. Tiramos foto com alguns participantes do evento, para marcar o encontro e guardarmos de lembrança momentos tão intensos, verdadeiros e cheios de carinho, um alimento para continuar a lutar e seguir acreditando em outras formas de viver e por um mundo que congregue toda a diversidade e nos faça livre.

Enfim, partimos, com a sensação de tarefa cumprida, de anseios e desejos realizados sobre o contato com os povos indígenas da Argentina e Paraguai; e,

claro, com mais experiência, recheada de mais intensidade, mais envolvimento, mais amigos no coração e muito afeto. Isso nós não podemos desconsiderar. Fomos muito “queridos”, levamos muito amor com a gente para todo o canto, porque ser livre, poder ser sincero é poder amar a todos que vêm e que vão. *Emociono-me até hoje com todas as lembranças e o carinho de cada olhar, cada abraço, cada palavra amiga, e isso fica, vai ficar para sempre até os próximos reencontros.*

Em São Paulo, encontramos na aldeia *Tenondé Porã* grande estrutura para o acesso virtual via o Centro de Educação e Cultura Indígena (CECI) e sua sala de informática. Já na aldeia Boa Vista, *Jaexá Porã*, em Ubatuba, a maioria acessa sua rede virtual via seus celulares; embora a sala da coordenação da escola tenha computadores, estes são utilizados somente por professores, gestores da escola e lideranças. E em ambas as aldeias também encontramos uma afetuosa recepção dos Guarani-Mbyá.

Nas aldeias do Espírito Santo, o acesso à rede virtual também fica restrito aos celulares. Embora na aldeia Três Palmeiras, *Mboapy Pindó*, haja uma sala de informática com computadores, a rede de internet via Wi-Fi só é acessada na escola e em seus arredores. Para o uso efetivo da sala de informática, ainda é necessário o acesso a uma rede de internet de maior amplitude ou uma rede local. Essas comunidades no Brasil foram visitadas, principalmente, para a realização das entrevistas com os participantes do estudo, como descrito na metodologia, e o conhecimento sobre a estrutura e uso das redes virtuais.

Neste caminhar caminhante, foi possível criar redes, tecer relações, alteridades. Caminhos de muitos encontros e trocas, de entendimento dos processos fluidos da construção da pessoa Guarani e do povo Guarani, que pode

se dar em movimentos de idas e vindas, em poder permitir-se se encontrar no caminho e caminhando, onde mesmo em situações limites, as relações de solidariedade e unidade são aguçadas e praticadas. A socialidade Guarani é reformulada e, através de ressignificações, reconstroem-se as novas redes de relações sociais e territoriais, em territórios da América Latina.

Segundo Brand et al. (2008), o idioma guarani, em suas diversas variedades dialetais, é o único ainda falado nos cinco países da América do Sul com presença do povo Guarani. Por essa razão, a língua guarani é considerada como “língua histórica” do Mercosul. Constatamos que, tanto em contexto urbano quanto em aldeamentos, o povo Guarani se organiza em rede, constrói redes de relações interculturais e redes de cooperação. No entanto, é a rede territorial e geográfica que permite, entre este povo, constantes trocas e articulação em prol da valorização cultural e da sustentação do próprio grupo. E, atualmente, a rede virtual.

#### **IV. SOCIALIDADES GUARANI: TECENDO RELACIONAMENTOS INTERCULTURAIS EM REDE VIRTUAL**

---

Para adentrar o universo das relações sociais virtuais dos Guarani, buscamos compreender alguns conceitos bases acerca das interações sociais, das relações interpessoais e das socialidades, abordadas tanto pela psicologia, antropologia e sociologia.

Aranha (1993) aponta que o interesse pelo tema das relações sociais interpessoais surgiu ainda no século XIX, momento em que se iniciaram os questionamentos e reflexões acerca dos efeitos de grupos sociais no comportamento humano. Alguns eixos pressupunham que as experiências de grupo encontram-se entre os mais importantes determinantes da natureza humana, além da experiência social ser de importância central para a ontogênese em muitas espécies. Parecia ser a maior preocupação da época a busca por conhecimento sobre a natureza humana, com destaque para os efeitos do grupo sobre o comportamento humano, do que os efeitos da interação social.

Robert Hinde é apresentado por Aranha (1993) como o pesquisador que oferece grande contribuição ao refletir questões teóricas e metodológicas acerca do estudo da interação enquanto unidade de construção das relações sociais. Hinde ainda sugere a necessidade da criação de uma Ciência das Relações Interpessoais, isto é, um conjunto sistematizado de conhecimentos, no qual a descrição das relações, a categorização e classificação de suas propriedades possibilitariam a identificação de princípios explicativos referentes à sua dinâmica. Sobre interação social e relação social Hinde propõe que:

[...] considerando que a natureza da interação depende da influência atomizada de cada um dos parceiros, faz-se importante, ao descrevê-la, referir-se tanto ao seu conteúdo, como à sua qualidade. Já a relação é um fenômeno que envolve algum tipo de interação intermitente entre duas pessoas, envolvendo intercâmbios durante um período relativamente extenso de tempo. [...] Ou seja, para compreender uma relação precisa-se conhecer também os aspectos afetivos/cognitivos envolvidos, reconhecendo que estes, além dos comportamentais estão intimamente interligados. Sugere, a partir destas reflexões, que para descrever a relação aborde-se tanto o conteúdo, como a qualidade e o padrão das interações entre os parceiros. Lembra, ainda, que mesmo as interações diádicas ocorrem em um contexto social poliádico, palco da trama de relações que afeta cada interação em particular e todas as interações, influenciando-as e por elas sendo influenciado (Aranha, 1993, p. 23).

Outra tendência, que congrega de algumas proposições sugeridas por Hinde - particularmente no que se refere à leitura do desenvolvimento das relações sociais enquanto processo, bem como do contínuo movimento dialético de influência entre os parceiros interativos, e à pressuposição do efeito cumulativo das interações no desenvolvimento cognitivo e do desenvolvimento das relações interpessoais dos sujeitos - torna-se absolutamente peculiar e inovadora, ao defender o plano interativo como o contexto em que se dá a construção, por um lado, da subjetividade humana e, por outro, da própria história da humanidade. Os principais representantes desta tendência são os psicólogos da antiga União Soviética, Vygotsky e Leontiev (Aranha, 1993).

A socialidade na contemporaneidade está contextualizada em sistemas de relações que congregam para além do eu e o outro, afetada por sistemas socioeconômicos e políticos que penetram com seus ideários, as formas de ditar o ser nas relações mais locais. A relação entre o local e o coletivo também estarão afetados de formas distintas. Dipaola (2010) propôs discutir a relação comunitária e identitária, refletindo sobre o modelo contemporâneo e sua expressão, em novas formas de vinculação social, denominando “socialidades contemporâneas”. Realiza suas análises a partir de um contexto de globalização, marcado por transformações políticas, econômicas, sociais e culturais e com isso, a previsão de uma produção de vinculação social mais dinâmica e flexível e não mais centrada em uma concepção rígida da realidade e espaço-temporal.

Es posible argumentar, entonces, que caracteriza a las relaciones comunitarias, en los tiempos actuales, la permanente circulación: vale decir, ya no se perciben estructuras socio-culturales rígidas que, arraigadas en las tradiciones, establezcan e institucionalicen grupos de pertenencia duraderos y estables, por el contrario, lo que aparece es un permanente movimiento desde una comunidad hacia otra. Pero, en oposición a lo que en ocasiones suele admitirse desde los estudios sociológicos, esto no evidencia que existan procesos de “fragmentación social” o una clara tendencia hacia el individualismo (Dipaola, 2010, p. 164).

O autor soma a essas questões que as identidades são primeiramente flexíveis e depois dinâmicas enquanto que as comunidades são, em primeiro lugar, dinâmicas e, em seguida, flexíveis. Na comunidade a flexibilidade é dada pela sua dinâmica, a interação como imanente ao processo comunitário gera em sua dinâmica a relação de flexibilidade e intercâmbio. Já as identidades são

flexíveis, se conformam e constituem através de suas transformações e se voltam dinâmicas no exercício comunitário, seria como relações grupais articuladas como momentos. Com isso, os momentos integradores do social seguem existindo, não mais de uma forma orgânica-representativa, mas com baixos momentos de rearticulação constantes.

Na dinâmica das relações, a relação intercultural de grupos indígenas em meio virtual também não se distancia dos conceitos fundamentais de cultura e tradição, no qual entendemos que estes são dinâmicos, mutáveis, reconstruídos e reinventados. Hoje as tecnologias virtuais tem sido parte do cotidiano de diversas comunidades que se apropriam dessas ferramentas para o uso personalizado.

[...] os índios constroem suas identidades sociais por meio da reelaboração dos seus passados, utilizando diversas fontes históricas como mitos, narrativas, memórias, lugares, espaços, etc. Nesse processo de construção identitária, os índios buscam ser atendidos em suas reivindicações políticas do tempo presente, reatualizando suas histórias para melhorar as condições de vida da comunidade étnica e para possibilitar novas perspectivas para o futuro (Hill, 1994; Rappaport, 2005). Os deslocamentos permitem aos Guarani Mbya afirmarem sua identidade étnica, e, por meio desses deslocamentos, esses índios trocam experiências, sementes, praticam rituais, realizam casamentos e alianças políticas e participam de aprendizados políticos em assembleias indígenas (Teao, 2015, p. 26).

Dessa forma, atualmente não pode existir um estranhamento ao encontrar grupos indígenas ativamente nas redes sociais virtuais, dado que suas novas necessidades e relações sociais encontraram na rede virtual um cenário um

pouco mais aberto para o diálogo e para possíveis respostas e estas os fizeram reformular comportamentos e ações culturais para o “estar presente”.

O espaço virtual ou ciberespaço aparece como lugar de expressão, comunicação, articulação e uso para os mais variados fins. Nunes Junior, em sua dissertação de mestrado, vale-se do conceito de *etnia* e *internet* para criar o conceito título do trabalho: a *internetnicidade*, ou “aquilo que é característico de uso da rede de computadores por etnias, entre si, ou seja, entre os membros de um mesmo povo; ou entre povos, isto é, inter-etnias” (Nunes Junior, 2009, p. 7).

O autor discorre acerca da sala de informática na Escola Indígena Itaty, em Morro dos Cavalos, ambiente conectado à rede onde surgiu o sítio [www.terra guarani.org.br](http://www.terra guarani.org.br), que funcionou de 2005 a 2007 (Nunes Junior, 2009). O sítio era elaborado durante as aulas de Comunicação e Informática da turma de jovens da aldeia de Morro dos Cavalos, onde experimentavam a elaboração de páginas da *web* em *softwares* livres, alimentando-as com as novidades da Campanha para Demarcação. Através de amigos ativistas pró *softwares* livres, conseguiram um servidor gratuito para armazenar o sítio, ligado à mídia independente. Discutindo sobre a apropriação das mídias sociais pelos Guarani, o autor tece a seguinte observação:

[...] a conexão antigamente feita por mensageiros que percorriam as comunidades e que, atualmente, é feita via telefonia fixa e móvel, e-mails e recados no Orkut, poderia continuar utilizando equipamentos como rádios comunitárias, computadores e periféricos, e a internet (Nunes Junior, 2009, p. 99).

O autor conclui ressaltando que a comunicação é essencial para a integração dos povos e, “com a implantação de NTICs em escolas indígenas

pelos governos, via projetos de inclusão digital ou Pontos de Cultura”, não se observa uma alteração na cultura, mas uma “adaptação dos povos a essas tecnologias”, para a promoção “do bem estar garantido em leis nacionais e convenções internacionais” (Nunes Junior, 2009, p. 101).

Como já sugerido nesse trabalho, a relação de etnicidade (Barth, 2005) apresentou-se para os Guarani como estratégia no contexto virtual, pois em momentos se faz necessário destacar-se enquanto subgrupo étnico Guarani, seja Mbyá, Kaiowá ou Nhandeva, e em outro momento como povo Guarani, sem distinção de grupo, concentrado na denominação ‘Guarani’ a multiplicidade de necessidades e ao mesmo tempo de força e unidade política.

Desta forma, à luz de Nunes Junior (2009) entendemos a *internetnicidade* como a apropriação da internet pelos grupos étnicos para mobilização, comunicação e trocas e propomos o conceito de *internetnização*, isto é, contextualizado nos conceitos de *internet* e *etnização*, como a expansão da dinâmica da etnicidade, para os meios virtuais. A transformação da pauta virtual global à também de ideários étnicos, isto é, tornar a dinâmica étnica também parte da dinâmica virtual, transformar a dinâmica virtual em étnica.

Naturalmente, falar de *etnização* é socorrer-nos do conceito de etnicidade – de ampla utilização na literatura das ciências sociais modernas e em cujos textos o conceito é definido como envolvendo relações entre coletividades no interior de sociedades envolventes, dominantes, culturalmente hegemônicas e onde tais coletividades vivem a situação de minorias étnicas ou, ainda, de nacionalidades inseridas no espaço de um Estado-Nação (Cardoso de Oliveira, 2006, p. 89).

Algumas experiências podem ajudar aclarar o conceito. Por exemplo, quando a dinâmica virtual extrapola o sentido de apropriação e altera o próprio ambiente virtual, como foi o caso dos Guarani Kaiowá, que a partir da divulgação da situação de violência e violação de direitos em suas comunidades, surgiu um movimento mais amplo em prol do grupo através da sensibilização massiva, e instantaneamente, como movimento surpresa da rede, cria-se uma campanha de apoio no qual as pessoas trocavam seus nomes no perfil, como “João Silva” para “João Kaiowá”. Dessa forma, a relação virtual atravessou fronteiras e etnizou a rede, tornou espontaneamente Guarani os perfis da rede social Facebook.

Tonico descreve que a presença dos Guarani Kaiowá nas redes sociais pode ter sido motivada pela carta escrita pela comunidade sobre a violência que sofriam, que fez aflorar o sentimento humano, de identificação e sensibilização para causas coletivas.

Acho que o movimento do “Somos todos Guarani Kaiowá” por conta da carta, que eu traduzi e também corrigi [...] originariamente surgiu de decisão da Comunidade Kuaby Kueren, em 2012, quando receberam uma ordem judicial. Então, frente à ordem, escreveram uma carta, decidindo que iriam resistir até a morte, ou morreria todo mundo [...] essa carta, ela falava da decisão dessa coletividade, cento e sessenta pessoas, incluindo crianças, falou “Não, a gente não vai sair daqui, simplesmente nós vamos morrer aqui, a gente vai lutar, nós já estamos morrendo mesmo, se a gente for para outro lugar nós iremos morrer, se a gente for deixado na beira da estrada a gente vai morrer, se levar para outro lugar a gente vai morrer igual, de miséria, de outras coisas, então, a gente vai morrer aqui”. Esse é o conteúdo da carta. Eu acho que diante disso entendem que aquela pessoa realmente não

deveria sofrer violência, já está em situação complicada, falando dessa situação, como é que ele passa o dia a dia, só come uma vez por dia. A mensagem enviada para a rede, através da carta, [faz] a pessoa entender muito bem, qual a situação em que eles estavam [e que] não deveriam viver daquela forma. Então, o pessoal se sente no lugar dessas pessoas. “Eu não vou desistir, não vou me render, eu vou buscar, vou conseguir, vou morrer, mas vou ter que lutar até morrer. Eu não mudo meu plano”, mais ou menos isso, que eu acho que muitas pessoas entenderam bem dessa mensagem. Eu acho que esse pessoal se viu no lugar do Guarani Kaiowá e levou essa força (Tonico Benites).

Ao longo dos capítulos buscaremos trazer outros exemplos e relatos para demonstrar ações da dinâmica sugerida como de *internetnização* (Figura 5).

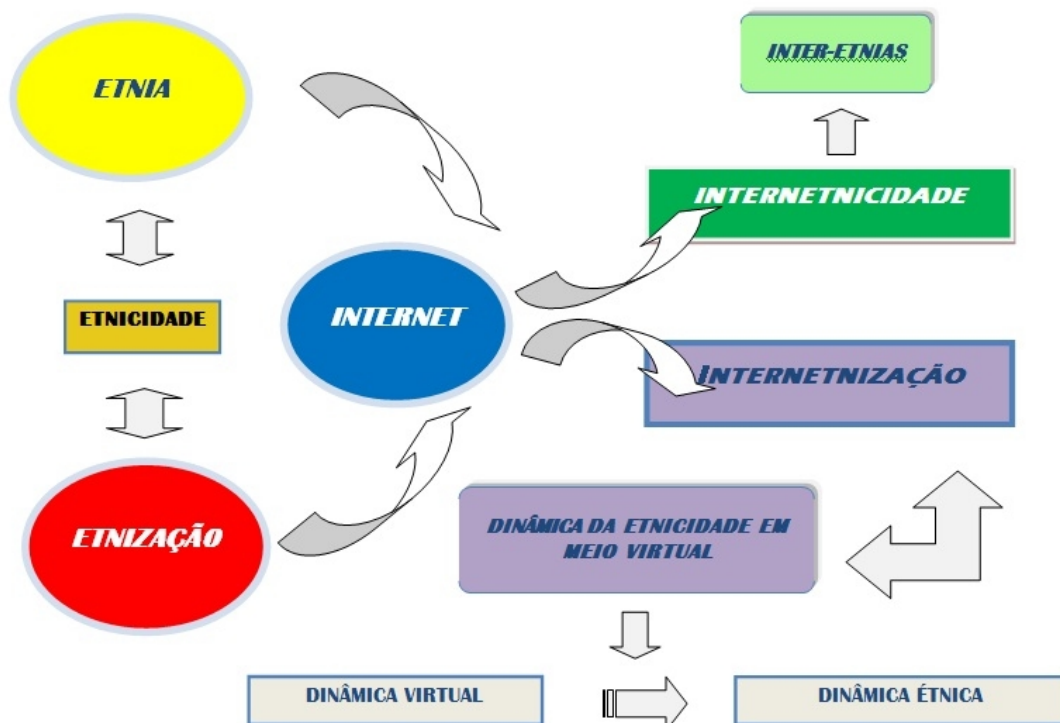


Figura 5. Mapa sobre dinâmica de Internetnização

#### 4.1 Redes sociais virtuais e o povo Guarani da América Latina

Como foi apresentado na metodologia, o Facebook, a rede social virtual mais utilizada pelos Guarani, apresenta diversas dinâmicas e formas de utilização em seu formato de rede social. Basicamente cada pessoa se cadastra e a partir de então, gerencia sua página *online*, em seu perfil ou página (*timeline*) a pessoa pode escrever ou postar opiniões, sensações, relatos ou o que deseja, no formato de descrição ou por imagens, que terá acesso aberto ou restrito, dependendo da configuração de privacidade escolhida. Também terá acesso à página de outras pessoas ou grupos e poderá dar *likes* (curtir), comentar e/ou compartilhar postagens, bem como outros poderão fazer o mesmo com seus *posts*.

Além da dinâmica do perfil, existem os grupos que podem ser abertos ou fechados e a participação em um grupo dependerá da aprovação do moderador ou gerenciador deste grupo.

Outra modalidade são os eventos que podem ser criados e também compartilhados em *timelines* de perfis ou grupos. Portanto, a dinâmica geral se resume em postagens com curtidas, comentários e/ou compartilhamentos.

Para Sandra Benites, “[...] os mais jovens, eles têm muito acesso à internet, a grande maioria, e eu conheço os Guarani até lá da Argentina, que eu conheci através do Facebook, na verdade, adicionei a amizade, tem muitos Guarani também acessando a internet, eu acho”.

Nessa perspectiva, a coleta de dados virtuais aconteceu principalmente na mídia virtual Facebook, em **páginas e grupos**. Seguimos apresentando os resultados dos dados coletados, bem como, a discussão desses resultados articulados às entrevistas realizadas com os participantes deste estudo.

Na Tabela 3, apresentam-se as páginas estudadas criadas por Guarani ou nas quais havia sua presença e suas principais dinâmicas e interações.

Tabela 3

*Dados das páginas e informações sobre suas publicações*

Página	Título	Publicações			Total de interações
		Curtidas	Comentários	Compartilhamentos	
#1	Guarani reko Comissão Guarani	54078	3649	24323	82050
#2	Yvyrupa	16073	560	12911	29544
#4	Guaraní Online	9148	679	4331	14158
#3	Cultura Guarani	1849	70	838	2757
#10	Aty Guasú - Nación Guarani Bs. As.	989	66	444	1499
#7	OSCIP Guarany Ciclo Reencuentros con Pueblos	462	39	506	1007
#5	Originarios Dicionário Audiovisual	360	8	207	575
#6	Guarani Yvy Rupa Instituto TEKO	298	24	181	503
#11	GUARANI	262	15	379	656
#9	Tenonderã Ayvu Associação Mboapy	218	18	11	247
#8	Pindó	204	26	102	332
#12	Tekoa Virtual Guarani	17	5	2	24

Na Tabela 3, apresentamos ainda a ordem decrescente de páginas em relação à sua expressividade na rede. Para tanto, consideramos o número de publicações que receberam curtidas (*likes*), que receberam comentários e que foram compartilhadas, somando assim o total de interações realizadas. Desta forma, podemos relacionar as páginas de maior interação como as que mais realizaram trocas interculturais, tomando como pressuposto que nas páginas estão presentes Guarani, outras etnias indígenas e não índios.

As páginas Guarani reko, Comissão Guarani Yvyrupa e Guaraní Online destacam-se como as páginas de **maior expressividade** na rede estudada. A primeira é uma página argentina de divulgação da cultura; a segunda, uma página brasileira de articulação política; e a terceira, uma página paraguaia de cursos de

língua guarani e divulgação da cultura. Ainda sobre estas páginas, verificamos que as imagens mais veiculadas, curtidas e visualizadas na rede estudada foram as da Comissão Guarani Yvyrupa, com duas, e as da Guarani reko, com 18, dentre as 20 imagens destacadas (fotos das imagens, em Anexo C).

A visualização dos dados da rede de páginas Guarani permite sinalizar os impactos proporcionados pelas páginas Guarani reko, Comissão Guarani Yvyrupa, Guaraní Online, Instituto TEKO GUARANI e OSCIP Guarani, na relação com a popularidade. Para além destas, que também apresentam um grande número de participantes, destacamos as páginas Tekoa Virtual Guarani e Aty Guasú - Nación Guaraní Bs. As.

O grafo da rede virtual Guarani (Figura 6) permite melhor visualização das conexões entre as páginas, destacando sua intensidade, dimensão e popularidade. Verificamos que as páginas com **maior expressão por publicações** são Guarani reko, Comissão Guarani Yvyrupa e Guaraní Online, como já verificado pelas tabelas e seus números de interações. Mas também podemos observar a relação com outras páginas como Cultura Guaraní, Instituto TEKO GUARANI, Aty Guasú - Nación Guaraní Bs. As. e OSCIP Guarany.

Com o grafo foi possível constatar a popularidade e o destaque das páginas já citadas, bem como a dimensão de seu alcance de interações nas distinções de tamanho, cor e quantidade de aglomerações de *posts*, isto é, a dinâmica do interior de cada página.

Dentre as *publicações*, observa-se que a **relação de popularidade** está relacionada com as páginas, Comissão Guarani Yvyrupa, Guarani reko, Guaraní Online e Cultura Guaraní, que veicularam a publicação de maior interação e maior impacto.

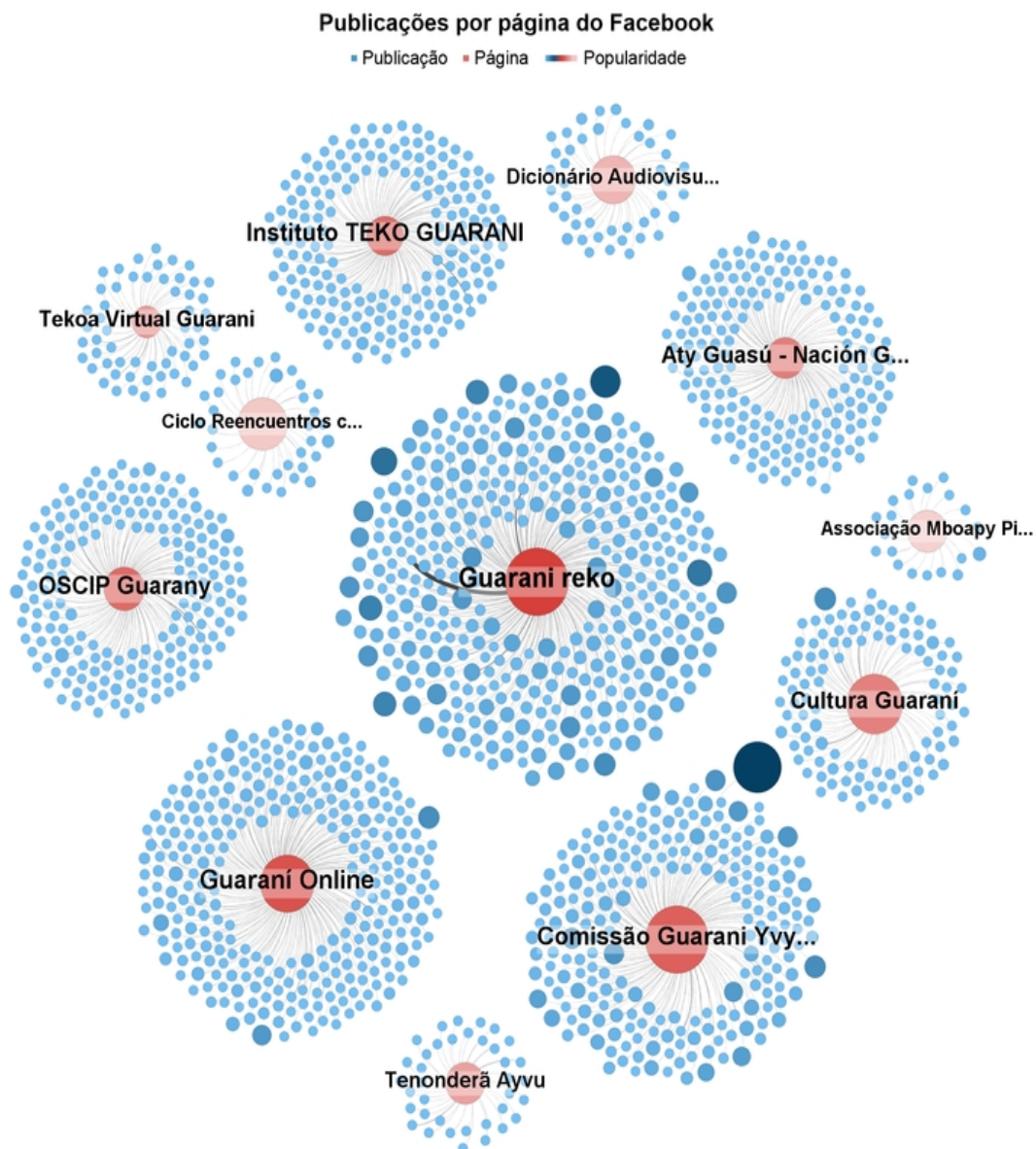


Figura 6. Grafo<sup>14</sup> da rede virtual Guarani

<sup>14</sup> Endereço do grafo online: <https://dl.dropboxusercontent.com/u/23392158/povo-guarani-online/1-posts/index.html>.

Na Tabela 4, percebemos que a **imagem de maior expressividade**, foi a veiculada pela CGY com mais de sete mil interações. Refere-se a fotografia sobre a criança Guarani segurando a faixa “demarcação” (Figura 7), feita durante a abertura da Copa do Mundo de Futebol, na cidade de São Paulo, no ano de 2014.

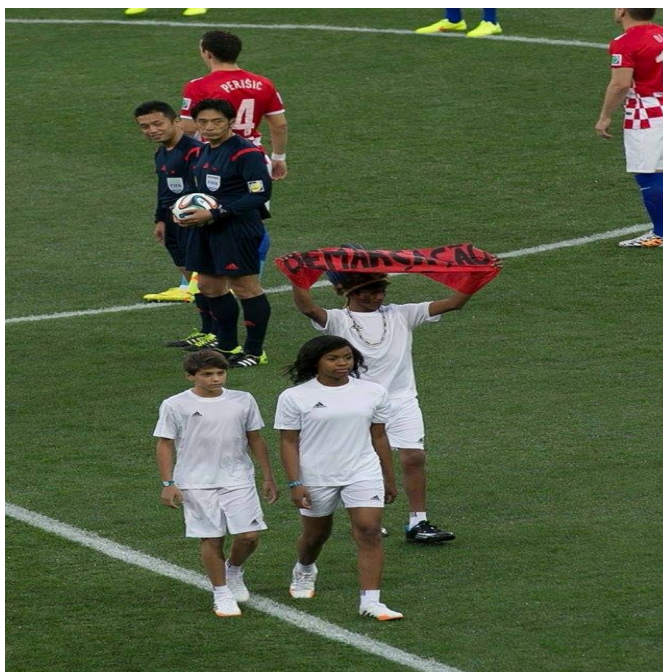
Tabela 4

*Imagens destacadas com maior expressividade nas páginas (Anexo C)*

Imagem	Data (UTC) <sup>15</sup>	Curtidas	Comentários	Compartilhamentos	Total	Página
#1	6/13/2014 13:10	2202	103	4655	7102	CGY Guarani
#2	12/8/2014 3:08	1136	73	1003	2271	reko
#3	12/4/2014 23:50	1038	72	293	1414	Guarani reko
#4	1/14/2015 2:24	932	71	253	1306	Guarani reko
#5	9/28/2014 2:36	428	27	677	1178	reko
#6	9/23/2014 23:48	388	31	597	1041	Guarani reko
#7	1/26/2015 2:48	663	40	308	1031	Guarani reko
#8	1/26/2015 0:48	535	46	392	995	reko
#9	9/30/2014 23:12	409	29	479	962	Guarani reko
#10	9/20/2014 23:07	365	19	496	894	Guarani reko
#11	12/26/2014 14:04	321	40	319	700	Guarani reko
#12	9/27/2014 12:11	298	39	297	679	Guarani reko
#13	1/7/2015 22:25	357	14	299	679	Guarani reko
#14	6/13/2014 22:02	278	11	378	676	CGY Guarani
#15	9/4/2014 3:32	300	35	286	661	reko
#16	9/18/2014 11:26	464	36	137	661	Guarani reko
#17	12/13/2014 1:00	517	33	97	659	Guarani reko
#18	11/22/2014 17:41	393	14	232	646	Guarani reko
#19	1/29/2015 18:26	464	41	113	639	Guarani reko
#20	10/11/2014 23:35	300	8	321	639	Guarani reko

<sup>15</sup> Coordinated Universal Time (UTC)

A imagem mais veiculada (Figura 7) obteve repercussão internacional, através de sua divulgação no Facebook, pela página da Comissão Guarani Yvyrupa. A mídia oficial brasileira estava presente no momento da intervenção da criança Guarani sobre a campanha #demarcaçãojá; no entanto, não divulgou o fato. Depois que várias mídias internacionais, como as da Alemanha, da França e da Argentina, divulgaram o fato na abertura da Copa, outras mídias brasileiras também o noticiaram, como *O Globo* (Anexo D, com clipping das notícias).



*Figura 7.* Foto com maior número de interações (Anexo C). Retirado de <http://oglobo.globo.com/brasil/jovem-indigena-levanta-faixa-de-protesto-durante-abertura-da-copa-12846532>

A imagem do *xondaro*<sup>16</sup> Guarani foi de grande repercussão e pôde dar outro tom durante a Copa do Mundo, pois antes do início dos jogos, muitas

---

<sup>16</sup> *Xondaro* são como lutadores, guerreiros e guardiões Guarani.

manifestações haviam ocorrido em diversas cidades brasileiras, organizadas por movimentos sociais e independentes, com o lema “Não vai ter Copa”.

As manifestações eram contrárias à forma como foram abusivamente gastos o dinheiro público pelo governo federal, com a construção e reforma de estádios, como o Itaquerao, com a expulsão de famílias que vivem no entorno do estádio, como também o caso demolição do antigo Museu do Índio, aldeia Maracanã.

As reivindicações eram pautadas em mudanças do investimento do dinheiro público e clamavam por mais escolas, hospitais e moradias. Sobre este dia de grande repercussão Marcos relata:

[...] foi aquele momento que tinha que entrar e fazer [...] foi uma articulação bem pensada, cuidada também [...] Foi uma estratégia muito bem pensada pelas lideranças, pelos Guarani da capital. A gente tem uma comissão de mobilização, e [decidimos que] tinha que ser naquele momento, e foi num momento que a política em si, a política do Congresso Nacional estava muito forte, [a pauta], em relação a essa questão da PEC 215, e que de jeito nenhum a mídia estava divulgando [...] E nós estávamos brigando na copa [...] a gente já tinha tentado vários canais, vários pontos de mobilização, mas a mídia não estava nem aí para a questão. Mesmo lá no estádio, foi aquele “tcham” digamos, mas você viu que a Globo mesmo na hora não passou, só depois [...] tinha uns amigos nossos lá, no estádio, e que no momento ali que ele abriu a faixa, conseguiu fotografar. Mas, depois, que ele voltou, o pessoal já tirou a faixa dele e acho que rasgaram tudo [...] enfim deu muito impacto, um grande impacto e que teve a imprensa depois disso, se interessaram e foram lá na aldeia do Krucutu e fizeram muitas entrevistas com o menino, com as lideranças e perguntou se foi espontâneo dele [...]

nós assumimos, fomos nós, ele estava orientado para fazer, levantar a faixa naquele momento[...] Na verdade, a mídia, a imprensa hoje, oficial, não está aí para causa social, encobre muita coisa e até mesmo mobilização do movimento social, ou quando divulga, já divulga distorcida todas as informações, então, infelizmente, aí a gente tem que usar outros mecanismos (Marcos Tupã Mbya).

Com isso, é notável perceber o quão trabalhoso se torna conseguir adentrar os meios de comunicação e tornar informada a sociedade acerca das problemáticas indígenas, dada a blindagem verificada nos meios de comunicação oficiais. Neste caso, o meio virtual se fez essencial no processo de divulgação, ampliação e acesso de informações. Do local à mídia internacional, do menino à questão da terra.

Podemos agrupar as 20 **imagens com maior número de interações em temáticas**, como: história (2; 4; 7; 9; 12; 13), cultura (3; 5; 6; 8; 10; 11; 15; 16; 17; 18; 19) e política (1; 14; 20). É interessante verificar que as imagens 8 e 16 são as mesmas, a fotografia de um pé de frutos e flor de maracujá (Figura 8), colocadas em momentos distintos na página Guarani Reko, sendo uma em setembro de 2014, com a descrição *mburukuja*, e outra em janeiro de 2015, com descrição de uma lenda “*La pasionaria-mburukuja*”.



*Figura 8.* Foto, dentre as 20 imagens com maior número de interações, compartilhada duas vezes (imagens 8 e 16). Fonte: Guarani reko<sup>17</sup>, 2015.

As outras imagens remetem, principalmente, a lendas como as da Virgem de Caacupé, do pássaro “hornero”, do “kurupi”, trazendo conteúdos que dialogam com a mítica Guarani, suas histórias e representações. Também aparecem muitas imagens da relação estreita com a natureza, através da imagem de frutos como manga, goiaba e animais, como cachorros, tatus; questões específicas da cultura como a comemoração do ano novo Guarani, do idioma Guarani; e questões mais políticas, como o questionamento da comemoração do dia 12 de outubro, dia de representação não do descobrimento, mas da colonização europeia na América (Fotos em Anexo C).

<sup>17</sup> LA PASIONARIA (LEYENDA)- Se solía contar que hace mucho tiempo, había venido de España, con sus padres, una joven blanca como la leche y muy linda. Se dice que vivía feliz con sus familiares hasta que vio a uno de nuestros antepasados, un joven fuerte del que se enamoró. A su padre no le gustaba el muchacho que amaba su hija y le dijo que no lo vea ni en secreto. La chica, a pesar de eso, quedaba calladita cuando él se le acercaba fuera de la vista de sus padres y se encontraba secretamente con su amado. Así estuvieron ellos, durante muchos días, con un amor bueno y limpio. Después llegó a oídos del padre de la joven que su hija se encontraba con el muchacho a quien él no quería. Furioso mandó a matar a su hija y la hizo enterrar bajo un árbol. Allí brotó una planta en forma de enredadera, se encaramó poco a poco en las ramas y tuvo unas flores de color morado. Desde ese día se le llamó mburucuyá (pasionaria) a esa planta y a su hermosísima flor. MBURUKUJA- Oñemombe'úvante niko ymaite guivéma, aipo Espãñagui ou raka'e, itúva kuéra ndive, peteĩ kuñataĩ morotĩ kamby ryjúi, rasa iporáva. Vy'ápe ndajeko oiko hogaygua kuéra ndive ohecha peve peteĩ ñande pykue, aria'y mbarete omoakávaiva chupe. Itúva ndija'ei karia'y itajyra ohayhúvare ha he'i chupe anive haguá ni òemihápe ohecha chupe. Kuñataĩ katu oikónte kirirĩháme ha ijami vove chupénte, itúva kuéra resa'áme, ojojuhu ñemimby imboray hu ndive. Péicha oiko hikuái heta ára joayhu porã, joayhu potĩme. Upéinte oguahẽ kuñataĩ ru apysápe itajýra ojehechaha karia'y ha'e ija'e'ýha ndive. Pochyete reheve ojukaika itajýrape ha oñotýuka peteĩ yvyra guýpe. Upépe heñói peteĩ a'avo ysypo joguaha, ojupi mbegue katu yvyráre ha oñepyrũ ipoty pytãu asy. Upe guive oñembohéra mburukuja upe ka'avo ipoty porã iterei rasávape. F.A.A. Ver Portal Guarani, em [http://www.portalguarani.com/301\\_feliciano\\_acosta\\_alcaraz/1617\\_mombeuguau\\_coleccion\\_de\\_mitos\\_fabula\\_s\\_y\\_leyendas\\_paraguayas\\_feliciano\\_acosta\\_y\\_natalia\\_krivoshein\\_de\\_canese\\_.html](http://www.portalguarani.com/301_feliciano_acosta_alcaraz/1617_mombeuguau_coleccion_de_mitos_fabula_s_y_leyendas_paraguayas_feliciano_acosta_y_natalia_krivoshein_de_canese_.html)

Dentre os dados coletados, dos 100 **posts com maior número de interações nas páginas estudadas**, encontramos sete *links*, dois vídeos e 91 fotos. Destacamos as seguintes interações de alguns destes *links*: 1- oglobo.globo.com, com a chamada “Jovem indígena levanta faixa de protesto durante abertura da Copa”, e compartilhado pela CGY com a descrição “Saiu no globo...”, as interações foram 277 likes, 315 compartilhamentos e 2 comentários, um sendo “ A globo não mostra, mas a gente compartilha”; 2- copadomundo.uol.com.br, “Com faixa na cueca, índio burlou regra para dar recado a Dilma no Itaquerão”, compartilhado pela CGY com a descrição “Wera no Uol: "Eu não podia entrar com a faixa, mas eu queria, nosso povo queria e precisa. Coloquei na cueca, só tirei quando já estava lá no meio do campo e daí estiquei para todo mundo ver, porque a gente mora aqui faz muito tempo, faz mais de mil anos, a gente quer nossa terra demarcada", com 278 likes, 272 compartilhamentos e 4 comentários; 3- redebrasilatual.com.br, “Índios fazem novo protesto em São Paulo contra PEC sobre demarcações - PEC 215 pretende transferir do Executivo para o Legislativo as decisões sobre demarcações de terras indígenas e quilombolas do país”, compartilhado pela CGY, com 167 likes, 323 compartilhamentos; 4- www.ultimahora.com, “Ante nombres raros, elaboran lista de permitidos em guarani y español”, compartilhado pelo *Guarani reko* com a descrição “Elaboran lista de nombres en guaraní para la inscripción en el Registro Civil”, com 196 likes, 164 compartilhamentos e 8 comentários.

Evidenciam-se, portanto, dentre os **links de maior número de interações**, temáticas de assuntos prioritariamente de conteúdos políticos. Podemos dizer que, para outras mídias divulgarem a notícia de povos indígenas, esta deve ser apresentada como fato social de grande impacto, que nem mesmo a mídia

dominante consegue estancar de suas pautas de edições. Parece que a temas como tantos outros movimentos sociais e de interesse da população somam-se os da questão indígena. Mesmo que ainda silenciados e ignorados pela mídia dominante, a temática indígena veiculada nas redes sociais mostra-se como potente em determinadas situações de impacto, e força até mesmo outras mídias, como “oglobo.com”, a divulgar tais notícias. Será que as redes sociais são uma nova forma de controle social da informação? Qual será a consequência e o futuro das mídias no controle das informações? Como será para povos, comunidades e movimentos sociais a divulgação de suas notícias e informações? No desenrolar do estudo, tentaremos destacar tais questões.

Dentre todas as interações estudadas **nas páginas** elegidas da rede social Facebook, foram encontrados 33 **links de maior ocorrência**, nos quais, diante dos ainda disponíveis, selecionamos os seguintes: com oito ocorrências, o link ([http://youtu.be/K\\_xDghms7Wo](http://youtu.be/K_xDghms7Wo)) de um vídeo no *youtube* da *OSCIP Guarany* sobre a divulgação de evento nas Cataratas de Iguazu e do hino nacional brasileiro cantado em guarani – Brasil Retã Purahéi; com oito ocorrências, o link (<http://institutoteko guarani.blogspot.com/2014/11/la-primera-radio-para-pueblos.html?sref=fb>) de uma matéria no blog do *Instituto TEKO GUARANI* sobre a primeira rádio para povos originários que funcionará na comunidade Tupi-Guarani “Hipólito Yumbay” de Glew, sendo a primeira no estado de Buenos Aires a ter uma licença para o funcionamento da rádio e um marco sobre a nova Lei de Serviços de Comunicação Audiovisual; com seis ocorrências, o link (<http://institutoteko guarani.blogspot.com.ar/>) de uma matéria também no blog do *Instituto TEKO GUARANI* sobre o *Arete Guasu*, a grande festa das comunidades do povo Guarani da Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai, no qual no mês de

fevereiro celebram a memória do povo e reconstróem suas histórias e identidades; com quatro ocorrências, o link (<http://institutotekoguarani.blogspot.com.ar/2014/02/abra-una-asamblea-general-del-pueblo.html>) de uma matéria também no blog do *Instituto TEKO GUARANI* sobre a divulgação de uma Assembleia Geral do povo Guarani de Salta, Jujuy e Buenos Aires para definir sua situação organizativa e posterior busca do reconhecimento como Povo e sua autonomia política; com quatro ocorrências, o link (<http://movimientoguarani.blog.co.uk/>) de uma chamada no blog do *Movimiento Guaraní*, do Paraguai, sobre a divulgação de encontros, reuniões e lançamento do grupo; com quatro ocorrências, o link ([http://www.youtube.com/watch?v=f8\\_p94fxc8&feature=share&list=UU2NvuYZ8B8P0MKYWk1tmN5w](http://www.youtube.com/watch?v=f8_p94fxc8&feature=share&list=UU2NvuYZ8B8P0MKYWk1tmN5w)) de um vídeo no *youtube* da *OSCIP Guarany* com imagens sobre a situação da aldeia *Teko Ñemoingo* e pedido de apoio financeiro à Presidente Dilma Rousseff; com três ocorrências, o link (<http://www.defensadelpublico.gob.ar/es/comenzo-capacitacion-defensoria-del-publico-una-comunidad-indigena-del-pueblo-tupi-guarani-0>) de uma matéria no site da *Defensoría del Público de Servicios de Comunicación Audiovisual*, de Buenos Aires, sobre a capacitação de uma comunidade Tupi-Guarani para a implementação da primeira rádio Guarani do Estado de Buenos Aires; com três ocorrências, o link (<http://www.trabalhoindigenista.org.br/noticia/nota-do-centro-de-trabalho-indigenista-sobre-mat%C3%A9ria-terra-contestada-publicada-no-jornal-di>) de uma matéria no site do *Centro de Trabalho Indigenista*, sobre uma crítica realizada pelo CTI à matéria “Terra Contestada” publicada pelo jornal Diário Catarinense, no qual discorrem sobre o processo de demarcação da Terra indígena Morro dos Cavalos, no município de Palhoça-SC e possíveis fraudes no

processo demarcatório e no qual a CTI se coloca totalmente contrária a esta posição, dado que a responsável pelo laudo é antropóloga de qualificação reconhecida sobre estudos de aldeias Guarani.

Sites e blogs também se apresentam como mídias alternativas ao controle das mídias oficiais ou de grandes mídias dominantes para a “mídia índio (s)”, como apresentado no trabalho de Oliveira (2014), no qual se propõe, através de sua publicação, instrumentalizar os povos indígenas para o uso dos recursos virtuais, introduzindo um modelo de comunicação menos restritivo e mais inclusivo, compreendendo que a comunicação é uma arma nesse contexto de enfrentamento de ideias.

Em nosso estudo, observamos o crescente número de sites e principalmente blogs construídos e alimentados por comunidades indígenas, e que empoderam grupos locais e suas questões através da divulgação e da criação de outras formas de comunicação. Sandra Benites comenta sobre a importância do *Youtube* para os Guarani: “[...] vídeo nas aldeias é uma coisa que ajuda muito também, também algumas coisas que foram pesquisadas foram botadas no youtube, então eu já vi algumas coisas dos Guarani, muitas coisas dos Guarani que foram colocadas no Youtube”.

Através dessas mídias, da divulgação de questões culturais, políticas, educacionais, muitas vezes é possível estabelecer o diálogo intercultural ou mesmo o acesso livre às informações através de sites de busca, como enfatizado por Alberto Alvares: “[...] sempre eu falo: ‘O que não está dentro do Google, nas redes sociais, só conhecimentos indígenas, só os conhecimentos dos velhos que não está, você nunca vai encontrar no Google, mas o resto você encontra tudo’, o que você digitar ali aparece e acha”.

Das interações ocorridas **nas páginas** estudadas, obtivemos os **comentários** dos posts que tiveram **maior número de likes**, nos quais destacamos o comentário “Bella historia... y sobre todo en nuestra lengua nativa sangre guaraní... seamos orgullosos por ser sangre guaraní... recuperemos nuestra lengua... yo vivo en la argentina hace 14 años... con el orgullo de ser de sangre guaraní... hay compatriotas acá y en el mundo que reniega de su lengua”, de 19 *likes* sobre a lenda da Virgem de Caacupé; o comentário “Paraguay... Hay 2 versiones: 1-rios de los payaguas (payaguas= tribu de aborígenes guarani, y= agua) 2- rio de las coronas (paraguas= corona de palma, y =agua)”, de 17 *likes* sobre o significado da palavra Paraguay; o comentário “El tatoo es lo único que llevaremos con nosotros en la tumba, es un arte, una forma de demostrar o de decir lo que somos o lo que sentimos. Mirando su lado positivo, respeto a las personas que lo rechazan. Cada uno se expresa a su manera”, de 15 *likes* sobre pedido de tradução para o Guaraní de uma frase que deseja tatuar “mi tierra, mis raices”; o comentário “*Ko yvy ma nhãde mba'e*”, de 14 *likes* sobre a pergunta de como se escreve em guaraní “esta tierra es nuestra”; o comentário “#Demarcaçãojá!!!”, de 11 *likes* sobre foto da faixa aberta pelo *xondaro* Guaraní na abertura da Copa no Brasil; o comentário “O que realmente encantou a cerimônia da Copa foi a participação dos povos indígenas!”, de nove *likes* sobre a mesma foto acima; o comentário “El primer salto para el reconocimiento legal del Guaraní- como idioma se realizó en Paraguay cuando en su carta magna lo asume como idioma oficial junto con el castellano. Así también en el MERCOSUR, también es reconocido como idioma. En fin, lo de Argentina es un gran paso para dar ejemplo a los demás países que anidaron el Guaraní en su pueblo pero no lo reconocen aún. Viva el pueblo Guaraní”, de nove *likes* sobre o

reconhecimento legal da língua guarani na América; o comentário “Por fin... espere años para que pase esto... dejen de poner nombres extranjeros a sus hijos sr/a... aguante los nombres guaraníes”, de oito *likes* sobre lista de nomes em guarani para inscrição no Registro Civil; o comentário “Bravo! Viva a resistência indígena”, de oito *likes* sobre a Proposta de Emenda Constitucional, PEC 215, não ser votada e arquivada após duas semanas de manifestações indígenas em Brasília, prisões e muitas chuvas; o comentário “Vão morar em cuba que eh mais legal. Coréia do norte também... hahahahahaha idiotas”, de seis *likes* sobre participação de *xondaro* Guarani no ato por tarifa zero em apoio ao movimento do MPL (Movimento Passe Livre); e o comentário “Índio de adidas? Morte aos imperialistas indígenas americanizados”, de seis *likes* sobre o mesmo post acima, da participação dos Guarani no ato por tarifa zero.

A temática sobre a língua, a cultura e a história Guarani aparece em destaque dentre os comentários mais curtidos, seguidos das questões políticas e de identidade, como o comentário sobre a possibilidade do registro civil do nome em guarani — uma luta em vários países pelos povos indígenas, poder colocar o seu nome étnico em qualquer documentação de identificação, não necessitando criar outros nomes de origem não índia. Destacamos nos dados apresentados os comentários de menor impacto. No entanto, surgem as questões de preconceito e de racismo como dado e de teor significativo e não muito discutido.

No primeiro comentário, “Vão morar em cuba que eh mais legal. Coréia do norte também... hahahahahaha idiotas”, com teor de ódio e xingamento, aparecem questões sobre a participação do *xondaro* Guarani — que estava no ato por tarifa zero em apoio ao movimento do MPL (Movimento Passe Livre) — com países de governos de cunho ditos socialista/comunista, e faz-se o pedido

para que fossem para esses países. Entendemos que dessa forma o comentário estaria em consonância com o que o *xondaro* queria, isto é, mais direitos sociais para a população; no entanto, o teor de ódio demonstra outra relação, a de expulsão dos povos originários do território brasileiro; neste caso, o *xondaro* Guarani, por não aceitar o modelo econômico, social, político e cultural vigentes. Com isso, pareceu-nos uma contradição, embora ainda muito naturalizado e praticado, a expulsão dos povos originários de suas terras e lugares, como acontece a mais de quinhentos anos. Preocupante é o discurso de ódio envolvido no sarcasmo desse comentário, pois através de um tom de brincadeira pode-se expressar a intolerância étnica e política.

No seguinte comentário, “Índio de adidas? Morte aos imperialistas indígenas americanizados”, outra contradição aparece sobre o questionamento de um índio poder usar um tênis com a marca Adidas. Agora se impõe um modo “tradicional” estático de como se deve ser índio, e, pelo fato de o Guarani usar Adidas, é associado aos imperialistas norte-americanos e ao capitalismo. Interessante o questionamento: se atrelarmos os dois comentários, pois fica incoerente “índio” socialista usar grandes marcas capitalistas; no entanto, o que se observa nas entrelinhas é o discurso de um senso comum, dominante, de que índio para ser índio tem que andar nu e viver isolado na mata. Sim, alguns índios ainda vivem assim, outros já viveram e outras etnias não. Eis que retomamos a questão da “tradição”, neste caso entendida como imutável e restrita, mas acreditamos na “tradição” modificada ao longo da história de cada povo e resultado da relação com outros povos e de suas ressignificações.

Todavia, mesmo como crítica, o tom do discurso ainda é de preconceito e ódio, pois na sequência pede-se “morte” aos imperialistas indígenas e

americanizados. Entretanto, para os índios se tornarem ou serem imperialistas ainda se torna muito contraditório o local escolhido e a situação, já que este comentário ou opinião surgiu de uma foto tirada da manifestação de jovens lutando por direitos sociais e por melhoria das políticas públicas de transporte, a de reivindicação pelo passe livre. Com isso, podemos dizer que isolar um item, nesse caso um tênis, e tentar realizar uma crítica mais geral pode incorrer em preconceito, pois o fato ainda aponta sobre o desconhecimento de quem sejam esses jovens Guarani, quais são seus desejos, por que querem ter o passe livre, ir para a universidade, usar roupas diferentes, ter celular e outros eletrônicos e também, manter sua língua, seus rituais, seus modos de vida.

Podemos conceituar preconceito racial como:

[...] uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece. Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca; quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico, para que sofra as consequências do preconceito, diz-se que é de origem (Nogueira, 1979, p. 79).

E por discriminação racial, qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferências baseadas em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica, que tenha como objeto ou efeito anular ou restringir o reconhecimento, o gozo ou o exercício, em condições de igualdade, os direitos humanos e liberdades

fundamentais no domínio político, social, cultural, ou em qualquer outro domínio da vida pública (Decreto nº 65.810, 1969).

Alguns dos participantes entrevistados apresentaram em seus relatos que nas redes sociais enfrentam com frequência os discursos de ódio, preconceito e racismo, como no relato de Tónico criticando a mídia dominante e seus profissionais de não divulgar informações relacionadas às violações dos direitos indígenas:

[...] já de um jornalista cheio de racismo, cheio de preconceito, que já não gosta dos índios, e ainda está vinculado a um adversário político, acaba que muitas pessoas entram também nessa rede, nessas informações distorcidas, fragmentadas, e a rede contribui para isso até hoje [...] (Tónico Benites).

Outro exemplo da relação de discriminação, do confronto étnico e da imagem negativa do indígena construída historicamente e perpetuada até os dias atuais, inclusive nas redes sociais, é contada por Maynõ, Marcelo e Ramón.

Esses tempos atrás eu estava olhando o Facebook e eu vi uma publicação que falava sobre os *outdoors* que colocaram na época da demarcação aqui em Aracruz, um *outdoor* que eles falavam mal dos índios, uma das frases que eu não esqueço, e não vou esquecer também, é “Aracruz trouxe o progresso, a FUNAI trouxe os índios”, e nisso a população de Aracruz metendo o pau nos Guarani, metendo o pau nos Tupinikim, e esse pessoal eles não sabem, não conhecem, nem sequer pisaram numa aldeia, então, eu vi eles escrevendo aquelas coisas na internet e até xingando também, desmoralizando [...] escrevemos uma coisa para eles e convidamos eles a virem na aldeia para conhecer a verdadeira realidade do povo indígena, pelo menos do povo Guarani, já que eu mandei mensagem daqui, então, ou seja,

onde eu quero chegar, é que uma das coisas que a internet proporciona é isso, a gente se defender, a internet ela é um dos meios de comunicação mais utilizados no mundo, então, é um bom escape para eu poder mostrar, divulgar o que realmente acontece, e não o que é divulgado de forma errada, de pessoas que mal vieram aqui na aldeia e passaram menos de um dia, ou algo parecido, e acham que sabem alguma coisa e saem falando por aí. Quando é um Guarani que publica algo, quando é um Guarani que comenta algo através de redes sociais, ou que seja em *blog*, enfim, é uma coisa de uma pessoa que está lá dentro, que vive lá dentro e não de uma pessoa que veio aqui um dia, passou um dia e depois foi embora e teve uma ideia talvez até errada (Maynõ Cunha).

[...] mas aparece algumas pessoas que postam coisas de negativo. E que isso também acaba virando uma discussão entre índios e não indígenas, inclusive os não indígenas também discutem a questão quando é uma coisa negativa contra os indígenas. E realmente os indígenas, até hoje, sofrem de discriminação, da mesma forma o negro também sofre muita discriminação. Então, todas essas coisas a gente vai discutindo também entre amigos [...] É, preconceito, violência contra líderes indígenas, tanto contra líderes também quilombolas e outras, e a gente vê também em outros países. O que está acontecendo, muita comunidade lutando pela sobrevivência, líderes que lutam pelo seu povo e acaba sendo assassinado e isso gera um problema sério psicológico até também para as pessoas que estão vendo, acompanhando e aí é isso, sempre tem um assunto pra discutir [...] porque o mundo, principalmente o nosso país, é cheio de preconceito, existe muita gente preconceituoso, é gente que fala que “Ah, o Brasil foi dominado,

então, tem que ser dominado, os indígenas são isso, são aquilo e tal”, tem gente que nem se toca de que ele está num país aonde os primeiros habitantes eram os indígenas e são os indígenas que merecem respeito (Marcelo Guarani Wera Djekupe).

No sé, no sé si ha ayudado a cambiar la imagen, pero si ayudó a la difusión de que se conozcan por parte los pueblos originarios [...] pero también una fracción que tiene mucho más acceso y mucho más poder, que constantemente también está ocultando, escribiendo cosas contrarias a los pueblos originarios, entonces es como una lucha de información, y de quien tiene, digamos más poder, podemos decir, con relación a la palabra en internet, porque yo puedo publicar algo como simplemente como un ciudadano común del cono urbano, pero si lo publica una persona reconocida en la sociedad tienen mayor alcance y casi siempre tiene más credibilidad aunque sea mentira. Internet ayudó para que conozcan la problemática indígena en grandes sectores, pero no modifica el pensamiento de una gran mayoría, porque todos que buscan la información de indigenismo, que están relacionadas al mundo indigenista, son personas abiertas de mente a recibir información para comentar para opinar, son los menos, siempre son, digamos en los encuentros siempre son los mismos, termina siendo un grupo casi cerrado, como esta información viene de los suburbios, podríamos decir, la información no viene del mundo académico del mundo oficial, el mundo que está establecido como mundo oficial de la información, por parte del Estado, o empresas privadas es como si fuera de segunda calidad, los medios de comunicación los toman a veces nada más que como una nota de color, o una nota para despotricar a un sector u otro,

y no se abordan la verdadera problemática del mundo indigenista. Siempre es, o casi siempre es en los grandes medios de comunicación, al indigenista o la problemática indígena se la termina usando. Internet sirvió para que fuera una gran vidriera de una gran mercería, pero en esta misma proporción hay gente de tractora, que está en contra, entonces por cada publicación que yo hago, hay otras, tal vez diez están hablando en contra de esa publicación. A mí me pasó estar en contra de recibir cierta información he recibido insultos, agresión, hasta tuve que cerrar el Facebook por un tiempo, hasta casi amenazas. Internet tiene estas cosas, puedo publicar algo bello y llegue pero también puede ser que esa comunicación que yo tenga sea atacada por otros, es parte de lo que es hoy internet hoy en día. Y Encuentros del ciclo, acaban siendo un grupo casi que cerrados, porque las informaciones no vienen del mundo académico, del mundo oficial. La internet tiene esa fuerza (Ramón Villar Brizuela).

O estudo de Vaz et al. (2015) também conclui que as redes sociais virtuais como espaço de interação social promovem discriminações, principalmente raciais, sendo que:

Nossa inquietação está em considerar que as práticas discriminatórias nas redes sociais existem, ferem os direitos humanos, provocam danos irreparáveis no desenvolvimento humano tanto dos sujeitos discriminados quanto dos discriminadores, e que precisa passar por um processo rigoroso de observação e análise de modo que passe a constituir paradigmas de comportamento passíveis de penalização (Vaz et al., 2015, p. 14).

No entanto, através dos relatos dos participantes pudemos averiguar que as redes sociais também podem favorecer a construção de outra imagem do

indígena, um pouco mais próxima da realidade e possibilitar melhores relações interpessoais entre indígenas e não indígenas. Marcelo Guarani Wera Djekupe aponta: “[...] que de alguma forma as informações, através da internet, ajudam um pouco até mesmo diminuir o preconceito porque as pessoas não entendiam e acabam entendendo de que não é nada daquilo realmente que o pessoal fala”. Já para Marcos, Alberto e Tonico:

[...] eu percebo hoje que muitas pessoas que acessam já têm essa opinião [diversidade], consegue não entender cem por cento, mas que consegue já compreender, entender um pouco essa mudança, porque uma coisa é viver a mil e quinhentos anos atrás, e hoje na situação atual, muitas aldeias estão próximas da cidade, tem acesso às escolas, têm vários acessos em outros mecanismos, então, consegue sim, ter opinião já com respeito digamos assim, mas às vezes, é muita pessoa que falam mal, e nesse sentido é porque já é pejorativo mesmo, “eles querem ficar na cidade, mas então porque não ficam na aldeia”, então, essas são assim, por maldade mesmo, já é mais por preconceito, por discriminação (Marcos Tupã Mbya).

Ah, eu acho que seria muito interessante se toda a sociedade pensasse, olhasse mais a questão do lado indígena, porque nem todo mundo vê o índio como pessoa, às vezes muitas pessoas veem o índio como incapaz, o índio não pode produzir nada, mas por isso que nós trabalhamos com filme, mostramos que o índio tem os seus conhecimentos, tem como dialogar os conhecimentos indígenas com não indígenas através, tanto na oralidade, talvez tanto na escrita, ou num filme, então acho que tudo isso a internet seria legal (Alberto Alvares).

[...] as informações compartilhadas e repetidas nas redes sociais fez com que gerasse dúvida na cabeça dessa pessoa ligada à grande mídia internacional “Estamos na dúvida, então vamos lá buscar o quê que está acontecendo”, aí gera outras informações que pode, eu acho, quebrar um pouco esse preconceito gerado, que a mídia tem essa força, e eu acho que outras informações pode fazer, falar, pelo menos ter outras informações além da mídia normal, comum, grande mídia (Tônico Benites).

A presença indígena na rede começa a transformar as relações e as dinâmicas pré-existentes, bem como através dos parceiros e amigos que alertam ou também estão presentes nos grupos para esclarecer e argumentar nas discussões. Tônico em seu relato consegue exemplificar claramente essas novas relações e dinâmicas na rede social Facebook com presença indígena.

E também começa a mostrar uma posição [...] também acho que percebem por um lado como é que o peso de um racismo, o peso de um preconceito, ele também percebe ali [internet] claramente, também o pessoal reage, porque ali tem todos, se você recebeu “Ah, vocês índios são vagabundos, não trabalham”, mas o índio reage lá dentro [grupos online] também, fala “A gente sempre trabalhou, é você que não conhece. Fomos sempre explorados, a gente trabalha”, aí o pessoal também entra em confronto, à distância, mas, ao mesmo tempo, perto, mas pelo menos permite claramente essa posição de confronto, um fala, um tenta classificar, outros “Ah, vocês índios são assim, assim, assado”, mas isso é um discurso comum dessa pessoa, e o indígena ao ver isso, ao entender que ele está sendo ofendido, está sendo taxado, ele também reage, mas essa briga eu acho que é importante sim, para desconstruir, para discutir, para debater, como fosse

uma arena de luta. Isso não acontecia porque seria muito difícil se isso acontecesse fisicamente, pessoa contra pessoa ali, se outro falasse “Ah, vocês índios são vagabundos, não trabalha, são bêbados, você não presta”, imagina se isso falasse para os indígenas ali fisicamente, além de responder, a briga seria física, ou seja, violência seria no outro, mas nas redes sociais, são outras coisas que aparecem quando aconteceu com a pessoa ali, e as redes sociais também como força sobre o não indígena [...] “Ah, eu não sabia que o índio estava na rede também”, mas eu estava sendo monitorado também, ou atacado. Uma vez uma menina ficou acho que totalmente preocupada porque falou “Oh, nesse tipo de profissão seu comentário racista, comentários preconceituosos, vai levar você ao Ministério Público, ao Tribunal, isso aí é crime”, alguém falou lá, escreveu lá para ele “Ah, é? Não sabia não. Mas quem que vai fazer?”, e respondeu “Os índios, eles estão aí também”, outro avisando “Toma cuidado porque eles estão também aí”. Então, nesse sentido, eu estou analisando a rede como força também somente do não indígena, uma força na comunicação é só entre eles mesmos, a princípio foi mais ou menos isso que se pensaram, mas quando vê que o indígena também está na rede, o pessoal compartilha contra o não indígena, nós temos também vários amigos e são enviados outros, ou seja, eu mesmo, não percebi, e outra também que você não sabia, mas alguém te marca e você sabe, acabou, sem querer, acessando uma informação, seja ruim, seja boa, uma informação, você acaba acessando (Tonico Benites).

Em relação aos onze **grupos estudados** do Facebook, de autoria ou com presença Guarani, obtivemos os seguintes dados e constatações:

Tabela 5

*Dados dos grupos e informações sobre suas publicações*

Grupo	Título	Publicações: curtidas	Publicações: comentários	Total de interações	Membros
#7	Libro Los Derechos de los Pueblos Originarios	302	2218	2520	15455
#2	Apoio à Questão Indígena no Brasil	98	1126	1126	11654
#10	Rede Cultura Digital Indígena	48	984	1032	16530
#4	Direitos Indígenas	65	581	646	14147
#9	Literatura dos Povos Indígenas	34	446	480	11317
#11	Somos Todos Índios e Defendemos a Causa	26	356	382	6982
#6	Lei 11645/81 História Indígena	29	320	349	2179
#8	Licenciatura Intercultural Indígena	28	301	329	410
#3	Demarcação de Terras Guarani no Oeste do Paraná Já	26	256	283	508
#5	JIS (Jovens Indígenas do Sudeste)	14	88	102	203
#1	América Latina Indignada	12	80	92	3054

Dentre os 100 **posts extraídos dos grupos**, 36 são *links*, seis *status*, cinco vídeos e 53 fotos. Destacamos os seguintes *posts* de **maior interação nos grupos e com maior número de likes**: fotos com saudações ao grupo como “*Buen dia*” foram os três primeiros *posts* mais curtidos, sendo o primeiro com 145 *likes*, o segundo com 79 e terceiro com 80; foto com a descrição “Quantos índios no Brasil e em especial no Rio Grande do Sul deixaram de ser índios e são hoje profissionais respeitados qualificados? Tem que combater a miséria em que vivem os índios” segue com 48 *likes*; link com a descrição “Día Histórico: 10 de Marzo de 2.015, Primer Día de Clases en la Escuela Jasy Porã” com 44 *likes*; link com a descrição “Indígenas de todo Brasil presente protestam por não entrarem em reunião na Câmara. Fotos: Luis Macedo / Câmara dos Deputados [\\_#radioyande](#) [www.radioyande.com](#)” com 28 *likes*; link com a descrição “En esta Comunidad hirieron a menores y cortaron a un indigena com una motosierra . La policia y la fiscalia se niegan a intervenir. Estado asesino!!!” com 18 *likes*; status

com a descrição “Obrigado a todos os amigos e parceiros do grupo que em 2014 fizeram a diferença colocando seus posts e comentários. Que 2015 continue nossa luta por um Brasil mais justo em relação a questão indígena no País” com 18 *likes*; foto com a descrição “Que la fuerza y el espíritu del jaguar nos acompañe!” com 12 *likes*; foto com a descrição “Felicidades mis queridos pueblos indígenas, abogamos por sus derechos en el mundo, no más discriminación, no más despojos de sus tierras!” com 11 *likes*.

As frases cordiais aparecem em destaque nos grupos como as mais curtidas pelos membros, com isso, podemos observar que se projeta estabelecer um bom relacionamento interpessoal no interior do grupo, bem como as diferenças existentes tanto na forma de utilização entre grupos e páginas, quanto na forma de como se estabelecem as relações sociais. O grupo parece apresentar para além de questões gerais, também questões pessoais e relacionais.

As **temáticas mais abordadas** também foram sobre projetos e desenvolvimento dos povos indígenas, apresentados e relacionados à formação profissional e pobreza; outro ponto em evidência foi de cunho político sobre: as manifestações em prol de direitos e menos discriminação, a questão da educação destacada na inauguração de uma escola Guarani, além da questão do genocídio destacado em uma situação de violência, bem como a relação estreita com a natureza na referência feita ao jaguar. Temas distintos, mas que criam a rede dos principais assuntos e das principais questões abordadas pelos povos indígenas e pelo povo Guarani.

Na relação entre as **páginas e grupos** estudados pudemos observar que nas interações realizadas, no geral, dentre o que é *postado*, existem um maior número de *likes* nas páginas, contudo nos grupos são para *comentários*. Dessa

forma, podemos analisar a diferença de *performance* existente nestes espaços. Entendemos por *performance* as diferentes dinâmicas existentes nas correlações entre os fatores elegidos como número de posts, *likes*, comentários e compartilhamentos. Enquanto, a página apresentou-se como mais dinâmica e informacional, o grupo pareceu apresentar-se mais como um espaço para discussões e aprofundamentos de temas, como observado através dos comentários de seus participantes.

Destacamos que o instrumento de coleta fornecido pelo software do Facebook, o *netvizz*, apresentou *limitações* para a *coleta de dados dos grupos*, pois não são disponibilizados os links para visualização de posts, nem o número de compartilhamentos realizados na interação de determinados posts. Dessa forma, inviabilizou outras análises e não se tornaram possíveis comparações mais detalhadas entre grupos e páginas.

Na rede virtual Guarani estudada foi possível destacar **as palavras mais citadas das páginas e grupos**, a partir de seus compartilhamentos. Podemos visualizar a partir da imagem abaixo a proporcionalidade de tamanho versus número de compartilhamentos, isto é, quanto maior a palavra, mais vezes ela foi compartilhada. Destacadas estão as palavras: *guarani, indígenas, povos, cultura, Brasil, terras, direitos, nacional*.

Diante da imagem do *wordle* (Figura 9), avaliamos que o contexto temático dos grupos e páginas que participam o povo Guarani trata-se, sobretudo, dos *direitos sociais indígenas*, pautados principalmente na relação com o povo Guarani, a terra/território e a cultura.

Desta forma, pode-se dizer que são conteúdos de reivindicações de direitos sociais em contexto político, que remetem ao processo histórico de colonização,



organização dos movimentos. Muitos relataram nas entrevistas que preferem escrever em guarani para comunicar-se com os parentes.

Eu lembrei de uma liderança de lá do Rio Grande do Sul, que eu conheci ele também, mas aí a gente se comunica só pelo Facebook, aí ele falou “É verdade, é verdade. Vocês tem que agora...”, aí começou debate, na verdade, discussão só em guarani. Foi muito legal isso, eu acho que isso ajudou um pouco, e quando eu estou, às vezes quando eu quero discutir alguma coisa, eu posto alguma coisa, eu escrevo em guarani, e aí eu posto lá [...] ajuda um pouco a gente discutir só entre a gente, mesmo que a gente não está, porque muitas vezes a gente não tem condições de falar com o outro, por telefone, ou seja, pessoalmente, mas a gente pode utilizar um meio da gente discutir, de conversar, de fortalecer próprio essa questão da língua, conversa, diálogo talvez, e, nesse sentido, ajuda, ajudou muito (Sandra Benites).

Outros ainda relatam sobre o uso da língua guarani como estratégia política na rede virtual, como relatado por Marcos Tupã:

E também temos, é nos comunicado às vezes, através de uma informação interna em guarani, escrita em guarani, que nas páginas do mural ou é mais uma comunicação pessoal. Dentro do site a gente consegue fazer uma comunicação em guarani, falar o que acontece, procura saber se a aldeia está bem, se têm algumas dificuldades, externas digamos assim, das lutas, a gente consegue se comunicar [...] E esses anos, até os próximos anos, mais quatro anos, a tendência é de confronto direto em relação a essa questão dos direitos indígenas, então, com isso, hoje é a internet que facilita muito, é uma maneira direta de contato com as lideranças, com os

movimentos indígenas, a gente consegue se comunicar e dentro do possível consegue se mobilizar. Então, é, além do movimento indígena, que tenha site, que tenha comunicação direta, a gente tem uma rede hoje, mesmo sendo uma rede pessoal, dentro de cada uma, a gente consegue se comunicar, e então, pra nós, acaba sendo um instrumento, um mecanismo de fácil e comunicação rápida, então, tem nos facilitado, tem nos ajudado muito isso, em relação a esta questão (Marcos Tupã Mbya).

Podemos averiguar com os relatos o quanto o espaço virtual também tem sido de *apropriação específica Guarani através de seu uso para comunicação interna*, isto é, entre grupos Guarani, seja para relações interpessoais, culturais, educacionais e políticas.

Dessa forma, o processo de apropriação específica por um grupo e para questões étnicas específicas pode reafirmar o conceito aqui já apresentado denominado de *internetnização* e neste caso, também ser denominado de *guarinização*. Como ratifica o exemplo sugerido por Alberto:

Acho que poderia existir a internet, por exemplo, tem inglês, tem português, tem espanhol, por que não guarani? Acho que o guarani seria muito legal, ter uma linguagem, nessa internet. Ajudaria, por exemplo, os outros grupos e etnias entender qual é realmente, o quê é realmente a internet. Por exemplo, tem muitas pessoas aqui que não sabe falar o português, principalmente os Guarani, só algumas que sabem, mas outros não sabem, melhor, não entende bem, então acho que a questão da linguagem ajudaria muito (Alberto Alvares).

## 4.2 Apropriação e uso das redes sociais virtuais pelo povo Guarani

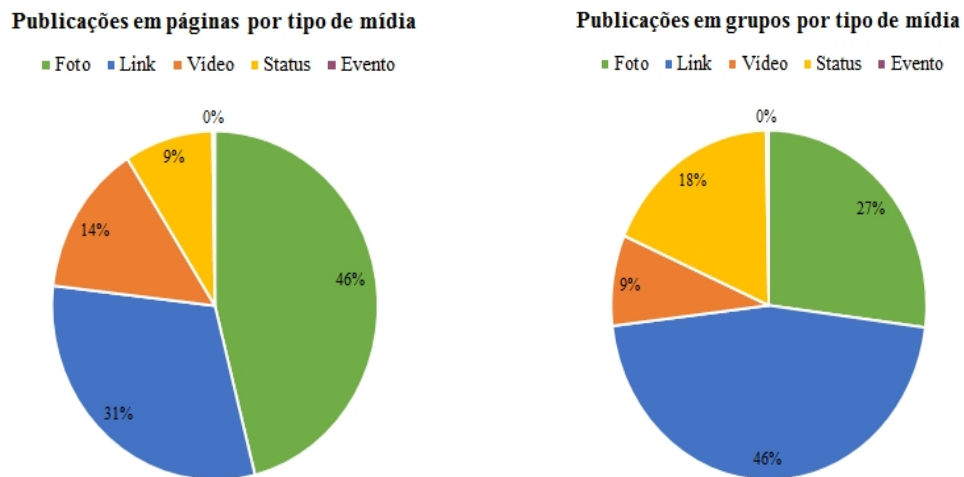
O uso das redes sociais virtuais pelo povo Guarani mostrou-se bastante diversificado quando relacionados aos tipos de mídias e os tipos de conteúdos veiculados. Dessa forma, apresentaremos de maneira distinta algumas expressões Guarani na rede, como o tipo de mídia, tipo de informação e o tipo de conteúdo.

Para Wera Alexandre, “[...] essa tecnologia veio, assim, ajudando a divulgar, de uma certa forma, a luta, a cultura, nossa linguagem [...] ajudando de uma maneira que a gente divulga as coisas que a gente está fazendo”. Já para Celso:

[...] nosotros siempre hacemos el uso del internet para poder difundir primero los trabajos que hacemos cotidianamente. Siempre sobre la lucha, o sea, la organización, lo social, lo cultural, la música, los artes, la vestimenta, la danza, la comida, o sea, para todo eso, es importante, o sea, la internet (Celso Padilla Mercado).

Primeiramente, apresentaremos os tipos de mídias (Figura 10) que foram divulgados nos grupos e páginas organizados ou com presença Guarani. As mídias encontradas foram: **foto**, **link**, **vídeo**, **status** e **evento**.

Por foto entendemos ser alguma imagem; por *link* um endereço externo de algum *site*, *blog* ou outro; por vídeo uma mídia audiovisual; por *status* o que alguma pessoa escreveu na *timeline* principal da página ou grupo; e por evento, o evento propriamente dito ou o *link* do evento.



*Figura 10.* Tipos de mídias mais veiculadas pelas publicações em páginas e grupos no Facebook

Dentre as mídias veiculadas pelas páginas e grupos, através das *publicações*, verificamos que os tipos mais utilizados são os **links** e as **fotos**. Sendo que nas páginas são veiculadas mais fotos e nos grupos são mais *links*.

Grupos e páginas demonstram distinções entre as formas de expressão na rede. Uma hipótese é devido aos grupos apresentarem discussões diversas e construídas no seio do grupo, por seus integrantes, justificada pela diversidade de informações proporcionadas pelos links. Já as páginas apresentam temáticas mais específicas e veiculadas principalmente por seus organizadores e organizações, sendo mais possível esses construírem seus próprios materiais através de fotografias e imagens.

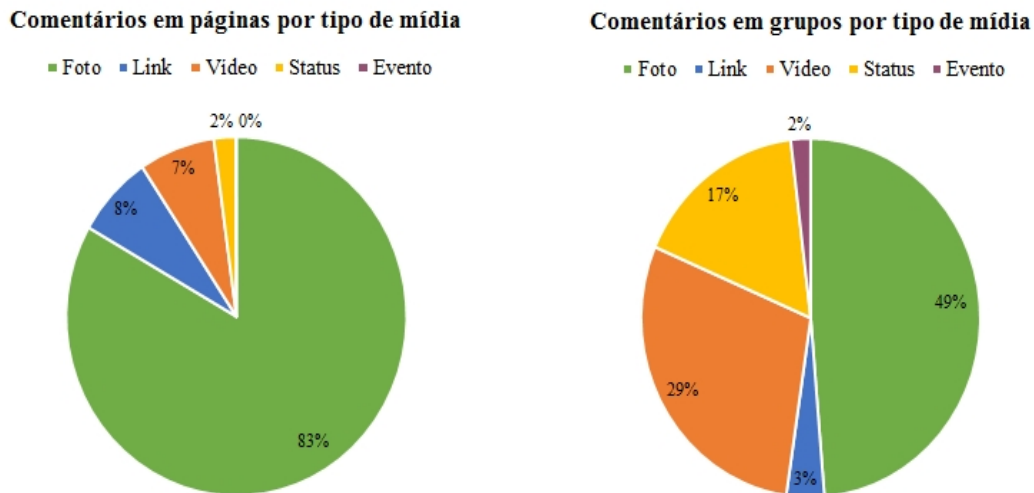


Figura 11. Tipos de mídias mais veiculadas pelos comentários em páginas e grupos no Facebook

Em relação às mídias veiculadas nos *comentários* dos grupos e páginas (Figura 11), ambos utilizam mais **fotos**. Todavia, vale ressaltar que as *páginas* utilizam tanto nas publicações quanto nos comentários, a mesma ordem de prioridade de escolha de mídias. Já os *grupos* variaram bastante, sendo nos *comentários* a segunda mídia mais veiculada o *vídeo* e aparecendo *evento* também com relevância de escolha, distinto das *publicações* onde praticamente não são utilizados *evento*, nem por páginas ou grupos.

Desta forma, concluímos que **foto** é a grande mídia de veiculação escolhida pelos Guarani, de modo que, como comentário, seu teor ora é para apoiar, justificar, acrescentar, afirmar ora para discordar, diferenciar, isto é, utilizada para distintos fins da discussão.

As distintas mídias veiculadas pelas páginas podem ser observadas também no Grafo (Figura 12). Como discutido nos gráficos sobre mídias, no grafo, aparece também com predominância a veiculação de fotos como principal mídia. Bem

como, destaca-se a foto como a mídia de maior impacto nas páginas de maior popularidade.

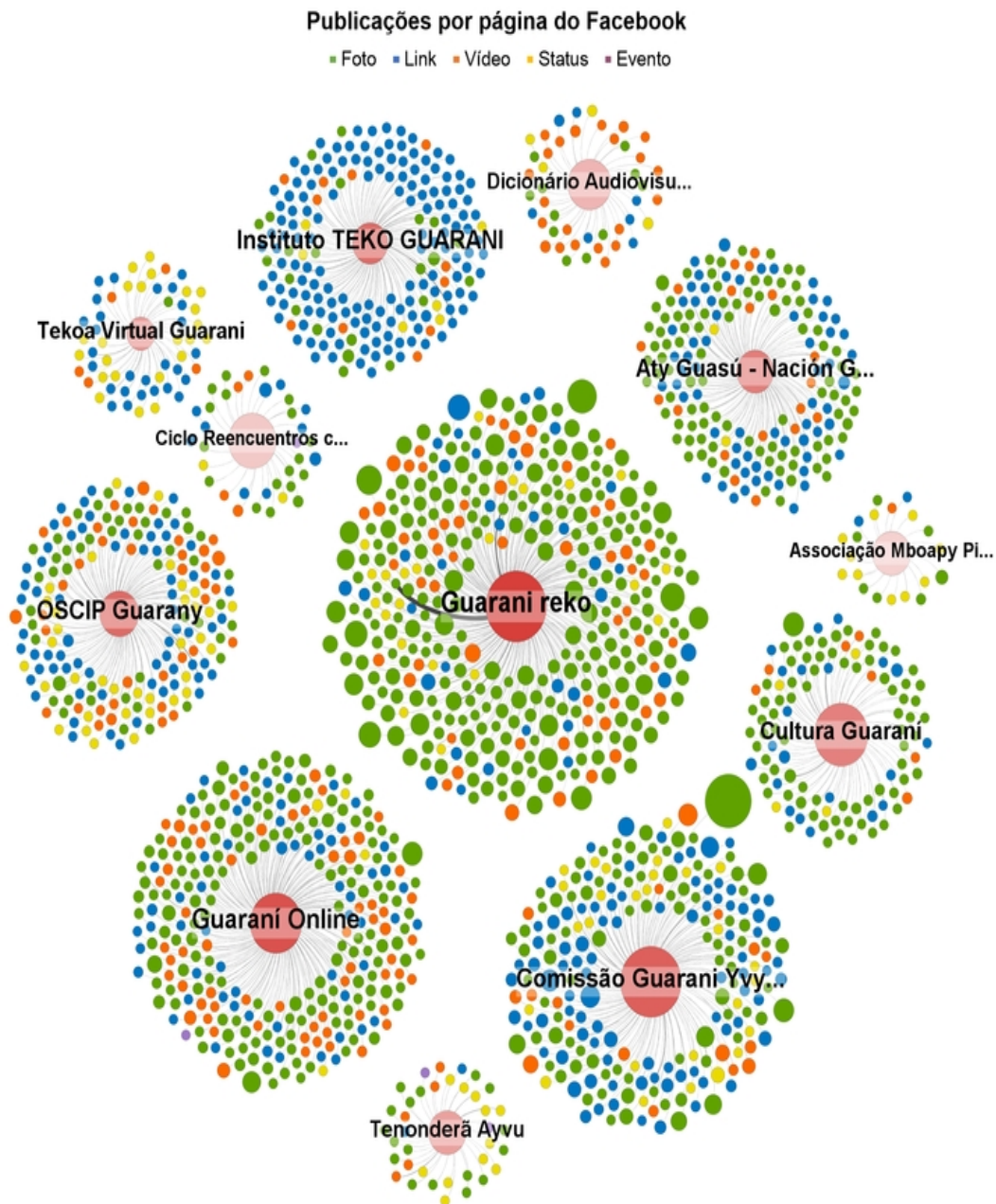


Figura 12. Grafo<sup>18</sup> das mídias de publicações da rede virtual Guarani

<sup>18</sup> Endereço do grafo online: <https://dl.dropboxusercontent.com/u/23392158/povo-guarani-online/2-midias/index.html>.

No entanto, verificamos que a página Guarani reko usa predominantemente a mídia foto como a página Cultura Guaraní, já na página do Instituto TEKO GUARANI é bastante expressivo o uso de *links* como na página da Comissão Guarani Yvyrupa, as páginas da Guaraní Online e Aty Guasú - Nación Guaraní Bs. As. parecem diversificar as mídias sendo que a primeira apresenta uso expressivo de fotos e vídeos e a segunda de fotos e links, já a página que utiliza maior diversificação de mídias é a OSCIP Guarany.

Apresentamos a frequência de publicações dos grupos e páginas por dia no período de maio/2014 a março/2015 (Figura 13). Acerca da frequência de publicações por dia no período de maio/2014 a março/201, destaque para as **publicações em páginas** nos meses de junho, setembro e novembro do ano de 2014; e para os comentários nos meses de junho, setembro, outubro, novembro, dezembro do ano de 2014 e fevereiro do ano de 2015.

Analisando os dados coletados verificou-se que as **publicações relevantes** de junho, setembro, novembro foram nas respectivas datas de seis de junho (06-06-2014), dezoito de setembro (18-09-14) e vinte e dois de novembro (22-11-14).

Em seis de junho foi publicada uma foto da manifestação dos Guaraní pela demarcação de terras em São Paulo no qual abaixo de muita chuva bloqueavam a pista ao lado do monumento “bandeirantes” com os seguintes dizeres numa grande faixa: “Bandeirantes de ontem, ruralistas de hoje”. Em dezoito de setembro foi publicada uma foto de um pé de maracujá “*mburukuja*”. E em vinte e dois de novembro foi publicada uma foto de filhotes de cachorros comendo junto a um tatu com os seguintes dizeres: “Los amigos verdaderos no miran las diferencias, deciden compartir los buenos y los malos momentos de manera incondicional”.

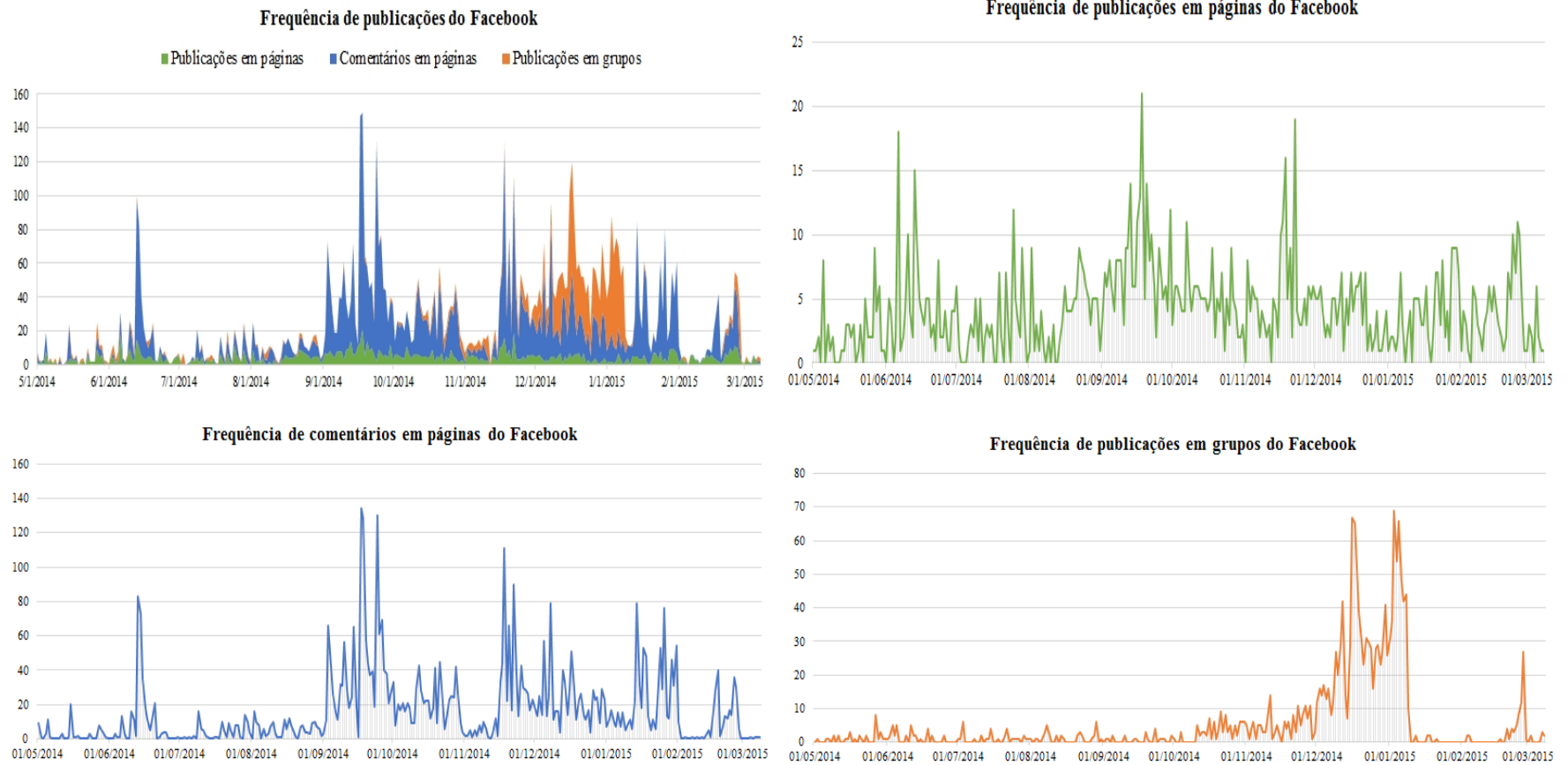


Figura 13. Dados de frequência de publicações dos grupos e páginas por dia no período de maio/2014 a março/2015

Os **comentários em páginas** relevantes de junho, setembro, outubro, novembro, dezembro, fevereiro foram nas respectivas datas de treze de junho (13-06-2014), dezessete de setembro (17-09-14), vinte e um de outubro (21-10-14), dezoito de novembro (18-11-14), oito de dezembro (08-12-14) e dezoito de fevereiro (18-02-15).

Os comentários no dia treze de junho foram relacionados a uma foto publicada do garoto que levanta a faixa “demarcação já” na abertura da copa de 2014, muitos comentários de elogio e surpresa por não terem visto a imagem no momento da cerimônia ou em outra mídia de veiculação. Em dezessete de setembro os comentários são de um *post* sobre palavras em guarani e em todos os comentários vão perguntando e respondendo como se escreve determinada palavra ou frase. No dia oito de dezembro os comentários são sobre a alegria de ler em guarani e conhecer mais sobre algumas histórias como o caso publicado da Virgem de Caacupe.

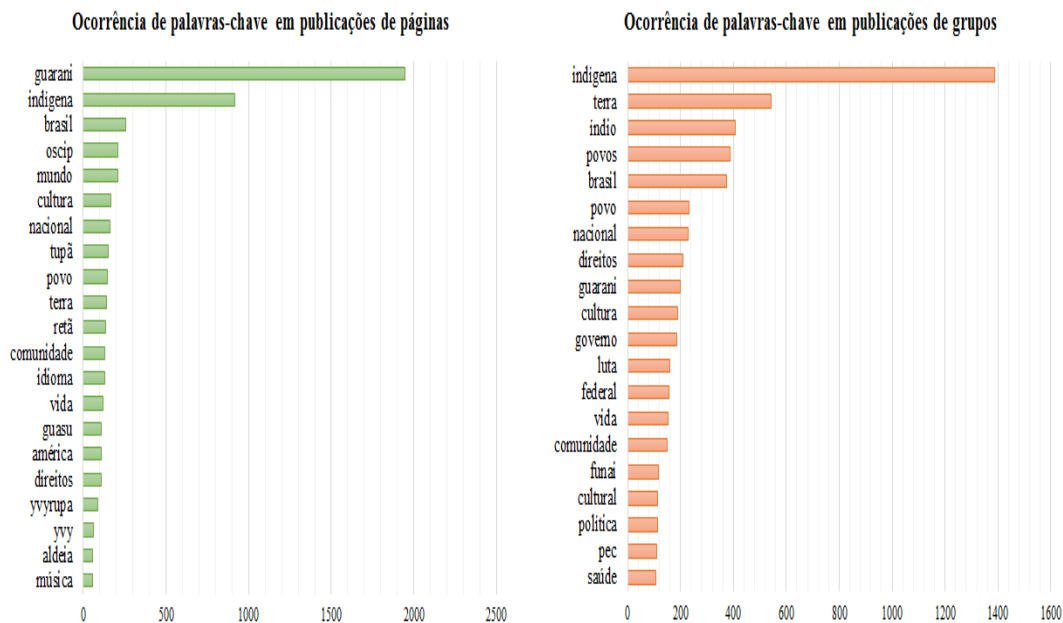
Os conteúdos dos comentários das datas de outubro, novembro e fevereiro não foram possíveis serem visualizados. Acredita-se ter ocorrido um erro durante a extração dos dados, ou os dados não estarem mais publicizados na *web* ou ainda ter ocorrido um problema no próprio programa *netwizz*.

Quanto às **publicações em grupo**, percebeu-se relevância e destaque naquelas que ocorreram no período de dezembro de 2014 e janeiro de 2015. Analisando os dados coletados verificou-se que as publicações relevantes de dezembro e janeiro foram nas respectivas datas de dezesseis de janeiro (16-12-14) e três de janeiro (3-01-15). Em 16 de janeiro, foi publicada uma foto com a seguinte descrição “Quantos índios no Brasil e em especial no Rio Grande do Sul deixaram de ser índios e são hoje profissionais respeitados e qualificados? Tem

que combater a miséria em que vivem os índios”. No dia três de janeiro foi publicada uma foto no qual não foi possível acessar o conteúdo dado que a coleta de dados de grupos pelo *netwizz* é bastante limitada e com bloqueio de várias informações.

Ressaltamos que os conteúdos das publicações em grupo transitaram por temáticas relacionadas principalmente à política, cultura, língua, história, amizade e natureza, e social. São conteúdos relacionados à demarcação de terras, à valorização cultural e da língua, da relação estreita com a natureza e da importância do reconhecimento da história indígena na América e suas consequências na vida social dos Guarani. São conteúdos de apoio, solidariedade e cooperação ao povo Guarani.

A seguir, baseados na Figura 14, apresentamos os dados sobre as palavras mais veiculadas nas páginas e grupos.



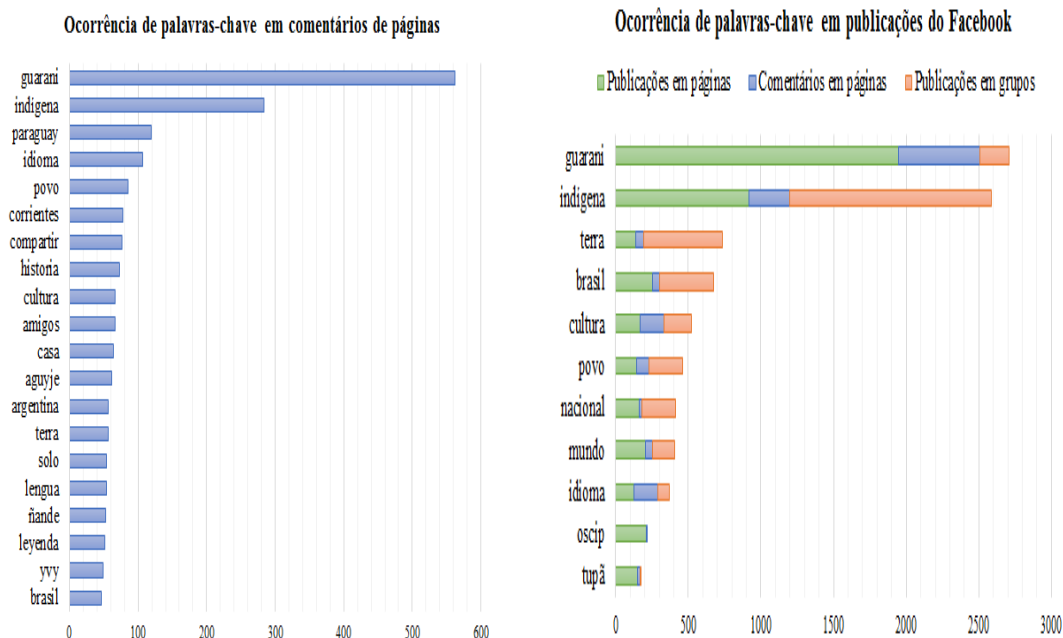


Figura 14. Dados sobre as palavras veiculadas nas páginas e grupos

Dentre as publicações em grupos e páginas verificamos que as palavras de maior veiculação estão relacionadas com a temática indígena e territorial, sendo as principais e mais veiculadas palavras: **guarani**, **indígena**, **terra**, **Brasil** e **índio**. Já quando correlacionamos as publicações em grupos e páginas aos comentários de publicações das páginas encontramos a palavra **guarani** como a mais veiculada.

Ainda sobre a correlação dos três modos de veiculação podemos encontrar distinções de intensidade nas seguintes palavras veiculadas, **cultura** e **idioma** nos comentários de páginas; **terra** e **Brasil** nas publicações de grupos; e **oscip**, **mundo** e **tupã** nas publicações de páginas. Como já mencionado na metodologia e logo acima, o programa de coleta de dados *netwizz* apresenta fragilidades e não foi possível coletar e analisar o conteúdo dos comentários de grupos.

Com isso, concluímos que quando correlacionados, a temática étnica e territorial é ampliada também para questões como de cultura e linguagem, bem como as formas organizativas na relação intercultural com outras culturas, através da oscip, na relação com o mundo e a espiritualidade e mítica representada por *Tupã*. Para Wera Alexandre “Eu, acho que o quê eu publico mais é a parte da luta, do trabalho que eu levo, e acho que eu me sinto bem, assim, divulgando o meu trabalho, ou a luta que hoje em dia os povos indígenas estão enfrentando”. Outros participantes relatam que:

[...] também temos, é nos comunicado às vezes, [através de] uma informação interna em guarani, escrita em guarani, que nas páginas do mural ou às vezes é mais uma comunicação pessoal, dentro do site a gente consegue fazer uma comunicação em guarani, falar o que acontece, procura saber se a aldeia está bem, se têm algumas dificuldades, externas digamos assim, das lutas, a gente consegue se comunicar (Marcos Tupã Mbya).

[...] a internet é um ponto de partida também, por exemplo, se eu nessa oficina [oficina cultural, arte e artesanato] fazer o trabalho com os jovens e desenvolver o trabalho com o jovem e eu querer mostrar para o mundo ou para outras comunidades, divulgar para outras comunidades, divulgar para aquela comunidade, que seja livre para todos verem o desenvolvimento do trabalho, todo mundo vai ficar sabendo, então, a internet, ela ajuda muito. Então, aparece cada ideia que se a gente por em prática, através da divulgação a gente pode obter algum tipo de benefício para as comunidades (Marcelo Guarani Wera Djekupe).

#### **4.2.1 Apropriação e constituição da rede pelos Guarani: da internetnização à guaranização**

A apropriação da rede virtual pelos Guarani é de diversas formas e por motivações distintas, no entanto, observamos pelas entrevistas realizadas que a grande maioria utiliza a rede Facebook e principalmente para comunicação interpessoal, a divulgação e conhecimentos das bandeiras políticas, como a demarcação territorial, bem como, como instrumento educacional para estudos e aquisição de conhecimento. Ao rastrear as conexões Guarani em meio virtual é possível destacar o rastro da demarcação territorial e a utilização do meio para produção de minorias étnicas.

Os relatos dos participantes exemplificam a análise, como Kerexu Mirim Patrícia, para quem “No começo, quando eu usava Facebook principalmente, era mais para diversão, rir das coisas com os amigos virtuais, mas agora eu estou usando mais para saber de notícias dos povos aqui do Brasil”; já para Yvoty Potyjera, “Tengo una cuenta en el Facebook para la difusión de mis lecturas e investigaciones”, e, para Dirceu G.Vilharve, “Ah, hoje em dia eu acho importante, porque é uma ferramenta que você pode usar para se comunicar com outras pessoas, outras comunidades, e uma ferramenta que aproxima você de uma pessoa que esteja distante, mas que você pode conversar, e eu acho importante”.

Outros exemplos:

El uso de internet me sirvió de muchas formas, la posibilidad de obtener información de la realidad de los pueblos guaraníes e indígenas en general en otros puntos del continente, y a través de las redes sociales, como Facebook, la posibilidad de conectarme con otros hermanos guaraníes (Dario Juarez Chavu-ku).

Bom, a internet ela tem duas formas de uso, tem o uso para melhoria, para estar conectado a forma do mundo globalizado. A gente tem que estar bem informado também para entender como é que está o trabalho, conjuntura nacional, internacional, para estar sabendo o quê que está se passando a nível de Brasil (Wera Kwaray).

Primeiramente seria um meio de comunicação mesmo entre as pessoas distantes e a internet também ajudaria na divulgação do nosso trabalho, da nossa luta e um meio de defender também, ser contra tudo aquilo que querem atrapalhar o trabalho. Não sei dizer direito, é que a internet não é nossa, mas dos não indígena. A gente usa também para, como eu disse, um meio de nos defender (Keretxu Vanda).

Ressaltamos que nesse movimento de apropriação da tecnologia, Keretxu Vanda explicita que não é uma tecnologia indígena, mas que hoje, é necessário se utilizar dela também e principalmente como ferramenta de “defesa”. A relação entre dádiva<sup>19</sup> e defesa se intensifica e aponta contradições e novas dinâmicas de conflito, pois o meio se coloca como aberto a relações, no entanto, ao colaborar, ao apoiar uma causa, há a exposição e respostas diversas, sendo a defesa um recurso também necessário. Retornamos a analogia da flecha, a que mira, mas que também se torna alvo. A participante consegue trazer à tona a questão do espaço virtual como espaço de disputas ideológicas e do quanto é necessário estarem preparados para esse embate bem como poder utilizá-lo a favor dos povos indígenas. Um desafio a ser alcançado, dado o ambiente livre e diverso que se torna a rede, e observado nos relato de Celso e Alberto:

---

<sup>19</sup> Para discussão sobre dádiva, acessar: Godelier, M. (1996). *O enigma da dádiva*. Lisboa: Edições 70. & Mauss, M. (2003). Ensaio sobre a dádiva: forma e razão de troca nas sociedades arcaicas. In Mauss, M., *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.

[...] bueno podríamos decir que ahora la nueva dictación, la nueva política de educarse es, o sea, manejar los sistemas tecnológicos. Porque deja, por lo menos, en nuestra acción lo primer desafío que tenía es el analfabetismo, o sea, saber leer y escribir, deja es superado un poco, pero ahora lo que nosotros queremos es manejar la tecnología, o sea, todos los virtuales, los digitales sistemas; la alfabetización del sistemas, y eso, en este momento lo tenemos como un desafío todavía, o sea, podríamos decir que todos estamos metidos ahí porque, lo problema es que, muchas comunidades todavía no cuentan con electrificaciones donde pueda llegar los sistemas de internet, entonces que, en las rurales, en los sectores urbanos donde hay electrificación allá podemos alcanzar lo uso de la internet, entonces digo que, todavía no hay avanzado mucho (Celso Padilla Mercado).

Ah, eu acho que hoje é, como eu sempre digo, que a gente está muito perto da cidade grande, acho que a gente tem que aprende a usar, não usar, assim, de outra forma, mas usar de uma forma para a gente; acessando a nosso favor, acho que isso é o mais importante [...] porque a internet é uma coisa tipo um vírus, vai se contagiando naquele vírus você vai e fica, invés de você pensar de divulgar sua própria realidade, você vai pelo outro caminho, então a gente vê muitas coisas assim, isso eu acho que depende de cada orientação, das lideranças, tanto dos próprios pais [...] porque o acesso à internet é livre, então, a partir do momento que você acessa você está naquele outro mundo virtual, você está ali vendo o que está acontecendo no mundo, então, também é interessante hoje que você não precisa ir fora para você conhecer o mundo, a internet ajuda a trazer o mundo até dentro da sua própria aldeia [...] Acho que as redes sociais hoje

em dia [...] principalmente os mais jovens, só temos que saber usar, como é que a gente pode usar a questão a nosso favor porque a mídia ela está, se você vai denunciar alguém, a questão da terra, por exemplo, no Mato Grosso do Sul, os fazendeiros, você pode usar celular, ao mesmo tempo você vai jogando para a internet, para as redes sociais, para o mundo ver o que os Guarani estão passando, então hoje, é importante isso (Alberto Alvares).

Na relação de apropriação das redes sociais pelos Guarani, alguns participantes relataram sua preocupação seja pelo uso, pela forma e pelos conteúdos divulgados ou acessados, parecem trazer elementos do modo de ser Guarani, para também de que modo Guarani utilizarem a rede.

É, é importante sim [redes sociais], mas aí tem que saber qual o conteúdo e como usar isso na verdade, porque senão, às vezes, se a gente não tiver essa noção de que tem que utilizar aquilo que é necessidade mesmo, claro que tem que usar, tem que ter o momento de você usar coisas, que é particular nossa, mas tem que ter controle porque também se utilizar demais pode se tornar também o que a gente fala do *jebotá* [encantar: pode ser pelas coisas boas e ruins se não seguir regras propostas pelos mais velhos] [...] é se encantar, quando você se encanta, na verdade, você não tem limite, então, eu acho que pode se perder nesse sentido, e para as coisas boas, isso eu acho importante, mas tem que ter cuidado [...] mas sempre eu falo, que ajuda, mas tem que ter esse cuidado, principalmente com o jovem, para utilização dessas redes sociais (Sandra Benites).

Por um lado é bacana, é bacana para poder fazer aquela troca que eu comentei, aquela conversa com pessoas de outras aldeias também, não só

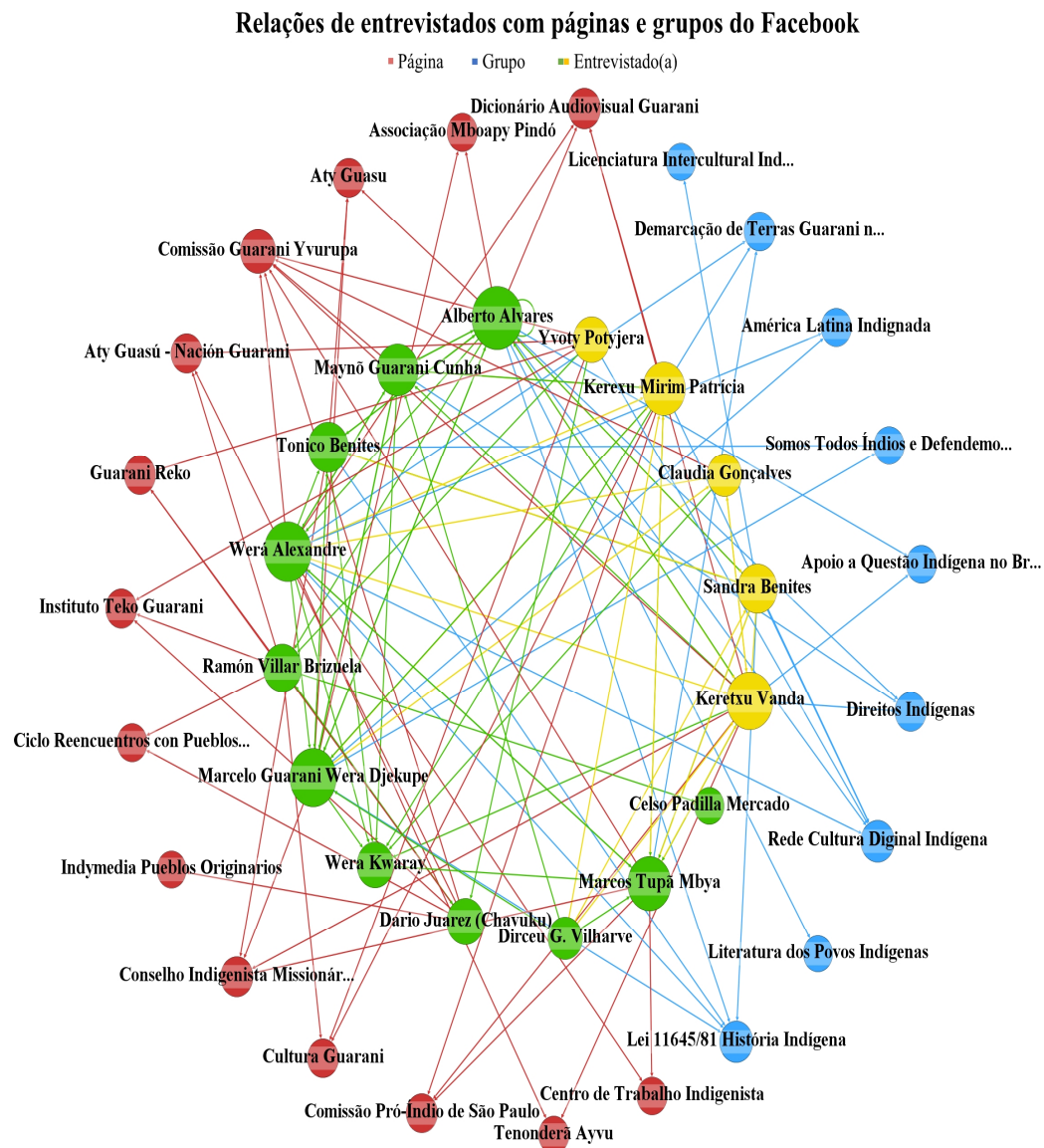
Guarani, mas de outras etnias também, porém, tem aquela coisa também da gente perder o nosso tempo demais com internet, eu acho que se for pra uma coisa centrada, se for para gente estipular metas, coisas a serem feitas através da internet, dá para trabalhar muito bem, mas se for uma coisa mais livre se torna algo mais complicado (Maynõ Cunha).

A gente tem (preocupação) e tenta veicular informações, fazer mais na comunicação individual, principalmente quando os adolescentes têm acesso à internet e consegue divulgar e essa preocupação porque jovem e adolescente posta coisa da aldeia ou do que vem da cabeça deles, então, acha uma coisa engraçada e acha alguma coisa e fica muitas vezes para as pessoas contrárias [...] a gente procura orientar os jovens para que divulgue a parte da questão da aldeia, do indivíduo, mas que divulgue da cultura, falando das atividades culturais, mas também nós conseguimos, tentamos passar essas informações, só que a rede individual é disponível, tem acesso fácil, então, foge do controle, não dá pra controlar (Marcos Tupã Mbya).

Dessa forma, podemos averiguar que a apropriação da rede pelos Guarani se constrói através de cosmologias afetivas, na relação com pessoas na rede e na relação com a própria rede. Anseios e questionamentos surgem dessa relação e como se relacionar também são apontados e surge como uma preocupação advinda deste novo lócus de relações, dessa nova territorialidade.

A apropriação da rede Facebook foi analisada através do mapeamento da rede Guarani, mas ainda consideramos que se fez importante relacionar as dinâmicas coletadas às dos participantes entrevistados. Dessa forma, criamos um mapeamento dos *perfis* desses participantes e correlacionamos com as páginas e grupos do Facebook estudados (Figura 15), visando compreender a rede dos

participantes e integrar o conteúdo dos relatos ao conteúdo do mapeamento, e assim, rastrear a constituição dessa rede Guarani.



*Figura 15.* Grafo<sup>20</sup> da rede de interações virtuais dos participantes entrevistados com as páginas e grupos estudados

<sup>20</sup> Endereço do grafo online: <https://dl.dropboxusercontent.com/u/23392158/povo-guarani-online/4-entrevistados/index.html>.

No grafo, podemos averiguar as relações entre si dos participantes do estudo, bem como, a dinâmica que estabelecem com as páginas e grupos do Facebook estudados. Dessa forma, podemos criar as seguintes relações de proximidade relacionadas aos grupos e páginas:

- As páginas Guarani reko, Instituto TEKÓ GUARANI e Aty Guasú - Nación Guaraní Bs. As. apresentam os mesmos integrantes, sendo dois da Argentina e um do Paraguai, e todos são amigos entre si;
- A página da Comissão Guarani Yvyrupa apresenta sete integrantes, sendo cinco do Brasil, um da Argentina e um do Paraguai, e todos tem uma ou mais relação de amizade entre si;
- As páginas do Conselho Indigenista Missionário Cimi e do Dicionário Audiovisual Guarani Yvy Rupa apresentam quatro participantes, sendo somente um comum em ambas as páginas; no entanto, da primeira; dois do Espírito Santo, um de São Paulo e um do Mato Grosso do Sul/ Rio de Janeiro, com duas duplas de amigos entre si; o seguinte são um de São Paulo, um do Rio de Janeiro e dois do Espírito Santo, com distintas interações de amizade, sendo somente um amigo de todos;
- O grupo Rede Cultura Digital Indígena e Lei 11645/81 História Indígena apresentam cinco participantes, sendo três deles comuns em ambos, e no primeiro quatro do Brasil e um do Paraguai, sendo o membro do Paraguai sem interação de amizade com os outros membros, e o seguinte são cinco do Brasil, sendo dois participantes amigos de todos os outros integrantes;

- A página Guaraní Online não entrou no grafo, pois nenhum participante é integrante;
- Dentre as participantes mulheres, existe maior adesão às páginas que grupos, embora uma só participe de grupos; dentre os homens a maior adesão também é para páginas, no entanto três participantes não aderem a qualquer grupo ou página estudada. No total as mulheres aderiram a oito grupos e 14 páginas e os homens 16 grupos e 28 páginas, e curiosamente, ambos apresentaram a mesma proporcionalidade de 57%.

No relato de Sandra, foi possível observar que através do seu *perfil* tem a preocupação em se manter os vínculos e o pensamento e prática da coletividade, numa dinâmica de guaranização:

Eu gosto muito de divulgar essa questão do valor da pessoa, da valorização das pessoas, essa questão da afetividade, a questão do viver bem, a questão do coletivo também eu falo muito, porque eu vejo muito, assim, a questão da individualidade, a questão da individualidade gera muito conflito, então, eu tento postar isso, na verdade, na minha fala, eu sempre procuro postar isso (Sandra Benites).

As relações interpessoais e interculturais dos participantes do estudo nas redes sociais são descritas da seguinte forma: para Yvoty Potyjera, “Personalmente conozco a una persona que tiene Facebook perteneciente a una comunidad guaraní. Así también tengo entre mis contactos varias personas que hacen uso de esta herramienta y son de comunidades guaraní, pero no los conozco personalmente”; para Keretxu Vanda, “Tem alguns que eu conheço há pouco tempo e aquelas pessoas que acompanham o nosso trabalho também,

está junto com a gente na luta, e alguns acho que pela amizade mesmo, pessoa que gosta assim de ajudar, apoiar a causa indígena”; para Wera Kwaray, “[...] a gente entra para informar as pessoas que entendem, que querem saber como apoiar, como buscar o meio de entender quais são as principais lutas, então, a gente sempre informa com os não-indígenas que também acompanham a luta”.

Keretxu Vanda complementa sobre suas relações na rede, bem como outros participantes:

Eu converso com as pessoas que conversam comigo, tem algumas que eu conheço pessoalmente, outras só de vista, mas aí na internet a gente conhece mais também [...] Tem Guarani, tem alguns que é de outras etnias e tem alguns não indígenas também (Keretxu Vanda).

Eu, geralmente, me comunico muito com outros indígenas, a grande parte é com outro indígena, e pouco que eu tenho, pelo menos eu tenho na minha página, eu tenho pouco não indígena, eu tenho mais, assim, professores, eu tenho mais pessoas que mexe com essa questão da causa indígena, quando eu preciso eu mando alguma coisa, eu posto para que esses professores, as pessoas que trabalham, mas eu tenho alguns também que faz parte, não faz parte do movimento, ou seja, mas é bom que eles entendam também, mas eu me comunico mais com pessoas que eu conheço que no caso indígena mesmo (Sandra Benites).

[Eu] me comunico com parentes, não só Guarani, como outras etnias, de organizações de jovens que hoje tem uma página, então a gente se comunica mais entre nós pra ver como que estão as coisas, se tem algumas novidades, sempre na questão territoriais, educação e saúde (Dirceu G.Vilharve).

Para os participantes, as redes sociais também influenciam a forma de se relacionar e potencializam, segundo eles, as relações interculturais. Nos relatos, podemos observar que a maioria tem acreditado nessa ferramenta para melhoria e fomento dos laços afetivos, das parcerias, apoios e amizades. Como para Maynõ Cunha para quem “Agora, por exemplo, estou trabalhando com artesanato na feira de Vitória, na Praça dos Namorados, e às vezes eu passo esse contato para o pessoal, a gente conversa pelo Facebook, às vezes eles querem encomenda”

[...] tem muita coisa que ajudou um pouco, por exemplo, essa questão da relação, dessa questão da interação, ajudou um pouco porque a gente conhece pessoas que está na luta, na causa indígena e tal, mas não é indígena, então, a gente começa a dialogar com essas pessoas e trazer um pouco, mostrar um pouco quem somos nós, eu acho que começaram a entender um pouco essa questão [indígena], essa interação, esse diálogo, mesmo que às vezes a gente não conhece, mas a gente conhece a instituição, a gente pode dialogar com essa instituição (Sandra Benites).

Sin dudas la relación con los no-indios, es para sacar un poco la visión que se tiene de nosotros, es decir que no solo somos, plumas y rituales, sino que también tenemos, formas de pensar, de vestir, como cualquier otra persona [...] Al subir las informaciones sobre actividades se posibilita el interés y la interacción de personas no relacionadas directamente con la cultura (Dario Juarez Chavu-ku).

Eu sou mestiço, então eu tenho meu pezinho lá na cidade e tenho meu pezinho aqui na aldeia também, o lance de eu conversar com pessoas da cidade é que algumas são meus parentes, outras são amizades que eu fiz lá

fora, pessoas que querem vir pra cá às vezes, vir como voluntário, ajudar a plantar, ajudar a limpar os terrenos, além disso, eu converso com pessoas de outra comunidade que, geralmente, são Guarani, às vezes eles perguntam como é que a gente está aqui, aí eu pergunto como é que eles estão lá, fazendo essa troca (Maynõ Cunha).

É, tem muita gente que conheço que são já amigos de muito tempo e a gente é amigo na internet, através do que a gente divulga tanto do trabalho, das reuniões, das coisas, eu uso mais a internet para divulgar mesmo, entende? Assim, para conversar com os amigos e saber como é que andam os amigos, saber também da opinião deles, do quê que eles acham do que acontece no Brasil e até mesmo a gente ter informação de outros países, do que acontece no mundo. E a gente comenta um com outro, a gente fala um com outro a respeito do que está acontecendo e aí a gente tem amigos não-indígena e têm amigos também indígenas, a maioria no Brasil somos indígenas porque a gente somos amigos entre índios mesmo e não-indígena são pessoas que participam, que dão opiniões (Marcelo Guarani Wera Djekupe).

Ah, eu converso muito com uma pessoa que não é índio, a Dona Zezé, ela é uma pessoa que me ajuda muito, tanto para fazer as minhas atividades da faculdade, e também eu considero ela uma mãezona porque no momento que eu estou triste, aí eu entro no Facebook, falo para ela o quê que está acontecendo, aí lá vem ela com aquelas palavras que, mesmo que você não está ouvindo, mas que acalma você da situação que você está (Claudia Gonçalves).

Eu comecei a usar internet para me comunicar com os não-indígenas que me ajudava a produzir alguns vídeos [...] Eu converso muito aqui, geralmente eu converso bastante com os colegas de trabalho, ou com os amigos que conhecem o meu trabalho, mas também me comunico com minha família, com minha irmã, meus irmãos e acho que de não-indígena falo bastante do trabalho, mas mais trabalho, o que eu faço, acho que dos outros povos indígenas não converso bastante, tem alguns que eu conheço, mas não converso (Wera Alexandre).

Ah, sim, eu me comunico com os Guarani, com meus amigos, com outros povos, com não-indígenas também, e, assim, ao mesmo tempo, aparece até o pessoal, às vezes me procura através do Facebook para fazer um trabalho, acho que isso é interessante [...] Ah, acho que com não-indígena, que é mais amizade, a questão do trabalho mesmo também, com as professoras (Alberto Alvares).

Através dos relatos pode ser expresso o quanto a rede social é utilizada para a relação com os *jurua*. Uma ferramenta de comunicação entre os parentes, mas que na relação com as urbanidades e com as demandas contemporâneas, esta se faz no meio aberto virtual com não índios principalmente.

O relato de Tônico Benites foi bem ilustrativo sobre a relação intercultural de um Guarani na rede social, através de seu exemplo sobre a criação do vínculo, sua manutenção e desvinculação.

[...] a partir da minha experiência indígena porque eu, pessoa, eu sinto assim, eu não sei quem do outro lado, não sei como ele pensa, mas eu por ser um Guarani que pensa como Guarani, me relaciono como Guarani em várias vezes, em vários contextos sociais, intercultural de vida, em vários

momentos, eu acho como se o outro fosse Guarani também, mas de repente, “Não, opa, não é”. Porque muitas vezes é assim, quando você entra nesse mundo intercultural, você muitas vezes esquece que você não está falando com Guarani, você está falando com o outro que muitas vezes não entende ainda seu modo de vida, sua forma de pensar, por exemplo, eu toda vez que recebo um pedido de amigo na rede social eu entendo que a pessoa procurou, ou seja, ele sabe que eu botei lá, eu sou Tônico Benites, Guarani Kaiowá, sabe que eu sou indígena, sabe que eu sou Kaiowá, sou Guarani, sabe que eu sou desse povo aí, então, se alguém “Ah, eu quero meu amigo”, eu entendo que essa pessoa já conhece o próprio Guarani Kaiowá, ninguém quer ser amigo de um Guarani Kaiowá, porque é muito ruim, muito negativo, então, não quero nem saber desse, mas, quando a pessoa aciona o pedido de amigo significa que não, eu entendo que quando entra na rede, tudo que você falar ali ele vai compartilhar, ele vai ver, ou já viu, ou se interessa, eu entendo assim, mas também é uma forma de jeito do Guarani, ou seja, acaba tratando essa pessoa na rede como fosse na linha do Guarani, na forma de viver Guarani. Agora quando exclui “Ah, não quero você mais”, esse também é o jeito do Guarani, quando você não quer mais determinados [amigos], que muitas vezes não é tão obrigatório de ouvir, de socializar com qualquer informação, ou seja, saberes com determinada pessoa que você não é obrigado, então, pessoa não sente na linha do Guarani “Ah, está bom, Guarani” se ele não quer ele exclui mesmo, não sente nada, mas tem pessoa que é de outra forma quando pessoa fica magoada “Por que me excluiu?”, não queria ser amigo dele, fica totalmente pesado, fica se sentindo, até chora a pessoa “Ah, não quis se tornar mais

meu amigo”, só que na lógica do Guarani já é como quando você vai na casa, é Guarani, mas não é aliado político, não coopera muito não, ele é meio, aí você vai, você recebe, de repente não, você sabe que não vai ter boa relação ou não vai ter uma interação, o pessoal aceita “Quero, mas não vou mais porque você...”, mas tem coisa, por exemplo, familiares é quase impossível isso, comunitária, aquelas alianças, o próprio indígena eu acho que acaba colocando interação como força, um vínculo permanente e acaba se tornando permanentemente ligado, não consegue mais se desligar. E isso acontece acho que nas redes sociais, pode acontecer isso porque em vários momentos eu mesmo percebi, esses dias tava uma amiga minha da rede social, nunca conheci ela, já está lá há dois anos, mas, assim, pessoalmente nunca, aí ela falava comigo, perguntava isso, eu respondia, “O quê que é isso? ”, jornalista, está se formando, ela quer fazer um trabalho na mídia lá, quer analisar como é que o cara lá divulga, como é que o jornal divulga, então, é um trabalho acadêmico, mas tem dois anos conversando, mandando, respondendo, algum momento não respondia, falava “Oi, você está aí?”, foi passando “Não, eu tô ocupado. Hoje eu não posso”, como se fosse assim na vida real, dois anos depois me encontrei com ela, mas ali fosse como já conhecia ela há muito tempo, “Você falou que... eu lembro que você falou, que respondeu, mas eu não entendi direito”, então, a gente começou, assim, a recapitular uma troca de mensagens anteriores, mas como fosse na real, pessoa para pessoa, mas era via rede. Então, eu acho que, nesse sentido, você cria, sim, um amigo permanente, ou seja, interlocutores que independe dos lugares, mas você entende que na cabeça você tem aquela pessoa e dificilmente você se livra dela, não sei se esse é

uma palavra correta, mas se livrar dessa pessoa, porque ocorreu uma conversa (Tonico Benites).

Com as palavras de Tonico, cheias de intensidade, cuidado e afeto, fechamos a compreensão sobre a socialidade Guarani, os modos de interação e apropriação nas redes sociais virtuais, do mesmo modo que introduzimos o conceito de *internetnização/guaranização*.

Nesse caso, através dos dilemas étnicos apresentados por Tonico na relação em rede virtual, podemos compreender quando foi necessário *etnizar* e *guaranizar* o espaço, e do quanto permitir se vincular ou não se tornou o limite tênue dessa dinâmica de *internetnização*.

## **V. RELAÇÕES DO POVO GUARANI EM REDE VIRTUAL: ORGANIZAÇÃO POLÍTICA; CULTURA, EDUCAÇÃO E HISTÓRIA; E PROJETOS DE ETNODESENVOLVIMENTO**

---

A rede virtual Guarani e seus modos de interação foram conhecidos no Capítulo IV deste estudo, no entanto, algo mais específico das relações em meio virtual foi aparecendo a cada encontro e entrevista realizada, com isso, optamos por categorizar os tipos de temáticas e conteúdos que mais se destacaram, bem como, o que mais os motivam à participação e apropriação deste meio.

Dentre diversos assuntos, temas e abordagens encontrados nas entrevistas, as seguintes temáticas se destacaram: organização política; cultura, educação e história; e projeto de etnodesenvolvimento, e serão utilizadas como categorias de análise. Essas categorias surgem em processo de consonância sugerido pelo método da teoria ator-rede (Latour, 2012), pois, acompanhamos os participantes-atores em seus discursos para, então, compreender quais categorias se destacavam e tinham maior relevância para os entrevistados.

Os temas apareceram nas entrevistas, principalmente, quando os participantes foram questionados sobre o que gostavam de discutir, divulgar e/ou informar na internet e em que situações achavam que a internet poderia ajudá-los. Foi quando a maioria trouxe temáticas nas quais mais vivencia. É interessante avaliar que, geralmente, a temática trazida estava associada a algum tipo de trabalho ou ação que o participante já realizava. Por exemplo, os participantes que estão envolvidos com associações, organizações e/ou lideranças destacavam a questão política e de projetos de etnodesenvolvimento, os participantes que já

atuam na área da educação ou são estudantes, apontavam a temática da educação e cultura, e os participantes que trabalham principalmente com o desenvolvimento de suas comunidades, destacavam principalmente questões envolvendo a cultura. No entanto, não ficou limitado a esta combinação; a maioria apresentou dois temas como muito significativos, a política e a cultura.

Dessa forma, também discutiremos a *internetnização* à luz dos anseios Guarani (*guaranização*), bem como suas particularidades envolvendo as categorias já sinalizadas.

### **5.1 Relações do povo Guarani em rede virtual e organização política**

A questão política e, principalmente, suas formas de organização, se destaca como um dos temas centrais na participação e apropriação Guarani do meio virtual. Aparece em muitos relatos que a motivação para entrar e participar nas redes sociais foi, especificamente, para divulgar situações de violência e violação de direitos, geralmente, vinculados à regulamentação de terra. Bem como, para estruturar e fortalecer as organizações políticas Guarani.

Cardoso de Oliveira (2000) distingue na esfera política o conceito de política indigenista, vinculada aos Estados nacionais, e de política indígena, vinculada e realizada pelos grupos e movimentos indígenas. Estes conceitos podem ser fundamentais para o entendimento da apropriação do espaço virtual para fins políticos, como uma ação indígena, que muitas vezes pôde ser motivada ou incitada por uma ação indigenista.

Nesta linha, em uma aula na Universidad de Salamanca sobre a questão de universidades indígenas no México, o professor Alfredo Rajo Serventich, da Universidad Intercultural Indígena Michoacán, apresenta o questionamento:

devemos pensar em “etnizar la política o politizar la etnicidad”? Diante do questionamento apresentado, podemos avaliar a etnização da política como poder utilizar premissas e acordos de origem étnica na relação do diálogo interétnico, isto é, no campo da negociação ou exercício da cidadania indígena, já haveria princípios de carácter étnico; já a politização da etnicidade poderia abarcar questões como a instrumentalização de indígenas para que possam acessar as estruturas políticas civis, bem como, melhor preparados para a negociação ou confronto étnico. Dessa forma, podemos sinalizar que ambas as proposições possam ser desenvolvidas dependendo da situação ou necessidade.

### **5.1.1 Organização política**

Para melhor compreensão desta rede política indígena Guarani, optamos por apresentar as principais organizações que aparecem neste estudo e as quais, apresentam alguma correlação com nossos participantes entrevistados. Dado que o movimento organizativo apresenta-se no cenário nacional e latino-americano como espaço para a promoção da cidadania indígena. Sendo que:

A levamos em conta um recente levantamento das associações e organizações indígenas, estima-se que quase 300 delas foram criadas nessas últimas décadas. Claro que elas são de vários tipos, desde as locais e/ou regionais até as que aspiram ser representantes nacionais; como também aquelas exclusivamente originárias de grupos indígenas; ou ainda as que surgiram na sociedade civil em apoio às demandas indígenas. Como interpretar essa proliferação de entidades não governamentais? Entendo isso como uma tentativa de inserção dos povos indígenas na própria

sociedade civil e apoiados por essa mesma sociedade através de certa variedade de ONGs. Esse associativismo vem demonstrar, por outro lado, que existe um potencial de mobilização política dos povos indígenas que um Estado democrático não pode ignorar (Cardoso de Oliveira, 2000, p. 221).

Dentre as principais organizações, podemos destacar: *Comissão Guarani Yvyrupa - CGY, Aldeia Maracanã, Associação Indígena Guarani Mboapy Pindó, Aty Guasú - Nación Guaraní Buenos Aires, Ciclo Reencuentros con Pueblos Originarios, Observatório da Educação Escolar Indígena e dos Saberes Indígenas, Aty Guasu- Assembléia Geral dos Guarani- Kaiowá e Consejo Continental de la Nación Guaraní.*

No site da *Comissão Guarani Yvyrupa - CGY* encontramos a seguinte descrição:

Comissão Guarani Yvyrupa (CGY) é uma organização fundada e gerida pelas lideranças Guarani das diversas aldeias de todo Sul e Sudeste do Brasil, com o intuito de articular nacionalmente a luta de nosso povo pela recuperação de parte do território que nos foi usurpado paulatinamente desde a Invasão Europeia. Yvyrupa é a expressão utilizada em guarani para designar a estrutura que sustenta o mundo terrestre, e para nós seu significado evoca o modo como sempre ocupamos o nosso território de maneira livre antes da chegada dos brancos, quando não existiam as fronteiras (municipais, estaduais e federais) que hoje separam nosso povo. Em uma grande assembleia, reunindo mais de 300 lideranças políticas e espirituais, realizada em novembro de 2006 na Terra Indígena Peguaty, no município de Sete Barras/SP, fundamos a “Comissão Nacional de Terras Guarani Yvyrupa”, posteriormente nomeada apenas Comissão Guarani

Yvyrupa (CGY). Logo em seguida, no dia 29 de março de 2007, a Comissão Guarani Yvyrupa (CGY) formalizaria o início de suas atividades em cerimônia realizada junto à 6ª Câmara do Ministério Público Federal em Brasília (CGY, 2016).

Ainda sobre a CGY, o site apresenta que sua função é se consolidar como protagonista político do movimento indígena nacional. Realizam assembleias anuais e lutam pelo reconhecimento territorial Guarani. Estão localizados em um escritório móvel, na Terra Indígena Tenondé Porã, aldeia Barragem, no município de São Paulo. Interessante observar que descrevem também suas ações orientadas nos modos próprios de organização política Guarani, no qual, buscam estar em consonância com os ideários dos caciques e lideranças espirituais, no sentido de fortalecê-los. Estão respaldados pelo artigo nº 232 da Constituição Federal de 1988, que define: “Os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo”. Ainda sobre a comunicação, alguns membros acrescentam:

[...] *Comissão Guarani Yvyrupa, Comissão Nhemonguetá* lá de Santa Catarina, e o Conselho dos Caciques lá no Rio Grande do Sul, em termo de organização Guarani [...] *Comissão Guarani Yvyrupa*, que é uma representação do povo Guarani no sul e no sudeste, a nossa principal luta é mobilização pelo reconhecimento territorial, demarcação das terras Guarani no sul e no sudeste e também temos discutido a questão da educação, e principalmente a questão da saúde no sul e no sudeste, então estes são os trabalhos que nós discutimos junto com nosso povo indígena, nosso povo Guarani (Marcos Tupã Mbya).

Dentre os participantes do estudo, alguns compõem ou já compuseram a CGY, Keretxu Vanda disse “Eu faço parte da Comissão Guarani Yvyrupa e grupo de jovem Guarani em ação [...] Coordenadora regional”, já Kerexu Mirim Patrícia disse que na “Comissão Guarani Yvyrupa [...] [atua como] jovens comunicadores”, Wera Kwaray, dentre outras funções como “Cacique da aldeia Boa Esperança [...] Vice-presidente da associação ATG, Associação Tupiniquim Guarani e também [...] faço parte do Conselho Nacional de Direitos Humanos [...] Presidente do Conselho Local de Saúde Guarani [...]”, também compõe a comissão. Já Dirceu G. Vilharve “Antes de trabalhar aqui no CECI eu trabalhava como Secretário no CGY, que é a Comissão Guarani Yvyrupa”. Além de claro, Wera Alexandre, como cineasta e Marcos Tupã Mbya, como coordenador nacional.

Keretxu Vanda aponta uma questão importante quanto à temática de representatividade e gênero, visto que as mulheres ainda não ocupam todos os cargos políticos e até no universo Guarani, essa questão aparece quando questionada sobre a existência ou não delas nesses espaços, sendo “na *Comissão Guarani Yvyrupa* tem no máximo umas três ou quatro mulheres só, já assim no grupo de *Jovens Guarani em Ação* tem mais meninas”.

Algumas ações na rede da CGY, principalmente relacionadas à regulamentação territorial, são expressas pelos participantes.

Eu participo da *Comissão Guarani Yvyrupa* [...] Cineasta [...] meu trabalho é de cineasta, vou fazer vídeo, mas recentemente eu tenho acompanhado mais essa mobilização dos Guarani, buscando um jeito de sair demarcação das terras para os Guarani aqui de São Paulo, e recentemente os trabalhos que a gente está levando é o do Itacupé, lá do Sol Nascente, que está com reintegração de posse, a gente está divulgando bastante como está a aldeia,

que está com o processo de reintegração de posse, que está num nível que todo mundo está sabendo (Wera Alexandre).

[...] Eu acho que, hoje em dia, o fato das comunidades aparecerem muito, assim, nas redes sociais é meio por isso, para divulgar questões, situações territoriais, até para alguém do órgão público se manifestar, se preocupar com alguma coisa, então, hoje em dia a gente tem a *Comissão Guarani Yvyrupa* que é uma organização que pega desde Rio Grande do Sul até o Espírito Santo, é uma organização Guarani preocupada com a questão indígena mesmo, focado nas questões territoriais (Dirceu G. Vilharve).

Ainda sobre ações da CGY, Marcos manifesta a perspectiva da comissão em vincular a rede de representatividade dos estados através de links dentro do site, facilitando desta forma a comunicação e divulgação dos acontecimentos locais, tal como, dinamizar a articulação política.

Nós enquanto Comissão Guarani Yvyrupa nós postamos ano passado [2014], nós fizemos seminário de comunicação com os jovens dos estados e estamos pensando em colocar a internet no ar, já tem um modelo do site, os pensamentos, têm os links e a ideia é de que cada estado dentro da estrutura da coordenação regional da Comissão Guarani Yvyrupa representado nos seus estados, tivesse um link dos seus estados dentro do site da comissão [...] e [divulgasse] o que acontecesse em cada região, a parte de saúde, problemas de demarcação das terras ou com os conflitos, ou o que ocorresse, eles teriam uma janela dentro do site para divulgar essas informações, circular (Marcos Tupã Mbya).

O movimento *Aldeia Maracanã* apresentou ações de grande destaque na mídia oficial e redes sociais, quando na preparação para a copa, no ano de 2013,

o governo do Estado do Rio de Janeiro emitiu ordens de despejo para a comunidade da aldeia indígena urbana, aldeia Maracanã, localizada no prédio do antigo Museu do Índio, no bairro do Maracanã, na cidade do Rio de Janeiro para demolição e construção de estacionamento e centro de compras.

O prédio tem aproximadamente 150 anos, importante monumento histórico da cidade, pertenceu ao Duque de Saxe que o doou para ser o centro de pesquisa sobre a cultura indígena. Também foi casa do Marechal Cândido Rondon, onde abrigou em 1910, a sede do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), órgão anterior à criação da FUNAI. Em 1953, o prédio é transformado em Museu do Índio por Darcy Ribeiro, já com a transferência do Museu do Índio, em 1977, para o bairro do Botafogo, este fica abandonado por mais de 30 anos. Em 2006, o espaço é ocupado por grupos de indígenas de diversas etnias. Administram o local e realizam o cultivo de frutas e verduras, promovem atividades culturais de canto e dança, de contação de histórias, feitiço de artesanato (Santos, 2013). A participante Sandra acompanhou um pouco dos desdobramentos desse movimento e nos conta:

[...] aqui no Rio de Janeiro também eu participo, eu estou no grupo, na verdade, da aldeia Maracanã, que eles tem um grupo [...] quer dizer, que teve um movimento que chamava da aldeia Maracanã, e eu não sei muito bem explicar isso, mas eu participei com eles, na verdade, para discutir essa questão dos índios que moram na aldeia e tem uns que moram fora da aldeia (Sandra Benites).

Hoje Sandra mora em um edifício, do conjunto habitacional *minha casa minha vida*, local para onde foram alocados os indígenas que viviam na aldeia Maracanã. O antigo prédio existe até hoje e era administrado pela Companhia

Nacional de Abastecimento e o Ministério da Agricultura, antes de ser comprado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro para dar lugar a um estacionamento e um centro de compras anexo ao estádio do Maracanã para a Copa do Mundo de 2014 (Museu do Índio- FUNAI, 2016).

No entanto, após manifestações do movimento Aldeia Maracanã, o antigo Museu do Índio foi tombado ainda em 2013, pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC), órgão que acompanhará o desenvolvimento do projeto, a restauração e adaptação do local.

*A Associação Indígena Guarani Mboapy Pindó é uma associação indígena sem fins lucrativos e foi fundada em 2008. Está localizada na Aldeia Indígena Guarani Três Palmeiras, em Aracruz/ES, com sede física, onde acontecem oficinas, cursos e exposição fotográfica, além de ser uma referência para comunidade como local turístico e venda de artesanato. O objetivo principal da associação é desenvolver ações e projetos educacionais e culturais para o desenvolvimento e manutenção da cultura Guarani. Dois participantes fazem parte da associação, Marcelo Guarani Wera Djekupe e Maynõ Cunha, que disse “[...] também tem a associação, que, como eu sou aqui da comunidade, então eu também faço parte da associação”.*

*Já a Aty Guasú - Nación Guaraní Buenos Aires é uma organização Guarani que luta pelos direitos desse povo na Argentina e promove ações de cunho cultural a fim de potencializar o grupo e fomentar a discussão acerca de povos indígenas em contextos urbanos e a ressignificação da cultura. Para Dario Juarez Chavu-ku, a “[...] internet de nuestra organización, [promueve] la posibilidad de dar difusión de las actividades culturales y políticas que hacemos acá en Buenos*

Aires, sobre la vida indígena en contextos urbanos, ya que no hay mucho espacios en otros medios. Y es donde nos enfocamos”.

O grupo *Ciclo Reencuentros con Pueblos Originarios*<sup>21</sup> criado em 2004, surge a partir de ações e discussões que ocorriam desde os anos de 1996, na Universidad Nacional de General Sarmiento, relacionados aos povos originários. Com sede no centro cultural da universidade participam deste grupo, estudantes e profissionais, indígenas e não indígenas da universidade, e de outras universidades, comunidades indígenas urbanas, e comunidades originárias de locais diversos da Argentina.

O grupo é responsável pela divulgação da produção científica, de saberes e conhecimentos relacionados aos povos ameríndios, através de encontros, jornadas, cursos, exibição de filmes, apresentação de livros, bem como, a realização de trabalhos de extensão em comunidades indígenas e instituições educativas. Um de nossos participantes, Ramón Villar Brizuela, é também atuante no grupo, e nos disse “relacionado a indigenismo pertenezco a Ciclo Reencuentros con Pueblos Originarios, y al Aty Guasú (significa Gran Encuentro). Ahora estamos tratando de conformar una comunidad urbana”.

A *Aty Guasu- Assembléia Geral dos Guarani- Kaiowá*<sup>22</sup> é uma organização, uma grande assembleia Guarani onde são tomadas as decisões sobre as lutas em relação aos direitos territoriais, dentre outros, do povo *Guarani- Kaiowá* do Mato Grosso do Sul. Tónico Benites nos conta sobre o funcionamento da organização, pois a “*Aty Guasu* é uma grande assembleia, um grande encontro e tem dentro desse grande encontro um grupo de frente, uma Comissão menor, que

---

<sup>21</sup> Para conhecer mais do Ciclo Reencuentros con Pueblos Originarios, acesse: <https://ciclopueblosoriginarios.wordpress.com>.

<sup>22</sup> Para Aty Guasu: <http://atyguasublogspot.com.br/>

tem a tarefa de continuar levando a decisão, a linha de atuação, informação, eu continuo no grupo, nesse grupo de frente, participando, levando a mensagem”.

O *Consejo Continental de la Nación Guaraní*<sup>23</sup> é uma organização Guaraní que integra representantes do Brasil, Paraguai, Bolívia e Argentina e busca uma articulação entre esses países. Desde 2006, realizaram encontros para pensar a estrutura dessa organização, sendo o primeiro Encuentro Continental del Pueblo Guaraní na cidade de São Gabriel, estado do Rio Grande do Sul, segundo encontro em 2007, na cidade de Porto Alegre, o terceiro teve preparação em 2009, na cidade de Foz de Iguaçu, em 2010, em março, na cidade de San Lorenzo e junho, em Assunção, ambos no Paraguai. Celso Padilla Mercado nos conta sobre sua trajetória política e sobre ser presidente desta organização,

[...] actualmente estoy trabajando para los pueblos indígenas de pueblo Guaraní que están integrados en cuatro (4) países, como siendo los hermanos guaraníes de Bolivia, de Paraguay, Argentina y Brasil. Soy la autoridad máxima, podríamos decir, como Presidente del Consejo Continental de la Nación Guaraní. El Consejo Continental de la Nación Guaraní ha sido fundada en 2010, o sea, podríamos decir que estamos así, por lo, cumpliendo los primeros cinco años, pero, antes, yo quiero darla a conocer que tengo veinte e tres (23) años de trabajo orgánico, político, en todo lo que es relacionado al movimiento indígena, non solamente el pueblo Guaraní, claro que, yo hay empezado de cargos muy esencial, inicial podemos decir; primero como local, como secretario, como tesorero y luego como dirigente de una Comunidad que es más pequeña, luego dirigente de una Capitanía que es más grande, después también a nivel departamental y

---

<sup>23</sup> Já para conhecer o Consejo Continental de la Nación Guaraní, acesse: <http://www.nacionguarani.org/consejo-continental/>

como también ha sido la máxima autoridad de la Nación Guaraní aquí en Bolivia, entonces ahora ya en ultimo carrera que me queda, o sea, cumplir, deja por este año o ultimo año de carrera dirigencial a nivel internacional; entonces, nosotros siempre venimos trabajando sobre la base de las reivindicaciones históricas de la Nación Guaraní. Con una lucha que siempre es marcado por el la línea y la base de la reconstitución territorial [...]Y también podríamos decirle que en la articulación, por ejemplo, significa articular, de cada uno de los países que estamos articularnos para que todos estemos como una Nación Guaraní, la Nación Guaraní es necesario que hay que romper la frontera, ya no existe frontera, aunque nosotros estamos en diferentes países, somos de este país, porque allá hay estado nuestros antepasados, allá tenemos y tenemos territorio. Y el cuarto es lo, porque temático, es lo respecto a la vida, significa, como podríamos decir, a respecto a los derechos de los pueblos indígenas, por eso es que nosotros decimos de que para eso, nosotros tenemos que estar bien organizados, tenemos que estar bien preparados y para lo que venga (Celso Padilla Mercado).

As principais reivindicações da organização são aprovar a lei de trânsito livre para os Guaraní dentro do Mercosul; expropriação de terras e reforma agrária. Como comentado por Celso, lutam para que consigam desenvolver seus modos de vida que foram impedidos com a construção das fronteiras e a expulsão de suas terras.

Através da apresentação de algumas organizações políticas pelos nossos participantes Guaraní foi possível perceber que as pautas comuns das lutas são

relacionadas às questões territoriais, aos modos de vida da cultura, aos direitos sociais, isto é, garantir a possibilidade de desenvolvimento étnico.

### 5.1.2 Questões políticas e rede

Quando correlacionamos questões de ordem política Guarani à rede, os participantes associaram, principalmente, à organização política, acesso à informação e seu uso como ferramenta. No que tange a questão da informação, os relatos destacaram a importância do Facebook, sítio onde podem acessar informações relacionadas ao seu povo, e da internet, como instrumento de comunicação, por possibilitarem a divulgação da cultura, das lutas. Os relatos de dois participantes destacam esses pontos abordados.

[...] tem umas notícias que eu vi no Facebook que falam sobre o Jaraguá, o *Itakupé*, aí vi umas notícias e gostei, gostei do que vi falando que a reintegração de posse foi retirado, vai ser reconhecida a aldeia do Jaraguá [...] sobre a cultura Guarani, sobre os direitos dos povos indígenas, quer dizer, originários, que é a palavra correta (Kerexu Mirim Patrícia).

[...] opino que internet es una herramienta de comunicación importante, en el sentido de la difusión de la cultura y en muchos casos los reclamos, las luchas por las injusticias que padecen muchos pueblos, y que los medios masivos de comunicación lo reflejan [...] internet lleva la importación instantánea, eso ayuda a la organización (Dario Juarez Chavu-ku).

Outra ênfase foi dada à rede como ferramenta para a organização política, o exemplo de Claudia mostra a importância hoje dos *chats* de comunicação do Facebook para o apoio em manifestações, pois as informações são instantâneas e de menor custo que ligações telefônicas.

[...] quando a gente foi fazer passeata na Imigrantes, tinha muito essa coisa de um se comunicar com o outro pelo face, mas não era, assim, para expor para todo mundo ver, era uma coisa só por mensagem [...] tanto que todas as fotos que foram publicadas, foi tudo depois das manifestações, então, para as manifestações a gente utilizou muito o Facebook (Claudia Gonçalves).

Na correlação à organização política e unidade na luta, Keretxu Vanda comenta que a rede tem propiciado “fortalecer mais a luta e a união de todo mundo, independente da distância, que a causa é só uma só, independentemente de várias aldeias, mas a luta é uma, e o povo também”. Já para Dirceu G. Vilharve, a internet “[...] é uma ferramenta que ajuda a você se organizar também, se organizar com outros grupos, outras pessoas, pra entender uma questão que toca ao seu respeito, no caso, a gente [...] eu falo questões territoriais, questões de educação, saúde, eu acho que é importante”. Marcos complementa que:

[...] nível de organização mais política em termo de comunicação, que eu acho que é importante sim hoje, no mundo que nós vivemos que é a globalização e a comunicação entre as aldeias [...] porque acaba sendo um instrumento de comunicação para as aldeias, para as organizações; todas as organizações indígenas no Brasil estão se instrumentalizando através da internet, colocando *site*, é *blog*, Facebook, e divulgando os trabalhos que acontecem nas suas regiões, nas suas comunidades, e os conflitos, sobre as demarcações de terras, saúde, e outros conflitos em relação à descriminalização, então, para nós é importante ter acesso para que possamos de fato divulgar os nossos trabalhos, porque disso a gente consegue também simpatizantes, apoiadores, pessoas ou ONGs que se

interessam pela causa indígena e pela opressão que sofremos, infelizmente hoje o que sofremos no Brasil são partes contrárias em relação a direito, aos direitos indígenas, que estão sendo ameaçados (Marcos Tupã Mbya).

Com isso, averiguamos que através de ações indígenas tem sido possível a politização da etnicidade, numa perspectiva muito próxima do conceito de internetnicidade (Nunes Junior, 2009), isto é, de se apropriar dos meios, e os utilizar como ferramenta para a ação política.

Já para Celso, atualmente é de suma importância o manejo das tecnologias de informação, das redes sociais, pois desta forma é possível acessar conteúdos de qualquer lugar do mundo, bem como, facilitar a comunicação e promover alianças políticas, cita o uso do *email*, como recurso e complementa sobre a necessidade do povo Guarani se apropriar dessa ferramenta.

[...] yo creo que la nueva política del esta generación del siglo veinte uno tendría que vencer, o sea, el desafío que es manejar las redes sociales, el sistema, la tecnología; porque a través de eso, aun lo abres, se abre el espacio al nivel del continente, al nivel del mundo, o sea, se puedes, es posible conseguir. Nosotros últimamente hemos estado contactando por mail para poder facilitar las alianzas, las luchas, las estrategias; al nivel del otros pueblos y cuando es necesario. Pero también nosotros decimos como el pueblo Guaraní, todos debemos hacer uso del este instrumento que es tan importante y que nos puede llevar mucho más allá fácilmente (Celso Padilla Mercado).

Dessa forma, observamos que os sentidos atribuídos acerca da importância da rede para a questão política estão entrelaçados e integrados, pois como Celso apresenta, em sua perspectiva, na articulação política o instrumento virtual têm

facilitado a comunicação, bem como, ampliado possibilidades, tanto para aproximação quanto em tempo e por isso, destaca a importância do manejo das tecnologias de informação e comunicação (TICs) pelos povos indígenas.

Na relação entre política e rede, os direitos indígenas aparecem em vários relatos dos participantes na interface também com os temas de comunicação, informação, ferramenta, estratégia e relação com outros países. Na relação com instituições do sistema democrático de direito, no contexto de políticas indigenistas, um participante destaca:

[...] nós que trabalhamos para defender direito do nosso povo, do nosso povo Guarani, às vezes, não é reconhecido, dentro dos três poder, como o Judiciário, no Congresso Nacional, na Assembleia Legislativa, entre os vereadores, a prefeitura [...] também no Executivo, [pois] existe Executivo, Legislativo e Judiciário, tem esses três poderes, para gente fazer conhecer, a gente tem que entrar, informar, usar a internet para que eles entendam o quê que significa o povo, o quê que é, como que é o povo Guarani [...] mas para informar o quê que se deve fazer em busca da melhoria do povo, em busca dos saberes milenar, porque que fala a respeito do direito, isso é importante [...] existe algumas matas, algumas florestas que não querem nem humanos, como o povo Guarani, não quer que os Guarani fiquem numa área reservada, dizendo assim, na área ambiental, aonde área preservada somente para pesquisa, às vezes, só tem animais e mata e rio, então, muitas vezes quer distanciar o povo Guarani do habitat que já conviveu, já viveu há muitos séculos (Wera Kwaray).

Dessa forma, observamos que a rede tem se mostrado também como uma ferramenta de interlocução com os representantes dessas instituições e um

espaço de reivindicação e de exposição para explicitação de desejos e mesmo de visualização de realidades, como comenta sobre a necessidade de mostrar quem são para justificar as necessidades aos que desconhecem a realidade, neste caso, Guarani. Isto é, o meio virtual também tem se tornado um espaço para a etnização da política, e as dinâmicas de *internetnização* tem fortalecido movimentos e ações indígenas.

Outro tema de muito destaque nos relatos foram os ataques aos direitos indígenas através de reformulações da legislação vigente, como a situação da regulamentação territorial, com transferência do Executivo para o Legislativo a decisão final da demarcação de terras indígenas. Marcos esclarece sobre a PEC 215 e seus desdobramentos prejudiciais aos direitos indígenas:

[...] com a PEC 215, de mudança de reconhecimento da terra, das demarcações das terras indígenas [...] hoje quem demarca as terras indígenas é a União, é o Governo Federal, então, tem todo um processo demarcatório, de como ela vai caminhando em cada instância, em cada nível governamental. E aprovando a estrutura da PEC 215, a ideia é de que futuramente quem vai demarcar e reconhecer as terras indígenas é o Congresso Nacional, o Poder Legislativo. Então, estamos aí sofrendo ameaças muito sérias em relação aos direitos indígenas e já está garantido na constituição, é de 88, que são aqueles dois artigos em relação aos povos indígenas [...] outras PECs que estão ocorrendo no Congresso, com projeto de lei de mineração em terras indígenas, e outras PECs que vêm, é, digo, confrontando direto, não só a legislação, mas colocando, com isso também, nós, digamos assim, dentro do pensamento, dentro da defesa, do que podemos fazer na medida do possível, de nós indígenas, enquanto povos

indígenas, de se organizar e se mobilizar junto com outros povos indígenas e para se fazer uma articulação do movimento e para ao menos provocar aí um enfrentamento, confrontos, enfim, essas coisas que tem acontecido aí em Brasília, todos esses tempos [...] hoje é a internet que facilita muito, é uma maneira direta de contato com as lideranças, com os movimentos indígenas, a gente consegue se comunicar e dentro do possível consegue se mobilizar. Então, é, além do movimento indígena, que tenha site, que tenha comunicação direta, a gente tem uma rede hoje, mesmo sendo uma rede pessoal, a gente consegue se comunicar, e então, para nós, acaba sendo um instrumento, um mecanismo fácil e comunicação rápida, então, tem nos facilitado, tem nos ajudado muito isso, em relação a esta questão (Marcos Tupã Mbya).

Diante do relato de Marcos, também podemos averiguar as contribuições de Cardoso de Oliveira (2000) acerca das questões políticas e caracterização de lideranças indígenas:

Portanto, o que se vê atualmente é que em diferentes partes do nosso hemisfério começam a surgir líderes indígenas bastante competentes no uso da linguagem do polo dominante, fato reconhecido em nível do hemisfério pelo Instituto Indigenista Interamericano [...] muito mais do que conhecedores do idioma português, inglês, francês ou espanhol, essas lideranças são capazes de se movimentar no interior das normas do discurso hegemônico, o que lhes permite conduzir uma argumentação audível e inteligível no interior do campo indigenista, sem serem obrigados a institucionalizar uma nova normatividade sustentadora do diálogo interétnico – algo bem mais difícil de alcançar [...] se considerarmos que é um fato que

deve mostrar um rumo para uma política indigenista voltada para preparar o índio a se tornar um competente interlocutor e não um mero cliente de eventuais benesses do Estado ou mesmo de segmentos da sociedade civil. E isso vem ao encontro do interesse indígena (Cardoso de Oliveira, 2000, p. 227).

Claudia também aponta sobre a dificuldade atual da demarcação territorial e das consequências do não cumprimento aos direitos e da possibilidade de organização política via internet.

No momento, para mim, o foco é a PEC 215 porque se essa lei for aprovada [...] hoje em dia já está sendo difícil o governo demarcar as terras para nós [...] pelo menos a gente está tentando para que todo o povo Guarani, ou outras etnias também que com certeza tem esse tipo de problema, para gente organizar mais e tentar lutar mais por essa causa porque sem terra você não vai ter casa, não vai ter comida, não vai ter escolas, não vai ter nada sem a terra para nós (Claudia Gonçalves).

Para Sandra, o Facebook é a rede social que tem sido utilizada na mobilização em prol das questões indígenas, para ampliação da informação e como apoio na comunicação, e como exemplo destaca o caso Guarani-Kaiowá, as discussões em torno da PEC 215 e sobre a temática educação.

Por exemplo, essa questão do Facebook foi muito importante porque a gente também começou a ver a situação de outros indígenas, de outras aldeias, por exemplo, quando teve aquela manifestação, aquela mobilização, dos Guarani Kaiowá, foi muito bom, através do Facebook a gente postava, mandava para o outro, compartilhava para o outro, eu acho que isso é importante [...] quando tem algumas coisas, por exemplo, PEC 215, tem

pessoas que postam, aí a gente vai discutindo, vai jogando isso para os colegas, e a gente vai discutindo. Acho que isso é legal, essa questão da educação também, é bom isso, circular isso na rede social pra que a gente também, para que os outros também entendam e vejam a situação do outro, porque hoje a gente tem muita dificuldade de ir visitar pessoalmente os parentes, mas a gente pode ajudar por meio de rede social (Sandra Benites).

Muitas mobilizações por todo país ocorreram como enfrentamento à aprovação da Proposta de Emenda Constitucional, PEC 215 (2000). Werá, também destaca outros Projetos de Leis (PLs) que estão prejudicando os direitos indígenas, são a PLP 227 (2012), a PL 7735 (2014) e a PEC 038 (1999). O Projeto de Lei Complementar - PLP 227 pretende criar lei complementar ao artigo 231 da Constituição Federal – “Dos Índios” – apontando exceções ao direito de uso exclusivo dos indígenas das terras tradicionais, em caso de considerável interesse público da União. Dentre as tais exceções, está a exploração dos territórios indígenas pela rede do agronegócio, empresas de mineração, além da construção de empreendimentos ligados aos interesses das esferas de governo – federal, estadual e municipal. A PL 7.735/2014, atual PLC 02/2015, pretende regulamentar o acesso e a exploração econômica da biodiversidade e da agrobiodiversidade brasileiras, bem como dos conhecimentos tradicionais associados, isto é, ferindo o direito de povos e comunidades tradicionais. Já a PEC 038/99 é anterior à PEC 215, no entanto, com o mesmo teor, a mudança sobre a demarcação territorial indígena, no qual propôs transferir ao Senado a competência de aprovar demarcações de terras indígenas.

E também saber dos perigos também que estão aí, a PEC 215 e mais a PLP 227 e também 7735 e também 038, esses são os perigos que hoje estão

sendo discutidos a nível de Brasília, a gente sempre vê isso também, a gente acompanha de todos os parente, não somente só dos Guarani (Wera Kwaray).

No Brasil, embora os direitos indígenas venham sofrendo perdas significativas, a Constituição de 1988 garantiu o direito a terra, saúde, educação. Já os vizinhos paraguaios e argentinos ainda não conquistaram o direito formal a esses direitos como relato por Marcos.

Então, aqui no Brasil a gente tem quase uns trezentos povos diferentes e duzentas línguas faladas e percebemos que, no Paraguai, na Argentina, as populações indígenas são menores em termo de povo, e acaba dificultando mais, a nível de luta, das terras, aqui a gente tem legislação específica, que são os artigos 231 da constituição, mesmo com isso, nós temos sofrido muito em relação à tentativa de mudança da legislação. No Paraguai e na Argentina parece que não tem essa lei específica, então, fica mais difícil ainda para eles, e poucas vezes nós conseguimos nos reunir com eles, eles nos convidando, ou eles, às vezes, participando das nossas reuniões, e essa dificuldade em termo de reconhecimento territorial, então, eles precisam muito mais assim do nosso apoio com eles, às vezes dentro do possível a gente consegue se mobilizar e manter diálogo junto com eles. Agora o difícil é em termo de recurso financeiro mesmo, porque para gente se deslocar de lá para cá tem custo (Marcos Tupã Mbya).

Desse modo, apuramos que a rede se tornou essencial ferramenta na construção de mobilizações, bem como, importante instrumento de comunicação para articulação política. Muitos participantes relataram que via este recurso diversas ações foram possíveis de se concretizar, dado a dificuldade encontrada

na grande extensão territorial ocupada pelo povo Guarani, são fronteiras que conseguem ser rompidas através da virtualidade e que são garantidos tais efeitos devido à participação nessas mídias. Com isso, podemos apontar que outro elemento está vinculado à questão política e à rede, a participação social e política, dos Guarani, nesses meios. Mesmo assim, averiguamos que se faz necessário, aprimorar estratégias e se criar instrumentalização para o exercício da cidadania indígena, bem como, “negociar a formulação de uma política indigenista que atenda às demandas de uma política indígena” (Cardoso de Oliveira, 2000, p. 226).

## **5.2 Relações do povo Guarani em rede virtual e o eixo cultura, educação e história**

Outras questões, específicas do povo Guarani, relatadas pelos participantes na relação em rede virtual foram relacionadas, principalmente, ao universo da cultura como a língua, o artesanato, a culinária, a arte, a educação e o modo de ser e ao da história desse povo.

### **5.2.1 Cultura Guarani e rede**

Na relação da categoria cultura e rede virtual, os participantes, apresentaram temáticas relacionadas a difusão da cultura, divulgação de eventos, aspectos da cultura, produção audiovisual e interferência cultural.

Sobre a difusão da cultura via rede virtual, Yvoty Potyjera aponta a internet como uma importante ferramenta para realização da difusão da realidade do povo Guarani e desta forma, possibilitar o reconhecimento da diversidade cultural encontrada na América Latina.

[...] internet es una herramienta para la difusión de la cultura del pueblo Guaraní; asimismo, puede ser un instrumento de difusión de la realidad en la que viven, por ende los puede ayudar [...] Es importante utilizar internet para la difusión de la cultura, para hacerse ver y sentir; porque como sociedad necesitamos reconocernos diversos y este medio de comunicación es un instrumento para construir nuestra identidad como pueblo pluricultural (Yvoty Potyjera).

Para os participantes a rede também tem se destacado como apoio na divulgação de eventos e rituais das diversas comunidades, bem como, um espaço de divulgação das práticas culturais cotidianas, fomentando dessa forma, o turismo e oferecendo para outras comunidades e grupos uma agenda constante de atividades.

Eu gosto mais assim quando o pessoal publica sobre o quê que está acontecendo ou que tem alguma atividade para fazer, que nem os Guarani têm época de algum ritual nas aldeias, aí as pessoas colocam ali e a gente vê também, compartilha, aí o que der para gente fazer ou ajudar também a gente compartilha, porque as pessoas mandam convite também (Keretxu Vanda).

Em relação regional e aldeias, é eu entendo, eu penso, que muitas das aldeias estão se mobilizando, estão também criando seus blogs, das aldeias, com fotos da aldeia, atividades das aldeias, de cultura, de turismo, então tem facilitado muito (Marcos Tupã Mbya).

Bem como os espaços virtuais têm sido utilizados para a expressão da cultura e dos modos de vida Guarani, tanto Marcos quanto Marcelo apontam as

experiências de divulgação de suas práticas culturais, bem como a facilidade de comunicação para organizar tais eventos e rituais.

É, e depende muito assim, das aldeias, e também da própria mobilização, do desenvolvimento da aldeia em relação a essa questão da cultura, que a cultura é mantida na aldeia, mas que hoje, por via de internet, comunicação, pode ser divulgada e com isso, hoje basicamente todas as aldeias incluem muito a questão do artesanato, inclusive, da vida cultural da aldeia, do desenvolvimento do artesanato, das vendas, então isso tem facilitado e ajuda muito [...] temos orientado muito para as questões da luta política e também das nossas atividades culturais, que acontece um ritual, nas aldeias, o *nimongaraí*, e aí a gente consegue colocar as atividades nossas dentro, mesmo de ritual, na página individual de outras pessoas (Marcos Tupã Mbya).

Bom, eu vejo divulgações de comunidades, o que está acontecendo nas aldeias, por exemplo, época de batismo ou época de reunião entre líderes religiosos para falar sobre o plantio [...] Tem as informações na internet. E aí a gente sabe o quê está acontecendo realmente através da internet [...] no ano retrasado, [ocorreu] encontro dos pajés, que foi para falar sobre o batismo, sobre o plantio, foi abordado todos os temas, para que a gente não deixe a nossa cultura morrer e esquecer a nossa tradição (Marcelo Guarani Wera Djekupe).

Temas sobre as postagens também surgiram na relação entre rede e cultura Guarani, como a troca de sementes, a venda de artesanatos, a língua guarani, bem como, a relação com o modo de ser. Para Yvoty Potyjera, as postagens são de “temas relacionados con la cultura y lengua guaraní y cuestiones sociales

puntuales que afectan la realidad donde me encuentro”, já para Wera Kwaray, o que destaca “[...] o que eu acho assim que tem na internet é das sementes, das sementes Guarani, dos *nimongaraí* e muitas coisas que são colocadas na internet e a gente sempre acompanha isso”. Maynõ relata as negociações realizadas para aquisição de sementes, via Facebook, bem como da venda do artesanato produzido na comunidade.

Agora que eu vou em julho para Araponga nós vamos buscar as sementes Guarani, eu conversei com eles por Facebook, vai ter a cerimônia das sementes e de lá eu vou trazer o *Awatxti ete*, que é o milho sagrado Guarani, para poder plantar, ou seja, isso tudo a gente conseguiu articular através da internet também [...] O quê eu costumo muito divulgar são coisas aqui da aldeia, as coisas que nós estamos produzindo, por exemplo, o tambor agora que nós fizemos já está na internet, divulgamos, às vezes as pessoas querem ter um instrumento desses, então, eles já fazem encomenda com a gente (Maynõ Cunha).

Para Sandra e Alberto, o espaço virtual é uma oportunidade para difundir palavras e imagens que valorizam a cultura, também mostrar como são os Guarani em sua essência, seus pensamentos, quais são suas formas de ver o mundo, cosmologias e seus modo de vida. Interessante observar a analogia feita por Sandra entre a cosmologia Guarani e outras filosofias de vida, e através da identificação, divulga outros materiais e autores. Pois, a palavra e a oralidade são significativas para a cultura e o modo de ser Guarani e isso também é transferido para a relação virtual.

[...] tem que postar, muitas vezes compartilha algo que é, por exemplo, eu falo muito sobre essa questão do ser Guarani, como que os Guarani

pensam, o jeitinho Guarani [...] eu leio muito um livro de um autor que é um psicólogo, o Augusto Cury [...] então, do jeito que ele fala é uma filosofia, na verdade, de vida Guarani, muita coisa tem a ver com isso, então eu, muitas vezes eu posto isso porque tem muita relação com a questão Guarani, que os Guarani são isso [...] que ele fala sobre o mundo dar volta, o mundo dá volta e você pode precisar daquela pessoa que um dia você não valorizou, por exemplo, então os nossos avós, minha avó ensinava muito isso, ela falava muito isso, que a gente tem que valorizar muito a pessoa, o ser humano, não importa como ela é, e diz que um dia a gente precisa, nós vamos precisar dessas pessoas, então eu lembro muito disso, então, às vezes eu posto muito isso na minha página porque eu gosto e porque, na verdade, tem muito a ver com a relação, com a forma de educação Guarani (Sandra Benites).

[...] quando eu comecei a usar internet eu sempre pensei na realidade dos Guarani, de mostrar mesmo como é que é a vida, não só as dificuldades, mas a beleza dos Guarani também, mostrar, ao mesmo tempo, as riquezas culturais, os tradicionais do Guarani, do modo de viver, de ver o mundo (Alberto Alvares).

Dessa forma, verificamos que vem ocorrendo a *internetnização* das redes sociais com o uso deste meio para a organização Guarani, para comunicação interna e externa dos ritos e práticas cotidianas, como espaço de expressão cultural e divulgação de sua arte e cultura, isto é, a temática Guarani tem se colocado como prioridade nas redes sociais de Guarani e/ou participação, isto é, a *guaranização* dessas redes.

No entanto, na prática cotidiana, a internet também tem interferido nos modos de vida e na organização deste cotidiano.

Que é um benefício e, por outro lado é uma coisa que está prejudicando, porque a gente, em toda comunidade tem essa rotina diária, mais tarde tem casa de reza, para onde a comunidade vai para fazer as rezas, os rituais da comunidade, só que hoje em dia a influência da internet, computadores, é bem grande, então, acaba atrapalhando de alguma forma (Dirceu G. Vilharve).

Essa mesma interferência, principalmente, na participação dos rituais foi destacada no estudo sobre os jovens Guarani da aldeia Boa Vista, porém relacionado à questão escolar. Devido o turno escolar acontecer no período noturno, muitos não conseguiam mais participar, bem como o acesso de alguns a outros fazeres como assistir TV e DVDs (Macedo, 2010).

Outro tema que envolve a questão cultural e as TICs são as produções Guarani de audiovisuais. Tem sido uma ferramenta de expressão cultural o uso do audiovisual, uma vez que os filmes e curtas-metragens tem dado voz a diversos indígenas, bem como trazem temáticas de tendência étnica. Maynõ relata que através de um email, conseguiu contactar o projeto *Vídeo nas Aldeias*<sup>24</sup> e equipar o cineclube da comunidade com diversos DVDs. O projeto surgiu em 1986 com objetivo de apoiar as lutas dos povos indígenas e fortalecer suas identidades e seus patrimônios territoriais e culturais, via os recursos audiovisuais e de produção compartilhada com os povos que o projeto trabalha. O surgimento se deu dentro das atividades da ONG Centro de Trabalho Indigenista, em uma ação realizada por Vincent Carelli entre os índios Nambiquara, que através do ato

---

<sup>24</sup> Para conhecer, acesse: <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/index.php>.

de filmá-los e deixá-los assistir o material gerou uma mobilização coletiva. Esse potencial que o instrumento mostrou foi sendo realizado com outros grupos através de novas ações com audiovisual e com outros povos. No ano de 2000, o projeto se torna uma ONG independente e continua sua tarefa de fomentar a produção de audiovisuais indígenas, resultando em vários prêmios em festivais de cinema e na divulgação das causas e lutas indígenas.

[...] estamos voltando agora com o cineclubes na aldeia, uma coisa bacana é que eu mandei um e-mail para o pessoal do 'Vídeo nas aldeias' e eles me retornaram, me mandaram os DVDs, os filmes para eu poder trabalhar aqui, então é uma das coisas que a internet traz de bom (Maynõ Cunha).

Já Alberto destaca sua experiência como cineasta indígena e suas motivações em acessar as mídias sociais e um dos porquês de sua produção audiovisual, isto é, o audiovisual como ferramenta potente de divulgação da cultura e manifestar outra visão sobre os povos indígenas.

Hoje, eu tenho mais desejo [de acessar a internet], porque eu produzo filme, eu trabalho com filmagens [...] e acho que através da filmagem você consegue alcançar, jogar na internet seus produtos, trabalho que venho fazendo, mostrando [...] porque muita das vezes quando a mídia mostra o lado da questão dos índios, [é] congelado e nós, cineastas, hoje através do trabalho, a gente vem virando as páginas, mostrando qual é a realidade dos povos indígenas, dos Guarani, por exemplo (Alberto Alvares).

Com toda essa produção audiovisual, Maynõ menciona que tem realizado buscas ativas no Youtube, de filmes de produção Guarani de outras comunidades, e que a internet é um importante meio de divulgação e, também cita os trabalhos audiovisuais realizados por sua comunidade.

É mais para comunicação e também ver o que as pessoas estão fazendo em outros lugares, por exemplo, tem algumas filmagens que eu procuro no Youtube que são de outras aldeias, alguns filmes, como “*Bicicletas de Nhãderu*”, que tá na internet, no Youtube, tem vídeo nosso também que foi feito aqui, que é “A flauta sagrada *minby maraey*”, que também tá no Youtube, além dessa troca, desse diálogo através da internet, também tem a divulgação do nosso trabalho aqui na aldeia, que é um meio interessante também, você poder divulgar e expandir tudo aquilo que você quer mostrar através da internet, que é um dos meios de comunicação que são mais acessados hoje em dia (Maynõ Cunha).

Sobre o filme “*Bicicletas de Nhãderu*”, Guimarães (2013) apresenta sua crítica, com texto intitulado *Mudar de mundo, com o cinema Guarani*, no catálogo da 8ª Mostra Cinema e Direitos Humanos na América Latina, e discorre sobre a tessitura complexa que entrelaça dois tipos de extracampo no filme, um, mitológico ou cosmológico, sobre a relação com os deuses e com os espíritos e, outro, geopolítico e cultural, que coloca os Guarani em estreito e vulnerável contato com a nação brasileira. Aponta o contato via a ‘integração’ e anulação da diferença, ou pela expulsão e obrigação à vida em pequenas extensões de terra. Cita as barracas de plástico na beira de estradas no Mato Grosso do Sul. Dessa forma, indaga, “Como então ouvir e compreender realmente Nhanderú, se os corpos e os sentidos são atraídos por outros sons, entregues a outras danças? Como oferecer hospitalidade aos espíritos se a aldeia não tem uma Casa de Reza?” (Guimarães, 2013, p. 62).

O autor ainda complementa que, dessa forma, se chegaria ao *Karaí* (o líder religioso), e em estado de meditação, se tornando, pois um puro veículo para a

manifestação divina, ou seja, uma bicicleta dos deuses, como foi definido poeticamente o *Karáí* Solano Tataendy pelo cineasta Ariel Ortega (Guimarães, 2013). Outro apontamento é sobre os planos realizados nas filmagens, suaves e calmos, comparados pelo autor como equivalente a uma aproximação própria do modo Guarani, de se iniciar uma conversa onde não se pergunta tudo de uma vez, não se explica de uma vez só e, se espera, em vez de precipitar. No desenrolar do filme

Encadeadas pouco a pouco, as conversas transitam livremente entre assuntos diversos, e as palavras, assim trocadas, repõem o liame entre homens e espíritos, reafirmado na construção da Casa de Reza. Quanto ao espectador que habita espaços desprovidos dessas passagens entre o cotidiano e o cosmo, ele também é convidado a mudar de mundo, solicitado a adentrar neste outro, inventado pelo filme (Guimarães, 2013, p. 64).

### **5.2.2 Educação e rede**

Na relação entre educação e rede surgem discussões a respeito de como o modelo de educação indígena deve atuar na prática, sobre a relação da imagem do índio com o que é ensinado na história oficial dos *juruá* e, acerca da internet como acesso a informação para educação, bem como, o uso da língua guarani como estratégia de ensino e de divulgação da cultura.

A respeito da educação indígena, muitas críticas surgem sobre o que se almeja, idealiza e o que é praticado no cotidiano escolar. Tanto Maynõ quanto Wera sugerem um sistema de educação realmente diferenciado.

Eu acho que sim, porque a educação, a escola indígena, hoje, ela é reconhecida até pelo Estado como um sistema de educação diferenciado, só

que a gente não vê exatamente isso, eu vi esses dias num documentário: o menino estava na escola, o Guarani, e falou “Pô, cara, eu não quero saber sobre isso, eu não quero saber coisa sobre o branco, eu vou lá com os meus avós, e vou prestar atenção no que o cara está falando”, porque os verdadeiros professores nossos são os mais velhos, e eu imagino, assim como muitas pessoas também aqui na aldeia que eu já conversei, troquei uma meia palavra, é necessário um sistema de educação diferenciado, realmente diferenciado, voltado para cultura Guarani. Por que não tem umas aulas no guarani, por exemplo? Não só a escrita, mas também poder falar sobre quem foi *Tatãti Ywa Rete*, sobre o que foi a guerra guaranítica, o quê que é a casa de pedra, a gente não vê isso, isso é uma coisa que o professor de história podia discutir na escola, é uma vergonha, aqui nós temos não sei quantas aulas de português, acho que duas aulas de inglês e temos uma aula de guarani, uma ou duas, eu acho isso errado, na minha cabeça, eu não sei o quê que o pessoal acha, então, eu também não estou ali dentro, não posso falar uma coisa que eu ainda não sei qual é a situação, mas que podia ser discutido (Maynõ Cunha).

[...] um pouco também da educação diferenciada que a gente está vivendo, a gente está querendo levar, ou seja, tipo, a gente está querendo que aconteça mesmo educação diferenciada porque, geralmente, fala que a educação é diferenciada, mas na prática não acontece (Wera Alexandre).

Já Ramón destaca a dificuldade em se discutir a educação indígena em espaços universitários, dado que a história contada não reconhece a descendência de povos originários na Argentina, bem como, não é contada

por/dos originários, mas por *juruás* que somente reproduzem os materiais oficiais escritos pelos colonizadores.

Les hacen creer que los indígenas no existen más; que los indígenas viven en zonas aisladas; les hacen creer que los indígenas son cosas del pasado; también se cree que su cultura o su forma de ser es inferior a lo que es la cultura occidental que es la cultura dominante, como docente que soy, trato de revertir esta imagen que se tiene, pero es muy difícil porque en los estudios de formación docente a nivel terciario y a nivel universitario no se hablan de los indígenas. Como si este territorio surge después de la llegada de los españoles, como si antes de todo eso no existía nada; y este es un concepto que impulsa el colonialismo que perdura hoy en día, que hay muchos grupos, aquí en la Argentina y por toda América que tienen esa postura, que hacen todo lo posible por invisibilizar al mundo indígena. Y si tal vez los grupos de estudios de formación de docentes que trabajaran más el tema, posiblemente habrían más gente y más preparados, en este caso maestros, que pudieran hablar desde otra mirada y con otros conceptos sobre el mundo indígena [...] generalmente hay gente blancos por decirlo de alguna manera, que simplemente son ignorantes del tema, entonces esa ignorancia hace muchas veces se caiga prejuicios, caiga en discriminación y estén pensando solamente que ellos son la raza que va prevalecer. Lo más triste de esto es que en Argentina hay más de 65 % de personas que son descendientes del pueblo originarios, más de la mitad de la población del país, no lo reconocen, no lo quieren aceptar o lo niegan, por esta imposición de la cultura occidental que ignora lo anterior a la Argentina, todo el norte argentino la fisonomía de las personas está presente un rasgo innegable, sin

embargo, las personas se niegan a reconocer que tienen un pasado aborígen, ese es el gran problema, no reconocerse; reconocerse no significa ser menos, si no significa acrecentar la cultura, le agrego ese condimento originario a todo ese bagaje cultural occidental, el tema es que nos enseñaron durante muchos años que eso es de menor calidad inservible, o simplemente como lo hacían en la época de la inquisición es solo brujería (Ramón Villar Brizuela).

Maynõ relata sua entrevista para um jornal local, logo que passou em primeiro lugar para o curso de licenciatura intercultural indígena da Universidade Federal do Espírito Santo, e onde realizou a prova de redação toda em guarani. Além, de reconhecer o espaço da entrevista como possível para realizar sua crítica sobre o ensino em comunidades indígenas.

“Você passou na faculdade e eu queria fazer uma matéria” [disse o jornalista], de início eu não queria, mas o que ele queria abordar na matéria que eu achei bacana, a questão da educação nas aldeias indígenas. O tema da prova era esse e tinha muita coisa que eu queria falar e que eu não pude falar na redação, então, foi uma forma de está podendo falar mais [...] outra coisa é a pessoa que está de fora ser entrevistada para falar sobre pessoas daqui de dentro, eu acho muito melhor quando é de alguém que assiste a tudo aquilo de perto, então eu achei bacana, foi uma experiência legal (Maynõ Cunha).

Nesse mesmo contexto de crítica sobre o ensino indígena e o ensino sobre indígenas que Dirceu e Tônico destacam que já existe outra imagem que precisa ser divulgada e hoje, as redes sociais têm sido um desses espaços. Outra história precisa ser contada e escrita e não somente por *jurua's*.

[...] o pessoal deveria entender de que o índio não ficou no passado, o índio não ficou só na história do livro, onde um branco, se falar de índio [...] é o índio que mora no mato, numa oca, vive pelado ou de tanguinha, com flecha, com cocarzinho na cabeça, só assim, na cabeça do branco. Então, eles têm que entender que o índio não ficou no passado; com a modernização do país, foi se modernizando também, foi equipando as aldeias com algumas instalações, como prédio de escola, posto de saúde (Dirceu G. Vilharve).

Então, hoje, o indígena nas redes sociais é para muitas coisas também, eu acho que ele quebra um pouco também aquela estereotipia, o índio ideal, aquele índio que o livro didático na educação só trabalha, aquele índio puro, então, isso também eu acho que acaba revelando o índio real, o índio também pensa, o índio também tem seu modo de vida, seu contato, sua forma de vida nesse contexto, suas ações, acho que isso também mostra (Tonico Benites).

A língua guarani aparece como estratégica nesse momento de globalização e de *internetnização*, por um lado é possível fortalecer e ser apoio à educação frente aos movimentos de integração e fim da diversidade e, por outro, aparece como mais um espaço Guarani de territorialidade em expansão.

Acho que a maioria dos jovens que eu conheço todo mundo usa. E, também, às vezes é interessante a troca de linguagem mesmo, assim, eu vejo muito, os Guarani escrevem muito em guarani, um pro outro, assim, então tudo vai comentando, acho que isso também é uma forma de fortalecer a escrita tanto da língua guarani (Alberto Alvares).

Para a educação, presencial ou a distância principalmente, a internet tem sido reconhecida como ferramenta de suporte à formação. Nos exemplos trazidos

pelos participantes podemos verificar a importância deste acesso à informação para o agenciamento do conhecimento.

Por eso es que nosotros decimos de que eso también, por ejemplo, el internet para la área educativa nos ayuda mucho, o sea, en el sentido de que aún lo puede tener de repente facilidad, más contactos y más materiales, o sea, más informaciones para poder facilitar su trabajo (Celso Padilla Mercado).

[...] como eu faço faculdade à distância de licenciatura em pedagogia, eu tenho que fazer as atividades online, aí todo dia eu tenho que utilizar a internet, para entrar no e-mail, ver se eu tenho atividades novas para fazer ou não (Claudia Gonçalves).

[...] utilizo muito. Inclusive, a minha monografia foi através da internet, a minha orientadora mora em Santa Catarina e eu aqui no Rio de Janeiro, e a gente mandava, ela corrigia, eu mandava, ela corrigia, foi uma coisa assim [...] isso ajudou muito, na verdade, se não fosse computador, ou e-mail [...] eu acho que eu teria muita dificuldade de concluir esse meu trabalho (Sandra Benites).

### **5.2.3 História**

Na relação com os fatos históricos na internet, Sandra comenta que tem utilizado esta ferramenta para suas pesquisas, para aprofundar e conhecer outras versões sobre a história indígena.

[...] site, eu uso muito sobre a questão da história, a história indígena, que nem esses dias eu fui pesquisar para ver a história, na verdade, a história verdadeira de muitos, que não tem contado, a história indígena, aí eu fui

descobrimos que, na verdade, eu não lembro o nome do título, mas, fala sobre os indígenas que eram soldados, primeiro era um indígena que, na verdade, a grande maioria soldado era indígena, que se chamava “guarda-viva” [...] eles que eram guardas para as pessoas, por exemplo, para caminhada, para ir viajar, na verdade, para abrir esse caminho (Sandra Benites).

Já Ramón conta sobre a manifestação que realizaram no aniversário da cidade de Buenos Aires, devido à homenagem que realizariam a uma pessoa considerada genocida pelas comunidades indígenas, bem como a importância da internet para se ter acesso a esses acontecimentos e poder contar outra história.

Primero para conocer esta existencia de los indios, lo que nos han enseñado en la historia oficial es que no hay más indios, y que no hay indios en las ciudades, hoy por ejemplo, es el aniversario de la ciudad de Buenos Aires y el gobierno de la Capital Federal, va hacer una ofrenda floral al fundador y las agrupaciones indígenas lo consideran a Juan de Garayun genocida y entonces va haber una marcha muy importante y esto se pudo difundir gracias a internet, y ahí van a participar indios y no indios. Si no existiera internet, esta relación entre el mundo indígena urbano o no, o con el mundo criollo o el mundo de los blancos, sin internet sería casi imposible conocer que es lo que está pasando (Ramón Villar Brizuela).

Tonico complementa que a imagem criada do índio como violento, agressivo, tem gerado relações de ódio e de muito preconceito, e a necessidade de se contar também a versão dos indígenas sobre a sua história. Podemos avaliar o quanto essas imagens contribuem para a manutenção de um *status quo* de exploração e segregação. Novas perspectivas e relações precisam ser criadas

e difundidas.

Noventa, final de noventa, dois mil, já é outro tipo de informações que passam, começam a falar o contrário, que o indígena que está invadindo, antes falava que o indígena estava sendo invadido. E último aparece [...] só aparece muito essa parte da classificação mesmo, ele tenta mesmo classificar o indígena como temido, como violento, agressivo, e criando ódio contra, então, isso trabalhou muito final de noventa e dois mil, começa a aparecer na mídia, na grande mídia, na mídia local, os indígenas como se fossem os personagens negativos na história [...] "Atacam, são violentos, são agressivos, são uns inúteis, não produz, não trabalha", então começa a descrever e isso que aparece com frequência, só que nunca menciona a história, em que momento [...] na história oficial não aparece indígena falando, aparece outro falando sobre o indígena, indígena falando não aparece, entendeu? (Tônico Benites).

Dessa forma, verificamos que nos discursos, a cultura e a história aparecem como centrais na relação com as mídias virtuais. Dado a possibilidade que esse meio proporciona de se criar e difundir redes, tramadas por essas temáticas, e que também vão ao encontro das questões de caráter educacional, num movimento no qual se permite repensar a educação intercultural, através das interações entre história, educação e cultura.

Constatamos que, por entre diferentes formas de ser e de atuar nos distintos contextos, se tornou possível a expansão de territorialidades Guarani, bem como, a *internetnização* de redes através das dinâmicas proporcionadas pelas escolhas de temáticas de cunho étnico.

### **5.3 Relações do povo Guarani em rede virtual e projetos de etnodesenvolvimento**

Os projetos de etnodesenvolvimento podem ser compreendidos como projetos alternativos aos de caráter desenvolvimentista, ou seja, de origem étnica, e com anseio próximo aos desejos e necessidades das comunidades e povos originários. Nesse contexto, Cardoso de Oliveira (2000) aponta a

[...] relação entre a ação indigenista e o etnodesenvolvimento. Recorro aqui a Rodolfo Stavenhagem e a elaboração que fez da teoria de etnodesenvolvimento, como um dos modelos possíveis de desenvolvimento alternativo, em tudo e por tudo oposto à ideologia desenvolvimentista, normalmente portadora de posturas contaminadas de autoritarismo. [...] Esta não é a primeira vez que me valho do conceito de etnodesenvolvimento (Cardoso de Oliveira, 1990); porém, diferentemente de Stavenhagem, procurei associá-lo à questão da eticidade; como sabemos, uma questão que diz respeito à expectativa de obediência a normas instituídas intersubjetivamente, implicando, portanto, o dever de cumpri-las pelas partes envolvidas no diálogo interétnico. Pude observar, então, que a questão ética, ainda que não enfrentada por Stavenhagem, já estava pressuposta no espírito de seu texto quando aludia a pelo menos dois aspectos do modelo de etnodesenvolvimento: o que diz respeito à necessidade de adoção de uma “visão interna ou endógena” pelos responsáveis de um programa de mudança social induzida, a saber, que leve em conta o discurso nativo, seja ele indígena, camponês ou outro qualquer que expresse as expectativas de setores da sociedade alvo de projetos de etnodesenvolvimento; outro aspecto, este carregado de eticidade, seria aquele relativo à

indispensabilidade de participação daqueles povos, alvos da mudança induzida, nas diferentes etapas de “planejamento, execução e avaliação” dos programas de etnodesenvolvimento (Cardoso de Oliveira, 2000, p. 217).

Nessa perspectiva, encontramos alguns projetos e estudos que articulam os conceitos de redes de cooperação, apoio e desenvolvimento aos povos indígenas: O Projeto “Os Guarani Transfronteiriços” conta com a parceria das Universidades de Sevilha, Espanha, de Misiones, Argentina, de Assunção, Paraguai, do *Núcleo de Estudos Populacionais, NEPO*, da Unicamp, do *Programa Kaiowá/Guarani/NEPPI*, da Universidade Católica Dom Bosco, *UCDB*, além do Ministério Público Federal de Brasília; e conta com o apoio financeiro da agência espanhola de cooperação e da *FUNDECT*. Brand, Colman e Machado (2008), em projeto em que pesquisam a presença dos Guarani nas fronteiras do Mercosul, têm como objetivo discutir as políticas públicas para os Guarani, pois a invisibilidade que marca a presença indígena nos diversos países da América Latina constitui-se como terreno fértil à negação dos seus direitos básicos e na certeza da impunidade existente.

Nogueira e Burkhard (2008) observam que, no ano de 2004, foi instaurado o convênio de cooperação entre instituições do ensino superior da Argentina, Paraguai e Brasil, surgindo então a “Rede Regional do Conhecimento do Circuito Internacional das Missões Jesuíticas” com objetivo de contribuir para geração de desenvolvimento sustentável no circuito, com eixo central no turismo. No entanto, apesar dos inúmeros projetos e programas na Região das Missões Jesuíticas-Guarani, os objetivos ainda não foram alcançados, muito embora se saiba que o retorno nesse eixo do turismo seja de longo prazo.

Segundo Vinha e Rosatto (2009), as inter-relações são mediadas pela cultura e, quando promovem reflexões sobre comportamento, fortalecem laços de cooperação, revitalizam valores e ressignificam modos de ser. De modo que, no processo de ampliação da rede de inter-relações, os Kaiowá e Guarani se estruturaram através de um núcleo identitário que os fortalece nas negociações para restabelecer a balança de poder nas relações com o Estado e fazem valer as diferenças, a maioria conquistada por meio de movimentos sociais em nível nacional e internacional, envolvendo todos os povos indígenas:

Dialogando com a dinâmica das novas inter-relações, através das 'redes de relações históricas e de processos seculares de troca', muitos elementos culturais são compartilhados por povos de uma mesma região. Ao compartilharem, ampliam a rede de relações e reelaboram esses elementos em seus contextos particulares 'permitindo a cada grupo reconhecer e valorizar o que considera parte de seu próprio patrimônio cultural', de sua tradição (Vinha & Rosatto, 2009, p. 5).

E nesse contexto de inter-relações e trocas, Celso sugere que deveria haver um projeto de cooperação latino-americana que possibilitasse o acesso de todas as comunidades Guarani à rede de internet, e a partir daí, a possibilidade da ampliação dessas relações e de desenvolvimento de outros projetos conjuntos.

[...] yo creo que hay que trabajar esta cooperación de hacer, o sea, la instalación de internet en Latino América, porque eso no solamente nos ayudaría para poder estar informado, si no que sería más fácil la constatación y además involucrarse fácilmente con la sociedad, porque, lo que pasa es que, a veces, en las comunidades donde no hay este medios, estamos un poco escondidos, estamos un poco alejados de la sociedad,

entonces es, a través del internet nosotros podemos ser un poco más sociales, y podríamos, abrimos las puertas a nivel social, a nivel local, regional, nacional como internacional. Entonces, siempre con el cuidado de saber manejarlo (Celso Padilla Mercado).

Dentre os relatos dos participantes pudemos constatar a existência de projetos que têm apoiado a execução de ações indígenas e projetos de maior articulação e extensão, como produção alimentar tradicional, no qual através da produção de alimentos em cozinha experimental será possível a venda de alimentos da cultura Guarani para os visitantes da comunidade e dar suporte ao turismo local. Além de ações indigenistas, através de organizações, com auxílio em projetos de agricultura familiar, bem como, projetos de acesso livre à internet, como na aldeia da Barragem.

Por exemplo, agora nós temos um projeto que é de construção de uma lanchonete que ainda não terminou, mas vai terminar até abril [...] a nossa ideia é de inaugurar em abril também com comidas típicas, nós estamos também formando uma oficina, já conseguimos os maquinários, para ensinar os jovens a mexerem com as artes, tanto com instrumento musical, tanto com armamento, coisa da arte, da cultura, para ajudar na renda familiar (Marcelo Guarani Wera Djekupe).

[...] algumas aldeias receberam auxílio dessas organizações, CTI, Comissão Pró-índio, receberam alguns projetos de plantação, e talvez isso seja um ganho para eles, talvez um pouco de melhora para eles, talvez, mas para nós, aqui, dentro de São Paulo, numa área mínima, a gente não consegue plantar, a gente não consegue plantar por falta de espaço. Lá no Jaraguá eles estão cercados por avenidas, e nós, aqui, lotado de pessoas, então,

numa área pequena e cheia de população, a gente não consegue plantar, e, enquanto isso, tem outras comunidades que recebem um apoio, uma ajuda com sementes tradicionais (Dirceu G. Vilharve).

[...] as aldeias daqui de São Paulo capital têm alguns [...] tem algum projeto [...] lá em Barragem mesmo tem um projeto do qual as pessoas tem internet livre para usarem e se comunicarem com as pessoas (Wera Alexandre).

Dessa forma, observamos que nem sempre os projetos podem ser executados em qualquer local, e suas ações generalizadas para qualquer comunidade. Por isso a importante discussão de Cardoso de Oliveira (2000) sobre a eticidade nos projetos de etnodesenvolvimento, no qual, se faz sim necessário, a presença desses povos na elaboração, construção e execução dos projetos, isto é, precisam estar em todas as etapas e de forma orgânica. Tónico aponta sua reflexão sobre esta questão e diz:

[...] eu acho que existem informações, várias informações que circulam quase todo dia, por exemplo, sobre Guarani hoje, já é dos Guarani, do próprio Guarani falando, pedindo, demandando, mas tem outra informações, ou seja, outra demanda para o Guarani. Então, eu acho que depende muito disso porque, por exemplo, é uma demanda, claro que tem uma demanda comum, todo povo Guarani demanda essa demanda comum, demanda em geral, mas tem demanda específica, por exemplo, se um Guarani lançar "Ah, nós queremos a preservação da natureza, nosso espaço está sendo destruído, nossa mata, nossa floresta", em vários lugares não vai proceder, não procede porque em vários lugares o Guarani não tem mais mata, como é que ele vai proteger se não tem mais? Então, depende acho de que tipo é possível, é difícil esse trabalho de uma demanda, por exemplo, uniformizar,

[ser] única, como fosse uma demanda para todo Guarani, mas talvez não, determinado Guarani por conta da situação histórica ou trajetória, então, esse tipo de demanda resolve desse povo Guarani, mas desse [outro povo] já não é (Tonico Benites).

Quando projetos e ações são propostas, de cunho indigenista, entendemos como propostas de associações, técnicos, políticas públicas, órgãos públicos, dentre outros, um ponto importante de se analisar é o diálogo interétnico e intercultural, e deve-se muita atenção, pois questões como

[...] o do etnodesenvolvimento, o da constituição do campo político indígena como pressuposto à institucionalização de uma ética na ação indigenista e o das condições de viabilidade do diálogo interétnico [...] na esfera dos confrontos étnicos, isto é, os que têm lugar no interior de um mesmo país multiétnico. São problemas que revelam a necessidade de o campo indigenista assumir o diálogo interétnico e intercultural como fator decisivo na promoção da cidadania indígena. E ao assumir esse desafio, não se pode deixar de levar em conta as dificuldades inerentes à implementação desse mesmo diálogo (Cardoso de Oliveira, 2000, p. 228).

Os participantes também relatam o manejo de projetos, como surgem e por quais vias, sendo, geralmente, respostas a editais e responsabilizadas e acolhidas no interior de associações indígenas.

[...] mas quando eu entro para ver, eu vejo que existem vários editais, que através das informações de amigos "Ah, tá tendo um edital assim, assado", para isso, para cultura, outro para agricultura, outro para saúde, outro para educação, aí a gente vai vendo (Marcelo Guarani Wera Djekupe).

E associação [...] se a gente faz um projeto precisamos de algum órgão [...] o pessoal quando tem projeto, quando a gente ganha um projeto, não é mandado nenhum recurso para uma conta pessoal, tem que ter uma espécie de um órgão, então, a associação se encaixa nesse aspecto, é através da associação que nós conseguimos articular os projetos que vão ser desenvolvidos nas comunidades indígenas (Maynõ Cunha).

Já sobre a questão específica de projetos que aborde a questão do acesso às TICs e principalmente o acesso à rede internet, apenas Marcos citou o conhecimento sobre um projeto do Ministério da Comunicação que pretendia dar acesso digital às comunidades tradicionais e povos indígenas. O programa *Governo Eletrônico - Serviço de Atendimento ao Cidadão (Gesac)* oferecerá a conexão, de forma gratuita, por via terrestre e satélite, a comunidades em estado de vulnerabilidade social em todo o Brasil. Será disponibilizado um total de 167 antenas que irá levar o acesso à internet em banda larga para comunidades indígenas, quilombolas e rurais. A inclusão digital das populações é resultado de acordo de cooperação entre os ministérios da Cultura (MinC) e das Comunicações (MiniCom) (Portal Brasil, 2015).

[...] foi comentado ano passado do Ministério da Comunicação, que teria um projeto, me parece ser um projeto piloto para as comunidades rurais, e também para os povos indígenas, então, todas as aldeias que tivessem interessadas, teria que entrar no cadastro do ministério de comunicação, eles teriam interesse em colocar o equipamento nas comunidades, nos espaços comunitários, digamos assim, que teria uma antena, como fala aqueles equipamentos [...] roteadores, receptores, daí então, teria um ponto de Wi-Fi, acesso via satélite e que toda comunidade teria acesso à

informação. E como foi uma discussão, só uma discussão, a gente não levou em frente ainda e teria que consultar todas as aldeias se tinha interesse, e necessidade e interesse da aldeia, então, teria que entrar no cadastro. Então, estavam em discussão, não chegou a se instalar em nenhuma das aldeias ainda. Então, inclusive é para cada organização de cada região fazer cadastro de suas aldeias e regiões e passar para ministério da comunicação [...] como o ano foi muito corrido, não demos prioridade para focar nesse encaminhamento (Marcos Tupã Mbya).

Podemos avaliar que dentre as propostas de etnodesenvolvimento do povo Guarani, os projetos geraram em torno da agricultura, bem como a gestão de sementes tradicionais, a produção de alimentos também tradicionais e o acesso à internet.

Destacamos, essencialmente, dentre o desenvolvimento de projetos de etnodesenvolvimento e as mídias sociais, a criação de redes de cooperação para a efetivação de tais projetos, seja para o desenvolvimento local através de parcerias com outras organizações, com órgãos internacionais, e/ou com redes pessoais, ou para integração do povo Guarani através das parcerias interinstitucionais dos diversos países envolvidos. Com isso, nota-se que para o desenvolvimento deste povo o acesso à rede se faz de fundamental prioridade.

## VI. RELAÇÕES INTERCULTURAIS DO POVO GUARANI EM REDE VIRTUAL: TIPOS E NÍVEIS DE COOPERAÇÃO

---

A compreensão sobre como o povo Guarani relaciona-se nas redes sociais virtuais e como se apropria desse meio e para quê, foram bases e subsídios para também compreender como se dão as relações de cooperação, se ocorrem, suas possibilidades, motivações e desencadeamentos. Com o desenrolar do estudo, o mapeamento da rede e através das entrevistas foi possível criar fluxos sobre a dinâmica da rede de cooperação Guarani, bem como, acompanhar alguns enlaces, nós e dispersões.

Para melhor entendimento e visualização desta rede e fluxos optamos por escrever sobre o sentido de cooperação, sua compreensão e conceituação, bem como, sobre os níveis de cooperação segundo Hinde & Groebel (1995). Também apontamos algumas associações entre cooperação e Facebook, além dos tipos de redes de cooperação apresentadas pelos Guarani no meio virtual, categorizadas como: interpessoal, institucional e internacional.

### 6.1 O que é cooperação

Cooperação é uma ação que pode ser entendida de diversas formas e um conceito que pode ser interpretado através de vários pontos de vista. Para melhor orientação do nosso estudo optamos por aclararmos nossos olhares segundo a conceituação de Hinde & Groebel (1995) e também tentamos compreender as formulações e compreensões acerca do tema a partir da visão Guarani.

Para Hinde & Groebel (1995), entende-se por *cooperação* a atividade em que indivíduos se ajudam mutuamente para alcançar ou obter o que se necessita

ou busca. Já *ajudar* define-se como proporcionar a uma pessoa meios de alcançar algo de que necessite ou busque, ser útil ou servir, sendo que ajudar pode conter custos para quem presta ajuda, mas também pode conter recompensas, de modo que é bem provável que, na maioria dos casos, ocorram os dois. Quando ajudar implica custos desproporcionais em relação às recompensas, denominam de *altruísmo*. Todas essas condutas, de cooperação, de ajuda e altruísmo, são entendidas como condutas pró-sociais.

Partindo da premissa de que a essência da cooperação está no fato de dois ou mais indivíduos se ajudarem mutuamente para alcançar o mesmo fim, os autores ainda fazem uma distinção no processo de cooperação sobre o conceito de *interação* e *relação*. Dessa forma, quando dois ou mais indivíduos não se conhecem previamente entre si, a conduta de ajuda se produz durante uma *interação*, que é relativamente breve em tempo. No entanto, é mais comum que a ajuda ocorra quando os indivíduos estejam implicados em uma *relação*, isto é, um conjunto de indivíduos que interatuam em uma série de ocasiões, de maneira que cada interação recebe a influência de interações anteriores com o mesmo indivíduo e/ou influencia de expectativas as interações futuras. E, em uma relação, um indivíduo pode ajudar o outro esperando uma posterior *reciprocidade*, mas, neste caso, deve haver uma relação de confiança no outro, isto é, a outra parte deve estar comprometida com a relação.

A partir dos Guarani, foi possível verificar alguns apontamentos sobre a significação e a representação da palavra “cooperação”, bem como seu uso e sua articulação também em rede virtual. Ficou muito evidente que esta forma de agir, “cooperar”, o “*pytyvõ*”, isto é, “cooperação”, em Guarani Kaiowá, e “ajuda, apoio”, em Guarani Mbyá, é quase que intrínseca ao modo de ser Guarani.

Durante as entrevistas foi realizada a pergunta “O que é cooperação”, no intuito, principalmente de entender o significado a partir de outras lentes, e com isso, pudemos verificar as diferentes concepções como mais generalizadas, com sentido de ajuda, contribuição, apoio e também atrelada ao modo de ser Guarani. Para Yvoty Potyjera, “la cooperación es aunar esfuerzos para el logro de un objetivo en común”; já para Dario Juarez Chavu-ku, “Lo es todo en realidad, sin cooperación nada va ningún lado”; também complementa que na rede virtual “[...] es posible, pero para la cooperación, trasciende lo que es internet”. Ramón Villar Brizuela também agrega o sentido coletivo, sendo que para ele, “la cooperación es un acto voluntario de personas que se agrupan para llevar adelante una tarea sin lucrar, solamente por la satisfacción de poder hacerlo, poder completar el objetivo”.

Podríamos dividir en dos partes: una primera cooperación social/cultural podría ser, o también de conflictos orgánicos e políticos, eso también es importante para nosotros, cooperarnos unos a los otros y mutuamente; habla en otro lo sería la cooperación financiera, más allá de que uno tiene que tener más que otro acceso a los recursos económicos para poder hacer los proyectos, hacer todo tipo de trabajos sociales (Celso Padilla Mercado).

Para alguns dos participantes o sentido de cooperação ficou associado com o ato de ajudar, bem como a atos de mutualismo, isto é, dois ou mais indivíduos se ajudam mutuamente para alcançar diferentes recompensas (Hinde & Groebel, 1995). Estas comparações foram exemplificadas por episódios que vivenciam. Já que cooperação para eles também é:

Estar ayudando o lado do outro, o outro ajudando o outro (Keretxu Vanda).

[...] cooperar com alguma coisa, ajudar, fazer as coisas, quando a pessoa está fazendo e outro vem ajudar (Kerexu Mirim Patrícia).

Cooperação? Cooperar é poder ajudar um ao outro, eu acredito nisso, poder trabalhar juntos [...] eu tô ali em casa precisando limpar meu quintal, por exemplo, aí tenho meu vizinho que também está com o terreno dele sujo, eu tenho minha avó que está com o terreno dela sujo também, junta todo mundo e aí limpa o terreno do meu vizinho, depois limpa o da minha avó, depois limpa o meu, aqui na aldeia acontece assim, cooperar um com o outro e poder ajudar nas atividades do dia a dia (Maynõ Cunha).

Ah, ajudar, na questão de ajudar. Ah, eu acho que, quando eu faço um filme, eu penso, que o filme, ele fica registrado, o filme não fica só para mim, o filme fica para aldeia, fica em várias e vai para outras aldeias. Além da aldeia, vai pra sociedade não indígena para ver, acho que isso é uma forma de ajudar você a divulgar, para as pessoas verem, qual é a verdadeira, do povo Guarani. Acho que aí quando você divulga você já passa a ajudar, sempre eu falo que só assim a história nunca vai morrer, se você passando a ajudar, mas se você não ajudar a história morre (Alberto Alvares).

Cooperação, para mim é eu ajudar você, você ajudar outra pessoa, e não ficar só no individualismo, porque, quando você está no individualismo, você só quer as coisas para si mesmo, e se mudasse essa coisa do individualismo, eu acho que não teria pessoas passando fome, morando na rua. Tem tantas pessoas que não são drogadas, mas estão na rua por não ter um teto aonde dormir (Claudia Gonçalves).

Outros trazem o sentido de cooperação também associado ao de contribuição, como para Dirceu G. Vilharve: “Cooperação? Ah, eu acho que é o

mesmo que contribuir, relacionada à contribuição, contribuir com pessoas, ou com comunidades, talvez ajudar um ao outro.” Já Marcelo, além do sentido de contribuição, atribui também o de comunicação, ou o ato de informar.

Ah, eu acho que cooperação é a informação que a gente dá; por exemplo, opinião também é; de alguma forma, isso vai estar na troca da ideia; às vezes tem pessoa que nem pede opinião, mas, quando você fala alguma coisa, em uma parte pode despertar interesse importante para que a pessoa tome isso como um "Puxa vida, alguém falou isso e isso é interessante", de alguma forma isso está contribuindo, informando alguma coisa legal. Um exemplo que a gente pode dar do que está sendo feito nas aldeias de interessante, de importante, a outra aldeia pode tomar isso também para iniciar alguma coisa de importante nas suas aldeias. Eu acho que informação já é uma forma também de cooperar, às vezes, mesmo que você não mande assim “Ah, eu estou te informando isso”, mas sem falar, você pode estar escrevendo ou pode dar sua opinião ou pode dar uma ideia, sem precisar chamar atenção da pessoa diretamente, mas você pode estar cooperando indiretamente, ajudando de alguma forma (Marcelo Guarani Wera Djekupe).

Sobre o significado de cooperação, foi interessante escutar dos participantes sobre a relação estreita com o modo de ser Guarani, sobre como a afetividade, a reciprocidade e a cooperação estão presentes em seus modos coletivos de vida. Nos próximos relatos verificamos a variedade de elementos que compõem a socialidade Guarani e de como este modo de se relacionar transborda inclusive nas ações em redes sociais.

Wera Alexandre e Wera Kwaray nos apresentam esse modo cooperativo. Tônico Benites resume profundamente esta relação Guarani com o ato de cooperar, inclusive no recurso da leitura corporal e não verbal. Já Sandra Benites dá continuidade ao sentido afetivo do ato de cooperar e ser Guarani.

Acho que é a mentalidade, o pensamento dos Guarani é muito assim de ajudar o próximo, o povo Guarani pensa, num modo geral, ele não pensa, é. Numa pessoa só, ou numa aldeia só, tipo, eu estou numa aldeia aqui que não tem problema algum de conflito e tal, mesmo assim eu não falo que eu estou aqui bem, então eu não vou ajudar ninguém, sabe? Mas acho que os Guarani todos, em geral, são assim, tipo, querendo ajudar outra aldeia, outras lideranças (Wera Alexandre).

Bom, é porque existe dentro do saber milenar, a gente sempre mantém os princípios, então, os princípios para nós é uma forma de cooperação também, para que o outro, o outro povo, outros entendam. Porque existe o outro, outra forma de dizer e quando você tem diálogo com outro povo ou com outros setores, você entrando para conversar mesmo ou pessoalmente, ou através de internet, através do meio de comunicação, quando você entende que o trabalho pode trazer o benefício para aquela comunidade, para aquele povo, para aquele setor, que pode ajudar, que pode entender que têm a eficiência do trabalho ali, porque quando você consegue fazer cem por cento, eficaz também do tempo, de tudo organizado, você consegue alcançar o seu objetivo [...] mas quando a gente fala da cooperação de benefício para ser bem atendido entre eu e outras pessoas, então isso é muito importante, mas a gente sempre busca, por onde passar, a gente sabe por onde que temos que passar (Wera Kwaray).

[...] o princípio da vida do Guarani é a cooperação, precisa cooperar em todo sentido, seja psicológico, tudo, porque senão não teria, vou falar que não teria unidade, uma unidade comunitária, intercomunitária, porque sem cooperação não existe essa unidade, essa comunidade que chama, essas relações, esses sentimentos, você não sente o que o outro está sentindo, eu sei que é através de cooperação. Eu preciso cooperar para que eu não me sinta isolado, sozinho no mundo, precisa cooperar. Aí entra toda essa prática de vida, essa forma de se relacionar entre os Guarani, aí entra essa cooperação, você precisa do outro para viver, você vai ser importante somente com outra pessoa em coletividade, você sozinho não é útil. Então, essa é a ideia de cooperação do Guarani, você nunca vai achar um Guarani sozinho, sempre vai estar em grupo, aí o pessoal estranha: “Por que esse monte de índio junto?” É porque o princípio é que você não pode viver sozinho, sozinho você não é nada, você é a pessoa mais ruim no mundo, mais negativa, a pior, se você viver sozinho, você tem que viver cooperando, em qualquer coisa, seja para rir, contar piada ali, conversar ali, buscar, entregar, receber, distribuir e socializar algo, tudo isso é cooperação, é tipo uma obrigação que marca ser Guarani, se você não faz isso, o pessoal vai te cobrar, você não é bom Guarani, se você não coopera você está se isolando. Essa contrapartida de cooperação, por exemplo, se você vê que a pessoa Guarani está triste, ao mesmo tempo a linguagem é que precisa da cooperação de alguém, precisa de ajuda, está pedindo algo, não precisa falar para pessoa “Meu amor, sei lá, meu pai, minha mãe, tristeza”, não precisa, só aquela forma de ele estar ali já é um pedido, isso é muito claro para quem entende essa linguagem do corpo também, acho que do próprio

corpo, do próprio silêncio da pessoa, eu aprendi muito isso ao longo [da vida], essa linguagem, porque ele fala para as pessoas (Tonico Benites).

Cooperação? Cooperação, na verdade, para mim, no meu ponto de vista, é uma coisa, é tudo, está ligado, em tudo está ligado, com a questão da afetividade, tem a questão da reciprocidade, cooperar com o outro é uma coisa que é muito saudável, cooperar com o outro a gente, quer dizer, não significa só o momento, isso é uma coisa sempre, porque isso é bom, essa ajuda do outro, na verdade, é sempre. Não só compartilhar aquilo que é coisa material, mas também é cooperar, quer dizer, é questão moral, a questão afetiva, a questão do sentimento mesmo (Sandra Benites).

A visão Guarani apontada acerca da cooperação apresenta características similares aos de grupos coletivistas descritos por Hinde & Groebel (1995), isto é, grupos sociais que realizam condutas pró-sociais<sup>25</sup> em favor do grupo em relação aos aspectos individuais. No entanto, quando eles abordam a questão da cooperação étnica sugerem que o fluxo de características culturais *dentro* do grupo étnico tem uma frequência muito maior que o fluxo *entre* grupos étnicos, além de enfatizarem que esta transmissão favorecerá um comportamento cooperador dentro dos grupos étnicos e um comportamento não cooperador para membros de outros grupos.

Com isso, os autores, ainda apontam que o comportamento cooperador tipifica interações entre membros do mesmo grupo, enquanto que a falta de cooperação tipifica interações entre membros de grupos distintos. Exemplificam através de episódios de guerras, onde indivíduos estão dispostos a lutar e morrer

---

<sup>25</sup> O conceito de comportamento pró-social é muito amplo, com isso, pode-se dividi-lo em três subcategorias de comportamento: de ajuda, altruísmo e cooperação (Dovidio, Piliavin, Schroeder & Penner, 2006). Dovidio, J. F., Piliavin, J. A., Schroeder, D. A., & Penner, L. A. (2006). *The social psychology of prosocial behavior*. New York: Lawrence Erlbaum.

por seu grupo, bem como ações de movimentos em prol da autonomia étnica que se colocam em oposição direta ao governo e ao poder do estado moderno.

Podemos exemplificar com ações do povo Guarani na legitimação de seus direitos sociais, principalmente do direito à terra, do direito ao *tekoa* (lugar para desenvolver o *teko* ou *nhandereko*) e ao desenvolvimento do *nhandereko* (modo de ser Guarani), bem como destacar ações nas quais os Guarani também estavam juntos a outros povos para a conquista do bem comum. Neste caso, percebe-se que este povo também apresenta características de grupos socialmente integradores, com agrupações mais amplas e que preferem formar alianças a guerrear.

Esta visão integradora é uma leitura moderna sobre as dinâmicas atuais deste povo, no qual, em várias práticas já presenciadas pela pesquisadora, os Guarani evitam conflitos e geralmente optam pela aliança com outros membros e/ou muitas vezes preferem a criação de um novo agrupamento, até mesmo em outra localidade, ou quando permanece na mesma comunidade, se percebe a divisão de grupos por interesses comuns. Isto é, a disputa não aconteceria neste plano.

## **6.2 Povo Guarani, cooperação e rede virtual**

O trabalho de Borelli, Oliveira, Rangel e Rocha (2012), sobre grupos juvenis, a partir da identificação, na cidade de São Paulo, de quatro aldeias Guarani: Tenondé Porã e Krucutu, em Parelheiros, zona sul e Tekoa Ytu e Tekoa Pyau, no Pico do Jaraguá/Pirituba, na zona norte, relata sobre o cotidiano dos jovens Guarani, das idas à escola, mas também à casa de reza como um espaço educativo e de socialização, que através da oralidade, forma o adulto Guarani que

será responsável pela continuidade e reprodução do seu povo. Sobre os jovens, solteiros ou casados, dizem que dentre seus ofícios são “professores, agentes de saúde, escritores, dominam as tecnologias digitais, gravam sons e imagens e estão sintonizados com o movimento indígena paulista e nacional” (Borelli et al., 2012, p. 173).

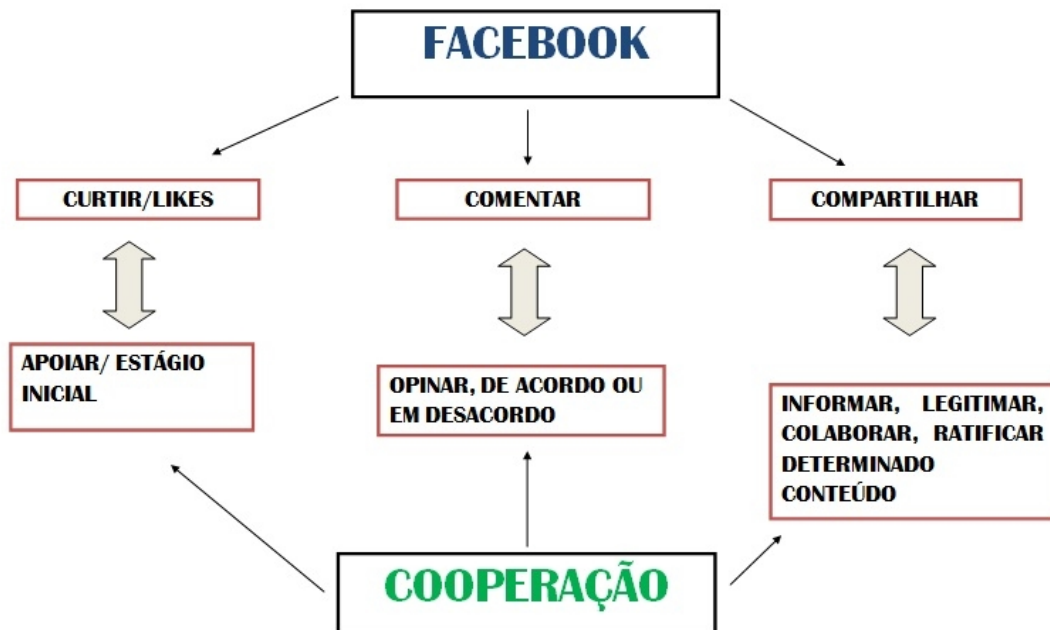
As autoras enfatizam que os ambientes digitais possibilitam ao jovem a interação com o bairro e o mundo, além de permitirem o compartilhamento da experiência coletiva através da música, dança, cinema, literatura e poesia associados às tecnologias digitais, possibilitando outros saberes e práticas. Apontam que o uso das tecnologias digitais:

[...] reafirmam a cooperação como elemento principal no processo formador dessas estruturas sociais juvenis, propondo éticas e estéticas alternativas aos modelos hegemônicos, revitalizando e ocupando espaços públicos, fortalecendo e amplificando laços e redes sociais. Essas páginas juvenis são territórios virtuais constituídos essencialmente para o encontro, a troca, a aproximação e o trabalho coletivo (Borelli et al., 2012, p.186).

Neste estudo acompanhamos os fluxos das redes de cooperação Guarani, principalmente, na rede social Facebook. O contexto é muito dinâmico e acontece principalmente pela ação individual dos integrantes. Para entendimento das dinâmicas do Facebook e de cooperação pelo povo Guarani, realizamos a seguinte analogia para melhor compreender os níveis de cooperação (Figura 16):

- Para a ação de “curtir” ou dar “likes” em algo, compreendemos como ação de apoiar, mesmo estando de acordo ou desacordo, isto é, dá ênfase ao conteúdo vinculado, no entanto, num estágio mais inicial da interação;

- Para a ação de “comentar” algo, compreendemos como ação de opinar, mesmo estando de acordo ou desacordo, isto é, explicita o ponto de vista e desta forma também amplia a discussão sobre determinado conteúdo;
- Para a ação de “compartilhar” algo, compreendemos como ação de informar, legitimar, colaborar, corroborar, ratificar determinado conteúdo, isto é, a ação mais próxima da cooperação.



*Figura 16.* Mapa analogia entre dinâmica do Facebook e conceitos de Cooperação

A partir da compreensão dos níveis de cooperação podemos exemplificá-los com algumas das ações realizadas por nossos participantes do estudo. Sobre a interação inicial e ação de “curtir”, Kerexu Mirim Patrícia diz que “[...] tem algumas páginas que fazem a divulgação da cultura deles, até mesmo dos outros povos, aí

eu vou lá e curto, aí aparece um monte de fotos, notícias sobre PEC 215, essas coisas, aí vou e entro lá”. Sobre a ação de “comentar” Marcelo nos contou que:

[...] também eu vejo o que as pessoas postam [Facebook] e dou minhas opiniões e, através do que as pessoas postam de outras comunidades, de outros estados, a gente dá a opinião da gente e também divulga daqui, é uma troca entre índios e também a gente acaba aprendendo também das coisas que não é da cultura, mas a gente troca de informação com pessoa não indígena também para estar divulgando (Marcelo Guarani Wera Djekupe).

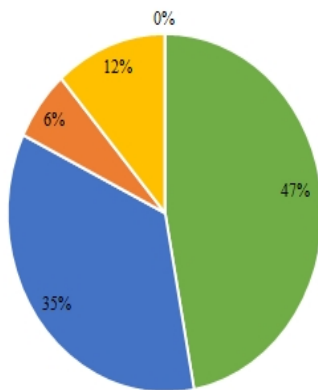
Sandra, por sua vez, apresenta o lado positivo da dinâmica sobre “compartilhar” algo e como interlocutor de ideias; “[...] compartilhando, algum documento, ou seja, algum documentário que fala sobre aquilo que a gente gostaria de falar, então eu acho que isso, para mim, tem ajudado muito, eu vejo como ponto positivo”. Já Tônico Benites coloca que, mesmo com a possibilidade de compartilhar as informações nas redes sociais, continua a existir a dificuldade de enfrentar a mídia oficial através das informações veiculadas, mesmo as muito compartilhadas, pois muitas vezes a mídia tenta tamponar a dimensão dos acontecimentos: “já estava nas redes muito bem, vídeos bem documentado, já estava os depoimentos circulando na rede, compartilhado, e a mídia tentou fazer que isso era um caso isolado, o caso de Nísio”.

A dinâmica e a diferenciação dos níveis de cooperação entre “curtir” e “compartilhar” é bem explicitada por Kerexu Mirim Patrícia, quando nos disse que “sim, compartilho alguma coisa que eu entendo, algumas quando postam e eu não entendo, aí eu só vejo, eu só curto, quando eu não entendo direito eu só curto [...] Senão eu só passo e vejo”.

Desta forma, podemos questionar: será que com essas ações, os Guarani estão criando redes de cooperação em meio virtual? É possível realizar o *pytyvõ* na rede Facebook? Quais outras ações poderiam complementar as já realizadas? Diante dessas indagações seguiremos tentando compreender essa dinâmica da rede de cooperação na rede virtual e apresentamos a seguir os gráficos sobre a relação entre as mídias veiculadas nas páginas e grupos de/ou com presença Guarani e as ações de “curtir” e “compartilhar”.

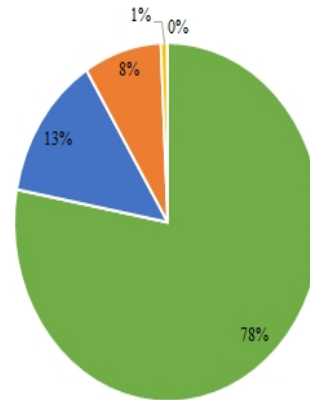
**Curtidas em grupos por tipo de mídia**

■ Foto ■ Link ■ Vídeo ■ Status ■ Evento



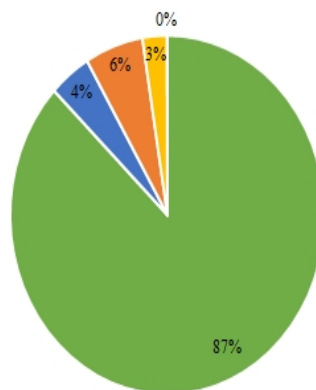
**Curtidas em páginas por tipo de mídia**

■ Foto ■ Link ■ Vídeo ■ Status ■ Evento



**Compartilhamentos em páginas por tipo de mídia**

■ Foto ■ Link ■ Vídeo ■ Status ■ Evento



*Figura 17.* Tipos de mídias mais “curtidas” em grupos, páginas e compartilhamentos no Facebook

Na relação entre as mídias e as ações de “curtir” e “compartilhamentos”, podemos verificar que tanto nos grupos quanto nas páginas as mídias mais “curtidas” são as fotos, seguida dos *links* e vídeos, isto é, as primeiras interações são realizadas através de fotos. Já nas páginas, as mídias mais compartilhadas são as fotos, seguida dos vídeos e links. Embora as fotos sigam como a principal mídia tanto de interação como de maior nível na relação de cooperação, os vídeos aparecem também como outra forma mais profunda de informar, legitimar ou colaborar com algo, como já citado por Sandra.

Incluindo as dinâmicas de cooperação na rede virtual, constatamos que todos os eventos de cooperação estão inseridos em contextos, nos quais se pode perceber a *estrutura sociocultural* do grupo, isto é, quando as crenças, os valores e as normas, junto com as instituições e seus papéis constituintes são compartilhados por todos os indivíduos implicados (Hinde & Groebel, 1995). Ainda para os autores, os sucessivos níveis de complexidade social, como: indivíduos, interações, relações, grupos e sociedades, e a estrutura sociocultural, influem-se mutuamente. Com isso, os níveis não devem contemplar-se como entidades e sim como processos em contínua criação mediante a ação destas *relações dialéticas entre os níveis*.

Para melhor visualização dessas relações entre os níveis de complexidade social optamos por discutir a rede Guarani através dessa diferenciação, no entanto, entendemos que estes são complementares e dialéticos. A rede de cooperação interpessoal incluiria os níveis, individual, de interações, de relações e de grupos; já a rede de cooperação institucional, governamental ou organizacional os níveis, de sociedade e de estrutura sociocultural (Figura 18).

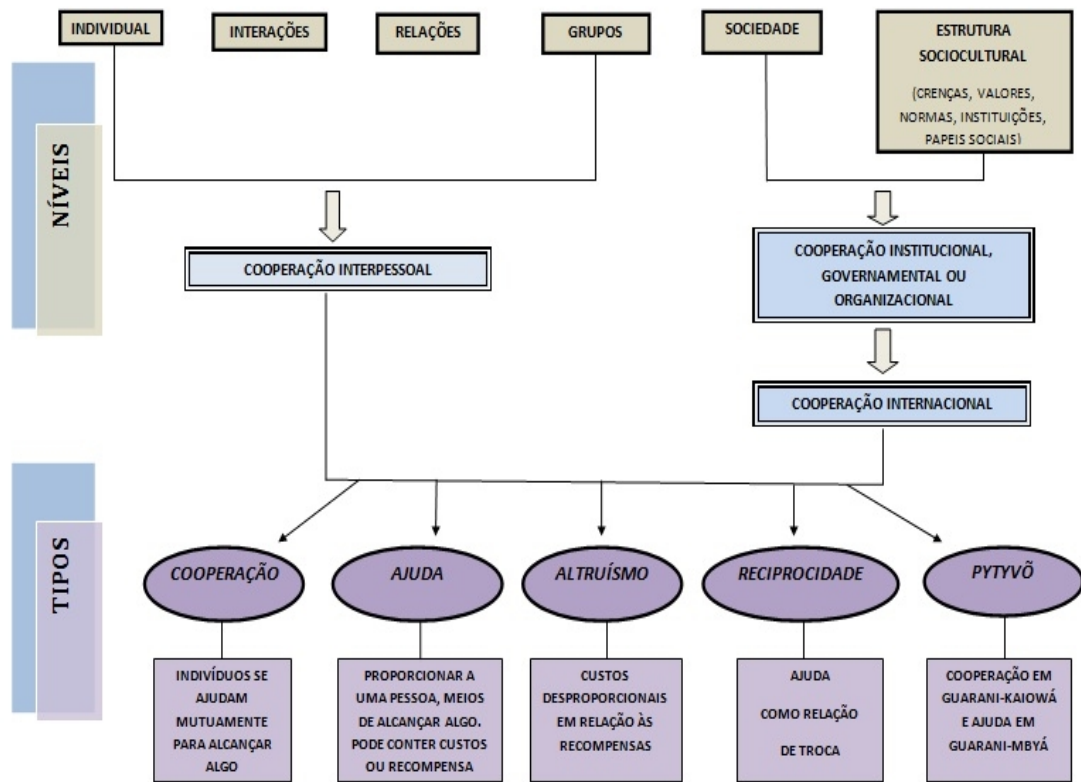


Figura 18. Mapa tipos e níveis de Cooperação

### 6.3 Rede de cooperação interpessoal

No *nível individual* podemos verificar que existe a consciência de que cada pessoa pode trazer um conteúdo distinto para a rede virtual, é o indivíduo cooperando com a rede. Marcos Tupã Mbya aponta que “[...] dentro disso, tem o indivíduo, cada um, cada pessoa, é, através do celular, consegue colocar seu perfil e aí, vai divulgando para as aldeias”. Neste nível foi possível verificar a preocupação, principalmente das lideranças, em relação aos jovens e acerca dos conteúdos por eles divulgados, bem como, com a maneira que vão inserindo as práticas em contexto virtual, no contexto cotidiano e comunitário. “O que as

lideranças e os caciques sempre falam mais é [sobre] essas coisas de festa que não tem nas aldeias e ficam postando foto de algumas pessoas bêbadas. Nenhum morador aqui é assim, mas por causa de uma pessoa já atinge todos” (Keretxu Vanda).

No *nível das interações*, foi possível constatar que estas são realizadas principalmente com outras comunidades Guarani, com outras comunidades indígenas e também com não índios. Keretxu Vanda descreve que “outros parceiros meus seriam as aldeias que estão por mais por dentro da causa indígena, sempre acompanham [...] Tem umas que sim, não é a maioria, mas algumas pessoas estão por dentro mesmo junto com a nossa luta”. O relato de Sandra, por sua vez, sugere a criação de um grupo de apoio aos povos indígenas gerado das interações na rede e que também tornaria possível a criação de relações de apoio e cooperação. Desta forma, nota-se que o sentido de apoio está relacionado de uma maneira mais sutil, generalizada e coletiva, como os casos de apoio à causa Guarani, de ratificação das lutas, de dar visibilidade e endossar os movimentos políticos indígenas e Guarani.

Parceiro? Eu acredito que sim. Por exemplo, principalmente as pessoas que lutam pelas causas indígenas, eu acho que a gente pode criar, eu acho que nós não vamos encontrar, mas a gente pode criar talvez um grupo; esse grupo não seria só dos indígenas, eu acho que é um grupo de indígenas junto com os não indígenas também, porque eu vejo muito os interesses também por parte de alguns não indígenas de cooperação, de discutir a questão da precariedade. Por exemplo, essa questão do Mato Grosso do Sul, que é muito ruim, muitas pessoas sofrendo, e eles estão muito pressionados, e sofrem muito por não ter esse apoio (Sandra Benites).

Com relação à dinâmica de interações podemos destacar os encontros entre as pessoas, índios e não índios. Para Ramón Villar Brizuela “de hecho sí, me parece que ya está sucediendo, pero redes de comunicación [...] nos vamos conociendo a través de los distintos vínculos y vamos realizando redes virtuales para transmitir nuestras acciones y conocer las acciones de los otros”. Já Wera Alexandre, nesta dinâmica, destaca a ação de estudantes, pois “[...] muitas vezes quem ajuda, quem se interessa em ajudar os Guarani são mais universitários, ou que se interessa mais pela forma de ser do Guarani, de falar, de ver, da mentalidade do Guarani, diferente dos não indígenas”.

Alguns outros exemplos demonstram as dinâmicas de interações e apoio ao povo Guarani, tanto entre si, como com outros. Apoios relacionados à questão pessoal, política, econômica.

[...] às vezes conhece através do internet, a gente conhece outros Guarani que mora lá em Argentina e a gente vai se falando e a gente vai se comunicando, que nem esse dia, eu falei assim “Ah, eu vou para o Rio Grande do Sul, quero ir pro Rio Grande do Sul”, aí eu conheci um, que eu já conhecia, na verdade, mas aí eu encontrei ele na rede social e ele falou: “Não, vem aqui, você pode vim aqui, a gente está fazendo escola, se você quiser vir para cá morar e tal” (Sandra Benites).

Tem um que vi, uma não, que várias pessoas divulgam, compartilham, curtem, sobre a cultura, por exemplo, a PEC 215, aí todo mundo compartilha, curte, aí fala o que acham, dessa PEC, aí todo mundo compartilha (Kerexu Mirim Patrícia).

[...] e tem muitos que procuram nos ajudar mesmo, e assim com apoio e até mesmo com apoio financeiro pra mobilização e o que nós conseguimos ver

com o site é que conseguimos atingir até esses últimos tempos cinco mil visitantes no site, que só visita o site e que depois acabam sendo nossos seguidores e muitos são simpatizantes, então, ainda falta muito para atingir, porque tudo vai muito do pensamento e também infelizmente estamos no meio de interesses, digamos, interesses pessoais, econômicos e político, então dentro desse contexto, é difícil dizer enfim quem de fato, “ah eu apoio a causa indígena” (Marcos Tupã Mbya).

No *nível das relações*, observamos que ocorrem trocas de afetos, informações, apoios e o fortalecimento dos vínculos entre os envolvidos, constituindo amizades ou relações, como um passo além da interação. E observamos que o sentido de apoio está relacionado ao fortalecimento pessoal, acolhimento às dificuldades, principalmente de amigos ou parente Guarani, desta forma apresenta-se de maneira mais singular e direcionada. Marcelo nos dá o exemplo das relações que estabelece com os amigos na rede virtual, seja índio ou não índio.

Ah, eu acho que sim, como eu tenho vários amigos que tem boas ideias, pergunta para gente como é que está na aldeia, o que seria interessante de projetos nas comunidades, o quê que pode ser desenvolvido. E aí a gente vai buscar informações de outras aldeias, o quê que tá dando certo naquela comunidade, o quê que poderia dar certo nessa comunidade, ou a gente pode seguir o exemplo de outras aldeias, então, a internet e as pessoas que estão lá do outro lado num outro estado, pode ter um lance bacana que pode passar para gente também, fortalecendo de alguma forma (Marcelo Guarani Wera Djekupe).

Tonico nos mostra de forma muito sensível como ocorre a cooperação no nível da relação, e que dentre outras formas, a afetividade Guarani cativa e mantém viva a chama das relações, destaca como exemplo, a importância de lideranças demonstrarem esse comportamento, de trazer alegria para as pessoas.

Então, eu acho que entra essa cooperação, não é só de uma única forma, não é simplesmente você buscar, tentar cooperar, não em grandes coisas, mas, principalmente, falar para a pessoa, porque uma cooperação mais útil, o mais importante, você tem que fazer rir, fazer felizes as pessoas, se uma pessoa é muito importante, você tem que fazer feliz a pessoa, mas muito importante é você fazer feliz mais de uma pessoa, aí você constitui, você constrói essa [cooperação]. Acho que liderança também, porque você não consegue ser bom líder se você não conseguir fazer isso bem, mas se você é líder Guarani, bom líder tem que fazer isso muito bem. Imagina você, uma pessoa não consegue fazer feliz, fazer sorrir uma pessoa; se uma pessoa é bom líder, consegue fazer rir uma pessoa, uma multidão de pessoas, milhões de pessoas. Os Guarani, acho que entram na posição dessa pessoa, esse que é o ideal, essa que é a cooperação, essa é uma das formas de cooperar, você cooperar a partir da sua contribuição, da sua cooperação. Mas tem de outras formas, como distribuir as coisas (Tonico Benites).

Sandra também destaca a importância das relações nas redes sociais e dá um exemplo de cooperação afetiva através da comunicação *online*, da força Guarani recebida por palavras e da aproximação trazida pelo contexto virtual.

[...] às vezes, para se expressar, aquilo que você, que eu quero, na verdade, colocar, fora, às vezes propriamente o sentimento [...] eu coloquei uma vez

também que eu tava longe dos meus filho, aí tem o Mauro, que estava no Espírito Santo, veio, colocou e falou para mim, deu conselho, falou, assim não, *mbyaguatxu* = coragem, que ele falou assim “Ah, pensa em *Ñanderu*”, aí ele falou depois *mbyaguatxu mbaraete* = força, aí eles falam a força, dando força, pequenas palavras, na verdade, então isso é importante [...] mesmo a gente não estando pessoalmente, mas a gente sempre conversa (Sandra Benites).

No *nível dos grupos* destacamos as ações tanto de grupos Guarani como intercultural, no qual vão se delineando melhor a diferenciação do indivíduo ao grupo. Ramón apresenta exemplos de cooperação de grupos para grupos, enfatizando a importância de ações coletivas. Maynõ destaca a organização de grupos para o apoio na comunidade, isto é, também dando enfoque às ações coletivas e de cooperação intercultural.

Primero conociendo las necesidades, haciendo la difusión de estas necesidades y organizándonos a la distancia, por ejemplo, nos solidarizamos en primer momento, a veces buscando materiales, ejemplo de cooperación con una escuela secundaria, para en parte palear las necesidades de los distintos grupos, por ejemplo. Hace, relativamente poco, en Misiones hubo una aldea que sufrió toda la inundación con grandes pérdidas, esto se conoció primero el problema por la internet, a través de muchas personas de la zona, y bueno, aquí en Buenos Aires se organizaron y juntaron cosas y han enviado en un acto solidario, a veces con la solidaridad se consigue y se hace de forma individual y de forma cooperativa. Individual, digamos, es reducida la acción y si es cooperativa se pueden lograr muchísimas cosas (Ramón Villar Brizuela).

Eu acho que sim [existe cooperação pela internet] porque meu pai, às vezes, quando ele quer resolver alguma coisa, ele resolve também por internet, com amigos ele conversa, ou se precisa, por exemplo, agora nós estamos para plantar na reserva, então, a gente precisa de voluntários para ajudar a plantar, então meu pai articula através disso [internet], ele conversa com o pessoal, com os amigos dele de fora para poder também vir ajudar a gente. E acaba sendo a cooperativa (Maynõ Cunha).

Ainda no nível entre grupos, Tônico aborda a questão da diversidade, que muitas vezes não é discutida e reconhecida em nossa sociedade, e o quanto a internet tem sido um meio para se apresentar essas diferenças étnicas. Seguindo esta linha de pensamento, poderíamos sugerir esse como mais um exemplo da dinâmica de *internetnização*, no qual os espaços virtuais estão sendo utilizados também para a construção dessas diferenças, não só de caracterização, mas também de demandas. Além de demonstrarem a necessidade urgente de construção de pautas para a equidade, a partir do reconhecimento da diferença e distinção entre os diversos grupos étnicos.

Então acho que a internet pode, sim, também explicar isso, acho que pode trabalhar também nessa linha de trabalhar essa diversidade entre os próprios Guarani, que não são uniformes, não existe um único modo do Guarani, existem vários, varia muito, mas tem situações, por exemplo, o governo, ele trata, aborda o indígena como fosse único, ele nunca vai falar, o governo nunca lança um "Esse é o direito do Guarani, esse é o direito do Pataxó, esse é o direito dos Terena", não existe, se falar vai ser saúde indígena e ponto, a forma que vai trabalhar a equipe médica, equipe de saúde indígena, vai ser formada por médico, enfermeiros e vai ser, assim,

assado, para o indígena e ponto. Então, “Não, para o Guarani vai ser diferente, para o Pataxó vai ser outro” [...] a internet pode, na verdade está mostrando isso, entre nós mesmos, entre nós indígena com outros indígenas, do próprio Guarani, avaliamos isso, por exemplo, eu estou lá no Mato Grosso do Sul com um grupo parente e fala: “Ah, você conhece tal aldeia no Rio? Diz que lá não tem água.” Realmente não tem, ainda precisa de água, lá tem terra, mas não tem água, tem espaço para ele viver, para eles terem a sua casa, sua forma de vida, mas não tem água, então, a demanda dele seria água, mas onde tiver para você fazer um poço artesiano, enquanto, outro tem água, mas não tem espaço, ou seja, para lavoura, para outras coisas. Então, qualquer pedido, qualquer manifestação para apoiar esse grupo de Guarani na América Latina, no Brasil eu acho que precisa considerar esse local, essa história, essa demanda (Tonico Benites).

#### **6.4 Rede de cooperação institucional, governamental ou organizacional**

No *nível da sociedade e da estrutura sociocultural*, apresentamos os apoios que ocorrem por parte dos elementos governamentais e institucionais que compõem o meio sociocultural. Para melhor entendimento, apresentamos estes outros elementos, categorizados como: governamental e institucional.

O elemento *governamental* relaciona-se a ações diretamente associadas a órgãos governamentais, políticas públicas, agentes públicos e/ou prestadores de serviços públicos. Wera Kwaray exemplifica como são os diálogos com órgãos públicos para articulações de apoio em prol do povo indígena. Aponta também a importância dos meios de comunicação virtual para essa articulação.

[...] tem os parentes Kaiowá, tem os Guarani-Kaiowá lá no Mato Grosso do Sul, a gente sempre entra em contato para que o Conselho Nacional de Direitos Humanos entre em contato, tome as providências [...] e também entre em contato com outros parentes, sobre o Belo Monte, sobre tudo que está acontecendo pela defesa do seu habitat, isso é muito importante para nós, a gente sempre se organiza dessa forma, através dos contatos, através dos e-mails [...] isso é uma coisa importante para nós [...] A gente sempre entra em contato com os deputados [...] com alguns órgãos não governamentais, algumas entidades, com a CUT, com outras entidades que sempre apoiaram também, com as pessoas que continuam participando, acompanhando a luta da gente (Wera Kwaray).

Os próximos relatos discorrem sobre projetos e políticas governamentais, principalmente de educação, de inserção de equipamentos de multimídia e de rede Internet em escolas e comunidades e que foram concretizados através da parceria com prefeitura e Estado.

[...] via Secretaria de Educação, que é a Prefeitura [...] esse prédio foi construído num programa dos CEUs [Centros Educacionais Unificados da cidade de São Paulo], que tem na cidade, só que já na época as lideranças e os mais velhos conversaram, de que talvez pudessem construir, só que com a maneira, com os planejamentos do próprio Guarani, até mesmo a estrutura foi desenhada pelo Guarani, de como eles quiseram, como seria atividades [...] se fosse do jeito da construção do CEU, a gente teria uma piscina, quadra de esporte, essas coisas, mas a gente não queria muito isso [...] Jaraguá, Krucutu e essa, são três aldeias da capital que tem [CEU], as únicas (Dirceu G. Vilharve).

Es una política que se he implementada a través del educación. Además ya ahora se ha hecho una dotación de computadoras, o sea, una política del Gobierno. Del Ministerio de Educación para la dotación de computadoras académicos, en todas las unidades educativas hasta a todos los que es nivel intermedio, que los llamamos nosotros acá. Con la finalidad de hacer uso, o sea, a todos los que es el manejo del Internet, para eso, e bueno, para facilitar también el trabajo académico (Celso Padilla Mercado).

Interessante verificar que através da parceria, o projeto foi executado conforme as necessidades da comunidade e com elementos da cultura Guarani. Bem como, com a implantação de uma política pública pôde-se sanar a necessidade de crianças e jovens ao acesso a internet. Dessa forma observamos a importância da aproximação de políticas públicas e dos órgãos públicos com a realidade indígena, pois com isso, são materializadas ações coerentes com as necessidades e com a reelaboração de modos de vida desejadas e escolhidas pelos próprios indígenas, com isso aplicando práticas mais democráticas e dialógicas. No Capítulo V, sobre a questão política, a relação com políticas públicas e instituições é abordada de forma mais profunda.

O elemento *institucional* está relacionado com redes de cooperação formais e não formais como grupos, movimentos, organizações e instituições públicas ou privadas. Pode ser caracterizado por agrupamentos mais flexíveis e com variadas formas de composição organizacional. Yvoty Potyjera cita que o setor público educacional do Paraguai não investe em educação intercultural, pois “en las instituciones públicas educativas del país no se promueven la cooperación con comunidades indígenas” e complementa sobre sua ação individual, via uma instituição de educação:

Es difícil formar red de trabajo pero no imposible. En Paraguay no sé cómo pueda hacerse porque no me dedico exclusivamente a trabajar con comunidades originarias; en este sentido, tengo un proyecto en una comunidad de pintura y escritura en proceso (Yvoty Potyjera).

Com isso, percebemos através do exemplo a flexibilidade de se criar ações cooperativas em instituição que a princípio não executa ações específicas na área indígena.

Dentre as organizações Guarani na *web*, destaca-se: 1) O “*Tekoa Virtual Guarani*”, um site com objetivo de ser um canal de comunicação para e sobre os Guarani e, dessa forma, tornar-se um importante veículo de comunicação indígena. Contém áreas de interação em que todos os interessados podem identificar temas de interesse comum, por isso destaca-se como objeto de cooperação entre o povo Guarani; 2) O site da “*AJI – Ação dos Jovens Indígenas de Dourados*” uma organização indígena de jovens Guarani, Kaiowá e Terena financiada com capital privado, tem como objetivo lutar por uma voz ativa na sociedade e fortalecer a socialização entre as três etnias que compõe a Reserva Indígena de Dourados; 3) Da “*Comissão Guarani Yvyrupa - CGY*”, uma organização fundada e gerida por lideranças Guarani de diversas aldeias agrega e organiza as lutas com a principal bandeira da demarcação de terras e com site vinculado ao do CTI - Centro de Trabalho Indigenista.

Na relação com organizações e movimentos, Marcos Tupã Mbya conta sobre a experiência de sua organização que, após o uso das mídias sociais, atraiu outras organizações e movimentos e com isso, conseguiu cooperar com outros grupos e também receber apoio de outras organizações, inclusive internacionais.

Eu sinto que, depois que nós criamos o site, depois que nós colocamos nossas divulgações, muitas organizações tem se aproximado, assim, os quilombolas, outros movimentos sociais, mas mais os movimentos sociais mesmo, procuram saber como a gente se organiza e teve algumas comunidades que como estão iniciando algumas atividades culturais e atividades dos seus pares e procura saber como que a gente consegue se mobilizar, no meio de comunicação de internet, via essas coisas e também têm aparecido pessoas que às vezes, mesmo como indivíduo, simpatizante, consegue articular uma comunicação com o movimento indígena e com outros movimentos sociais, e outros países, digamos assim, então a gente conseguiu passar e conseguimos apoio da Europa que participa desses movimentos sociais também e conseguiram nos doar um recurso para a mobilização em São Paulo, não são direto, são poucos, mas às vezes, acontece de um incentivo a mais (Marcos Tupã Mbya).

Outro apoio destacado é a cooperação da Universidade. Verificamos que seja via projetos e ações de extensão, manifestos, atos, dentre outros, a Universidade tem aparecido como instituição parceira dos povos indígenas em várias cidades e estados do Brasil e Argentina. Como também verificamos a importância de tais parcerias para execução de diversas ações de cunho étnico, bem como incluir elementos étnicos na dinâmica e estrutura universitária, com a quebra da hegemonia colonial de ensino. Dessa forma, a parceria tem propiciado muitos ganhos para ambos os parceiros tanto no sentido de um dar apoio ao outro para concretização de práticas como para a possibilidade de transformação de algumas estruturas e de discursos, bem como, na mediação de diálogos

interculturais e interétnicos. Hoje algumas Universidades tem se disponibilizado a construir o real sentido de diversidade dentro de seus espaços e estruturas.

[...] Por exemplo, a Universidade Federal de Minas Gerais, tem as professoras e a equipe, por exemplo, os professores da licenciatura, acho que vestem a camisa dos que são [...] da população indígena. Por exemplo, quando acontece alguma coisa, eles sempre fazem aquele ato de reunião, de carta, de movimento, a favor da questão indígena (Alberto Alvares).

Ainda sobre a relação de cooperação com movimentos sociais, Marcos nos conta sobre a importância da internet como instrumento para os movimentos e de seu trabalho sobre a divulgação das ações da Comissão, bem como sobre o potencial desse instrumento.

[...] quando eu estava lá em São Paulo, os movimentos sociais através do site, do meu Face, pegavam os contatos, muitas pessoas ligavam para mim, me procuravam. Muitas palestras que eu fiz e participei foi em relação à comunicação e foi bom essa relação que fortalece o interesse da defesa dos indivíduos, da comunidade ou das associações indígenas e não indígenas, de bairros, então, tem nos mostrado que é um instrumento [internet] que nos fortalece (Marcos Tupã Mbya).

Sobre a relação de cooperação entre instituições Guaraní e/ou de apoiadores da causa indígena na rede social Facebook podemos destacar as redes mapeadas e estudadas nesta pesquisa, sendo: Comissão Guaraní Yvyrupa, Tekoa Virtual Guaraní, Aty Guasú - Nación Guaraní Bs. As., Guaraní reko, Guaraní Online, Dicionário Audiovisual Guaraní Yvy Rupa, Cultura Guaraní, Associação Mboapy Pindó, Instituto TEKO GUARANI, Tenonderã Ayvu e Ciclo Reencuentros con Pueblos Originarios.

As redes mapeadas exclusivamente para esta relação de cooperação institucional, foram: Indymedia Pueblos Originarios, AJI - Ação dos Jovens Indígenas de Dourados, Aty Guasu, Centro de Trabalho Indigenista, Instituto Socioambiental – ISA, Comissão Pró-Índio de São Paulo, Conselho Indigenista Missionário Cimi e Povos Indígenas no Brasil – ISA.

Compreendemos que, desde que haja o movimento de interação entre as páginas institucionais citadas a partir de “curtidas” (*likes*) entre si, isto configuraria uma relação de cooperação institucional na rede através do apoio virtual manifestado.

No grafo das conexões entre redes de cooperação institucional (Figura 19), verificamos que a rede da Comissão Guarani Yvyrupa estabelece conexões com Aty Guasu, Aty Guasú - Nación Guaraní Bs. As., Dicionário Audiovisual Guarani Yvy Rupa, Tenonderã Ayyu, Centro de Trabalho Indigenista, Comissão Pró-Índio de São Paulo, Conselho Indigenista Missionário Cimi, Instituto Socioambiental - ISA, Povos Indígenas no Brasil - ISA, sendo apenas uma página de origem argentina, e as outras de origem brasileira. Com isso, podemos observar que é uma rede que coopera com muitas outras, sendo as quatro primeiras organizadas principalmente por Guarani e as seguintes por apoiadores de povos indígenas. Segundo Wera Alexandre “[...] como a gente está nesse momento de tecnologia, acho que para o povo Guarani, a Comissão Guarani Yvyrupa principalmente, veio ultrapassando, conhecendo outras organizações, outros meios de ajudar e de se ajudar, ou de ajudar e se ajudar”. Assim exemplifica o funcionamento de conexões de cooperação institucional da CGY.

### Relações de curtidas entre páginas do Facebook

■ Página mapeada (conexões extraídas) ■ Página (conexões extraídas) ■ Página (adjacente)

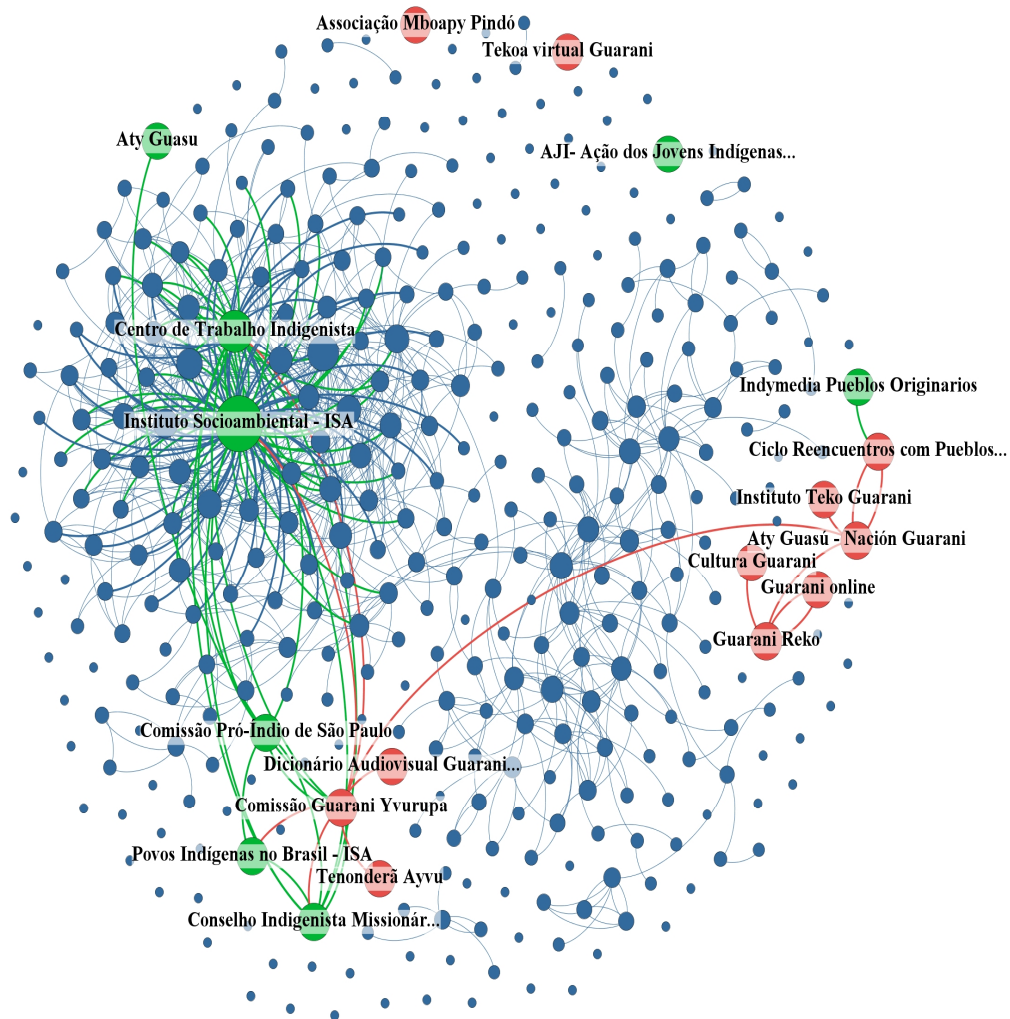


Figura 19. Grafo<sup>26</sup> das conexões entre redes de cooperação institucional - relações de curtidas entre páginas do Facebook

Dentre as conexões de proximidade, as redes Dicionário Audiovisual Guarani Yvy Rupa e Tenonderã Ayvu apresentam o maior grau, além de

<sup>26</sup> Endereço do grafo online: <https://dl.dropboxusercontent.com/u/23392158/povo-guarani-online/3-curtidas/index.html>.

apresentar a mesma característica, ambas só “curtem” a página da Comissão Guarani Yvyrupa, apontando realmente o que já definimos por cooperação institucional. Para Wera Alexandre, “[...] a *Comissão Guarani Yvyrupa*, abrange todos os estados onde os Guarani vivem, tipo, o sul e o sudeste, e eu acho que a mentalidade da Comissão é exatamente trazer e dar o apoio para as lideranças e para as aldeias, acho que isso funciona bem”. Dessa forma justifica as conexões próximas de instituições Guarani.

Sobre a conexão com a rede *Aty Guasu*, Tônico Benites conta o princípio da articulação desta rede até culminar no movimento #SouGuaraniKaiowá.

[...] mas quando abrimos a *Aty Guasu*, que é a Assembleia Guarani Kaiowá, aparece muito amigo, sim, amigo conhecido já, o pessoal de Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro e começa a se tornar amigo, aí o amigo dele também puxa, outro amigo puxa e aí foi, aí se criou realmente, [...] que levou a esse ato nacional e internacional também, porque isso eu acho que, ao meu ver, quebrou aquela barreira que a rede conseguiu (Tônico Benites).

A rede do Centro de Trabalho Indigenista apresenta conexões com o Instituto Socioambiental - ISA, a Comissão Pró-Índio de São Paulo e o Conselho Indigenista Missionário Cimi, como redes mapeadas para esta relação. Já das páginas estudadas, realiza conexão apenas com a rede da Comissão Guarani Yvyrupa, sendo todas as páginas de origem brasileira. Desta forma, apresenta conexão com apenas uma rede Guarani estudada. Para entender esta relação de cooperação entre o Centro de Trabalho Indigenista e a Comissão Guarani Yvyrupa, Dirceu G. Vilharve nos conta que:

No mundo tem muitas ONGs, organização, só que, de muitas, apenas algumas podem cooperar, ajudar, e até hoje eu acho que quem cooperou,

quem nos ajudou, quem nos auxiliou de um tempo, assim, para cá, acho que só a CTI mesmo, que eu conheça. E hoje dentro do CTI criou-se essa organização que é a *Comissão Guarani Yvyrupa*, então mais uma conquista dos Guarani [...] os trabalhos de perto, conheci quando eu trabalhava na Secretaria da Comissão Guarani, [...] cooperação, é muito transparente para as pessoas, para comunidade que conhece a CTI, acho que cooperar, contribuir, auxiliar. A CTI fez muito até hoje, acho que da CTI a gente não consegue falar nada (Dirceu G. Vilharve).

Além da CTI, Dirceu G. Vilharve também aponta a relação entre a rede *Comissão Pró-Índio de São Paulo* e os Guarani: “[...] a gente tem uma organização, que é a *Comissão Pró-Índio*, ela também trabalha um pouco produção cultural que a CTI já faz, então, um alimentando o outro”. Na rede *Comissão Pró-Índio de São Paulo* podemos averiguar que apresenta as mesmas conexões que o *Centro de Trabalho Indigenista*, diferenciando apenas pela inclusão do próprio CTI e do *Povos Indígenas no Brasil - ISA*.

Na rede do *Ciclo Reencuentros con Pueblos Originarios* foi possível verificar que esta estabelece conexões com a rede *Aty Guasú - Nación Guaraní Bs. As.* e *Indymedia Pueblos Originarios*, ambas de origem argentina. A conexão mais próxima e recíproca é com a rede *Aty Guasú - Nación Guaraní Bs. As.* Ramón Villar Brizuela conta um pouco sobre as ações do *Ciclo Reencuentros con Pueblos Originarios*. No entanto, é interessante ponderar que Ramón participa de ambos os grupos, tanto do *Ciclo*, quanto da *Aty Guasú - Nación Guaraní Bs. As.*

En el grupo [*Ciclo Reencuentros con Pueblos Originarios*] que nosotros estamos promueve en la colaboración, la cooperación en varios contextos, especialmente en la difusión de la promoción de la cultura del mundo

Guaraní, que se conozca, que se promueva y que no se pierda, porque en la ciudad es muy difícil continuar con la cultura. La ciudad hace que uno vaya olvidando, o vaya dejando de lado cultura. Realmente lo que hacemos es promover, cooperar con distintos grupos en este sentido, y acá hay varias agrupaciones relacionadas a gente sin tierra y, bueno, es que lo que tratamos de hacer, es promover para que exista la colaboración a estas personas que están sin tierras o están en tierras tomadas, que puedan continuar en esos lugares y gracias a un trabajo en conjunto, ya puede ser asesorándolos, acompañándolos en la lucha (Ramón Villar Brizuela).

No grafo, podemos observar que a rede *Guarani Reko* apresenta conexões muito próximas com as redes *Aty Guasú - Nación Guaraní Bs. As.*, *Cultura Guaraní* e *Guaraní Online*. No entanto, a conexão é recíproca somente com a rede *Guaraní Online*, também de origem paraguaia.

Através da análise do grafo, verificamos que a rede da *Comissão Guarani Yvyrupa* é a que mais estabelece conexões de cooperação institucional.

## **6.5 Cooperação internacional**

Destacamos que, dentre os níveis de cooperação, no *nível da estrutura sociocultural*, também relacionamos a cooperação internacional, bem como esta se caracteriza como uma forma de cooperação institucional, governamental ou organizacional. Sobre a rede de relações internacionais e o apoio internacional para divulgar a cultura Guarani em outros países, Wera Kwaray relata: “[...] eu fui para os Estados Unidos, fui para a Alemanha, fui para a Áustria, fui para a Noruega, divulgar todo esse trabalho que nós temos, a luta também. Eu fui para a Holanda, a gente foi no lugar que tinha que divulgar isso, então, esse tipo de

cooperação, foi muito legal que conseguimos os apoios”. Ainda complementa sobre a relação com outros grupos Guarani e organizações internacionais:

[...] a gente já conseguiu muitos [apoios] a nível internacional, tem a organização *Aty Guasu*, tem a organização *Guarani Yvyrupa* e também tem outras organizações indígenas, [...] as terras onde foi demarcado é uma forma de cooperação para buscar porque a gente não tinha espaço, a gente não tinha um lugar para nossas crianças viver, então, a gente sempre tem que ter as pessoas apoiando, não muito distante, apoiando de perto, tem outras que ficam apoiando de distância, a gente sempre busca isso, [o apoio] (Wera Kwaray).

Marcos Tupã Mbya destaca as relações de cooperação estabelecidas entre CGY e CTI, com apoio de uma organização da Noruega. As ações são principalmente para contratação de assessorias. Relata a experiência de alimentação do site e da página do Facebook com apoio da estrutura física e de pessoal da CTI.

[...] É, estamos aí agora com a parceria, com apoio da Noruega e da CTI [...] nós temos procurado assessorias; para assessoria de comunicação, nós temos junto com a CTI, eles tem uns pessoal que trabalha com eles que é da rede, e eles conseguem dentro do projeto contratar serviços de pessoas; além de ter o site, de montar o site, tem as pessoas que postam e ficam alimentando essas informações, e dentro da CTI tem o pessoal da comunicação que trabalha com imagens, com *post*, com filmadoras, captando imagem, áudio, e que vai montando o trabalho e colocando no site. Então, junto com as pessoas nós conseguimos fazer oficinas de comunicação; cada um dos meninos que fizeram essa capacitação tem uma

senha, e essa senha dá acesso pra eles entrarem dentro dessa página, e aí eles passam, além da imagem, eles tem um texto, produzem um texto, e a assessoria dá uma revisão no texto e aí, enfim, solta no ar (Marcos Tupã Mbya).

Ainda sobre a cooperação internacional, Celso Padilla Mercado relata a situação atual da organização Nación Guaraní e do apoio aos povos da América.

Siempre es bueno, también productivo en fin, porque la cooperación es muy importante para nosotros y quiero la ambientar de que la Nación Guaraní siempre ha tenido acceso a la cooperación internacional, pero ahora muy poco, porque también, o sea, muchas cooperaciones se ha ido a otras regiones como África, o sea, a otros, a la India, por las situaciones que están atravesando allá. Entonces acá, por lo menos, ja hemos salido un poco de lo que es este de nominal de tercer mundo como ellos nos decían, ahora por lo menos, estamos un poco adelantados podríamos decir, o sea, un poco, no estamos indo muy bien (Celso Padilla Mercado).

Com isso, é importante destacar que muitos povos conseguiram sair da zona de miserabilidade, no entanto, disputam o apoio ainda necessário com outros povos de outros continentes que aparentam necessitar mais. Desta forma, se faz urgente a emancipação de todos os povos da América Latina para que tenham sua autogestão e consigam sua autossustentabilidade. Projetos internacionais com esse caráter parecem ser mais necessários que os de caráter puramente assistencialista.

Sobre a organização Guarani de cooperação entre os povos na América Latina, Marcos Tupã Mbya descreve que:

[...] mas a nível das ONGs a gente conseguiu se mobilizar, tem a participação dos Guarani aqui do Brasil, Paraguai, Argentina e Bolívia dentro do Mercosul Cultural me parece, está tendo uma proposta de criar uma representação de Guarani América Latina e estão no propósito de fazer o estatuto dessa representação e ser registrado, estão nesse processo. E acho que estamos no caminho, para que a gente consiga nos mobilizar a nível de América do Sul (Marcos Tupã Mbya).

Nesse nível avaliamos que a cooperação acontece, no entanto, ficou frágil qualificar a dimensão desses projetos e de que forma acontecem. Sendo apenas o apoio à CGY mais detalhado. No site da CTI, na descrição de ações e projetos, encontramos que em 2007, deram início ao mapeamento das terras e territórios Guarani no Paraguai, Argentina e Brasil, com objetivo de articulação internacional de políticas públicas de garantia de direitos daqueles povos nestes países. Foi finalizado em 2008, com distribuição dos mapas e livro de texto em espanhol, português e guarani. Também em 2007 iniciou-se o projeto “Afirmção de Direitos dos Povos Indígenas Isolados na fronteira Brasil- Peru”, com apoio da Agência de Cooperação da Noruega (NORAD), com duração de quatro anos. De projetos atuais cita o apoio da Embaixada da Noruega no Brasil (CTI, 2016). Destacamos também os apoios conseguidos pela comunicação virtual à Aty Guasu e CGY, via outros cooperadores internacionais.

Destarte, concluímos que os Guarani tem criado suas redes interculturais de cooperação na rede virtual e estas vão aparecer de diversas formas. Categorizamos alguns tipos de cooperação, interpessoal, institucional e internacional e, apresentamos no formato de níveis para melhor compreensão, no entanto, estes acontecem de forma dinâmica e dialética na prática.

O significado de cooperação apresentado pelos Guarani demonstram suas atitudes pró-sociais e atreladas principalmente ao modo de ser Guarani. Além da prática de reciprocidade aparecer como base nas relações Guarani. Já na atuação na rede social Facebook, os participantes demonstraram que executam ações de curtidas, comentários e compartilhamentos e estes vinculados principalmente a distintas intencionalidades.

A rede Guarani de maior destaque no Facebook e, de maior interação com outras redes Guarani e de apoio indígena, é a Comissão Guarani Yvyrupa. Com isso, verificamos que esta organização tem centralizado ações e relações de cooperação, bem como, realizado a mediação com outros órgãos e instituições.

Na relação com instituições internacionais, o Centro de Trabalho Indigenista, aparece como a organização central na mediação das relações de cooperação entre grupos brasileiros e internacionais.

## VII. CONCLUSÃO

---

O povo Guarani apresenta dinâmicas de organização em rede, estas podem ser para trocas, mobilidades, relações de reciprocidade, bem como, para a congregação de um território étnico Guarani. As dinâmicas de deslocamentos e visitas entre aldeias permitem as trocas de sementes, negociações para casamentos, possibilidade de alianças políticas, apoio e fortalecimento aos rituais, além de trocas de experiência e o fortalecimento deste território fundamentado pela cosmologia e mitologia da busca pela “*terra sem males*” (*yvy-marãe’y*) através de deslocamentos, andanças e caminhadas (*oguata porã*).

Na dinâmica de organização em rede podemos acrescentar o movimento de ampliação desses territórios, por meio da expansão das territorialidades, com a inclusão das aldeias urbanas, dos museus, das escolas e das universidades. Podemos constatar após esse estudo que a rede virtual também tem sido incluída no processo de expansão dessas territorialidades e através do movimento de apropriação desses novos espaços, cria-se um novo território Guarani através da reelaboração de suas identidades étnicas, bem como, da associação com elementos não humanos (Latour, 2012).

O conceito de rede se fez essencial para a compreensão do contexto virtual e da organização em grupos e páginas do Facebook, assim como, das conexões ali criadas. Como apresentado por Scherer-Warren (2007) as redes virtuais podem ser entendidas como intencionais, suas dinâmicas transcenderem as fronteiras espaciais e seus territórios se definem pela adesão a uma causa ou por afinidade política, cultural e ideológica. No entanto, também podem intervir sobre as redes presenciais e virtuais, numa constante dialética entre o que está mais

local e mais global, entre as relações sociais presenciais e nos territórios virtuais, entre o ativismo cotidiano e o ciberativismo, resultando assim, na possibilidade de formação de novos movimentos cidadãos.

Na constituição de suas redes, os Guarani apresentaram questões e temáticas singulares, categorizadas como rede e política, rede e cultura, rede e projetos de etnodesenvolvimento. Embora já existisse nos objetivos o intuito de compreender a relação entre as redes de cooperação e os projetos de desenvolvimento, buscamos entender quais intenções e desejos delimitavam a possibilidade de uma perspectiva étnica Guarani de desenvolvimento. Latour (2012) discute as novas formas de associações em rede virtual, distintas dos vínculos e laços sociais conhecidos. Já nas conexões Guarani, averiguamos que estes transferem seus modos de relacionamentos e cosmovisões para o contexto virtual e criam movimentos de traduções, associações e circulação de conexões, num movimento muito mais de expansão das territorialidades à de criar uma nova forma de atuação. E com isso, percebe-se a existência de fronteiras muito mais porosas e flexíveis neste contexto.

Dessa forma, constatamos que as socialidades Guarani também são transpostas para o *lócus* virtual, por meio das dinâmicas de comunicação, de trocas, de amizades, de reciprocidade, ajuda, apoio e cooperação. As relações interculturais e interétnicas destacaram-se como possíveis neste cenário em que também ocorrem disputas e conflitos, e mesmo quando situações de preconceito aparecem, é fundamental a permanência de relações de mediação intercultural, surgindo o diálogo como ferramenta essencial no processo dialético.

A perspectiva intercultural e interétnica foi crucial para o desenvolvimento das análises, bem como para dimensionar as diversas relações e conexões que

compõem o território virtual. O conceito de etnicidade fundamentou tais compreensões e apoiou a sinalização de outras conceituações. Neste espaço, verificamos que a rede de relações Guarani ultrapassa nacionalidades, grupos étnicos e gerações, são jovens e adultos constituindo relações entre o povo Guarani da América latina, seja ele Mbyá, Kaiowá, Nhandeva, Ava, entre Pataxó, Potiguara, Xavante, Yanomami, entre *jurua's*, portugueses, alemães, franceses. Dessa forma, concluímos que as redes de cooperação Guarani são embasadas por relações interculturais e interétnicas, através de trocas, de reciprocidade, de ajuda e de apoio.

Acerca do que foi proposto pelos objetivos do estudo podemos destacar as seguintes constatações: Dentre as mídias sociais virtuais mapeadas, a rede social mais utilizada pelo povo Guarani para formar suas redes interculturais de apoio é o Facebook, seguidos pelo *Youtube* e aplicativo para celular *Whatsapp*.

A apropriação do meio virtual se deu principalmente por meio de temáticas relacionadas à mobilização e articulação política; às questões pessoais e relacionais, facilitando a comunicação entre parentes de outras aldeias; às questões culturais, educacionais, tanto para divulgar como para obter outras fontes históricas sobre o povo Guarani e outras etnias na América; ao apoio pessoal e aos projetos de etnodesenvolvimento. Assim, a motivação para o uso e utilização dos recursos da rede virtual está estreitamente relacionada com as temáticas citadas, além de ser o fomentador para a criação de redes de apoio, principalmente sobre a luta por demarcação territorial e denúncia de abusos e violências contra algumas comunidades.

A internet se mostrou uma ferramenta atual de grande importância para o povo Guarani, utilizada para a comunicação e organização de mobilização, como

constatado por Delgado (2002), que a internet possibilitou o avanço das lutas indígenas através da mobilização pelos povos. Como já citado neste estudo, quando a internet é usada para comunicação acontece tanto entre o povo Guarani quanto com interlocutores de outros povos ou cultura, e quando utilizada para organização de mobilização política, a ferramenta ajuda no quesito tempo, espaço e custo, pois conseguem se articular através de *chats* de bate-papo, com custo menor que ligações telefônicas. Importante destacar que na utilização de instrumentos virtuais para a comunicação apontam a língua guarani como estratégica na articulação política e como fonte de apoio à manutenção, treino e desenvoltura da escrita.

Os principais projetos de apoio ao povo Guarani na rede virtual estão relacionados a apoios interinstitucionais para o desenvolvimento de projetos educacionais e culturais, bem como o acesso de políticas públicas através de editais. No entanto, percebemos que surge uma dependência e relação clientelista gestada pelo Estado por situações impostas via os editais de projetos em políticas de fomento. As comunidades se tornam dependentes de tais editais para realização de suas inovações e ações de etnodesenvolvimento.

Já no que envolve o acesso à rede virtual, tanto Marcos quanto Celso destacaram projetos vinculados a políticas públicas de comunicação no intento de equipar escolas e comunidades com instalação de computadores e internet. Na Bolívia, Celso disse que “[...] hay un sistema que le llamamos: Telecentros, los Telecentros son nuevos mecanismos que se hay implementado donde, por ejemplo, no hay mucho este señalización, estos viene con su propia equipo para poder contar, de repente, con un tipo de comunicación”. Marcos já cita o programa *Governo Eletrônico - Serviço de Atendimento ao Cidadão (Gesac)*,

projeto de cooperação entre os ministérios da Cultura (MinC) e das Comunicações (MiniCom).

A compreensão sobre a significação, a representação, a tradução e a interpretação da palavra “cooperação”, bem como seu uso e sua articulação em rede virtual pelo povo Guarani foi apresentada no Capítulo VI, e verificou-se que esta forma de agir, o “*pytyvõ*”, isto é, “cooperação” em Guarani Kaiowá, e “ajuda, apoio” em Guarani Mbyá, é quase intrínseca ao modo de ser Guarani, associada à afetividade e à reciprocidade. Alguns associaram cooperação com contribuição, apontando também como ato de informar e comunicar, e de modo mais generalizado, como ajuda e apoio. Com isso, observamos que a visão Guarani de cooperação apresenta similaridade a grupos coletivistas, nos quais realizam atitudes pró-sociais em prol do grupo.

Destarte, constatamos que foi possível descrever sobre a questão geral do trabalho, isto é, situações em que o povo Guarani da América Latina articulou relações interculturais nas mídias sociais virtuais para mobilizar a construção de redes de cooperação. E do quanto hoje se faz de fundamental importância o acesso à internet para possibilitar a continuidade dessas parcerias. Mesmo ocorrendo situações de hostilidade no ambiente virtual, para o povo Guarani se tornou uma ferramenta de contra hegemonia da grande mídia oficial e de grande potencial comunicador e mobilizador.

[...] nosotros hemos visto que en la internet, por ejemplo, nos ayuda a tener conformada la existencias posibilidades modernas, por ejemplo, porque a veces yo aún le he dado un ejemplo en persona [sobre a entrevista que realizamos vía Skype]. Yo he tenido bastante amigos, amistades de lucha que aún hemos estado siempre trabajando en los movimientos sociales, en

el movimiento indígena entonces se abre, o sea, posibilidades de poder tener contacto directo, fácil y practico [...] entonces yo creo que la internet tiene que ser viabilizado, facilitado, porque se nosotros o lo hacemos bueno uso de repente, a veces, podría desviar, o sea, la política; muchos también pueden descarriarse o pueden ser víctimas de repente, en otro momento, como se ha visto también que as veces, se lo usa, vamos, por el mismo sistema son víctimas de cualquier tipo de violencia también, o estimas que puede; pero eso habíamos que trabajar de que, a la internet hay que dalo un buen trabajo porque también es un instrumento muy poderoso (Celso Padilla Mercado).

Destacamos que o método apresentou limitações ao realizar parte de sua coleta via o contexto virtual, pois quando as entrevistas foram realizadas online, seja por áudio ou por escrito, percebeu-se que a maioria não estava confortável em realizar debates e longas conversas, diferente das realizadas presencialmente que obtiveram maior profundidade e tempo de realização. Outra dificuldade a ser considerada é o manejo das ferramentas e dos recursos tecnológicos oferecidos para o meio virtual via o celular, fator que também impossibilitou tal recurso de coleta, além disso, ressaltamos a questão da tradição oral Guarani e da proximidade relacional como interferências nesse processo.

A aproximação com o universo espiritual/cosmológico Guarani, com questões de reformulação identitária, e a condição de *caminhante* da pesquisadora foi essencial na construção do processo de pesquisa, ajudou na compreensão do todo do povo Guarani, possibilitou entender diferenciações de organização e de modos de vida marcados pelo espaço, tempo e local, distintos, seja em contexto urbano ou nos aldeamentos.

Conhecer Gumerindo somou elementos para essas construções, além de possibilitar profundas transformações pessoais na pesquisadora através dos relatos de suas dores em não poder viver junto de seu povo e de ter sido obrigado a se tornar outra pessoa desde a infância, do afeto e força transmitidos por suas palavras, gestos e olhares, bem como, de sentir a parte não contada ou publicada em livros acerca das missões jesuíticas e o processo de colonização (constante) da América.

Conhecer os Guarani em contexto urbano, os aldeados na Argentina, no Paraguai e no Brasil, retornar a aldeamentos já muito conhecidos e conhecer outros preencheu de organicidade o desenho desta tese e auxiliou na compreensão da totalidade, principalmente no entendimento de que o todo é dinâmico e com movimento.

Especificamente no contexto virtual, propomos o conceito de *internetnização*, expansão da dinâmica da etnicidade para esse contexto, percebida nas controvérsias em torno da ação, onde transformam a dinâmica virtual em também étnica. Trabalhamos com vários exemplos e pontuações em diversos capítulos, no entanto, para além das conexões Guarani e de *guaranização*, a *internetnização* também pode ser rastreada nas conexões de outros agrupamentos, através da constatação de que outros possam etnizar o meio virtual, por meio da expansão e prática da dinâmica da etnicidade. No entanto, seriam de grande valia outros estudos acerca dessa constatação.

Já sobre o questionamento se devemos “etnizar a política ou politizar a etnicidade”, sinalizamos que ambas as proposições podem ser desenvolvidas dependendo da situação ou necessidade, já que entendemos a etnização da política como a utilização de premissas de origem étnica na relação do diálogo

interétnico, isto é, no campo da negociação ou no exercício da cidadania indígena; e a politização da etnicidade sendo a instrumentalização dos indígenas para que possam acessar as estruturas políticas civis, bem como, preparados para negociação ou confronto étnico.

Nesse estudo podemos averiguar que através de ações indígenas tem sido possível a politização da etnicidade, numa perspectiva muito próxima do conceito de internetnicidade (Nunes Junior, 2009), isto é, de se apropriar dos meios, e os utilizar como ferramenta para a ação política, bem como, perceber o meio virtual como um espaço para a etnização da política e das dinâmicas de *internetnização*, com fortalecimento de movimentos e ações indígenas, seja através da interlocução com os representantes das instituições, da reivindicação, da exposição de desejos e da divulgação de realidades.

Ainda no contexto virtual, verificamos que na rede Guarani a principal mídia veiculada foi fotografia. Podemos atrelar o uso de imagens a diversos significados; no entanto, propomos a discussão sobre a criação de fatos sociais e o impacto das imagens que são produzidas e veiculadas. Nas mobilizações políticas construídas pelos Guarani, o potencial de veiculação do fato se deu pela divulgação de fotos extraídas dos momentos ápices das manifestações, com isso, nota-se que o registro desses momentos e sua divulgação tornam-se primordial para o êxito da continuidade da veiculação dessas imagens nas redes sociais acerca da temática na qual se quer dar destaque ou amplo conhecimento.

Acerca da apropriação da rede virtual, avaliamos que as temáticas dos grupos e páginas que participam os Guarani tratam, sobretudo, dos direitos sociais indígenas, na relação do povo Guarani com a terra/território e a cultura. São materiais textuais relacionados às perdas de terras, exploração ambiental por

grandes empreendimentos e dificuldades na retomada dessas terras, além do forte apelo e clemência por justiça social. Torna-se visível que o rastro da rede Guarani deixado pela ofensiva de lutas territoriais está relacionado à demarcação de terras.

Surpreendemo-nos ao encontrar tantos relatos e situações sobre os frequentes discursos de ódio, preconceito e racismo no contexto virtual. Constatase que o espaço de interação social se torna também fomentador de discriminação social e étnica. No entanto, também fomos surpreendidos por relatos sobre relações interpessoais entre indígenas e não indígenas mais profícuas. Destaque para as transformações nas relações devido à presença indígena na rede, onde surgem parceiros e amigos que presentes nesses grupos esclarecerem e argumentam em prol dos povos indígenas. Na rede, as relações interculturais emanam questões relevantes, como as de conflito étnico, no entanto, para os Guarani esse espaço é usado para os relacionamentos, principalmente, com os brancos, os *jurua's*. Acredita-se nesse espaço como possível para as relações interculturais e interétnicas.

Quando correlacionados os aspectos políticos à rede virtual destacamos algumas organizações Guarani que compuseram o estudo e realizam ações também neste contexto e ressaltamos as ações apresentadas pela Comissão Guarani Yvyrupa no qual se orientam pelos modos próprios de organização política Guarani e para o fortalecimento da CGY buscam estar em consonância com os ideários dos caciques e lideranças espirituais.

Destacamos também, a rede virtual como ferramenta essencial na construção de mobilizações e importante instrumento de comunicação para articulação política. E do importante movimento de participação social e político

disparado por esse contexto plural. Com isso, notamos que se faz necessário aprimorar estratégias e criar instrumentalização para o exercício da cidadania indígena, no intuito de apoiarem a construção de políticas que atendam às suas demandas.

Na compreensão sobre a construção de redes de cooperação Guarani, buscamos inicialmente entender a significação dada a ela e sobre o seu uso, e evidenciamos que “cooperar”, o “*pytyvõ*”, demonstram suas atitudes pró-sociais intrínsecas ao modo de ser Guarani. As relações de troca, de apoio, de ajuda e de reciprocidade se constituem como ações formadoras da pessoa Guarani. Por isso, podemos constatar que a dinâmica de internetnização também aparece na constituição das redes de cooperação, dado o sentido e significado, bem como, o modo no qual se vai articulando.

Um exemplo muito peculiar foi trazido por Tônico, quando nos conta de forma muito sensível como ocorre cooperação no nível da relação interpessoal, e que dentre outras formas, é através da afetividade Guarani que se cativa e mantém os relacionamentos, destacando a importância de lideranças demonstrarem e trazerem alegria para as pessoas.

Nas relações de cooperação com instituições, apontamos como essenciais as propostas de projetos que sejam construídos conforme as necessidades da comunidade e com elementos da cultura Guarani, trazendo coerência às ações e proporcionando práticas mais democráticas e dialógicas.

Destacamos a Comissão Guarani Yvyrupa como a rede Guarani que mais desenvolve relações de apoio no Facebook e, o Centro de Trabalho Indigenista, como principal articuladora na relação com instituições internacionais. Logo, concluímos que ambas as organizações tem centralizado ações e relações de

cooperação, além de realizar a mediação com outros órgãos e instituições, e no caso da CTI também com agrupamentos internacionais.

A Universidade aparece como instituição parceira do povo Guarani. Tais ações incluem elementos étnicos na dinâmica e estrutura universitária, com a possibilidade de se debater a hegemonia colonial de ensino, além de possibilitar a experimentação de outros contextos e o exercício do diálogo intercultural aos estudantes. No entanto, ainda se faz necessário ampliar práticas e a discussão sobre a universalização do acesso ao ensino superior e a congregação e manutenção de diversidades culturais no ambiente acadêmico.

Neste cenário plural e diverso, uma das questões que surgem do desenvolvimento deste estudo está relacionada ao contexto virtual como espaço possível para congregar diferenças e não somente para demarcá-las, além de questionamentos sobre como superar as relações de confronto e conduzir à dialogias, como propiciar caráter democrático e não somente plural, enfim, como resolver tais desafios?

No que tange às relações, é possível observar que muitas formas de se relacionar são transpostas ao meio virtual, com isso são expostas de forma mais imagética as produções cotidianas, marcadas por amizades, parcerias, afetos, alegrias, mas também por preconceitos, discriminação, racismo, ódio, intolerância. Ainda assim, temos anseios de superação de algumas práticas, e como constatado através de vários relatos, o meio virtual também tem sido o espaço alternativo encontrado para a realização de diálogos diferenciados, não atravessados pela interferência das mídias oficiais e de discursos carregados de pré-conceitos.

A instrumentalização para o uso das redes sociais foi apontada como uma forma de possibilitar que outros Guarani e outros povos também estejam presentes e atuantes nestes contextos, com isso, podemos pensar, será que com o aumento da diversidade, e em paralelo, todos com os mesmos recursos tecnológicos, conseguiríamos novas formas de relações? Pois, como foi constatado, com a inserção dos Guarani, estes puderam realizar suas defesas, esclarecimentos, trazer novos elementos e criar novas redes de amizade e de apoio que diluíram discursos com teor preconceituoso, bem como articular movimentos de apoio às suas causas.

Enfim, longos debates e anseios perduram diante do contexto virtual que apresenta limitações e fragilidades, que é da sociedade e que reproduz suas estruturas, estruturas socioculturais conservadoras, rígidas, suas alienações (no sentido de deixar de agir por si próprio), mas que também tenta de certa forma ser alternativo e criar a 'suspensão' do cotidiano, à luz de Walter Benjamin, e possibilitar novos rearranjos, seja para o respiro, seja para inspiração, seja para a politização, seja para garantir a voz e a produção das minorias étnicas, seja para a *internetnização*.

Neste estudo, apresentamos temáticas sobre a constituição de redes de relações em meio virtual por povos indígenas, a apropriação e uso deste cenário por este povo, a criação e mobilização de redes de cooperação em território virtual, que apontaram alguns caminhos à luz da experiência Guarani. Com isso, percebemos que se faz necessária a continuidade de estudos que abordem tais temas e que aprofundem acerca da situação de invisibilidade dos povos indígenas e das redes sociais como possibilidade para fruição.

Para otimização dos dados deste estudo e com a intenção de torná-los acessíveis e públicos, bem como contribuir para estudos futuros, foi criado um sítio virtual, com o nome de *Povo Guarani Online*<sup>27</sup>, no qual estarão todos os grafos do estudo, sua descrição, arquivo da tese, espaço para discussões e a possibilidade de abrigar novas análises e estudos resultantes desse material inicial. Com isso, apoiamos as formas renovadas de se divulgar pesquisas e estudos científicos e torná-los cada vez mais próximos da população, para ampla discussão e compartilhamento de seus resultados.

Nestas páginas descrevemos e analisamos relações mediadas pela tessitura virtual e construímos categorias associadas às questões de cooperação interpessoal, intercultural e interétnica, tecidas em tramas de solidariedade, esperança e luta. É no rastro do Jaguar que finalizamos nossa conclusão, acompanhando sua prontidão à luta Guarani em busca da *ywy mara ei*, a Terra sem Males, e do encontro de cada homem com Ñamandu, o Criador.

O Jaguar estava contente e não precisava perguntar-lhe para saber a resposta: ele não desejava reunir um exército Guarani para libertar algum território; depois do que vira no Paraguai, especialmente em Ñhu Guaçu, onde crianças eram mortas com suas fantasias de soldados, depois dali sabia que ele não queria mais guerra. Ele, o profeta-guerreiro, esperado por tantos anos, não queria a guerra. Mas obedeceria as decisões da assembleia dos velhos e dos chefes guerreiros; era o Jaguar. [...] na realidade, a escolha não seria dele, mas de toda sua gente... (Carvalho, 2009, p. 541-542).

---

<sup>27</sup> Para conhecer acesse <https://povoguaranionline.wordpress.com/>.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- Almeida, M. D., & Prado, M. (2002). Incorporação da tecnologia de informação na escola: vencendo desafios, articulando saberes, tecendo a rede. In Moraes, M. C. (Org.), *Educação a distância: fundamentos e práticas* (pp. 71-99). Campinas, SP: NIED/Unicamp.
- Antoun, H. (2006). Cooperação, colaboração e mercado na cibercultura. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – E-compós*, 7, 1-24.
- Aranha, M. S. F. (1993). A interação social e o desenvolvimento humano. *Temas em Psicologia*, 1(3), 19-28.
- Arquilla, J., Ronfeldt, D., Fuller, G. & Fuller, M. F. (1998). The Zapatista "Social Netwar" in Mexico. Santa Monica: RAND Corporation. Disponível em <http://www.rand.org/publications/MR/MR994>
- Barroso-Hoffmann, M. (2005). Do "Brasil sem índios" aos "índios sem Brasil": Algumas questões em torno da cooperação internacional junto aos povos indígenas no Brasil. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, 16(2), 153-186.
- Barth, F. (2005). Etnicidade e o conceito de cultura. *Revista ANTROPOLÍTICA*, 19, 15-30.
- Bishop, A. P., Star, S. L., Neumann, L., Ignacio, E., Sandusky, R. J., & Schatz, B. (1995). Building a university digital library: Understanding implications for academic institutions and their constituencies. In *Proceedings of the Monterey Conference on Higher education and the NII: From vision to reality*. Whashington, DC: Coalition for Networked Information. Disponível em [http://dli.grainger.uiuc.edu/dlisoc/socsci\\_site/monterey-final.html](http://dli.grainger.uiuc.edu/dlisoc/socsci_site/monterey-final.html)

- Borelli, S. H. S., Oliveira, R. C. A., Rangel, L. H., & Rocha, R. M. (2012). Grupos juvenis, novas práticas políticas, ações culturais e comunicacionais em São Paulo. In S. V. Alvarado, S. Borelli & P. A. Vommaro (Eds.), *Jóvenes, políticas y culturas: experiencias, acercamientos y diversidades* (pp. 161-200). Buenos Aires: CLACSO.
- Brand, A., Colman, R. S., & Machado, N. (2008). Os Guarani nas fronteiras do MERCOSUL. In *Anais da 26ª Reunião Brasileira de Antropologia*, Porto Seguro, Bahia. Disponível em [http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_26\\_RBA/grupos\\_de\\_trabalho/trabalhos/GT%2005/antonio%20brand.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2005/antonio%20brand.pdf)
- Bucchioni, X. A. (2009). Comunicação, visibilidade e vínculo: a presença indígena na virtualidade. In *Anais do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação/XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Curitiba, PR. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0920-1.pdf>
- Bucchioni, X. A. (2010). *Blog Diários: Reflexões sobre a identidade indígena na virtualidade*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru-SP.
- Cardoso de Oliveira, R. (1976). *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira.
- Cardoso de Oliveira, R. (2000). Ação indigenista, eticidade e o diálogo interétnico. *Estudos Avançados*, 14(40), 213-230.
- Cardoso de Oliveira, R. (2006). *Caminhos da identidade: Ensaio sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Paralelo 15.

- Carvalho, M. (2009). *O rastro do Jaguar*. São Paulo: Leya.
- Castells, M., & Cardoso, G. (Org.) (2006). *A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Acção Política*. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda.
- CGY. Comissão Guarani Yvyrupa. (2016). Disponível em <http://www.yvyrupa.org.br/>
- Cogo, D. (2004). Mídias, identidades culturais e cidadania: sobre cenários e políticas de visibilidade midiática dos movimentos sociais. In *Anais do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom*, Porto Alegre–RS. Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/83492578425626428976337410533037421904.pdf>
- Cleaver, H. (1994). The Chiapas Uprising and the Future of Class Struggle in the New World Order. *Common Sense* 2(15), 5-17. Disponível em <http://www.eco.utexas.edu/facstaff/Cleaver/chiapasuprising.html>.
- Constituição Federal de 1988*. (1998). Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm).
- Costa, L. Q. M. (2012). *Amizades Interculturais: um estudo com gregos no Espírito Santo*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES.
- CRP/SP- Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região. (2010). *Psicologia e povos indígenas*. São Paulo: CRPSP.
- CTI. Centro de Trabalho Indigenista. (2016). Disponível em <http://www.trabalhoindigenista.org.br>

- De Certeau, M. (1980). *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- Decreto nº 65.810, de 8 de dezembro de 1969 (1969). *Promulga a Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial*. Disponível em <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=94836>>.
- Delgado, G. (2002). Solidarity in cyberspace: indigenous peoples online; have new electronic technologies fulfilled the promise they once seemed to hold for indigenous peoples? The answers are yes, and no. *NACLA Report on the Americas*, 35(5), 49-53.
- Dipaola, E. M. (2010). Socialidades contemporâneas: dinâmica y flexibilidad en relaciones comunitarias e identitarias. *Nómadas. Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas*, 26(2), 159-185.
- Figueiredo, G. G. (2008). A Flor Indígena: Artes de Fazer e Mídias Livres na Barreira da Missão (Tefé-AM). In *Anais do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação/XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Natal-RN. Disponível em <http://brasil.indymedia.org/media/2010/02//465004.pdf>
- Fleuri, R. M. (2003). Intercultura e educação. *Revista Brasileira de Educação*, (23), 16-35.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (3ª Ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Gallois, D. T. (2007). Materializando saberes imateriais: experiências indígenas na Amazônia Oriental. *Revista de Estudos e Pesquisas*, 4(2), 95-116.

- Gallois, D., & Carelli, V. (1998). Índios Eletrônicos: uma rede indígena de comunicação. *Sexta Feira*, (2). Disponível em <http://www.antropologia.com.br/tribo/sextafeira/>
- García Canclini, N. (2009). *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Glowczewski, B. (2007). Linhas e entrecruzamentos: hiperlinks nas narrativas indígenas Australianas. In M. P. Grossi, C. Eckert & P. H. Fry (Orgs.), *Conferências e Diálogos: Saberes e Práticas Antropológicas* (pp. 181-201). Blumenau: Nova Letra.
- Guimarães Jr., M. J. L. (2004). De pés descalços no ciberespaço: tecnologia e cultura no cotidiano de um grupo social on-line. *Horizontes Antropológicos*, 10(21), 123-154.
- Guimarães, C. (2013). *Mudar de mundo, com o cinema Guarani*. In C Migliorun, A. Guerreiro, I. Pipano & L. Garcia (Orgs.), *8ª Mostra Cinema e Direitos Humanos na América do Sul – Catálogo da Mostra* (pp. 61-64). Brasília, DF/ Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 61-64. .
- Hinde, R. A. (1997). *Relationships: a dialectical perspective*. Hove: Psychology Press.
- Hinde, R. A., & Groebel, J. (1995). *Cooperación y conducta prosocial*. Madrid: Visor.
- IBGE. Instituto brasileiro de geografia e estatística. (2010). O Brasil Indígena- Censo Demográfico 2010. Disponível em <http://indigenas.ibge.gov.br>.
- ISA. Instituto Sócio-ambiental. Povos Indígenas no Brasil. (2003). Disponível em [http://www.socioambiental.org/pib/epi/guarani\\_old/guarani.shtm](http://www.socioambiental.org/pib/epi/guarani_old/guarani.shtm).

- Kozinets, R. (2002). The field behind the screen: using netnography for marketing research in online communities. *Journal of Marketing Research*, 39(1), 61-72.
- Ladeira, M. I. (1989). Mbya Tekoa - O nosso lugar. *São Paulo em Perspectiva*, 3(4), 56-61.
- Ladeira, M.I. (2001). *Espaço Geográfico Guarani-Mbya: significado, constituição e uso*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP.
- Ladeira, M. I., & Tupã, L. W. (2004). Condições ambientais do território guarani: implicações no modo de vida. *Revista Tellus*, 4(6), 51-63.
- Latour, B. (2012). *Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Salvador: Edufba; Bauru: Edusc.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Lopes, M. C. L. P., Santos, R. M. R., & Jesus, A. M. R.(2013). Formação continuada de professores indígenas e não indígenas mediada por uma rede social na *internet*: uma perspectiva intercultural. *Revista Reflexão e Ação*, 21(n. esp.), 258-275.
- Macedo, M. D. C. (2010). *Jovens entre culturas: itinerários e perspectivas de jovens Guarani entre a aldeia Boa Vista e a cidade de Ubatuba*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP.
- Martín-Barbero, J. (2003). Globalização comunicacional e transformação cultural. In Moraes, D. (Org.), *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder* (pp. p. 57-86). Rio de Janeiro: Record.

- Miranda, R. F. (2009). *As Mulheres da Ilha das Caieiras: relacionamento interpessoal e cooperação na formação e funcionamento de uma cooperativa*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES.
- Monarcha, H. M. A. (2012). *Redes Sociais e Sociedades Indígenas: entre dígitos e jenipapo*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura, Universidade da Amazônia, Belém-PA.
- Mont, C. G. (2007). Redes y saberes: el papel de la mujer indígena ante la creación de sitios web. *Redes*, 13(26), 215-233.
- Montardo, S. P., & Passerino, L. M. (2006). Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. *RENOTE - Revista Novas Tecnologias na Educação*, 4(2). Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/14173/8102>.
- Mota, S. P.(2010). Direitos Indígenas no Ciberespaço: A conectividade nas margens. *QUADERNS-E*, 15(1), 22-42.
- Moura, A. M. (2013, 1 de Abril). Os índios e o Brasil: da história às redes sociais. *Brasil de Fato* (Jornal on-line). Disponível em <http://www.brasildefato.com.br/node/12507>.
- Museu do Índio- FUNAI (2016). *O casarão do Museu do Índio guarda tantas histórias quanto o seu acervo*. Disponível em <http://www.museudoindio.gov.br/o-museu/apresentacao/historia>.
- Nobre, J. C. A., & Pedro, R. M. L. R. (2010). Reflexões sobre possibilidades metodológicas da Teoria Ator-Rede. *Cadernos UniFOA*, 5(14), 47-56.

- Nogueira, C. R. D., & Burkhard, D. (2008). Políticas públicas de turismo para o desenvolvimento local/regional das missões Jesuíticos-Guarani. *Revista eletrônica de turismo cultural*, 2(2), 1-32.
- Nogueira, O. (1979). *Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais*. São Paulo: T. A. Queiroz.
- Nunes Junior, O. (2009). *Internetnicidade: caminhos das novas tecnologias de informação e comunicação entre povos indígenas*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC.
- O'dwyer, E. C. (2005). Os quilombos e as fronteiras da antropologia. *Revista ANTROPOLÍTICA*, 19, 91-111.
- Oliveira, B. P. de. (2014). *Mídia índio(s): comunidades indígenas e novas tecnologias de comunicação*. Rio de Janeiro: Contra Capa; LACED.
- Palloff, R., & Pratt, K. (2002). *Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço*. São Paulo: Editora Artmed.
- PEC 038 (1999). Altera os Artigos 52, 225 e 231 da Constituição Federal. (Competência privativa do Senado Federal para aprovar processo sobre demarcação de terras indígenas). Disponível em <http://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/40375>
- PEC 215. (2000). Acrescenta o inciso XVIII ao art. 49; modifica o § 4º e acrescenta o § 8º ambos no art. 231 da Constituição Federal. Disponível em [http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=889041](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=889041)
- Pereira, E. S. (2008). Ciborgues indígen@s. br: entre a atuação nativa no ciberespaço e as (re)elaborações étnicas indígenas digitais. In Anais do II

Simpósio Nacional da ABCIBER, São Paulo. Disponível em <http://www.cencib.org/simposioabciber/PDFs/CC/Eliete%20Pereira.pdf>

Pieniz, M. (2009). Novas configurações metodológicas e espaciais: etnografia do concreto à etnografia do virtual. *Revista Elementa. Comunicação e Cultura*, 1(2). Disponível em [http://comunicacaoecultura.uniso.br/elementa/v1\\_n2\\_06.pdf](http://comunicacaoecultura.uniso.br/elementa/v1_n2_06.pdf)

Pissolato, E. P. (2006). *A Duração da Pessoa: mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani)*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

PL 7735 (2014). Regulamenta o inciso II do § 1º e o § 4º do art. 225 da Constituição; os arts. 1, 8, "j", 10, "c", 15 e 16, §§ 3 e 4 da Convenção sobre Diversidade Biológica, promulgada pelo Decreto nº 2.519, de 16 de março de 1998; dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético; sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado; sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade; e dá outras providências. Disponível em <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=619150>

PLP 227 (2012). Regulamenta o § 6º do art. 231, da Constituição Federal de 1988 definindo os bens de relevante interesse público da União para fins de demarcação de Terras Indígenas. Disponível <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=561643>

- Portal Brasil (2015, 20 de abril). Comunidades indígenas terão banda larga. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/infraestrutura/2015/04/comunidades-indigenas-terao-banda-larga>.
- Sant'ana, A. O. (2005). História e conceitos básicos sobre racismo e seus derivados. In K. Munanga (Org.), *Superando Racismo na escola*. (pp. 39-68, 2º Ed). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.
- Santos, L. dos. (2013, 9 de abril). Aldeia Maracanã- A resistência pacífica e cultural contra as políticas de remoção. Disponível em <http://www.lsr-cit.org/movimentos/46-movimentos/1017-aldeia-maracana-a-resistencia-pacifica-e-cultural-contra-as-politicas-de-remocoes>.
- Santos, M. S. T., & Lima, N. D. Q. (2011). Tecendo redes de comunicação para o desenvolvimento local: experiências de redes sociais nos contextos populares. *Conexão-Comunicação e Cultura*, 10(20), 41-53.
- Scherer-Warren, I. (2007). Redes sociais: trajetórias e fronteiras. In L. C. Dias & R. L. L. Silveira (Orgs.), *Redes, sociedades e territórios* (2ª ed, pp. 29-50). Santa Cruz do Sul: Edunisc.
- Scherer-Warren, I. (2008). Redes de Movimentos Sociais Na América Latina - Caminhos para uma política emancipatória? *Caderno CRH*, 21(54), 505-517.
- Silva, E. M. (2007). *Folhas ao vento: a micromobilidade de grupos Mbya e Nhandéva (Guarani) na Tríplice Fronteira*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

- Souza, R. K. (2014). Ciberinclusão Indígena: A defesa do acesso a internet como forma de transmissão cultural. *ANIMA: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET*, 11, 121-131.
- Tavares, J. B. (2011). A difusão da informação em blogues de autoria de povos indígenas: uma análise de dois blogues produzidos na Amazônia. In *Anais da II Conferência Sul-Americana e VII Conferência Brasileira de Mídia Cidadã*, Belém/PA. Disponível em [http://www.unicentro.br/redemc/2011/conteudo/mc\\_artigos/midia\\_cidada\\_tavares.pdf](http://www.unicentro.br/redemc/2011/conteudo/mc_artigos/midia_cidada_tavares.pdf)
- Tavares, J. B. (2012). Ciber-informações indígenas no Brasil: um mapeamento e análise da comunicação de povos indígenas brasileiros na internet a partir das potencialidades das novas mídias e do aporte da comunicação comunitária. *Revista Vozes & Diálogos*, 11(1), 82-93.
- Teao, K. M. (2015). *Território e identidade dos Guarani Mbya do Espírito Santo (1967-2006)*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.
- Vaz, A. C. S., Pereira, V. C. B, André, B. P., & Souza, C. H. M. (2015). A rede social digital facebook e a discriminação racial no ciberespaço. *Revista Científica Interdisciplinar*, 1(2), 1-17.
- Verdum, R. (2009). Povos Indígenas no Brasil: o desafio da autonomia. In R. Verdum (Org.), *Povos Indígenas: Constituições e reformas Políticas na América Latina* (pp. 91-112). Brasília: Instituto de Estudos Socioeconômicos.
- Vinha, M., & Rosatto, V. L. (2009). Para alevizar os Guarani e Kaiowá. In *Anais do XII Simpósio Internacional Processo Civilizador- Civilização e Contemporaneidade*, Recife-PE. Disponível em <http://www.uel.br/grupo->

estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais12/artigos/pdfs/mesas\_redondas/MR\_Vinha.pdf

Viveiros de Castro, E. B. (1986). *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor/Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.

Viveiros de Castro, E. B. (1987). Introdução. In C. U. Nimuendaju, *As lendas da criação e da destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocuva-Guarani* (pp. xvii-xxxviii, Trad. C. Emmerich & E. B. Viveiros de Castro). São Paulo: Hucitec/Edusp.

Yrigoyen Fajardo, R. Z. (2009). Aos 20 anos do Convênio 169 da OIT: Balanço e desafios da implementação dos direitos dos Povos Indígenas na América Latina. In R. Verdum (Org.), *Povos Indígenas: Constituições e reformas Políticas na América Latina* (pp. 9-62). Brasília: Instituto de Estudos Socioeconômicos.

Zaragoza Contreras, L. G. (2010). Cultura, identidad y etnicidad, aproximaciones al entorno multicultural: rompiendo costumbres y paradigmas cotidianos. *Cuicuilco*, 17(48), 149-164.

## APÊNDICES

---

## **Apêndice A – Convite para observação em grupo**

Prezado(a) colega(a) de grupo,

Gostaria de pedir o consentimento e informar que estarei participando do grupo também com intuito de observação para meu estudo sobre a presença do povo Guarani na internet e sua utilização para relacionamentos interculturais e cooperação. O objetivo do estudo é entender e descrever como o povo Guarani da América Latina articula relações interculturais nas mídias sociais virtuais para facilitar/mobilizar/possibilitar a construção de redes de cooperação. Estarei observando a dinâmica do grupo, as postagens entre os membros, principalmente relacionadas à temática Guarani, no período de cinco meses. Sou doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFES e qualquer dúvida ou sugestão, abaixo meus contatos. Também pode ser realizado aqui pelo grupo. A identidade dos participantes será preservada, bem como os direitos salvaguardados de sigilo e confidencialidade e caso a pesquisadora necessite que sejam necessários esclarecimentos ou situações específicas e necessite da identificação, esta será solicitada por anuência individual. Os resultados do estudo também serão disponibilizados ao grupo. Obrigada.

Currículo

Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4232903U7>

Grupo Rede Latino-Americana de Pesquisa do Relacionamento Interpessoal

Site: [www.abpri.org](http://www.abpri.org)

e-mail: [madanito@gmail.com](mailto:madanito@gmail.com)

Estimado amigo de grupo,

Quisiera pedir el consentimiento e informar que voy a participar y observar las dinámicas en el grupo para mi estudio sobre la presencia del Pueblo Guaraní en internet y su uso para la cooperación y las relaciones interculturales. El objetivo ha sido entender cómo las comunidades indígenas utilizan las redes sociales virtuales, con qué grupos se relacionan, cuáles son sus motivaciones y si aparecen experiencias de cooperación en este medio. Voy a estar observando la dinámica del grupo, mensajes entre los miembros, principalmente relacionados con el tema guaraní, dentro de los cinco meses. Soy una estudiante de doctorado en el Programa de Posgrado en Psicología de UFES, Brasil y cualquier pregunta o comentario, sigue mis contactos. También se puede realizar pregunta aquí por el grupo. La identidad de los participantes será preservado y salvaguardado los derechos de secreto y confidencialidad, cuándo el investigador necesita aclaración o identificación de necesidades, la se le pedirá por la aprobación individual. Los resultados del estudio también estarán disponibles para el grupo. Gracias.

Currículo

Lattes:<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4232903U7>

Grupo Rede Latino-Americana de Pesquisa do Relacionamento Interpessoal

Site: [www.abpri.org](http://www.abpri.org)

e-mail: [madanito@gmail.com](mailto:madanito@gmail.com)

**Tabela- Manifestação dos participantes do grupo sobre convite de participação e observação para a pesquisa**

<b>Nome dos Grupos</b>	<b>Tipo de Manifestação</b>
Licenciatura Intercultural Indígena	Nenhuma manifestação
Lei 11645/81 História Indígena	Nenhuma manifestação
Literatura dos Povos Indígenas	Nenhuma manifestação
Somos todos índios e defendemos a causa	Nenhuma manifestação
Rede Cultura Digital Indígena	3 likes sendo 1 Guarani do es
Guarani	1 like
Demarcação de Terras Guarani no Oeste do Paraná já	2 likes sendo 1 Guarani
Direitos Indígenas	2 likes sendo 1 Guarani do Espírito Santo
América Latina Indignada	Nenhuma manifestação
Libro los Derechos de los Pueblos Originários	Nenhuma manifestação
JIS (jovens indígenas do sudeste)	3 likes
Apoio a Questão Indígena no Brasil	7 likes sendo 1 Guarani do Espírito Santo e com 3 comentários (Sendo: "Legal Daniela Macedo", "O mundo virtual é reflexo da realidade política, social, cultural e ideológica. Boas iverstigações Daniela!", "Somos povos indígena da Etnia Puri e vivemos em contexto urbano e rural, dada como povo extinto por benefícios próprios dos colonizadores pra ficarem com nossas terras indígenas. Formamos um grupo de ressurgência nos unindo e nos encontrando para divulgar e resgatar nossa cultura com artesanato, canto, dança, culinária, e língua Puri do tronco Macro-Gê. Shuté Ophe (Bom dia)").

## Apêndice B- Roteiro de entrevista

Nome (Nombre):

Grupo/instituição/associação (Grupo/ institución / asociación):

Função (Función):

Aldeia/localidade (pueblo / ciudad):

Possui computador (tiene ordenador):

Se não, como acessa a internet (Si no, ¿cómo acceder a internet?):

Utiliza a internet e qual a frequência de uso (Utiliza internet y cuál es la frecuencia de uso):

Quantos Guarani conhece que usam a internet (¿Cuántos Guaraní sabe que utilizan internet?)

- 1- Poderia contar sua experiência como Guarani na internet? (¿Podría contar su experiencia como Guarani en el internet?)
- 2- Para quais situações, motivos ou desejos utiliza a rede de? (¿Para que situaciones, motivos y deseos utiliza la red internet?)
- 3- Quais grupos ou *sites*, *blogs*, redes sociais virtuais como *google groups*, *myspace*, *facebook*, *youtube*, *flickr*, *twitter* utiliza ou participa? (¿Qué grupos o sitios, blogs, redes sociales virtuales como *google groups*, *myspace*, *facebook*, *youtube*, *flickr*, *twitter* usa o participa?)
- 4- O que acha sobre os Guarani utilizarem esses grupos, páginas, ou outros na internet? Acha importante os Guarani se utilizarem da internet? Por que? (¿Qué opinas sobre los guaraníes utilizar los grupos de internet,

páginas, o outro? Piensa importante los usos del internet? Por Que?)

- 5- Com quem você se comunica na internet? Outras aldeias, etnias, não-índios e com qual frequência com cada um? Lembraria dos motivos para as conversas? (¿Con quién se comunica en internet? Otros pueblos, grupos étnicos, los no-indios y con qué frecuencia con cada uno? Recuerde el motivo de las conversaciones?)
- 6- Como é sua relação com os não-índios na internet? Conhece pelo trabalho, estudo, amizade ou outros? Como a internet auxilia nessa relação? (¿Cómo es su relación con los no indios en internet? Conozca los no-indígenas a través de redes de trabajo, el estudio, la amistad o la otra? Cómo internet ayuda en relación con los no indios?)
- 7- Além das conversas, utiliza a internet para outro motivo? (Además las conversaciones, el uso de internet es por otra razón?)
- 8- Quais temas ou assuntos gosta de discutir, divulgar ou informar na internet? (¿Qué temas o cuestiones prefiere discutir, divulgar o informar en internet?)
- 9- O que é cooperação para você? ( ¿Qué es la cooperación para usted?)
- 10-Considera ser possível encontrar parceiros que cooperam com o povo Guarani na internet?Onde e por quais motivos? (Está convencido de que es posible encontrar socios para cooperar con el pueblo guaraní en internet? ¿Dónde y por qué razones?)
- 11-O seu grupo/instituição/associação promove a cooperação e desenvolvimento entre/do Povo Guarani? De que forma? (Su grupo / institución / asociación promueve la cooperación y el desarrollo entre lo Pueblo Guaraní? ¿De qué manera?)

12-Poderia contar alguma situação que a internet facilitou a promoção da cooperação entre os Guarani e a cooperação dos Guarani com outros povos? (Me di cuenta de alguna situación que internet ha facilitado la promoción de la cooperación entre los guaraníes y la cooperación de los guaraníes con otros pueblos?)

13-Conhece algum projeto, programa ou lei que facilita a cooperação e desenvolvimento entre/do Povo através da internet? (Sepa cualquier proyecto, programa o ley que facilita la cooperación y el desarrollo entre los pueblos a través de internet?)

14- Em que considera que a internet pode auxiliar para o povo Guarani da América Latina? (Considera que internet puede ayudar a los guaraníes de América Latina?)

15-Gostaria de falar mais sobre o Guarani na internet, formas de cooperação, desenvolvimento, relação com índios e não-índios? (¿Le gustaría hablar más sobre los guaraníes en internet, la cooperación, el desarrollo, la relación con los indios y no indios?)

## **Apêndice C– Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

**Título do projeto:** O povo Guarani da América Latina e relações interculturais nas mídias sociais virtuais: uso e apropriação na construção de redes de cooperação

**Pesquisadora Responsável:** Maria Daniela Corrêa de Macedo

**Orientador Responsável:** Agnaldo Garcia

**Instituição:** Universidade Federal do Espírito Santo – Pós-graduação em Psicologia Social - Departamento de Psicologia, situado na Av. Fernando Ferrari, Vitória/ES.

**Telefone para contato:** 27 99861-4154

### **Convite direcionado ao participante**

Prezado colaborador, gostaria de convidá-lo para nossa pesquisa que pretende entender como os Guarani da América usam a internet, se conseguem facilitar os encontros, as notícias entre vocês. Saber se a internet melhora a relação com outros povos e os não-índios e se conseguem cooperação para suas causas com ajuda da internet. Assim, sua participação é de grande importância para o alcance de nossas aspirações. Aweté!

### **Justificativa, Objetivos e Procedimentos da Pesquisa:**

O lugar ocupado na sociedade pelos povos indígenas devido aos processos de colonização e negligência, violação e não reconhecimento aos direitos sociais é de invisibilidade, no entanto, através das redes sociais alguns povos têm encontrado apoio e visibilidade sobre suas questões, além de ajuda na organização de suas lutas. Com isso, destacamos a importância de estudos sobre esta temática. Este projeto de pesquisa tem como objetivo entender e descrever como o povo Guarani da América Latina articula relações interculturais nas mídias sociais virtuais, como blogs (publicações independentes), google groups

(referências, redes sociais), myspace (rede social), facebook (rede social), youtube (rede social e compartilhamento de vídeo), flickr (rede social e compartilhamento de fotos), twitter (rede social e microblogging) para mobilizar a construção de redes de apoio e cooperação. Os procedimentos utilizados na coleta de dados serão, entrevista semi-estruturada com gravação em áudio ou arquivo, observação participante nos grupos e páginas, além de revisão bibliográfica do aporte teórico pertinente. A análise utilizada será de conteúdo e mapa de rede. Com isso, trata-se de um estudo descritivo e exploratório cuja abordagem metodológica utilizada é a qualitativa.

**Descrição do procedimento aos quais os participantes serão submetidos:**

Realizaremos entrevistas *online*, via *e-mail*, bate-papo, *skype*, como preferir. As perguntas podem ser respondidas na ordem e forma que considerar melhor. O interessante é conversarmos sobre o tema do meu estudo, com as informações que considerar interessante. As entrevistas serão gravadas quando possível e/ou salvas em arquivo.

**Benefícios esperados:**

Espera-se que esta pesquisa possa colaborar com o entendimento sobre como os Guarani utilizam a internet e se este têm se tornado um espaço de relações e cooperação. Além de contribuir para o fortalecimento de novas redes interculturais de relações e cooperação.

**Desconforto e Possíveis Riscos Associados à Pesquisa:** Não haverá risco e se houver desconforto o participante poderá se retirar a qualquer momento do estudo.

**Esclarecimento ao participante:**

A participação na pesquisa tem caráter voluntário e sem qualquer incentivo financeiro, com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da mesma.

A colaboração do participante se fará de forma anônima e segura, sem trazer nenhum risco à sua saúde física ou mental e somente divulgada sua participação caso autorizado ou desejado.

Os resultados serão divulgados em congressos e publicações em revistas especializadas.

Fica assegurado o uso estritamente científico do registro obtido a partir da gravação da entrevista.

Sempre que desejar serão fornecidos esclarecimentos sobre cada etapa da pesquisa.

A qualquer momento o participante poderá recusar sua participação na pesquisa, sem qualquer prejuízo ou penalidade.

O TCLE será elaborado em duas vias igualmente válidas, assinadas e rubricadas em todas as suas páginas, sendo uma retida com o pesquisador responsável e outra com o participante da pesquisa.

### **CONSENTIMENTO PÓS INFORMAÇÃO**

Eu, \_\_\_\_\_,  
portador da Carteira de identidade nº \_\_\_\_\_ expedida pelo  
Órgão \_\_\_\_\_, por me considerar devidamente informado(a) e  
esclarecido(a) sobre o conteúdo deste termo e da pesquisa a ser desenvolvida,  
livremente expresse meu consentimento para inclusão, como sujeito da pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante Voluntário

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

Caso tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comitê de ética em pesquisa com seres humanos, UFES/Campus Goiabeiras

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Campus Universitário de Goiabeiras,

Av. Fernando Ferrari, s/n, Vitória - ES, 29060-970

Tel: 4009-7840

Email: cep.goiabeiras@gmail.com

**Vitória, 01 de dezembro de 2014.**

**ANEXOS**

---

## Anexo A- Cartaz Ara Pyahu

**- ARA PYAHU -**

Año Nuevo / Comienzo De Ciclo Guarani

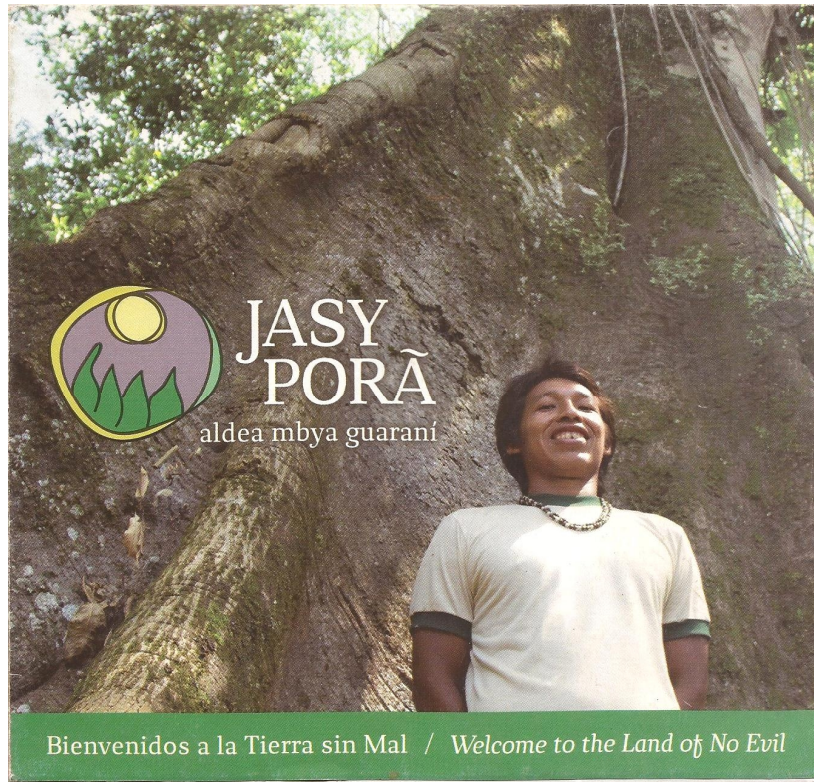
**20 y 21 de Septiembre**  
A partir de las 11:00 Hs

Trae flores  
para la  
ceremonia

Trae comidas  
y bebidas  
para compartir

Centro Cultural UNGS  
Roca 850 - San Miguel - BsAs.  
-No se suspende por lluvia-

## Anexo B- Folder de divulgação aldeia Jasy Porã



**Anexo C – Imagens destacadas de maior expressividade nas páginas do Facebook de/ou com presença Guarani**



**#1 DEMARCAÇÃO JÁ! COPA DO MUNDO**

(Fonte: <https://www.facebook.com/548705488530012/posts/688798254520734>)



**#2 LA LEYENDA DE LA VIRGEN DE CAACUPÉ**

(Fonte: <https://www.facebook.com/405532352848903/posts/748924925176309>)



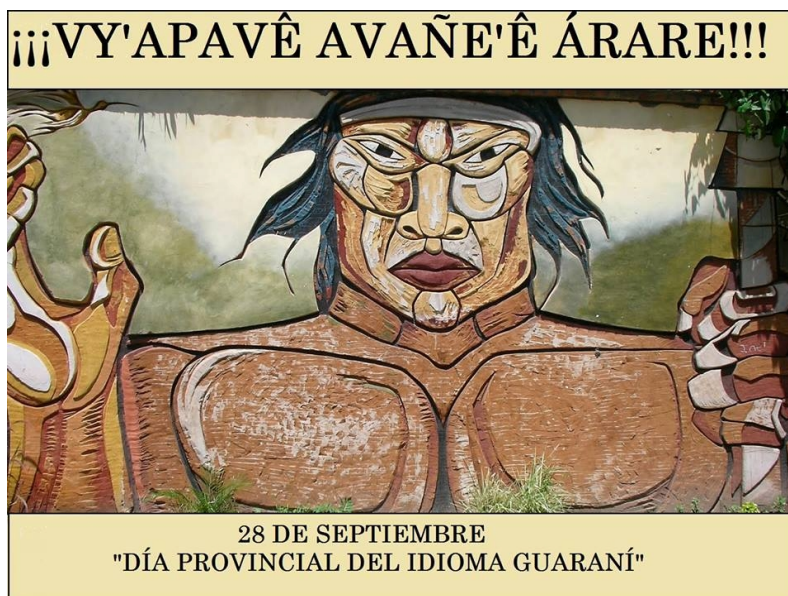
### #3 YA LLEGÓ EL TIEMPO DE LOS MANGOS

(Fonte: <https://www.facebook.com/405532352848903/posts/747444091991059>)



### #4 CUANDO EL TREN PASABA POR CORRIENTES

(Fonte: <https://www.facebook.com/405532352848903/posts/770034203065381>)



**#5 FELIZ DÍA DEL IDIOMA GUARANI EN CORRIENTES**

(Fonte: <https://www.facebook.com/405532352848903/posts/713810565354412>)



**#6 LEYENDA DEL HORNERO**

(Fonte: <https://www.facebook.com/405532352848903/posts/712119965523472>)



**#7 ¿SE ACUERDAN DE ESOS HERMOSOS MOMENTOS DE DIVERSIÓN VERANIEGA?**

(Fonte: <https://www.facebook.com/405532352848903/posts/775430815859053>)



**#8 LA PASIONARIA (LEYENDA) MBURUKUJA**

(Fonte: <https://www.facebook.com/405532352848903/posts/775401412528660>)



**#9 EL KARAI OCTUBRE Y EL JOPARA**

(Fonte: <https://www.facebook.com/405532352848903/posts/715239441878191>)



**#10 ¡FELIZ AÑO NUEVO GUARANÍ! ARA PYAU**

(Fonte: <https://www.facebook.com/405532352848903/posts/710610859007716>)



#11 EL ALMANAQUE GUARANI REKO 2015

(Fonte: <https://www.facebook.com/405532352848903/posts/758298017572333>)



#12 MITO DEL KURUPI (Fonte:

<https://www.facebook.com/405532352848903/posts/713537418715060>)



### #13 ORAÇÃO

(Fonte: <https://www.facebook.com/405532352848903/posts/767184633350338>)



### #14 ALBUM COMPLETO COM AS FOTOS DO OREIRUM LUIZ PIRES! AGUYJEVETE WERA JEGUAKA MIRIM!

(Fonte: <https://www.facebook.com/548705488530012/posts/689014394499120>)



**#15** ¿QUÉ SIGNIFICA PARANA EN GUARANÍ?

(Fonte: <https://www.facebook.com/405532352848903/posts/702415173160618>)



**#16** MBURUKUJA

(Fonte: <https://www.facebook.com/405532352848903/posts/709670325768436>)



**#17 ARASA**

(Fonte: <https://www.facebook.com/405532352848903/posts/751322998269835>)



**#18 LOS AMIGOS VERDADEROS**

(Fonte: <https://www.facebook.com/405532352848903/posts/741285072606961>)



**#19 FALLECIÓ DOÑA ANA AGUIRRE DE RODRÍGUEZ, RECONOCIDA POR SUS ARTESANÍAS**  
 (Fonte: <https://www.facebook.com/405532352848903/posts/776980455704089>)

## NADA QUE FESTEJAR



**#20 12 DE OCTUBRE DE 1942**

(Fonte: <https://www.facebook.com/405532352848903/posts/721190887949713>)

**Anexo D- Clipping de notícias sobre protesto na abertura da Copa#demarcaçãojá! (Fonte: Página Comissão Guarani Yvyrupa no Facebook, em 16 de junho de 2014)**

Brasil:

Carta Capital: <http://www.cartacapital.com.br/.../indio-estende-faixa-por-de...>

Extra: <http://extra.globo.com/.../indio-fez-protesto-em-campo-durant...>

Fórum: <http://www.revistaforum.com.br/.../guaranis-protestam-na-abe.../>

G1: <http://g1.globo.com/.../na-abertura-da-copa-em-sp-indio-faz-p...>

O Globo: <http://oglobo.globo.com/.../jovem-indigena-levanta-faixa-de-p...>

Terra: <http://siterg.terra.com.br/.../13/protesto-indigena-na-copa/>

UOL: <http://copadomundo.uol.com.br/.../com-faixa-na-cueca-indio-bu...>

Outros veículos:

<http://goiasemais.net/na-abertura-da-copa-em-sp-indio-faz-.../>

<http://biancovereador.blogspot.com.br/.../durante-abertura-da...>

<http://blogtudovariadobrasil.blogspot.com.br/.../na-abertura-...>

<http://www.iberoamerica.net/.../g1.glo.../20140614/noticia.html...>

<http://paulosuess.blogspot.com.br/.../indigena-do-povo-guaran...>

<http://www.blogdogusmao.com.br/.../demarcacao-a-mensagem-enc.../>

<http://newssaj.blogspot.com.br/.../indio-guarani-abre-faixa-p...>

<http://cotidiano.tvberno.com.br/indio-de-aldeia-de-sbc-cha.../>

<http://www.afam.com.br/.../na-abertura-da-copa-em-sp-i.../26041>

<http://www.passeiaki.com/.../abertura-copa-sp-indio-faz-prote...>

Alemanha:

<http://blogs.taz.de/.../indigenen-protest-zum-wm-auftakt-das.../>

<http://www.spiegel.de/.../protest-bei-wm-eroeffnung-in-sao-pa...>

<http://informisten.de/.../Zensur-bei-Fussball-WM-Ja-Nein-Mein...>

<http://www.morgenpost.de/.../Fifa-zensiert-Indio-Protest-bei-...>

Argentina:

<http://deportes.terra.com.ar/.../brasil-2014-mira-la-protesta...>

França:

<http://bresil2014.blog.lemonde.fr/.../sao-paulo-letrange-omi.../>

<http://www.focusur.fr/.../coupe-du-monde-2014-etrange-omissio...>

<http://yetiblog.org/index.php...>

<http://blogbresil2014.wordpress.com/>

<http://tempsreel.nouvelobs.com/.../coupe-du-monde-ces-images-...>

<http://www.portugues.rfi.fr/.../20140615-le-monde-questiona-c...>

Internacionais:

<http://www.survivalinternational.org/news/10292>

<http://www.buzzfeed.com/.../a-13-year-old-boy-protested-at-th...>

Site da campanha Guarani SP:

<http://campanhaguaranisp.yvyrupa.org.br/>